MESTRES DO HORROR E DA FANTASIA

STEPHEN KING

A MALDIÇÃO DO CIGANO

ORELHAS DO LIVRO

A Maldição do Cigano, narra os acontecimentos que se sucedem após o atropelamento de uma velha senhora por um advogado obeso e complacente, Billy Halleck. Acontece que a velha senhora vem a ser a filha de um cigano ancião e patriarca do clã, que amaldiçoa o pobre Halleck, condenando-o a emagrecer indefinidamente.

Quando os médicos no conseguem mais ajudá-lo, Billy Halleck decide procurar o velho cigano, Taduz Lemke, em uma cena da qual emana a maldição. Por fim, Halleck contrata o gângster mafioso Richard Ginelli, que organiza um ataque terrorista fazendo com que o velho Lemke, abra uma concessão: ele retirará a maldição se Halleck concordar em transferi-la para outra pessoa. O resto da história se desenrola tgo previsivelmente quanto uma tragédia grega. Bachman utilizou um argumento que bem se adaptaria a um simples conto e o estendeu habilidosamente à espessura de um romance, com o trabalho se desenvolvendo de maneira esplêndida.

STEPHEN KING
escrito sob o pseudônimo de Richard Bachman

A MALDIÇÃO DO CIGANO

Tradução
Louisa Ibanez

A minha esposa,
Claudia Inez Bachman

CAPÍTULO 1: 111

"Emagrecido", sussurra o velho cigano de nariz carcomido para William Halleck, quando este e sua esposa Heidi saem do tribunal. Apenas esta única palavra, enviada na doçura flutuante de seu hálito saciado. "Emagrecido." E antes que Halleck possa recuar, o velho cigano estira o braço e acaricia-lhe a face com um dedo torcido. Os lábios dele entreabrem-se como uma ferida, exibindo alguns cacos de dentes que despontam das gengivas, à maneira de lousas tumulares quebradas. Cacos de dentes enegrecidos e esverdeados. A língua do velho se esgueira por entre eles e então desponta, para lamber os amargos lábios sorridentes.

Emagrecido.

Esta recordação veio a Billy Halleck bastante a propósito, quando subiu na balança, às sete da manhã, com uma toalha enrolada em torno da cintura. O cheiro bom de bacon e ovos vinha do andar de baixo. Ele precisou esticar o pescoço um pouco para diante, a fim de ler a marcação na balança. Bem... na verdade, precisou espichar-se mais do que ligeiramente. De fato, precisou espichar-se bem. Era um homem grande. Grande demais, como gostava o Dr. Houston de dizer-lhe. *Caso ninguém lhe tenha dito ainda, eu darei a informação,* anunciara o Dr. Houston, após seu último checkup. *Um homem com a sua idade, seus rendimentos e seus hábitos, entra na terra dos ataques cardíacos mais ou menos aos 38 anos, Billy. Você devia emagrecer um pouco.*

Nesta manhã, contudo, havia boas-novas. Ele baixara de quase 113 quilos para 111.

Bem... na realidade, a balança marcara 113,80 da última vez que tomara coragem para pesar-se e dar uma olhada. Entretanto, estava de calças e tinha alguns trocados no bolso, sem falar no chaveiro e na sua faca suíça do exército. Além disso, a balança do banheiro do andar de cima sempre marcara a mais. Ele estava moralmente convicto disso.

(Emagrecido).

Como qualquer garoto criado em Nova York, ele ouvira dizer que ciganos tinham o dom da profecia. Talvez ali estivesse a prova. Billy tentou rir, mas conseguiu apenas dar uma risadinha breve, não muito bem-sucedida; ainda era

muito cedo para rir dos ciganos. O tempo passaria e as coisas entrariam em perspectiva; ele tinha idade bastante para saber disso. Agora, no entanto, sentiu o estômago muito dilatado embrulhar-se, quando pensou em ciganos, e desejou fervorosamente nunca mais ver nenhum, enquanto vivesse. De agora em diante, rejeitaria a leitura de mãos durante festas e se contentaria com o tabuleiro *Ouija.* Se chegasse a tanto.

— Billy?

A voz vinha do andar de baixo.

— Estou indo!

Ele se vestiu, notando com desgosto quase subliminar que, a despeito dos dois quilos perdidos, a cintura das calças estava ficando novamente apertada. No momento, sua cintura estava com cento e sete centímetros. Havia parado de fumar exatamente à zero hora e um minuto do dia de ano-novo, porém pagara o preço. Oh, poxa, como pagara! Desceu para o térreo com o colarinho aberto e a gravata em torno do pescoço. Linda, sua filha de quatorze anos, acabava de cruzar a porta, em um esvoaçar de saia e balanceios do rabo-de-cavalo, atado esta manhã com uma sexy fita de veludo. Tinha os livros debaixo do braço. Dois alegres pompons de animadora de torcida, púrpura e branco, agitavam-se ativamente na outra mão.

— Tchau, pai!

— Tenha um bom dia, Lin.

Ele sentou-se à mesa e pegou o *The Wall Street Journal.*

— Querido – disse Heidi.

— Meu bem – respondeu ele eloquentemente, e largou o jornal com a frente virada para baixo, ao lado da bandeja rotativa para alimentos.

Heidi colocou o *breakfast* diante dele: um monte fumegante de ovos estrelados, um pãozinho inglês com passas, cinco tiras de crocante bacon à moda do campo. Uma boa refeição. Ela se sentou na cadeira diante dele, à mesa do *breakfast,* e acendeu um Vantage 100. Janeiro e fevereiro tinham sido tensos – demasiadas “conversas” que eram apenas discussões disfarçadas, com os dois terminando por dormir muitas noites costas contra costas. Entretanto, tinham alcançado um *modus vivendi:* Heidi parara de implicar com ele sobre o peso, e Billy parara de censurá-la por seu maço e meio de cigarros diários. Isso garantiria uma primavera bastante decente. E, além do equilíbrio particular de

ambos, houvera outras coisas boas. Em primeiro lugar, Halleck fora promovido. Greely, Penschley e Kinder, agora se tornara Greely, Penschley, Kinder e Halleck. A mãe de Heidi finalmente resolvera concretizar sua longa ameaça de voltar para a Virgínia. Linda por fim conseguira entrar para o quadro de animadoras de torcida e, na opinião de Billy, isso tinha sido uma bênção; algumas vezes tivera certeza de caminhar para um colapso nervoso, devido aos melodramas da filha. Enfim, tudo ficará ótimo.

Então, os ciganos chegaram à cidade.

"Emagrecido", dissera o velho cigano, e que diabo seria aquilo em seu nariz? Sífilis? Câncer? Ou algo ainda pior, como lepra? E, por falar nisto, por que não esquecer essa história? Por que não sepultá-la de uma vez?

— Você não consegue tirar isso da cabeça, hein? – disse Heidi subitamente – tão subitamente, que Halleck sobressaltou-se em sua cadeira. — *Não foi culpa sua, Billy.* O juiz declarou isso!

— Não era nisso que eu pensava.

— Pois então, *em que* pensava?

— O *Jornal* – ele disse. – Diz que a construção civil baixou novamente este trimestre.

Claro, ele não tivera culpa; o juiz assim afirmara. Juiz Rossington. Cary, para os amigos.

Amigos como eu, pensou Halleck. *Eu e o velho Cary Rossington jogamos muitas partidas de golfe, como você bem sabe, Heidi. Em nossa festa de fim de ano, há dois anos, quando pensei em parar de fumar, mas não parei, quem agarrou sua maminha tão tentadora durante o tradicional beijo-de-feliz-ano-novo? Quem foi? Ora, francamente! Foi o bom e velho Cary Rossington, tão certo como eu vivo e respiro!*

Sim. O bom e velho Cary Rossington, diante de quem Billy argumentara em mais de uma dúzia de casos municipais. O bom e velho Cary Rossington, com quem Billy às vezes jogava pôquer no clube. O bom e velho Cary Rossington, que não se tinha declarado sob suspeição, quando seu bom e velho chapa Billy Halleck, parceiro de golfe e pôquer (Cary às vezes lhe batia nas costas e gritava, "Como vão as coisas, grande Bill?") apresentou-se diante dele no tribunal, não para debater algum ponto da lei municipal, mas acusado de homicídio culposo por atropelamento.

E quando Cary Rossington não alegou suspeição para julgá-lo, quem o criticaria, crianças? Quem, em toda a bela cidade de Fairview seria o crítico? Ora, ninguém, aí está! Ninguém criticou! Afinal, o que eram eles? Nada mais do que um bando de ciganos imundos. Quanto mais cedo dessem o fora de Fairview e ganhassem a estrada em suas velhas camionetas com adesivos do Departamento Nacional de Recuperação (DNR) pregados nos para-choques traseiros, quanto mais cedo víssemos as traseiras de seus trailers e de suas carroças de fabricação caseira, tanto melhor. Quanto mais cedo nós...

...emagrecido.

Heidi puxou um trago no seu cigarro e disse:

— Não é nada de baixa na construção civil. Conheço você muito bem.

Billy também achava que sim. E supôs que ela estivesse igualmente matutando no assunto. Heidi tinha o rosto muito pálido. Ela aparentava a idade que tinha – trinta e cinco anos – e isso era raro. Haviam-se casado jovens, muito jovens, e ele ainda recordava o caixeiro-viajante que lhes aparecera à porta vendendo aspiradores de pó, três anos após estarem casados. Ele fitara Heidi Halleck, então com vinte e dois anos, e perguntara polidamente, "Sua mamãe está em casa, meu bem?"

— De qualquer modo, não me perturbou o apetite, ele disse.

Era verdade. Angustiado ou não, ele fizera uma devastação nos ovos estrelados e, quanto ao bacon, nem havia mais sinal. Billy bebeu metade do suco de laranja e deu a Heidi o grande e velho sorriso Billy Halleck. Ela tentou sorrir em resposta, sem grande êxito. Ele a imaginou usando um aviso: MEU SORRISEIRO ESTÁ AVARIADO TEMPORARIAMENTE.

Estendeu o braço sobre a mesa e pegou a mão dela.

— Está tudo bem, Heidi. E, mesmo que não esteja, tudo já acabou.

— Eu sei que já. Eu sei.

— E Linda... ela está...?

— Não. Não está mais. Ela disse... disse que as amigas estão sendo muito solícitas.

Por cerca de uma semana após o ocorrido, a filha deles havia passado maus momentos. Voltava da escola para casa em lágrimas ou quase chorando. Parara de comer. Suas feições estavam tensas. Decidido a não exagerar em sua reação, Halleck tinha ido procurar a orientadora dos deveres de casa, o diretor-

assistente e a bem-amada de Linda, Srta. Norwalk, que dava aulas de educação física e de animação da torcida. Ele apurou (oh, aí estava uma boa palavra jurídica) que aquilo era principalmente implicância – uma provocação rude e ferina, tão arraigada entre os jovens iniciando o ginásio, além de inconveniente, em vista das circunstâncias, mas o que se pode esperar de uma geração para quem piadas de humor negro são o máximo?

Ele levou Linda para um passeio rua acima. A Lantern Drive era marginada por residências de bom gosto e recuadas da rua, as do começo custando cerca de setenta e cinco mil dólares e que chegavam aos duzentos mil, com piscina e sauna internas, quando se aproximavam do final da rua, onde ficava o Country Club.

Linda usava seu antigo short xadrez, agora rasgado na bainha... e, Halleck notou, estava com as pernas tão esguias e compridas, que apareciam as faixas elásticas das calcinhas de algodão amarelo. Sentiu uma pontada de pena e terror ao mesmo tempo. Ela estava crescendo. Billy imaginou que Linda sabia estarem os velhos shorts xadrez já demasiado pequenos, além de surrados, mas achava que ela os usava por serem um elo com uma infância mais tranquila, uma infância onde pais não tinham que comparecer a um tribunal e serem julgados (pouco importando quão predeterminado pudesse ser tal julgamento, obra do velho chapa de golfe e bolinador beberrão dos peitos da esposa do acusado, o velho Cary Rossington, atrás de seu martelo), uma infância onde colegas não corriam até você, no campo de futebol, durante o quarto período, enquanto você comia seu lanche, para perguntar quantos pontos seu pai fizera por encaçapar a velha.

Você compreende que foi um acidente, não é, Linda?

Ela assente, sem olhar para ele. Compreendo, papai.

Ela apareceu de repente, entre dois carros, sem olhar para os lados. Eu não tive tempo de frear. Foi absolutamente impossível.

Não quero mais ouvir nada sobre isso, papai.

Sei que não quer, diz ele. Eu também não quero, mas você tem ouvido a respeito. Na escola.

Ela o fita temerosamente. Papai! Você não...

Não fui à escola? Oh, fui! Fui, sim. Contudo, cheguei lá depois das três e meia da tarde de ontem. Não havia nenhum aluno por lá, pelo menos não vi

nenhum. Ninguém vai saber.

Ela relaxa. Um pouco.

Soube que você está passando maus momentos com os colegas. Sinto muito, Linda.

Não tem sido tão ruim, diz ela, tomando-lhe a mão. Seu rosto – com um recente punhado de irritadas espinhas na testa – conta uma história diferente. As espinhas dizem que a convivência no colégio tem sido o diabo. Ter um pai detido é uma situação que nem mesmo Judy Blume suportaria (embora provavelmente tenha que suportar, um dia).

Também soube que você tem manejado bem a situação, diz Billy Halleck. Não dando grande importância ao que dizem. Porque, se eles perceberem que as piadinhas a deixam irritada...

Sim, eu sei, diz ela taciturnamente.

A Srta. Norwalk falou que sente muito orgulho de você, diz ele. E uma pequena mentira. A Srta. Norwalk não dissera precisamente isso, mas falara bem de Linda, o que significava quase o que Halleck está dizendo à filha. E suas palavras fazem o milagre. Os olhos dela brilham, viram-se para o pai pela primeira vez.

Ela *disse isso?*

Disse, confirma Halleck. A mentira sai fácil e convincente. Por que não? Ultimamente ele tem dito um bocado de mentiras.

Ela lhe aperta a mão e sorri gratamente para ele.

Eles logo esquecerão isso, Lin. Encontrarão outro osso para roer. Alguma garota ficará grávida, um professor terá um colapso nervoso ou um garoto será apanhado por vender maconha ou cocaína. Então, você ficará fora da jogada deles. Entendeu?

Ela passa os braços em torno dele subitamente e o abraça com força. Ele decide que a filha, afinal de contas, não está crescendo assim tão depressa e que nem todas as mentiras são ruins. Eu amo você, papai, diz ela.

Também amo você, Lin.

Ele a abraça também e, de repente, alguém liga um potente amplificador estéreo dentro de seu cérebro. Ele torna a ouvir o baque duplo: o primeiro, quando o para-choque dianteiro do Noventa-e-oito bate na velha cigana com o berrante lenço vermelho sobre os cabelos desalinhados, o segundo quando os

enormes pneus dianteiros passamsobre o corpo dela.

Heidi grita.

E sua mão sai do colo de Halleck.

Halleck abraça a filha com mais força, sentindo que todo o seu corpo fica arrepiado.

— Quer mais Ovos? – pergunta Heidi, interrompendo seu devaneio.

— Não. Não, obrigado.

Ele contempla o prato limpo, com certo ar de culpa; não importa o quanto as coisas estejam ruins, jamais lhe tiram o sono ou o apetite.

— Tem certeza de que está...?

— Bem? – Ele sorri. – Estou bem, você está bem, Linda está bem. E, como dizem nas novelas radiofônicas, o pesadelo terminou – por que não voltamos à vida antiga?

— É uma excelente ideia. – Desta vez, Heidi oferece um sorriso verdadeiro, tão seu – estava de novo com menos de trinta anos e radiante. — Quer o resto do bacon? Ainda sobraram duas fatias.

— Não – responde ele, pensando na maneira como as calças apertavam sua cintura macia *(que cintura, ha-ha?* fala em sua mente o pequeno e insosso Don Rickles – *a última vez que você teve cintura foi por volta de 1978, seu bolo fofo),* como precisava encolher o estômago para fechar o zíper. Então, recordando a balança, diz: — Vou querer uma fatia. Perdi dois quilos.

Apesar da recusa inicial, Heidi já tinha ido até o fogão – *por vezes, ela me conhece tão bem, que chega a ser deprimente,* pensou ele. Heidi olhou para trás.

— Então, você ainda *pensa* naquilo.

— Não, *não* penso mais – disse ele, exasperado. — Um homem não pode perder dois quilos em paz? Você vive dizendo que gostaria de ver-me...

(emagrecido)

um pouco menos gordo...

Droga! Ela o apanhara pensando no cigano outra vez. O nariz carcomido do cigano e a sensação escamosa daquele dedo, deslizando por sua face um momento antes de ele poder reagir e recuar – da maneira como se afasta de uma cobra ou de um bando fervilhante de besouros movimentando-se agrupado sob um tronco apodrecido.

Ela lhe trouxe o bacon e deu-lhe um beijo na têmpora.

— Desculpe-me. Vá em frente e perca um pouco de peso. Entretanto, se não perder nada, lembre-se do que disse o Sr. Roger...

— ...gosto de você do jeito que você é – terminaram, ao mesmo tempo.

Ele estendeu a mão para o *Jornal* virado junto à bandeja rotativa de alimentos, mas aquilo era demasiado depressivo. Levantou-se, saiu da casa e encontrou o *Times* de Nova York em cima do canteiro. O garoto sempre o atirava em cima do canteiro, nunca tinha os exemplares certos no fim da semana e nunca se lembrava do sobrenome de Billy. Por várias vezes Billy se perguntara se seria possível um garoto de doze anos estar atacado do Mal de Alzheimer.

Levou o jornal para dentro, abriu-o na seção esportiva e comeu o bacon. Estava concentrado na contagem dos pontos do boxe, quando Heidi lhe trouxe outra metade do pozinho inglês, dourado pela manteiga que derretia.

Halleck o comeu, quase sem perceber o que fazia.

CAPÍTULO 2: 110

Na cidade, um processo por perdas e danos que se arrastara por mais de três anos – que ele esperava, de uma forma ou de outra, ver arrastar-se pelos *próximos* três ou quatro anos – havia chegado a um inesperado e gratificante final no meio da manhã, com o queixoso, durante recesso do tribunal, concordando em encerrar tudo por uma quantia que chegava a ser estonteante. Halleck não perdeu tempo. Providenciou para que o queixoso – um fabricante de tintas em Schenectady – e seu cliente assinassem um acordo, na sala de audiências. O advogado do queixoso observava com visível consternação e descrença, enquanto seu cliente, presidente da companhia Good Luck Paint, garatujava o nome em seis cópias do acordo, e depois, quando o funcionário do tribunal autenticava cópia após cópia, a cabeça careca reluzindo suavemente. Billy ficou sentado, quieto, as mãos relaxadas no colo, com a sensação de que ganhara a loteria de Nova York. À hora do almoço, tudo estava terminado, exceto as aclamações.

Billy levou seu cliente até o O'Lunney's, pediu Chivas com água para ele e um martini para si mesmo. Depois ligou para Heidi, em casa.

— Mohonk – disse, quando ela atendeu.

Era o nome de um balneário, uma espaçosa e rastejante construção ao norte do estado de Nova York, onde tinham passado a lua-de-mel – presente dos pais de Heidi – há muito tempo atrás. Os dois tinham ficado apaixonados pelo lugar e, desde então, haviam passado lá duas férias.

— O quê?

— Mohonk – repetiu ele. — Se não quiser ir, convido Jillian, do escritório.

— Não! Você *não* fará isso! Billy, *o que* está acontecendo?

— Quer ir ou não?

— É *claro* que quero! Este fim de semana?

— Amanhã, se conseguir a ajuda da Sra. Bean para acompanhar Linda e certificar-se de que a roupa seja lavada, além de impedir quaisquer orgias diante da televisão, na sala de visitas. E se...

O grito agudo de Heidi abafou a voz dele por um instante.

— O seu caso, Billy! O negócio das tintas, o colapso nervoso, o episódio

psicótico e...

— Canley vai fazer um acordo. Aliás, ele *já* fez. Depois de aproximadamente quatorze anos de tolices de sala de conselho e longas opiniões legais significando exatamente nada, seu marido finalmente venceu uma causa para os mocinhos. Clara, decisivamente e sem sombra de dúvida. Canley quis um acordo e eu estou no auge.

— Billy! Meu Deus! – ela guinchou novamente, agora tão alto, que o telefone distorceu sua voz. Billy o manteve distante do ouvido, sorrindo. — Quanto seu cliente vai receber?

Ele mencionou a quantia e, desta vez, precisou manter o fone longe do ouvido por quase cinco segundos.

— Será que Linda se incomoda por tirarmos cinco dias de folga?

— Por que se incomodaria, se vai poder ficar acordada até tarde vendo televisão, chamar Georgia Deever para ficarem conversando sobre garotos e acabando com meus chocolates? Está brincando? Acha que lá está fazendo frio nesta época do ano, Billy? Quer que ponha sua jaqueta verde na mala? Prefere sua *parka* ou o paletó de brim? Ou ambos? Você acha...?

Billy respondeu que ela mesma escolhesse e voltou para junto de seu cliente. O homem agora já estava a meio caminho do enorme copo de Chivas e queria contar anedotas polonesas. Dava a impressão de que fora atingido por uma martelada. Halleck bebeu seu martíni e ouviu, sem prestar muita atenção, velhas piadas sobre carpinteiros e restaurantes poloneses, a cabeça alegremente ocupada em outros assuntos. Aquele caso podia ter implicações de longo alcance; ainda era muito cedo para dizer que mudaria o curso de sua carreira, mas havia tal possibilidade. Nada mau para o tipo de caso que os grandes escritórios aceitavam gratuitamente. Podia significar que...

...o primeiro baque joga Heidi para diante e, por um momento, ela o aperta; Billy mal toma consciência da dor em sua virilha. O baque é forte o bastante para fazer o cinto de segurança travar- se. O sangue voa – três gotas do tamanho de moedas – e salpica o para-brisa como chuva vermelha. Ela nem mesmo tem tempo de começar a gritar; irá gritar mais tarde. E ele nem mesmo tem tempo de começar a compreender. O começo da compreensão chega com o segundo baque. Então, ele...

... engoliu o resto do martíni de uma só vez. Os olhos se encheram de

lágrimas.

— Você está bem? – perguntou o cliente, David Duganfield.

— Estou tão bem que você nem acreditaria – disse Billy, e estendeu a mão sobre a mesa, na direção do outro. – Parabéns, David.

Não pensaria mais no acidente, não pensaria mais no cigano de nariz carcomido. Ele era um dos mocinhos; tal fato era aparente no forte aperto de mão de Duganfield e em seu sorriso cansado, ligeiramente forçado.

— Obrigado, Billy – disse Duganfield. – Muito obrigado mesmo.

Inclinando-se de repente sobre a mesa, ele abraçou Billy Halleck desajeitadamente. Billy retribuiu o abraço. Entretanto, quando os braços de David Duganfield enlaçaram seu pescoço, Billy sentiu uma palma deslizar-lhe pelo canto da face e tornou a pensar na singular carícia do velho cigano.

Ele me tocou, pensou Halleck, estremecendo ainda quando abraçava seu cliente.

A caminho de casa, ele tentou pensar em David Duganfield – aquele era um bom tema para pensar – mas, em vez de Duganfield, viu-se pensando em Ginelli, quando estava na altura da ponte Triborough.

Ele e Duganfield haviam ficado a maior parte da tarde no O'Lunney's, porém o primeiro impulso de Billy havia sido o de levar seu cliente até o Three Brothers, restaurante onde Richard Ginelli constava como sócio anônimo. Fazia anos que não aparecia lá – com a reputação de Ginelli não seria prudente – mas era ainda no Brothers que sempre pensava primeiro. Billy fizera algumas excelentes refeições e passara bons momentos lá, embora Heidi nunca se tivesse preocupado muito com o lugar ou com Ginelli. Ginelli a atemorizava, pensou Billy.

Estava passando pela saída para Gun Hill Road, na autopista de Nova York, quando seus pensamentos voltaram para o velho cigano, tão previsivelmente como um cavalo retornando à própria baia.

Foi em Ginelli que você pensou primeiro. Quando chegou em casa aquele dia e Heidi ficou sentada na cozinha, chorando, foi em Ginelli que você pensou primeiro. "Ei, Rich, matei uma velha hoje. Posso ir até a cidade e falar com você?"

Contudo, Heidi estava ali perto, na cozinha, mas ela não compreendeu. A mão de Billy pousou no telefone, depois se afastou. Com súbita clareza, ocorreu a ele que era um bem-sucedido advogado de Connecticut que, quando as coisas

ficavam pretas, pensava em ligar apenas para uma única pessoa: um gângster de Nova York que, aparentemente, adotara o costume de, no correr dos anos, abater os competidores a tiros.

Ginelli era alto, não terrivelmente atraente, mas em quem as roupas assentavam bem. Tinha uma voz forte e gentil – não o tipo de voz que se pudesse associar *à* droga, *à* depravação e ao assassinato. Ele estava associado aos três, caso se acreditasse em sua ficha policial. Naquela terrível tarde, contudo, era a voz de Ginelli que Billy quisera ouvir, depois que Duncan Hopley, chefe de polícia de Fairview, o havia liberado.

— ... ou vai ficar aí o dia inteiro?

— Quê? – exclamou Billy, sobressaltado.

Percebeu então que estava parado em uma das poucas cabines de pedágio na esplanada Rye, em realidade manejada por um ser humano.

— Eu perguntei, vai pagar ou...?

— Certo – disse Billy, entregando um dólar.

Pegou o troco e continuou dirigindo. Quase em Connecticut, dezenove saídas para chegar até Heidi. Depois, partida para Mohonk. Duganfield não estava funcionando; então, tente Mohonk. Que tal esquecer a velha cigana e o velho cigano apenas por um momento?

Entretanto, foi para Ginelli que seus pensamentos retornaram.

Billy o conhecera através da firma, a qual fizera algum trabalho jurídico para Ginelli, sete anos antes – trabalho de incorporação. Billy, então um advogado muito jovem na firma, recebera a incumbência. Nenhum dos sócios mais antigos tocaria no assunto porque, já naquela época, a reputação de Rich Ginelli era muito ruim. Billy nunca perguntara a Kirk Penschley por que, afinal, a firma aceitara Ginelli como cliente; teriam respondido a ele que cuidasse de sua parte e deixasse as questões políticas para os mais velhos. Billy supusera então que Ginelli estivesse a par de algum segredo vergonhoso de família, pois era um homem que mantinha um ouvido colado ao chão.

Assim, iniciara seu trabalho de três meses para a empresa Three Brothers, esperando antipatizar com o homem para quem estava trabalhando, ou talvez mesmo temê-lo. Entretanto, viu-se atraído por ele. Ginelli era carismático, uma companhia divertida. Além do mais, tratava Billy com dignidade e respeito que ele só encontraria em sua própria firma quatro anos mais tarde.

Ele diminuiu a velocidade ao aproximar-se do pedágio para Norwalk, pagou 35 centavos e tornou a misturar-se ao trânsito. Sem mesmo pensar antes, inclinou-se e abriu o porta-luvas. Debaixo dos mapas e do manual do proprietário, havia dois pacotes de Twinkies. Ele abriu um e começou a comer rapidamente, algumas migalhas caindo em sua roupa.

Todo o seu trabalho para Ginelli tinha ficado pronto muito antes que um júri de inquirição o houvesse indiciado por ordenar uma onda de execuções no estilo gangsteriano, na esteira de uma guerra de tóxicos. A indiciação viera do tribunal superior de Nova York, no outono de 1980. Na primavera de 1981, as acusações foram sepultadas, em vista principalmente de uma taxa de cinquenta por cento de mortalidade entre as testemunhas do estado. Uma delas explodiu com seu carro, em companhia de dois dos três detetives da polícia incumbidos de protegê-la. Outra teve a garganta perfurada pelo cabo quebrado de um guarda-chuva, enquanto se sentava em uma cadeira de engraxate na estação Grand Central. As outras duas testemunhas-chave, não surpreendentemente, decidiam que não tinham mais certeza de ouvirem dizer que Richie “Martelo” Ginelli havia ordenado a morte de um chefe dos tóxicos no Brooklyn, chamado Richovsky.

Westport. Southport. Quase em casa. Ele tornava a inclinar-se e tateava o porta-luvas... Ahá! Ali estava um pacote de amendoins de linha aérea, consumido apenas parcialmente. Murchos, mas ainda comíveis. Billy Halleck começou a mascá-los, saboreando-os não mais do que saboreara os Twinkies.

No correr dos anos, ele e Ginelli haviam trocado cartões de Natal, reunindo-se em refeições ocasionais, em geral no Three Brothers. Em seguida ao que Ginelli mencionava teimosamente como “meus problemas jurídicos”, as refeições cessaram. Parte disso era devido a Heidi – ela se tornava uma resmungona consumada quando o tema era Ginelli – mas parte também fora decidida pelo próprio Ginelli.

— É melhor você parar de vir aqui por uns tempos – ele dissera a Billy.

— Quê? Por quê? – perguntara Billy candidamente, como se ele e Heidi não houvessem discutido a mesma coisa na noite anterior.

— Por que, para o mundo, eu sou um gângster – respondera Ginelli. – Advogados em começo de carreira que se associam a gângsters não vão para diante, William. Aí está tudo. Para progredir, você tem que manter sua fachada limpa.

— É só por causa disso, hein?

Ginelli sorrira de maneira estranha.

— Bem... ainda *há* umas outras coisinhas.

— Como o quê?

— William, espero que você nunca tenha de descobrir. Apareça para um *expresso* de vez em quando; a gente bate um papo e dá umas risadas. Mantenha contato, é o que estou dizendo.

Assim, ele mantivera contato, aparecendo lá de vez em quando (embora os intervalos houvessem ficado cada vez maiores, admitiu para si mesmo, enquanto ganhava a rampa de saída para Fairview), e quando se vira enfrentando o que poderia ser uma acusação de atropelamento negligente, em Ginelli é que pensara primeiro.

Ora, mas o bom e velho pegador de tetas Cary Rossington cuidou disso, sussurrou em sua mente. *Então, por que agora está pensando em Ginelli? Mohonk – nisso é que devia estar pensando. E em David Duganfield, a prova de que os bons sujeitos nem sempre são os últimos. E em perder mais alguns quilos.*

Entretanto, quando manobrou para a rodovia, viu-se pensando em algo que Ginelil havia dito: *William, espero que você nunca tenha de descobrir.*

Descobrir o quê? perguntou-se Bili, e então Heidi voava pela porta da frente para beijá-lo, fazendo-o esquecer tudo por algum tempo.

CAPÍTULO 3: MOHONK

Aquela era a terceira noite deles em Mohonk, e haviam acabado de fazer amor. Tinha sido a sexta vez em três dias, uma vertiginosa mudança do ritmo costumeiro e tranquilo de duas vezes por semana. Billy ficou quieto ao lado dela, gostando de sentir o calor de Heidi, gostando do cheiro de seu perfume – Anais Anais – misturado ao suor limpo e ao odor de seu sexo. Por um momento, pensou ter feito uma hedionda conexão cruzada e estava vendo a cigana, um instante antes do velho Oldsmobile pegá-la. Por um momento, ouviu a garrafa de Perrier estilhaçando-se. Depois as visões sumiram.

Virando-se para a esposa, ele acariciou-lhe a coxa.

Ela o acariciou de volta, deslizando a mão livre na pele dele, coxa acima.

— Sabe de uma coisa? – ela disse. – Se eu esquentar meus miolos outra vez, não vai sobrar mais miolo algum.

— Isso é um mito – disse Bill, sorrindo.

— O quê? Que você fica sem miolos?

— Isso é a verdade. Mito é a história de *perdermos* aquelas células cerebrais para sempre. As que acabam tornam a crescer.

— Bem, você *falou,* está *falado.*

Heidi aninhou-se mais confortavelmente perto dele. Sua mão perambulou até o alto da coxa, tocou-lhe o pênis de leve e amorosamente, brincou na extensão dos pelos púbicos (no ano anterior, ele ficara tristemente surpreso ao perceber os primeiros fios grisahos ali, naquele lugar que seu pai chamara o bosque de Adão) e depois subiu pela colina do ventre.

Ela sentou-se subitamente, apoiada nos cotovelos, sobressaltando-o. Billy não estava dormindo, mas caminhava para isso.

— Você *perdeu* peso mesmo!

— Como?

— Billy Halleck, você está *mais magro!*

Ele bateu no estômago, que às vezes chamava de A Casa Que a Cerveja Fez, e riu.

— Nem tanto. Ainda pareço o único homem no mundo que está grávido de sete meses.

— Você continua gordo, mas não tanto quanto antes. Eu *sei.* Posso dizer. Quando se pesou pela última vez?

Ele procurou lembrar. Tinha sido na manhã em que Canley fizera o acordo. Seu peso baixara para 111.

— Eu lhe disse que tinha perdido dois quilos, lembra-se?

— Bem, amanhã cedo, sua primeira providência será pesar-se – ela disse.

— Não há balança no banheiro – Halleck disse, satisfeito.

— Está brincando!

— De maneira alguma. Mohonk é um lugar *civilizado.*

— Encontraremos uma.

Ele sentia-se levar novamente pelo sono.

— Se você quer, está certo.

— Eu quero.

Heidi estava sendo uma boa esposa, pensou ele. Nos últimos cinco anos, desde que começara a ganhar peso com regularidade e a corpulência fora ficando visível, em épocas variadas Billy anunciara dietas e/ou programas de ginástica para ficar em forma. As dietas tinham sido marcadas por uma infinidade de infrações. Alguns cachorros-quentes no início da tarde, suplementando o almoço de iogurte, talvez uns dois hambúrgueres devorados apressadamente numa tarde de sábado, quando Heidi estava fora, num leilão ou numa venda de objetos usados em uma feira qualquer dos arredores. Algumas vezes, inclusive, ele chegara a humilhar-se ante os horrorosos sanduíches quentes, encontrados no barzinho que ficava quilômetro e meio estrada abaixo – a carne dos sanduíches parecia pedaços de pele estorricada, após ter passado pelo forno de microondas, porém ele não se lembrava de jamais ter jogado fora alguma parte não comida. Gostava de sua cerveja, tudo bem, era uma boa pedida, porém gostava ainda mais de comer. Linguado à moda de Dover parecia um prato divino em um dos mais refinados restaurantes de Nova York, mas se ele estivesse sentado diante da televisão vendo um jogo, com um saco de Doritos ao lado e pasta de camarão para acompanhá-los, o efeito era o mesmo.

Os programas de ginástica para manter a forma duravam às vezes uma semana, quando então sua programação de trabalho interferia ou, simplesmente, ele perdia o interesse. No porão, um conjunto de halteres permanecia modorrentamente a um canto, acumulando teias de aranha e ferrugem,

parecendo censurá-lo sempre que ele descia até lá. Billy procurava não olhar para eles.

Assim, encolhia ainda mais o estômago e anunciava confiante a Heidi que perdera sete quilos, estando agora com 106. Ela assentia, respondia que estava muito contente, *claro* que percebia a diferença, mas sabia o tempo todo, porque via o saco (ou sacos) de Doritos vazios no lixo. E desde que Connecticut adotara a lei da devolução de garrafas e latas, as vazias na despensa se tinham tornado uma fonte de culpa, quase tão grande quanto os halteres não utilizados.

Heidi o via quando ele estava dormindo; ainda pior, via-o quando estava urinando. Ninguém consegue contrair o estômago quando urina. Ele já tentara, sabia ser impossível. Heidi sabia que Billy perdera um quilo e meio, dois no máximo. Pode-se enganar a esposa sobre outra mulher – pelo menos durante algum tempo – mas não sobre o próprio peso. Uma mulher que nos suporta o peso de vez em quando, à noite, sabe o quanto pesamos. Contudo, ela sorria e dizia, *Oh, claro que você parece melhor, querido.* Uma parte disso talvez não fosse tão admirável – mantinha-o quieto sobre os cigarros dela – porém ele não se iludia em pensar que isso era tudo ou, pelo menos, a maior parte. Tratava-se de uma forma de deixá-lo conservar o amor-próprio.

— Billy?

— O que é?

Arrancado do sono uma segunda vez, Billy olhou-a, um tanto divertido, outro tanto irritado.

— Você se sente perfeitamente bem?

— Sinto-me ótimo. Que história é essa de “você-se-sente-perfeitamente-bem”?

— Ora... às vezes... dizem que uma perda de peso não planejada pode ser indício de alguma coisa.

— Minha saúde está *excelente.* E se não me deixar dormir, eu lhe provo o que digo, estraçalhando seus ossos outra vez.

— Vá em frente!

Ele grunhiu. Ela riu. Em pouco, estavam dormindo. E, no sonho dele, voltava com Heidi do Shop’n Save, com a diferença que, desta vez, *sabia* que era um sonho, *sabia* o que ia acontecer e queria dizer a ela que parasse o que estava fazendo, porque ele precisava concentrar toda a atenção em dirigir, porque logo

uma velha cigana ia irromper de entre dois carros estacionados – para ser exato, eram um Subaru amarelo e um Firebird verde-escuro – uma velha com fivelas baratas e infantis de plástico nos cabelos grisalhos, que olhava fixamente para diante, em vez de observar os lados. Ele queria dizer a Heidi que aquela era a sua chance de desfazer tudo, de modificar o quadro, de torná-lo direito.

Contudo, não podia falar. O prazer despertava novamente ao toque dos dedos dela, brincando primeiro, depois mais seriamente (seu pênis enrijecia enquanto ele dormia, e Billy virou ligeiramente a cabeça, ao dique metálico de seu zíper, descendo dente por dente); o prazer misturou-se a uma sensação de terrível inevitabilidade. Agora já via o Subaru amarelo à frente, estacionado atrás do Firebird verde, com listras brancas de carro de corrida ao longo da lataria. E, do meio deles, um relance de vivo colorido, mais berrante e mais vital do que qualquer trabalho de pintura efetuado em Detroit ou em Toyota Village. Billy tentou gritar, *Pare com isso, Heidi! É ela! Vou matá-la novamente, se você não parar com isso! Pelo amor de Deus, não! Por favor, oh, meu Deus, não!*

Entretanto, a figura brotou do meio dos carros. Halleck tentava tirar o pé do acelerador e passá-lo para o freio, mas tinha a sensação de que ele ficara colado onde estava, preso ao pedal com uma terrível, irrevogável firmeza. *O cola-tudo da inevitabilidade,* pensou loucamente, tentando girar o volante, mas este tampouco girava. Estava preso, bloqueado. Então, tentou preparar-se para a colisão. Foi quando a cabeça da cigana se virou e não era a velha, oh, não, ah-ah, era o cigano de nariz carcomido. Só que, agora, ele não tinha mais olhos. No instante antes do Oldsmobile bater e derrubá-lo, Halleck viu as órbitas vazias que o fitavam. Os lábios do velho cigano distenderam-se em um sorriso obsceno – um crescente antiquado, abaixo do carcomido horror de seu nariz.

E então: *Ploft/ploft.*

Uma mão agitando-se flacidamente acima do capô do Oldsmobile, coberta de rugas, ornada de anéis pagãos em metal trabalhado. Três gotas de sangue salpicaram o para-brisa. Halleck ficou vagamente cônscio de que a mão de Heidi se agarrara à sua ereção, retendo o orgasmo que o choque provocaria, criando um prazer-dor subitamente terrível...

E ele ouviu o sussurro do cigano, vindo de algum ponto debaixo de si, infiltrando-se pelo piso acarpetado do carro de luxo, amortecido, mas com suficiente clareza: *"Emagrecido".*

Acordou com um safanão, virou-se para a janela e quase gritou. A lua era um brilhante crescente acima das Adirondacks e, por um momento, ele pensou que fosse o velho cigano, a cabeça ligeiramente de banda, espiando pela janela do quarto deles, os olhos como estrelas brilhantes na escuridão do céu daquela região norte no estado de Nova York, o sorriso iluminado por algo interior, a luz brotando fria, como a emitida por um pote de vidro para conservas cheio de pirilampos de agosto, fria como a dos outros pirilampos do pântano que às vezes vira na Carolina do Norte, quando menino – uma luz fria e velha, uma lua na forma de um sorriso antigo, um sorriso que contempla a vingança.

Billy inspirou, trêmulo, fechou os olhos com força, depois tornou a abri-los. A lua era novamente apenas a lua. Ele se deitou e, três minutos mais tarde, tornou a dormir.

O dia seguinte estava claro e radioso. Halleck finalmente concordou em subir a trílha Labyrinth com sua esposa. Em Mohonk, os terrenos eram entrelaçados de trilhas para caminhadas, classificadas de fáceis a extremamente difíceis. A Labyrinth estava entre as "moderadas" e, em sua lua-de-mel, ele e Heidi a tinham subido duas vezes. Billy recordava quanto prazer aquilo lhe dera – abrir caminho pelas empinadas passagens, com Heidi logo em seus calcanhares, rindo e dizendo a ele que se apressasse, chamando-o de lerdo. Ele recordava como rastejara por uma das estreitas passagens, semelhantes a cavernas incrustadas na rocha, sussurrando ominosamente para sua recente esposa, "está sentindo o solo tremer?" quando se encontravam na parte mais estreita. A passagem era bem estreita, mas, assim mesmo, ela ainda dera um jeito de dar- lhe um bom tapa no traseiro.

Halleck admitia para si mesmo (mas nunca, jamais para Heidi) que aquelas estreitas passagens através da rocha é que agora o preocupavam. Na lua-de-mel estava esguio e flexível, era pouco mais que uma criança, ainda em boa forma pelos verões passados em um centro madeireiro, a oeste de Massachusetts. Agora, estava dezesseis anos mais velho e *muito mais* pesado. E, como lhe dissera delicadamente o velho e jocoso Dr. Houston, estava entrando no país dos ataques cardíacos. A ideia de um ataque do coração, a meio caminho do alto da montanha, era desconfortável, mas ainda razoavelmente remota; o que lhe parecia mais possível era ficar entalado em uma daquelas estreitas gargantas de pedra, através das quais a trilha serpenteava até o topo.

Ele podia recordar que tivera de engatinhar em pelo menos quatro lugares.

Billy não queria ficar entalado em um daqueles lugares.

Ou... O que acham disso, amigos? O velho Billy Halleck ficou entalado em um daqueles lugares escuros e apertados. *Então,* teve um ataque cardíaco! Heiiii! Dois pelo preço de um!

Contudo, finalmente acedeu em experimentar, se *ela* concordasse em prosseguir sozinha caso ele não se sentisse em forma para chegar ao alto. E se primeiro fossem a New Paltz, para que ele comprasse um par de tênis. Heidi concordou alegremente com os requisitos.

Na cidade, Halleck descobriu que "tênis" tinha ficado *declassé.* Ninguém nem sequer admitia recordar a palavra. Ele comprou um par de elegantes Nikes verde-e-prata, para caminhada-e-escalada, deliciando-se ao perceber como os pés ficavam bem dentro deles. Isso o levou a pensar que não tivera um par de sapatos de lona em... cinco anos? Ou seis? Parecia impossível, mas assim era.

Heidi admirou-se e tornou a dizer que ele certamente parecia ter perdido peso. Fora da sapataria havia uma balança automática, funcionando com uma moeda, daquelas que anunciam SEU PESO E SUA SORTE. Halleck não tornara a ver uma desde que era criança.

— Suba aí, heroi – disse Heidi. –Tenho uma moeda.

Halleck vacilou um momento, visivelmente nervoso.

— Vamos, depressa! Quero ver quanto você perdeu.

— Essas geringonças não marcam um peso certo, Heidi. Você sabe disso!

— Um número aproximado, é tudo o que eu quero. Ora, *vamos,* garotão – não seja medroso!

Com relutância, Billy passou para ela o embrulho contendo seus sapatos novos e subiu na balança. Heidi colocou a moeda na fenda. Houve um chiado, e então dois encurvados painéis de metal prateado deslizaram para trás. Sob o painel superior estava o peso de Billy; debaixo do inferior, a ideia que a máquina tinha sobre sua sorte. Halleck inspirou o ar com força, surpreso.

— Eu *sabia!* – exclamava Heidi às suas costas. Havia uma espécie de dubitativo espanto em sua voz, como sem saber se devia ficar feliz, amedrontada ou surpresa. – Eu *sabia* que você estava mais magro!

Halleck pensou mais tarde que, se ela tivesse ouvido sua própria e

ofegante exclamação de surpresa, sem dúvida a atribuiria ao número indicado pela balança –mesmo estando inteiramente vestido, com sua faca suíça do exército no bolso das calças de brim, inclusive com um lauto *breakfast* de Mohonk no estômago, o número estava claramente marcado: 104. Ele havia perdido seis quilos desde o dia em que Canley tinha feito o acordo no tribunal.

Contudo, não tinha sido seu peso que o fizera soltar aquela exclamação: fora sua sorte. O painel inferior não deslizara para revelar OS ASSUNTOS FINANCEIROS LOGO MELHORARÃO ou VELHOS AMIGOS IRÃO VISITÁ-LO ou NÃO TOME PRECIPITADAMENTE UMA DECISÃO IMPORTANTE.

O painel revelara uma única palavra negra: EMAGRECIDO

CAPÍTULO 4: 103

Retornaram a Fairview em silêncio durante a maior parte do trajeto, Heidi dirigindo até chegarem a uns vinte e quatro quilômetros da cidade de Nova York e o trânsito ficar pesado. Então ela manobrou para o espaço diante de um posto de gasolina e deixou que Billy assumisse o volante no resto da viagem até em casa. Não havia motivos que o impedissem de dirigir: a velha tinha morrido, claro, um braço quase arrancado do corpo, a região pélvica pulverizada, o crânio estilhaçado como um vaso Ming atirado contra um piso de mármore, porém Billy Halleck não perdera nenhum ponto em sua licença de motorista de Connecticut. O bom e velho pegador de tetas, Cary Rossington cuidara disso.

— Você me ouviu, Billy?

Ele a fitou por apenas um segundo, depois voltou os olhos para a estrada. Estava dirigindo melhor agora e, embora não usasse a buzina mais do que costumava, nem gritasse e gesticulasse mais do que antes, parecia perceber melhor os erros dos outros motoristas e os seus próprios. E se tornara mais severo com tais erros, seus e alheios. Matar uma velha faz maravilhas na concentração da gente. Não melhora uma vírgula em nosso respeito próprio e provoca certos pesadelos particularmente hediondos, mas sem dúvida eleva bastante os níveis antigos de concentração.

— Eu não prestava atenção. Desculpe-me.

— Eu só estava agradecendo a você pelos momentos maravilhosos.

Heidi sorriu para ele e lhe tocou o braço ligeiramente. *Haviam sido* momentos maravilhosos – para ela, pelo menos. Sem a menor dúvida, Heidi Deixara Aquilo Para Trás – a cigana, a audiência preliminar em que a ação do Estado fora encerrada, o velho cigano de nariz carcomido. Para Heidi, tudo agora não passava de algo desagradável que ficara sepultado. Algo pertencente ao passado, como a amizade de Billy com aquele gângster carcamano de Nova York. Entretanto, havia qualquer coisa mais na mente dela, confirmado por um rápido e segundo olhar de banda. O sorriso desaparecera e o observava, mostrando diminutas rugas em torno dos olhos.

— Não tem de quê – respondeu ele. – Para você, é *sempre* um prazer, meu bem.

— E quando chegarmos em casa...

— Vou estraçalhar seus ossos outra vez! – exclamou ele, com forjado entusiasmo e um rosnado falso.

Na realidade, ele não o conseguiria, nem que as cowgirls de Dallas desfilassem à sua frente, vestindo lingerie do Frederick's de Hollywood. Nada tinha a ver com a frequência das sessões sexuais em Mohonk; era aquela maldita sorte anunciada na balança. EMAGRECIDO. Com certeza, a balança não anunciara nada semelhante – fora tudo obra de sua imaginação. Só que não parecia imaginação, droga! Parecia tão real como uma manchete do *Times* de New York. E essa mesma realidade era a parte terrível da coisa, porque EMAGRECIDO não se ajustava à ideia *de ninguém* sobre uma sina. Mesmo a frase SUA SINA É PERDER PESO EM BREVE, não se encaixava à coisa. Os redatores de prognósticos pendiam mais para temas como longas viagens e encontros com amigos.

Portanto, tudo fora alucinação sua.

Claro, é isso aí.

Portanto, ele provavelmente estava perdendo o juízo.

Ora, vamos, acha isso justo?

Sem dúvida que era justo. Quando a imaginação nos escapa do controle, a notícia nada tem de boa.

— Você pode pular em cima de mim se quiser – disse Heidi – mas o que eu realmente quero é que você pule em *nossa* balança do banheiro...

— Ora, francamente, Heidi! Perdi algum peso, mas e daí?

— Fico muito orgulhosa por você perder peso, Billy, mas estivemos juntos quase constantemente nos últimos cinco dias e, que me dane, se sei *como* você conseguiu isso!

Ele a fitou mais demoradamente agora, mas ela não retribuiu o olhar. Heidi continuou espiando através do para-brisas, com os braços cruzados à frente do peito.

— Heidi...

— Você continua comendo tanto quanto antes. Talvez até mais. O ar da montanha deve ter, de fato, aumentado a rotação de seu motor.

— Por que dourar a pílula? – perguntou ele, diminuindo a marcha para lançar quarenta centavos na cesta do pedágio de Rye. Seus lábios comprimiam-

se em uma fina linha branca, o coração batia demasiado rápido e, de repente, estava furioso com ela. – De fato, você está querendo dizer é que sou um porco banhudo. Diga francamente, se é a sua vontade, Heidi. Que diabo, eu posso suportar!

— Não é *nada* disso! – ela gritou. – Por que procura me magoar, Billy? Por que faz isso, depois de termos tido dias tão felizes?

Ele não precisou olhá-la desta vez, para perceber que Heidi estava quase chorando. A voz trêmula dela lhe dizia isso. Billy lamentava, mas isso não eliminava a raiva. Nem o medo que havia por trás disso.

— Não estou querendo magoá-la – ele disse, segurando o volante do Oldsmobile com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. – Nunca tive tal intenção. Contudo, perder peso é uma *boa* coisa, Heidi. Não entendo sua implicância com isso!

— *Nem sempre* é *uma boa coisa!* – gritou ela, assustando-o, fazendo o carro dançar ligeiramente. – *Nem sempre* é *uma boa coisa e você sabe!*

Agora, ela *estava* chorando, chorando e remexendo na bolsa em busca de um lenço de papel, com aquele seu jeito metade irritante, metade comovente. Ele lhe passou o próprio lenço e Heidi o usou para enxugar os olhos.

— Você pode dizer o que quiser, pode ser mesquinho, pode me crivar de perguntas se for sua vontade, Billy, pode até mesmo estragar os momentos que acabamos de viver. No entanto, eu o amo e vou dizer o que preciso dizer. Quando uma pessoa começa a perder peso não estando em dieta, isto pode significar que ela está doente. É um dos sete sinais de alerta para o câncer.

Heidi devolveu-lhe o lenço. Durante a passagem do lenço, os dedos dele tocaram os dela. A mão de Heidi estava gelada.

Bem, a palavra fora dita. Câncer. Tumor. Rima com *enganaborre as calças, senhor.* Deus sabia que a palavra surgira em mente mais de uma vez, desde que a moeda fora enfiada na balança, à frente da sapataria. Saltitara em seu cérebro como o sujo balão de gás de algum palhaço maligno, embora ele a rejeitasse. Evitara-a da mesma forma como são evitadas as velhotas birutas que se balançam, para diante e para trás, em seus fuliginosos abrigos, fora da estação Grand Central... ou como são evitadas as cabriolantes crianças ciganas que chegam com o resto do bando cigano. Os ciganinhos cantam com vozes que conseguem ser monótonas e estranhamente doces ao mesmo tempo. Os

ciganinhos caminham plantando bananeira, os pandeiros estirados, seguros de algum modo nos sujos dedos dos pés. Os ciganinhos fazem malabarismos. Os ciganinhos deixam envergonhados os craques locais de *Frisbee,* girando ao mesmo tempo dois, às vezes três dos discos de plástico – nos dedos, nos polegares, inclusive no nariz. Riem enquanto fazem tudo isso e todos parecem ter doenças de pele, olhos vesgos ou lábios fendidos. Quando uma pessoa se depara repentinamente com tão singular mescla de agilidade e feiúra, o que mais pode fazer, senão evitá-la? Velhotas birutas, ciganinhos e câncer. A volubilidade do giro de seus pensamentos o assustava.

Contudo, talvez fosse melhor a palavra ter sido dita.

— Tenho me sentido ótimo – repetiu, talvez pela sexta vez, desde a noite em que Heidi lhe perguntara se estava bem. E, droga, era verdade! – Além disso, estive fazendo exercícios.

Também verdadeiro... durante os últimos cinco dias, pelo menos. Tinham subido juntos a trilha Labyrinth e, embora houvesse suado como um condenado o trajeto inteiro, tendo que encolher o estômago para passar por alguns dos lugares mais apertados, de maneira nenhuma enfrentara a ameaça de ficar entalado. De fato, Heidi é que, bufando e sem fôlego, precisara pedir duas vezes para descansar. Diplomaticamente, Billy não mencionara seu vício do cigarro.

— Sei que você se sente muito bem – disse ela – o que *é* formidável. Entretanto, um checkup também seria formidável. Há dezoito meses que não faz um, e aposto como o Dr. Houston já está sentindo sua falta e...

— Acho que ele é um charlatão – murmurou Halleck.

— Um o quê?

— Nada.

— Pois ouça o que lhe digo, Billy: você não pode perder quase nove quilos em duas semanas, apenas fazendo exercício.

— Eu não estou doente!

— Então, apenas me faça a vontade!

Fizeram em silêncio o resto do trajeto até Fairview. Halleck queria puxá-la para si, dizer-lhe que tudo bem, faria a sua vontade. No entanto, agora surgia um novo pensamento. Um pensamento absolutamente incrível. Incrível, mas ainda assim, arrepiante.

Talvez haja um novo estilo nas pragas de velhos ciganos, amigos e

vizinhos – o que me dizem dessa *possibilidade? Eles costumavam tornar-nos lobisomens ou enviar um demônio para nos puxar a cabeça no meio da noite, coisas assim, mas tudo muda, não é mesmo? E se o velho me tocou para que eu ficasse com câncer? Ela está certa, isto é uma daquelas histórias de leva-e-traz – perder nove quilos deste jeito, é mais ou menos como quando o canário dos mineiros cai morto em sua gaiola. Câncer pulmonar... leucemia... melanoma...*

Era loucura, mas a loucura não expulsou o pensamento: *E* se *ele me tocou para que eu ficasse com câncer?*

Linda os recebeu com uma profusão de beijos e, para espanto dos recém-chegados, exibiu uma lasanha bastante aceitável, que tirou do forno e serviu em pratos de papelão. Os pratos mostravam a cara do *extraordinaire* amante de lasanhas – Garlield, o gato. Ela perguntou como havia sido aquela segunda lua-de-mel ("Uma frase bem apropriada para a segunda infância", comentou Halleck secamente para Heidi essa noite, depois de arrumada a cozinha e de Linda escapar com duas amigas, a fim de continuarem um jogo de masmorras e dragões, que estivera em andamento por quase um ano), e antes que mal abrissem a boca para contar, exclamou:

— Oh, isso me lembra uma coisa!

Então, passou o resto da refeição, regalando-os com os contos de pasmo e terror do ginásio de Fairview – uma história em sequências, contendo mais fascínio para ela do que para Halleck e esposa, embora ambos tentassem ouvir com atenção. Afinal de contas, eles haviam ficado fora durante quase uma semana.

Quando ela se precipitou para fora da cozinha, beijou sonoramente a face de Halleck e exclamou:

— Bye, magrelo!

Halleck ficou vendo-a montar a bicicleta e pedalar pela alameda da frente da casa, o rabo-de-cavalo voando ao vento. Então, virou-se para Heidi. Estava abismado.

— E agora – disse ela – quer fazer o favor de me ouvir?

— Você contou para Linda. Chamou-a a um canto e lhe disse. Conspiração feminina!

— Não foi nada disso.

Ele lhe perscrutou o rosto e então assentiu cansadamente:

— Bem, acho que não foi o caso.

Heidi insistiu com ele para que subisse, e Halleck terminou no banheiro, nu, com apenas a toalha em torno da cintura. Foi tomado de uma forte sensação de *déjà vu* – o deslocamento temporal tão completo, que sentiu uma branda náusea. Era uma repetição quase exata do dia em que pisara na mesma balança, com uma toalha daquele mesmo conjunto azul-pólvora, enrolada à volta da cintura. Faltava apenas o cheiro gostoso do bacon frigindo, que vinha do térreo. Tudo o mais era exatamente igual.

Não. Não era. Havia outra coisa acentuadamente diferente. Naquele dia, ele se espichara para ler as más novas no jornal. Precisara fazer isso, porque sua barriga estava no caminho. A barriga continuava lá, porém menor. Não podia haver dúvida disso, porque ele agora podia olhar diretamente para baixo e lia os números.

O mostrador digital apontava 103.

— Isto confirma tudo – disse Heidi, sem entonação. – Vou marcar uma consulta para você com o Dr. Houston.

— Esta balança pesa a menos – disse Halleck debilmente. – Sempre marcou menos. Por isso é que gosto dela.

Heidi olhou friamente para ele.

— Não me venha com cascatas, meu amigo. Você levou os últimos cinco anos se queixando de que ela aumentava o peso – e ambos sabemos disso.

À crua luz branca do banheiro, ele pôde ver o quanto sincera mente ansiosa estava ela. A pele ficara repuxada sobre os malares e reluzia.

— Não saia daí – disse ela por fim, e saiu do banheiro.

— Heidi!

— Não se mova! – gritou ela, enquanto descia para o térreo.

Voltou um minuto mais tarde com um saco fechado de açúcar. “Peso líquido, quatro quilos e meio”, anunciava o saco. Heidi o colocou sobre a balança. Após calcular por um instante, a balança finalmente imprimiu os dígitos vermelhos, enormes: 5,400.

— Foi o que pensei – disse Heidi, taciturna. – Eu também me peso, Billy. Esta balança não marca a menos e nunca marcou. Ela marca a mais, exatamente como você sempre disse. E não é só um pouquinho, nós dois sabemos disso. Uma pessoa com excesso de peso *gosta de* uma balança imprecisa. Assim os

fatos reais podem ser rejeitados com mais facilidade. Se...

— Heidi...

— Se esta balança indica que você pesou 103 quilos, isto significa que, na verdade, você baixou para 102 quilos. Agora, deixe-me...

— Heidi...

— Deixe-me marcar uma consulta para você.

Ele fez uma pausa, baixou os olhos para os pés nus e então balançou a cabeça.

— *Billy!*

— Eu mesmo marco a consulta – disse ele.

— Quando?

— Quarta-feira. Marcarei na quarta-feira. Houston vai ao Country Club toda quarta-feira à tarde e joga golfe. – *Às vezes, costuma jogar com o inimitável agarrador de tetas, beijador de esposas, que é Cary Rossington.* – Falarei com ele pessoalmente.

— Por que não lhe telefona esta noite? Agora?

— Heidi – disse Billy – já chega!

Algo no rosto dele devia tê-la convencido a não insistir no assunto, porque Heidi não tornou a mencioná-lo essa noite.

CAPÍTULO 5: 100

Domingo, segunda, terça.

Deliberadamente, Billy se manteve distante da balança no andar de cima. Comeu com voracidade durante as refeições, mesmo que, por uma das raras vezes em sua vida adulta, não estivesse terrivelmente faminto. Parou de esconder suas reservas mastigatórias atrás das embalagens de prato de sopa Lipton, na despensa. Comeu tiras de pimentão e queijo Muenster sobre biscoitos de água e sal durante o jogo duplo de beisebol Yankees-Red Sox, no domingo. Um saco de caramelos no trabalho, durante a manhã de segunda-feira e um saco de balas na tarde do mesmo dia – um deles, ou possivelmente a combinação dos dois lhe tendo proporcionado uma fase de expulsão de gases bastante constrangedora, que durou das quatro da tarde até as nove daquela noite. Linda abandonou a sala da televisão quando o noticiário ia pelo meio, anunciando que só voltaria se alguém providenciasse máscaras contra gases. Billy sorriu culposamente, mas não se moveu. A experiência com gases já ensinara que sair da sala para soltar o produto em outro lugar nada tinha de eficaz. Era como se as coisas apodrecidas ficassem grudadas na gente, com mãos invisíveis de borracha. Elas nos seguem por onde formos.

Mais tarde, no entanto, *vendo And Justice for All,* na TV, ele e Heidi acabaram com a maior parte de um prato de queijadinhas.

Quando voltava para casa na terça-feira, ele parou no pedágio da autoestrada de Connecticut, em Norwalk, e comprou dois hambúrgueres de queijo no bar que havia ali. Começou a comê-los da forma que costumava quando dirigia, dando dentadas, mascando a massa, engolindo pouco a pouco...

Caiu em si nos arredores de Westport.

Por um momento, sua mente parecia separada do seu corpo – não era *pensamento* e nem era *reflexão;* era *separação.* Halleck recordou a sensação de náusea experimentada na balança do banheiro, na noite em que retornara de Mohonk com Heidi, e ocorreu-lhe que havia penetrado em um campo inteiramente novo de estado mental. Tinha quase a sensação de haver ganho uma espécie de presença astral – um carona cognitivo, que o estudava de perto. E o que via esse carona? Algo mais ridículo do que terrível, certamente. Ali

estava um homem de quase trinta e sete anos, calçando sapatos Bally e, usando lentes de contato macias Bausch & Lomb, um homem vestindo um terno completo, que lhe custara seiscentos dólares. Um exemplar masculino americano de trinta e seis anos, com excesso de peso, caucasiano, sentado ao volante de um Oldsmobile Noventa-e-oito, modelo 1981, mascando um gigantesco hambúrguer, enquanto maionese e fiapos de alface caíam sobre seu colete cinza-carvão. Era de se rir até chorar. Ou gritar.

Ele jogou os restos do segundo hambúrguer pela janela e depois observou, com uma espécie de desesperado horror, a lama misturada de sucos e molhos em sua mão. Então, fez a única coisa lúcida possível naquela circunstância: riu. E prometeu a si mesmo: chega. A farra ia acabar.

Nessa noite, sentado diante da lareira e lendo *The Wall Street Journal,* viu Linda chegar para dar-lhe um beijo de boa noite, depois recuar um pouco e dizer:

— Você está começando a se parecer com Sylvester Stallone, papai.

— Oh, céus! – exclamou Halleck, girando os olhos.

Então, os dois começaram a rir.

Billy Halleck descobriu que, no seu procedimento de pesagem, insinuara-se uma rude espécie de ritual. Quando é que isso acontecera? Ele não saberia dizer. Quando garoto, limitava-se a pular para cima de uma balança de vez em quando, lançar um olhar casual para a marcação do peso e pular fora. Contudo, a certa altura durante o período em que passara dos 85 quilos para um peso que representava um décimo de tonelada, por incrível que pudesse parecer, começara aquele ritual.

Ritual, o diabo! exclamou para si mesmo. *Hábito. Nada mais que isso, apenas um hábito.*

Ritual, sussurrava sua mente mais profunda, inapelavelmente. Ele era agnóstico e desde os dezenove anos não cruzara a porta de uma só igreja, mas sabia identificar um ritual quando o via, e seu processo de pesagem era quase uma genuflexo. *Ouça, Deus, faço sempre o mesmo de cada vez, portanto, mantenha o advogado aqui presente, branco, honesto, ascendente, livre dos ataques cardíacos ou infartos que, segundo cada tabela atuarial do mundo, posso esperar por volta dos quarenta e sete anos. Pedimos em nome do colesterol e das gorduras saturadas. Amém.*

O ritual começava no quarto de dormir. Tirar a roupa. Vestir o robe de

veludo azul-escuro. Enfiar todas as roupas sujas no tubo em rampa para a lavanderia. Se estiver sendo usado pela primeira ou segunda vez, e não havendo manchas notórias no terno, pendurá-lo direitinho no armário.

Caminhar pelo corredor até o banheiro. Entrar lá com reverência, respeito, relutância. Ali é o confessionário, onde um indivíduo deve encarar seu peso e, consequentemente, sua sina. Tirar o robe. Pendurá-lo no cabide junto à banheira. Esvaziar a bexiga. Se uma evacuação parecer uma possibilidade – ainda que *remota* – deixar que siga em frente. Ele não fazia a mínima ideia de qual seria o peso médio de uma evacuação, porém o princípio tinha lógica, era indiscutível: desfazer-se de tudo que representasse um peso extra.

Heidi observava este ritual e, certa vez, perguntara sarcasticamente se ele não gostaria de ganhar uma pena de avestruz no aniversário. Assim, explicou ela, seu marido poderia usá-la para fazer cócegas na garganta e vomitar algumas vezes, antes de fazer a pesagem. Billy respondera que ela estava sendo muito engraçadinha... porém mais tarde, nessa noite, ele se viu refletindo que, de fato, a ideia tinha seus atrativos.

Na manhã da quarta-feira, Halleck abandonou o ritual pela primeira vez em anos. Na manhã da quarta-feira, ele se tornou um herege. Talvez se houvesse tornado ainda mais pervertido porque, como um adorador de Satã que inverte deliberadamente uma cerimônia religiosa, pendurando cruzes de cabeça para baixo e recitando o Pai-Nosso de trás para diante, Halleck inverteu inteiramente o seu procedimento.

Vestiu-se, encheu os bolsos com todos os trocados que encontrou (mais sua faca suíça do exército, naturalmente), calçou os sapatos mais rudes e pesados, depois devorou um *breakfast gigantesco,* ignorando taciturnamente a bexiga latejante. Consumiu dois ovos fritos, quatro tiras de bacon, torradas e biscoitos. Bebeu suco de laranja e uma xícara de café (com três torrões de açúcar).

Com tudo isto sacolejando em suas entranhas, Halleck subiu implacavelmente a escada para o banheiro. Parou por um momento, contemplando a balança. Olhar para ela não fora agradável antes, e agora o era ainda menos.

Empertigando-se, subiu na balança.

100.

Não pode ser! Seu coração bateu mais depressa no peito. *Diabo, não! Há qualquer coisa errada aqui! Alguma coisa...*

— Pare com isso! – sussurrou Halleck, em voz baixa e rouca.

Afastou-se da balança, como um homem poderia afastar-se de um cachorro com visível intenção de morder. Levou o dorso da mão à boca e esfregou lentamente, de um lado para outro.

— Billy?

Heidi chamava-o da escada. Halleck olhou para a esquerda e viu seu rosto pálido fitando-o do espelho. Havia bolsas purpúreas sob os olhos. Não estavam lá na noite anterior. As linhas horizontais em sua testa pareciam mais fundas.

Câncer – pensou novamente e, misturado com a palavra, tornou a ouvir o cigano sussurrando.

— Billy? Você está aí em cima?

É câncer, claro, sem a menor dúvida, é isso mesmo. Ele me lançou alguma espécie de praga. A velha era sua mulher... talvez irmã... e ele me amaldiçoou. Será isso possível? Pode existir tal coisa? O câncer já estará me roendo as entranhas neste momento, comendo-me por dentro, como fez como nariz dele...?

Um som sufocado, aterrorizado, escapou de sua garganta. Seu rosto no espelho estava doentiamente horrorizado, era a face macilenta de um doente crônico. Naquele momento, Halleck quase acreditou nisso: ele estava com câncer, não tinha escapatória.

— *Bil-lyyy!*

— Sim, estou aqui!

Sua voz era firme. Quase.

— Céus! E eu aqui gritando *eternamente!*

— Desculpe-me.

Por favor, não suba até aqui. Heidí, não me veja com esta aparência ou estará me internando na maldita clínica Mayo, antes que soe o apito do meio-día. Fique onde está, porque aí é o seu lugar. Por favor.

— Não vai esquecer de marcar a consulta com Michael Houston, hein?

— *Claro* – respondeu ele. – Vou marcar a consulta.

— Obrigada, querido – respondeu Heidi com suavidade, misericordiosamente recuando para onde estivera antes.

Halleck urinou, depois lavou as mãos e o rosto. Quando pensou que

começava a parecer ele próprio novamente – mais ou menos – desceu para o térreo, tentando assobiar.

Nunca sentira tanto medo na vida.

— *Quantos* quilos? – perguntou o Dr. Houston.

Decidido a ser honesto, agora que realmente enfrentava o homem, Halleck lhe contou que havia perdido cerca de quinze quilos em três semanas.

— *Uau!* – disse Houston.

— Heidi está um pouco preocupada. Sabe como são as esposas...

— Ela está certa em preocupar-se – disse Houston.

Michael Houston era o arquétipo de Fairview: o Simpático Doutor de Cabelos Brancos e Bronzeado de Malibu. Alguém que o visse sentado a uma das mesas equipadas com guarda-sol em torno do bar externo do Country Club certamente o acharia parecido a uma versão mais jovem do Dr. Marcus Welby. O bar ao lado da piscina, cognominado Bebedouro, era onde ele e Halleck se encontravam agora. Houston usava calças vermelhas para golfe, presas à cintura por um brilhante cinto branco. Os pés calçavam sapatos brancos de golfe. Sua camisa era Lacoste, o relógio Rolex. Estava bebendo uma *pina colada.* Um de seus padronizados ditos espirituosos era o de referir-se a elas como *pênis colado.* Ele e a esposa, pais de duas crianças fantasticamente lindas, residiam em uma das maiores casas de Lantern Drive – podiam ir a pé até o Country Club, um fato do qual Jenny Houston se vangloriava, quando bêbada. Isto significava que a casa custara bem acima de cento e cinquenta milhas. Houston tinha um Mercedes castanho de quatro portas. Sua esposa dirigia um Cadillac Cimarron que parecia um Rolls-Royce com hemorroidas. Os filhos cursavam uma escola particular em Westport. As fofocas em Fairview – em geral mais verdadeiras do que mentirosas – sugeriam que Michael e Jenny Houston tinham alcançado um *modus vivendi:* ele era um paquerador obsessivo e ela se iniciava nos vapores do uísque por volta das três da tarde. *Apenas uma família típica de Fairview,* pensou Halleck e, de repente, sentiu-se não só cansado, como também assustado. Conhecia aquelas pessoas bem demais – ou pensava conhecer, o que vinha a praticamente dar no mesmo.

Baixou os olhos para seus reluzentes sapatos brancos e pensou: *Com quem está brincando? Você usa a pena tribal.*

— Quero vê-lo em meu consultório amanhã – disse Houston.

— Bem, estou com um caso...

— Esqueça seu caso. Isto é mais importante. Nesse meio-tempo, diga-me uma coisa: Tem tido algum sangramento? Retal? Pela boca?

— Não.

— Notou algum sangramento no couro cabeludo, quando se penteia?

— Não.

— E quanto a ferimentos que não cicatrizam? Ou crostas de ferimentos que caem e logo se formam novamente?

— Não.

— Ótimo – disse Houston. – Por falar nisso, meu escore hoje foi de oitenta e quatro. O que me diz?

— Acho que terá de esperar uns dois anos mais para chegar a mestre – respondeu Billy.

Houston riu. O garçom chegou. Houston pediu outra pina colada. Halleck quis uma Miller. *Miller Clara,* quase acrescentou – a força do hábito – mas então guardou a língua. Precisava de uma cerveja clara tanto quanto precisava de... bem, tanto quanto precisava de um sangramento retal.

Michael Houston inclinou-se para diante. Tinha os olhos graves e Halleck tornou a sentir aquele temor, como uma lisa agulha de aço, finíssima, sondando as paredes de seu estômago. Infeliz, pensou que alguma coisa havia mudado em sua vida, e não para melhor. De maneira alguma para melhor. Agora, estava bastante amedrontado. A vingança do cigano.

Os olhos graves de Houston estavam fixos nos de Billy, e este o ouviu dizer: *As chances de que você tenha câncer são de cinco em seis, Bily. Nem mesmo preciso de raios X para lhe dizer isso. Seu testamento está atualizado? Heidi e Linda estão bem asseguradas? Um homem relativamente jovem não pensa que uma coisa assim possa acontecer-lhe, mas a verdade é que pode. Pode, sim.*

No tom sossegado de homem transmitindo uma importante informação, Houston perguntou:

— Quantos homens são necessários para levar um negro à sepultura, um negro do Harlem?

Billy sacudiu a cabeça, esboçou um sorriso forçado.

— Seis – disse Houston. – Quatro para carregar o caixão, e dois para

carregar o rádio.

Houston riu e Billy Halleck ficou espiando. Em sua mente, com a mais nítida clareza, viu o cigano que o havia esperado fora do tribunal de Fairview. Atrás do cigano, junto ao meio-fio, em uma zona de estacionamento proibido, estava uma enorme camioneta adaptada para trailler, o teto de fabricação caseira. Aquele teto era coberto de estranhos desenhos em torno de uma pintura central – uma reprodução não muito boa de um unicórnio ajoelhado, a cabeça baixa, diante de uma cigana com uma guirlanda de flores na mão. O cigano usava um bolero de sarja verde, com botões feitos de moedas de prata. Agora, vendo Houston rir da própria piada, o jacaré em sua camisa subindo e descendo ao ritmo do riso, Billy pensou: *Você se recorda daquele sujeito, mais do que ímagína. Pensou que só se lembrava do naríz dele, mas não é verdade. Você se lembra de quase todos os malditos detalhes.*

Crianças. Havia crianças na cabine da velha camioneta, olhando para ele com opacos olhos castanhos, olhos que eram quase negros. “Emagrecido”, havia dito o velho e, a despeito da mão calejada, sua carícia tinha sido quase a de uma amante.

Chapas de matrícula do Delaware, pensou Billy subitamente. *A chapa daquele veículo. E umadesivo no para-choque, algo como...*

Os braços de Billy ficaram arrepiados e, por um momento, pensou que ia gritar, como certa vez ouvira uma mulher gritar, bem ali no clube, ao pensar que seu filho se afogava na piscina.

Billy Halleck recordou então como tinham visto os ciganos pela primeira vez – no dia em que eles haviam chegado a Fairview.

Eles estacionaram a um lado do parque público de Fairview e um bando de suas crianças correu para brincar nos gramados. As mulheres ciganas fofocavam, olhando para a criançada. Estavam vestidas em roupas de cores vivas, mas não era o traje camponês que uma pessoa mais velha associaria à versão hollywoodiana de ciganos, nos anos 1930 e 1940. Eram mulheres em roupas de verão coloridas, mulheres de calças compridas que chegavam às panturrilhas, jovens em jeans Calvin Klein ou Jordache. Pareciam animadas, vivas, de certo modo perigosas.

Um rapaz saltou de um furgão VW e começou a fazer malabarismos com enormes pinos de boliche. TODOS PRECISAM CRER EM ALGUMA COISA,

dizia a camiseta do rapaz, E NO MOMENTO, CREIO QUE VOU TOMAR OUTRA CERVEJA. As crianças de Fairview correram para ele, como que atraídas por um ímã, gritando excitadamente. Os músculos do rapaz se moviam sob a camiseta e um gigantesco crucifixo oscilava sobre seu tórax, para cima e para baixo. As mães de Fairview arrebanharam algumas das crianças e as levaram dali. Outras não foram tão rápidas. Algumas crianças mais velhas da cidade aproximaram-se das crianças ciganas, que interromperam suas brincadeiras para espiar as que chegavam. *Gente da cidade,* diziam seus olhos escuros. *Vemos crianças da cidade em todo canto para onde vão as estradas. Conhecemos seus olhos e seus cortes de cabelo; sabemos como os aparelhos em seus dentes cintilam ao sol. Não sabemos onde estaremos amanhã, mas sabemos onde vocês estarão. Estes mesmos lugares e estas mesmas caras não chateiam vocês? Nós achamos que chateiam. Achamos que, por causa disso, vocês acabam odiando a gente.*

Billy, Heidi e Linda Halleck estiveram lá nesse dia, dois dias antes de ele atropelar e matar a velha cigana, a menos de meio quilômetro dali. Estavam almoçando em um piquenique e esperavam que começasse o primeiro concerto da banda da primavera. A maioria dos presentes no local, nesse dia, foi até lá pelo mesmo motivo, um fato que os ciganos indubitavelmente conheciam.

Linda se levantou, limpando o traseiro da calça Levi's, como num sonho, e começou a caminhar para o rapaz que fazia malabarismos com os pinos de boliche.

— Linda, fique aqui! – Heidi gritou agudamente. Sua mão remexeu na gola do suéter, algo que costumava fazer quando preocupada. Halleck achava que Heidi nem se apercebia disso.

— Por que, mamãe? É uma feira... pelo menos, *acho* que é.

— Eles são ciganos – respondeu Heidi. – Mantenha distância. São todos espertalhões.

Linda se virou para a mãe, depois para o pai. Billy deu de ombros. Ela ficou parada e espiando, tão inconsciente da expressão ansiosa, pensou Billy, como Heidi da mão que brincava com a gola, encostando-a à garganta e tornando a puxá-la.

O rapaz atirou os pinos de boliche pela porta lateral aberta do furgão, de um em um. Uma sorridente jovem de cabelos escuros, cuja beleza era quase

etérea, jogou para ele cinco tacos índios, um após outro. O rapaz então começou a fazer malabarismos com os tacos, sorrindo, por vezes jogando um por baixo do braço e gritando *"Hoi!"* a cada vez que fazia isso.

Um homem idoso, usando macacão de alças Oshkosh e uma camisa xadrez, começou a distribuir volantes. A encantadora mocinha que apanhara os pinos de boliche e jogara os tacos índios, saltou então da porta do furgão, levando um cavalete. Instalou-o, e Halleck pensou: *Pronto, ela agora vai exibir marinhas horríveis e talvez alguns retratos do presidente Kennedy.* Contudo, em vez de uma pintura, ela afixou um alvo sobre o cavalete. De dentro do furgão, alguém lhe jogou um estilingue.

— Gina! – gritou o rapaz que fazia malabarismos com os tacos índios.

Sorriu largamente, revelando a ausência de vários dentes frontais. Linda se sentou de súbito. Seu conceito de beleza masculina havia sido formado por uma vida inteira vendo televisão, de maneira que os atrativos do rapaz perderam o valor para ela. Heidi parou de brincar com a gola do suéter.

A jovem jogou o estilingue para o rapaz. Deixando cair um dos tacos, ele o substituiu pelo estilingue. Halleck recordou ter pensado, *Isso deve ser quase impossível!* O rapaz executou a pirueta algumas vezes, depois devolvendo o estilingue à jovem e, de passagem, dando um jeito de recolher o taco caído, enquanto mantinha os outros no ar. Houve aplausos dispersos. Alguns moradores sorriam – o próprio Billy sorria – porém a maioria estava circunspecta. Uns poucos franziam o cenho.

A mocinha recuou do alvo sobre o cavalete, tirou do bolso algumas bolinhas de aço e disparou 3 estilingadas – *plop, plop, plop.* Logo se viu cercada por garotos (e algumas garotas) que queriam tentar também. Ela os enfileirou, organizando-os tão rápida e eficientemente, como uma professora de jardim de infância preparando seus alunos para a folga de ida ao banheiro às dez horas e quinze minutos. Dois ciganos adolescentes, mais ou menos da idade de Linda, irromperam de uma velha camioneta LTD e começaram a catar da grama a munição que ia sendo gasta. Eram tão semelhantes como duas ervilhas na vagem, obviamente, gêmeos idênticos. Um usava uma argola de ouro na orelha esquerda; o outro, na orelha direita. *Será a maneira da mãe deles distingui-los?* pensou Billy.

Ninguém vendia nada. Cautelosa e obviamente, ninguém vendia coisa

alguma. Não havia nenhuma Madame Azonka lendo o Tarô.

Não obstante, um carro policial de Fairview chegou dentro em pouco e dois tiras saíram do veículo. Um deles era Hopley, o chefe de polícia, indivíduo de certo atrativo físico, com cerca de quarenta anos. Parte da movimentação cessou e outras mães aproveitaram a oportunidade oferecida pela pausa para recuperar os filhos fascinados e levá-los dali. Algumas crianças mais velhas protestaram e, conforme Halleck observou, várias das mais novas estavam em lágrimas.

Hopley começou a discutir os fatos da vida com o cigano que estivera fazendo malabarismo (os tacos índios, pintados em vivas tiras vermelhas e azuis, estavam agora espalhados em torno de seus pés) e com o cigano mais velho, o que vestia macacão de alças Oshkosh. Oshkosh disse algo. Hopley balançou a cabeça. Então, o malabarista disse qualquer coisa e começou a gesticular. Enquanto falava, chegava mais perto do patrulheiro que tinha acompanhado Hopley. Agora, o quadro começava a recordar algo a Halleck e, após um momento, ele descobriu o que era. Aquilo era exatamente como observar jogadores de beisebol discutindo com o juiz sobre alguma jogada duvidosa.

Oshkosh segurou o malabarista por um braço, puxando-o alguns passos para trás, o que reforçou a impressão. – O treinador procurando evitar que um jovem pupilo de cabeça quente terminasse expulso do jogo. O rapaz disse algo mais. Hopley tornou a sacudir a cabeça. O rapaz começou a gritar, mas o vento era contrário e Billy captou apenas sons, não palavras.

— O que está acontecendo, mamãe? – perguntou Linda, sinceramente fascinada.

— Nada, querida – respondeu Heidi. De repente, ficou ocupada, embrulhando coisas. — Já terminou de comer?

— Já. Papai, o que está acontecendo?

Por um instante, ele teve a resposta na ponta da língua: *Você está vendo uma cena clássica, Linda. Bem semelhante à do Rapto das Sabinas. Esta aqui é chamada Cerco aos Indesejáveis.* Contudo, Heidi tinha os olhos fixos em seu rosto, a boca apertada e, evidentemente, sentia que aquele não era o momento para uma resposta leviana.

— Nada demais – respondeu ele. – Uma pequena divergência de opinião.

Em verdade, *nada demais* era a verdade – não havia cães sendo atiçados, não havia cassetetes sacudidos ameaçadoramente e nenhum tintureiro

convocado para as proximidades do parque. Em um gesto de desafio quase teatral, o malabarista libertou-se de Oshkosh, recolheu seus tacos índios e começou a exercitá-los novamente. Não obstante, a raiva lhe diminuíra os reflexos e a demonstração de agora foi falha. Dois tacos caíram ao chão quase simultaneamente. Um deles lhe bateu no pé e uma criança riu.

O parceiro de Hopley adiantou-se, impaciente. Hopley não demonstrou qualquer autoridade, conteve-o tanto quanto Oshkosh contivera o malabarista. Recostado contra um olmo, os polegares enganchados no cinturão largo, Hopley ficou espiando, para nada em particular. Disse qualquer coisa ao outro tira, e este tirou uma caderneta do bolso traseiro da calça. Molhou a polpa do polegar, abriu a caderneta e caminhou para o veículo mais próximo, um Cadillac adaptado, produto de uma fornada de início dos anos 1960. Começou a anotar o número da chapa de matrícula, exibindo-se ostensivamente. Ao terminar, moveu-se para o furgão VW.

Oshkosh aproximou-se de Hopley e começou a falar com ânsia. Hopley deu de ombros e desviou os olhos. O patrulheiro caminhou para um antigo sedã Ford. Afastando-se de Hopley, Oshkosh foi ao encontro do rapaz. Falou com ele agitadamente, as *mãos* movendo-se no cálido ar primaveril. Para Billy Halleck, a cena começava a perder qualquer diminuto interesse que continha no início. Começava a não ver mais os ciganos, cujo erro fora o daquela parada em Fairview, a caminho daqui para acolá.

O malabarista se virou abruptamente e voltou para o furgão, deixando na grama os tacos índios (o furgão fora estacionado atrás da camioneta com a mulher e o unicórnio pintados no teto, de fabricação caseira). Oshkosh tentou retê-lo, falando ansiosamente com Hopley enquanto isso. Hopley tornou a dar de ombros e, embora Billy Halleck nada tivesse de telepata, sabia que o chefe de polícia se divertia com aquilo – tanto quanto sabia que ele, Heidi e Linda teriam um jantar de sobras do almoço.

A jovem que estivera atirando bolinhas de aço no alvo tentou falar com o malabarista, porém ele passou por ela iradamente e entrou no furgão. A mocinha parou um instante, olhando para Oshkosh, cujos braços estavam cheios de tacos índios, mas terminou entrando também no furgão. Billy conseguia apagar os outros de seu campo visual, mas por um momento foi impossível deixar de vê-la. Os cabelos dela eram compridos e ondulados naturalmente soltos e à vontade,

caindo-lhe abaixo das omoplatas, em uma cascata negra, quase bárbara. A blusa estampada e a modesta saia pregueada podiam ter vindo da Sears ou de J. C. Penney's, mas o corpo era exótico como o de algum felino raro — uma pantera, um leopardo, um tigre-da-neve. Quando ela subiu no furgão, o pregueado das costas da saia agitou-se por um momento e ele viu a linha adorável da parte interna da coxa. Foi um instante em que a desejou intensamente chegando a ver-se em cima dela na hora mais avançada da noite. Era um desejo que parecia muito antigo. Virou-se para Heidi e reparou que agora os lábios dela estavam tão comprimidos, que formavam uma linha branca. Os olhos eram como moedas foscas. Ela não vira seu olhar, mas notara a agitação da saia pregueada, o que havia revelado, e compreendeu a situação perfeitamente.

O tira com a caderneta ficou olhando, até a jovem desaparecer. A seguir, fechando a caderneta, enfiou-a no bolso outra vez e voltou para junto de Hopley. As mulheres ciganas estavam chamando suas crianças de volta à caravana. Com os braços carregados de tacos índios, Oshkosh aproximou-se novamente de Hopley e disse algo. Hopley sacudiu a cabeça com determinação.

Foi uma resposta final.

Um segundo carro-patrulha de Fairview fez alto, com suas luzes girando preguiçosamente. Oshkosh olhou para o carro, depois se virou para o parque comunal, com seu equipamento de playground à prova de acidentes infantis e sua concha acústica para bandas de música. Tiras de crepom ainda flutuavam alegremente, penduradas em alguns arbustos floridos – sobras da caçada aos ovos de Páscoa do domingo anterior.

Oshkosh voltou a seu próprio carro, que encabeçava a fila. Quando deu partida, todos os demais motores também foram ligados. Em sua maioria, eram barulhentos e sacolejantes; Halleck ouviu um bocado de pistões falhando e viu um bocado de fumaça azul brotando das descargas. A camioneta de Oshkosh partiu, bramindo e peidando. Os outros entraram em fila, encaminhando-se para a corrente de tráfego local, além do parque e em direção ao centro da cidade.

— Eles acenderam todas as luzes! – exclamou Linda. – Poxa, é como um funeral!

— Ainda sobraram dois pãezinhos – disse Heidi bruscamente. – Tome um.

— Não quero nada. Estou cheia de comida. Papai, aquela gente...?

— Você nunca terá um busto de noventa e sete centímetros se não comer –

disse Heidi.

— Decidi que não quero ter um busto de noventa e sete centímetros – disse Linda, encarnando um de seus papéis de grande dama. Eram representações que sempre deixavam Halleck incrédulo. – Bunda é que está na moda hoje em dia.

— Linda Joan *Halleck!*

— Eu quero um pãozinho – disse alleck.

Heidi olhou para ele, de maneira breve e fria.

— *Oh... é isso que você quer?* – e jogou-lhe o biscoito.

Depois acendeu um de seus cigarros Vantage 100. Billy terminou comendo os dois paezinhos. Heidi fumou metade do maço de cigarros antes que o concerto da banda terminasse, ignorando os desajeitados esforços do marido para animá-la. Contudo, a caminho de casa, Heidi voltou ao normal e os ciganos foram esquecidos. Pelo menos, até essa noite.

Quando Billy entrou no quarto de Linda para dar-lhe o beijo de boa-noite, ela perguntou:

— A polícia estava expulsando aquela gente da cidade, papai?

Billy recorda que a fitou cuidadosamente, sentindo-se irritado pela pergunta e também com certa vaidade absurda. Ela procurava Heidi, se queria saber quantas calorias tinha um pedaço de bolo de chocolate; quando o procurava, era para saber verdades mais cruas e, às vezes, Billy achava que isso não era justo.

Sentou-se na cama da filha, pensando que ela ainda era muito nova e muito segura de estar no lado da linha onde, inquestionavelmente, ficavam os bons sujeitos. Linda poderia machucar-se. Uma mentira evitaria isso. Contudo, mentiras sobre o tipo de coisa que ocorrera esse dia no parque comunal de Fairview costumavam voltar para perseguir os pais – Billy recordava claramente seu pai lhe dizendo que a masturbação o faria gaguejar. Seu pai tinha sido um bom homem em quase todos os sentidos, mas Billy jamais lhe perdoara essa mentira. Linda, entretanto, já o fizera passar momentos difíceis – haviam falado sobre gays, sexo oral, doenças venéreas e a possibilidade de não existir Deus algum. Fora preciso ser pai, para aprender o quão cansativa podia ser a honestidade.

De repente, pensou em Ginelli. O que Ginelli diria à filha, caso estivesse

agora em seu lugar? *A gente tem que manter os indesejáveis fora da cidade, meu bem. De fato, tudo se resume nisto apenas manter os indesejáveis fora da cidade.*

Entretanto, isso era uma verdade maior do que poderia exibir.

— Sim, acho que estava. Eram ciganos, meu bem. Vagabundos.

— Mamãe disse que eram espertalhões.

— Oh, um bocado deles trapaceia em jogos e costuma ler sortes mentirosas. Quando chegam ciganos a uma cidade como Fairview, a polícia manda que sigam em frente. Em geral, eles se fingem de furiosos, mas na realidade não se incomodam.

Bang! Uma bandeirinha se alçou dentro de sua cabeça. Mentira número um.

— Eles entregam anúncios ou volantes dizendo onde estarão – em geral, fazem negócio com um fazendeiro ou alguém que possua um terreno fora da cidade. Dias mais tarde, levantam acampamento.

— E por que eles vêm, afinal? O que fazem?

— Bem... Sempre há alguém querendo que lhe leiam a sorte. E existem os jogos de azar. Jogatina. Em geral, tudo trapaceado.

Ou talvez uma trepada rápida, exótica, pensou Halleck. Viu novamente a agitação da saia pregueada da jovem, quando ela entrou no furgão. *Como ela se moveria?* Sua mente respondeu: *Como o oceano, preparando-se para uma tempestade, bem assim.*

— As pessoas compram drogas com os ciganos?

Hoje em dia, ninguém precisa comprar drogas com ciganos, querida; elas podem ser compradas no pátio de recreio da escola.

— Haxixe, talvez – respondeu. – Ou ópio.

Quando viera para aquela parte do Connecticut, ele era adolescente e nunca mais saíra dali – de Fairview e da vizinha Northport. Em quase vinte e cinco anos jamais vira ciganos... Não, desde garoto, criado na Carolina do Norte, quando havia perdido cinco dólares – uma mesada economizada cuidadosamente por quase três meses, a fim de comprar um presente de aniversário para a mãe – jogando na roda da fortuna. Supostamente, eles não permitiam que ninguém com menos de dezesseis anos jogasse, mas, é claro, se o candidato tinha a moeda ou a notinha verde, podia apresentar-se e exibi-la. Ele admitia que certas coisas nunca mudavam, e a principal delas era o velho ditado

de que “a dinheiro exibido, *tudo* é permitido”. Se alguém lhe houvesse perguntado um dia antes, ele daria de ombros, dizendo achar que não existiam mais caravanas de ciganos viajantes. O tipo andarilho, contudo, nunca morrera. Chegavam desarranjados e partiam da mesma forma, como montes secos de capim humano, tocados pelo vento, fazendo os negócios que podiam e depois soprados para fora da cidade, levando nas carteiras ensebadas os dólares ganhos em relógios de ponto que eles próprios desenhavam. Sobreviviam. Hitler tentara exterminá-los, juntamente com os judeus e os homossexuais, mas Halleck presumia que eles sobreviveriam a mil Hitlers.

— Pensei que o parque fosse propriedade pública – disse Linda. – Foi o que aprendi na escola.

— Bem, de certa forma, assim é – disse Halleck. – “Comunal” significa geralmente propriedade dos moradores da cidade. Dos contribuintes.

Bong! Mentira número dois. O pagamento de impostos nada tinha a ver com toda a terra comunal na Nova Inglaterra, com a propriedade ou o uso da mesma. Ver *Richards vs. Jerram, Neiki Hampshíre,* ou *Baker vs. Olins* (esse remontava a 1835) ou...

— Os contribuintes – sussurrou ela.

— É preciso uma permissão, para que se use o bem comunitário.

Clang! Mentira número três. A ideia fora rejeitada em 1931, quando um bando de pobres plantadores de batatas montara um acampamento no coração de Lewiston, Maine. A cidade apelara para a corte suprema de Roosevelt e não conseguira nem mesmo uma audiência. Isto se deveu ao fato de os acampados terem escolhido o parque Pettingill para montar suas barracas, um parque que, por casualidade, era terra comunitária.

— Como quando o circo Shrine vem aqui – explicou ele.

— Por que os ciganos não arranjam uma permissão, papai? – Ela agora parecia sonolenta, graças a Deus.

— Bem, talvez eles tenham esquecido.

Não havia a menor possibilidade dísso, Lin. Não em Fairvíew. Não quando o parque comunitário era avistado de Lantern Dríve e do Country Club, não quando essa vista era parte daquilo pelo qual se pagava, juntamente com as escolas particulares que ensinam programação de computadores em Apples e TRS-80 novinhos em folha, com o ar relativamente não poluído e a quietude à

noite. Tudo bem com o circo Shríne. Melhor ainda com a caça aos ovos de Páscoa. Contudo, ciganos? Aqui tem o seu chapéu, não se demore maís. A gente sabe o que é sujeira, assim que a vê. Não que a toquemos, pelo amor de Deus! Temos empregadas e governantas que limpam a sujeira de nossas casas. E quando a sujeira aparece em terras comunaís da cidade, apelamos para Hopley.

Tais verdades, no entanto, não são para uma jovem iniciando o ginásio, pensou Halleck. Tais verdades são aprendidas nos anos mais adiantados e na universiddde. Talvez sejam transmitidas por colegas da fraternidade feminina colegial ou talvez apenas capta das, como uma transmissão em ondas curtas vinda do espaço interplanetário. *Eles não são da nossa espécie, querida. Fique afastada.*

— Boa noite, papai.

— Boa noite, Lin.

Ele tornou a beijá-la e saiu do quarto.

Impelida por forte e súbita rajada de vento, a chuva chicoteou a janela de seu estúdio, e Halleck acordou como se de um cochilo. Não *são da nossa espécie, querida,* tornou a pensar e, riu dentro do silêncio. O som o atemorizou, porque apenas solitários riam em um aposento vazio. Solitários fazem isso o tempo todo; era o que os tornava solitários.

Não são da mesma espécie.

Se nunca acreditara nisso antes, ele acreditava agora.

Agora que estava mais magro.

Halleck observou, enquanto a enfermeira de Houston tirava uma – duas – três ampolas de sangue de seu braço esquerdo e as punha em um suporte, como ovos em uma embalagem de papelão. Antes, Houston lhe tinha dado três recipientes cartonados para coleta de fezes, explicando que deviam ser devolvidos pelo correio. Halleck os colocou taciturnamente no bolso e então se inclinou para o exame proctológico, odiando a humilhação daquilo que, como sempre, era maior do que o pequeno desconforto. Aquela sensação de ser invadido. De empanturramento.

— Relaxe – disse Houston, calçando a fina luva de borracha. – Enquanto não sentir minhas duas mãos em seu ombro, tudo estará bem com você.

Ao falar, ele riu jocosamente.

Halleck fechou os olhos.

Houston o viu dois dias mais tarde – explicou que exigira prioridade para seu exame de sangue. Halleck sentou-se na sala aconchegante (quadros de veleiros nas paredes, poltronas de couro estofadas e macias, tapetes cinza de grande espessura) em que Houston dava consultas. Seu coração martelava no peito e ele sentiu gotículas de suor frio aninhadas em cada têmpora. *Não vou chorar diante de um homem que conta piadas de negros,* falou para si mesmo com feroz determinação, e não pela primeira vez. *Se tiver que chorar, saio da cidade de carro, estaciono e então choro à vontade.*

— Tudo parece ótimo – disse Houston brandamente.

Halleck pestanejou. A esta altura, o medo deitara raízes tão profundas, que ele estava certo de não ter ouvido direito.

— Como?

— Tudo parece ótimo – repetiu Houston. – Podemos fazer mais alguns exames se você quiser, Billy, mas não vejo motivos para isso, pelo menos por enquanto. Aliás, seu sangue está melhor do que nos dois exames anteriores. O colesterol está baixo e também os triglicerídios. Perdeu mais algum peso – a enfermeira anotou 97,700 esta manhã – mas o que posso dizer? Você ainda tem quase quinze quilos a mais do que o peso normal e não quero que se esqueça disso, mas... – Ele sorriu. – Bem, eu gostaria de saber qual o seu segredo.

— Não há segredo nenhum – respondeu Halleck.

Sentia-se confuso e tremendamente aliviado – da maneira como se sentira algumas vezes na universidade, ao ser aprovado em exames para os quais não estava preparado.

— Manteremos o diagnóstico em suspenso, até termos os resultados de sua série Hayman-Reichling.

— Minha o quê?

— As caixinhas de merda – disse Houston, depois rindo alegremente. – Pode ser que revelem alguma coisa mas, francamente, Billy, o laboratorista fez vinte e três exames diferentes de seu sangue e todos pareceram bons. Isto é convincente.

Halleck deixou escapar um longo e trêmulo suspiro.

— Eu estava assustado – falou.

— As pessoas não assustadas são as que morrem jovens – replicou o médico. Ele abriu a gaveta da mesa e tirou dela um frasco com uma colherinha

pendendo da tampa por uma corrente. Halleck viu que o cabo da colher era no formato da estátua da Liberdade. – Uma cheirada?

Halleck meneou a cabeça. No entanto, sentia-se satisfeito em estar onde estava, com as mãos entrelaçadas sobre o estômago – sobre seu estômago *diminuído* – espiando o mais bem-sucedido médico de clínica geral em Fairview cheirar coca, primeiro por uma narina, depois pela outra. Ele tornou a guardar o frasquinho na gaveta, apanhando um outro e uma caixa de cotonetes. Enfiou um cotonete no segundo frasco e depois o introduziu no nariz.

— Água destilada – explicou. – Para proteger os sínus – acrescentou, com uma piscadela para Halleck.

Provavelmente, ele trata bebês contra pneumonia, tendo essa merda orbitando na cabeça, pensou Halleck, mas o pensamento não tinha força real. No momento, não podia deixar de gostar do homem um pouquinho, porque Houston lhe havia dado boas-novas. No momento, tudo quanto queria no mundo era ficar ali sentado, com as mãos entrelaçadas sobre o estômago diminuído e explorar a profundidade de seu trêmulo alívio, experimentá-la como se fosse uma bicicleta nova ou um teste de direção em um novo carro. Ocorreu-lhe que, quando saísse do consultório de Houston, provavelmente se sentiria quase um recém-nascido. Um diretor que filmasse a cena, bem poderia querer colocar *Assim falou Zaratustra* na trilha sonora. O pensamento o fez primeiro sorrir, depois rir com vontade.

— Partilhe sua alegria – disse Houston. – Neste mundo triste, a gente precisa de toda a hilaridade que conseguir, Billy, meu velho.

Houston fungou sonoramente e depois lubrificou as narinas com um segundo cotonete.

— Não é nada – disse Halleck. – Apenas... Eu estava assustado, já falei. Imaginando-me capturado pelo C maiúsculo.

— É possível que isso aconteça – declarou Houston, - mas não este ano. Não preciso ver os resultados dos exames HaymanReichling para dizer-lhe isso. O câncer se mostra na aparência. Pelo menos, quando já devorou treze quilos e meio. Ora, se mostra!

— No entanto, continuo alimentando-me como sempre. Disse para Heidi que me exercitava mais, e é verdade, tenho feito um pouquinho mais de exercícios, mas ela alegou que ninguém perde quinze quilos apenas fazendo

exercícios. Segundo ela, isso apenas endurece a gordura.

— Não é verdade, em absoluto. Os estudos mais recentes indicaram que o exercício é muito mais importante do que a dieta. Contudo, para um sujeito que é – que *era* – tão gordo como você, ela tem certa razão. Quando um gordo aumenta radicalmente seu nível de exercícios, o que ele consegue em geral é o prêmio de consolação – uma boa e sólida trombose de segunda classe. Não o suficiente para matar, mas dando a ele a certeza de que nunca mais poderá caminhar novamente por todos os dezoito buracos do campo de golfe ou passear na grande montanha-russa ao som de *Seven Flags Over Georgia.*

Billy achou que a cocaína estava tornando Houston falante.

— *Você não* compreende a coisa – disse ele. – *Eu* tampouco compreendo. Neste negócio, vejo um bocado de coisas que não compreendo. Um amigo meu, que é neurocirurgião na cidade, ligou para mim faz uns três anos, pedindo que desse uma espiada em uma extraordinária radiografia craniana. Um aluno da universidade George Washington foi procurá-lo, porque estava tendo dores de cabeça lancinantes. Para meu colega, aquilo parecia a enxaqueca típica – o rapaz se ajustava plenamente ao tipo de personalidade – mas ninguém brinca com essas coisas, porque dores de cabeça dessa espécie são sintomáticas de tumores cerebrais, mesmo que o paciente não esteja apresentando referentes olfativos ilusórios – cheiros como de fezes, de fruta podre, de pipoca mofada, coisas assim. Então, meu amigo tirou uma batelada de radiografias, fez um EEG no rapaz e o mandou ao hospital, para submeter-se a uma tomografia axial cerebral. Sabe o que descobriram?

Halleck abanou a cabeca.

— Descobriram que o rapaz, embora houvesse tirado o terceiro lugar em sua classe no ginásio e constasse na lista do dedo todos os semestres na universidade George Washington, praticamente não tinha cérebro! Havia uma única torção de tecido cortical correndo através do centro de seu cérebro – nas radiografias que este colega me mostrou, aquilo pareceria a qualquer um como um puxador de cortina em macramê – e isso era tudo. Aquele puxador de cortina provavelmente dirigia todas as funções involuntárias do rapaz, tudo, desde respirar e batimentos cardíacos a orgasmos. Apenas aquela única tira de tecido cerebral. O restante da cabeça do rapaz estava cheio de nada mais do que fluido cerebrospinal. De algum modo que não compreendemos, esse fluido executava a

função pensante do paciente. Seja como for, ele continua brilhante nos estudos, continua tendo enxaquecas e continua ajustado ao tipo de personalidade propensa a enxaquecas. Se não tiver um ataque cardíaco no correr dos vinte ou trinta anos que o mate, será difícil escapar quando chegar aos quarenta.

Houston tornou a abrir a gaveta, pegou a cocaína e tomou nova dose. Ofereceu-a a Halleck. Halleck negou com a cabeça.

— Então – reiniciou Houston – há uns cinco anos, uma velha chegou ao consultório sentindo dores terríveis nas gengivas. Ela já está morta. Se eu mencionasse o nome da velhota, você saberia quem era. Dei uma espiada em suas gengivas e, Deus Todo- poderoso, não podia acreditar no que via. Ela havia perdido o último dente adulto quase dez anos antes – quero dizer, a velhota beirava os noventa – e havia um punhado de novos brotando... Cinco dentes ao todo! Não era de admirar que ela sentisse dores, Billy! A mulher estava tendo uma terceira dentição. Aos oitenta e oito anos!

— O que foi que você fez? – perguntou Halleck.

Ele ouvia tudo aquilo com apenas parte limitada da mente – a voz de Houston fluía acima dele, macia, como ruído inócuo, como música ambiental, irradiando-se do teto na seção de descontos de uma loja de departamentos. A maior parte de sua mente ainda se deleitava com o alívio – sem dúvida, a cocaína de Houston seria uma droga ineficaz, comparada ao alívio que ele sentia agora. Halleck pensou brevemente no velho cigano de nariz corroído, mas a imagem havia perdido seu sombrio e oblíquo poder.

— O que eu fiz? – perguntava Houston. – Céus, o que eu *poderia* fazer? Receitei para ela uma droga que, em realidade, não passava de uma forma altamente pulverizada daquele remédio que se passa nas gengivas dos bebês, quando se inicia a dentição. Antes de morrer, ela ainda teve outros três dentes – dois molares e um canino.

“Tenho visto outras coisas também, um bocado delas. Cada médico vê coisas estranhas que não sabe explicar. Bem, já chega deste *Acredite se quiser.* O fato é que não entendemos grande coisa sobre o metabolismo humano. Há sujeitos como Duncan Hopley... Você conhece Dunc?”

Halleck assentiu. Era o chefe de polícia de Fairview, encurralador de ciganos, que parecia um Clint Eastwood dos pobres.

— Ele come cada refeição como se fosse a sua última – disse Houston. –

Meu Deus do céu, nunca vi nada parecido. No entanto, seu peso não passa dos setenta e seis, setenta e sete e, medindo um e oitenta de altura, está perfeitamente proporcional. Ele tem um metabolismo "envenenado"; queima calorias a, digamos, duas vezes o ritmo de Yard Stevens.

Halleck assentiu. Yard Stevens era dono da Heads Up, única barbearia de Fairview, na qual também trabalhava. Pesaria uns cento e trinta e cinco quilos. Quem olhasse para ele, imaginaria que sua esposa lhe amarrava os cordões dos sapatos.

— Yard tem mais ou menos a altura de Duncan Hopley – disse Houston – mas nas vezes em que o vi almoçando, reparei que mal toca na comida. Talvez seja um grande comedor às escondidas. É possível, mas acho que não. Ele tem uma *expressão* faminta, se sabe o que quero dizer.

Billy sorriu de leve e assentiu. Ele sabia. Conforme sua mãe dizia, Yard Stevens dava a impressão de que "o que comia não lhe fazia o menor bem".

— Quero lhe dizer mais uma coisa – embora eu suponha que até pareça piada. Os dois caras fumam. Yard Stevens diz que fuma um maço de Marlboro fraco por dia, isto significando que provavelmente fume um maço e meio, talvez dois. Duncan alega que fuma dois maços de Camel por dia, isto significando que talvez sejam três, três e meio. Já viu Duncan Hopley sem um cigarro na boca ou na mão?

Billy pensou a respeito e abanou a cabeça. Nesse ínterim, Houston serviu-se de outra pitada.

— Bah, já chega disto! – falou, fechando a gaveta com força, com autoridade. – De qualquer modo, temos Yard fumando um maço e meio de cigarros com baixo teor de alcatrão por dia, enquanto Duncan consome três maços de alcatrão puro diariamente – talvez mais. No entanto, dos dois quem de fato está convidando o câncer a corroê-lo é Yard Stevens. Por quê? Porque seu metabolismo gorgoleja e, de algum modo, o ritmo metabólico tem relação com o câncer.

"Temos médicos alegando que podemos curar o câncer, quando rompermos o código genético. Certos tipos de câncer, talvez. Entretanto, jamais haverá uma cura total, enquanto não compreendermos o metabolismo. Isto nos leva de volta a Billy Halleck, o Incrível Homem Contrátil. Ou talvez fosse melhor o Incrível Redutor de Massa. No *Produtor* de Massa, mas *Redutor* de Massa."

Houston soltou uma risada ganida, estranha e idiota, fazendo Billy pensar: *Se é isso que a coca faz com você, talvez eu prefira ficar com os biscoitos.*

— Então, você não sabe por que estou perdendo peso.

— Exatamente. – Houston parecia satisfeito em afirmá-lo. – Contudo, acho que, de fato, você pode estar-se visualizando como magro. Isso *pode* ser feito, como sabe. É comum. Uma pessoa chega a desejar realmente ficar magra. Em geral, já passou por algum susto: palpitações, uma vertigem jogando tênis, *badminton* ou vôlei, qualquer coisa assim. Então, eu lhe passo uma dieta para que perca de um a três quilos por semana, durante uns dois meses. Dessa maneira, pode-se perder de sete a dezoito quilos, sem angústias e tensões. Ótimo. Exceto que a maioria das pessoas perde bem mais do que isso. Elas seguem a dieta, porém perdem mais peso do que a dieta apenas poderia justificar. É como se alguma sentinela mental, adormecida durante anos, desperte e comece a gritar o equivalente a "Fogo!" O metabolismo se acelera automaticamente... Porque a sentinela lhe *disse* para evacuar alguns quilos, antes que a casa inteira pegue fogo.

— Certo – disse Halleck, querendo ser convencido. Havia tirado o dia de folga do trabalho e, de repente, o que desejava acima de tudo era ir para casa, dizer a Heidi que tudo estava bem com ele, levá-la para o quarto e fazerem amor, enquanto o sol da tarde se infiltrava pelas janelas do dormitório. – Estou entendendo o negócio.

Houston levantou-se para acompanhá-lo à porta; Halleck percebeu, com calado divertimento, que havia uma poeirinha branca debaixo do nariz do médico.

— Se você continuar perdendo peso, faremos uma série completa de exames metabólicos – disse Houston. – Talvez eu lhe tenha passado a ideia de que tais exames não são muito bons, mas às vezes eles nos revelam um bocado de coisas. 'De qualquer modo, duvido que precisemos chegar a isso. Imagino que irá perdendo cada vez menos peso – dois quilos e meio esta semana, dois na próxima, um na outra. Então, quando se pesar, verá que ganhou meio ou um quilo.

— Você me deixa um bocado aliviado – disse Halleck, apertando a mão de Houston com firmeza.

O médico sorriu complacentemente, embora nada mais houvesse feito do que apresentar negativas a Halleck – não, não sabia o que havia de errado com

ele, mas, evidentemente, não se tratava de câncer. Uau.

— para isso que estamos aqui, Billy meu velho.

Billy meu velho foi para casa, ao encontro da esposa.

— Ele disse que você está *okay?*

Halleck assentiu.

Ela o envolveu com os braços, apertando firme. Ele pôde sentir a carnadura tentadora dos seios contra seu peito.

— Vamos para cima?

Ela o fitou, os olhos dançando.

— Poxa, você *está* bem, não está?

— Pode apostar.

Subiram e tiveram uma sessão magnífica de sexo. Uma das últimas.

Depois disso, Halleck adormeceu. E sonhou.

CAPÍTULO 7: SONHO COM AVE

O cígano transformara-se em enorme ave. Um abutre de bico corroído. Sobrevoava Faírview e lançava um pó saibroso, cinéreo, semelhante à fuligem de chaminé, o qual parecia escapar de sob as penas poeirentas das asas... Suas axilas?

"Emagrecido", grasnava o cigano-abutre, passando acima dos terrenos comunitários, acima do Village Pub, da livraria Waldenbooks, na esquina das ruas Main e Devon, acima do Esta-Esta, o moderadamente bom restaurante italiano de Fairview, acima do correio, acima do posto de gasolina Amoco, da moderna biblioteca pública de Fairview, com suas paredes envidraçadas e, finalmente, acima dos pantanais marinhos para desembocar na baía.

Emagrecido, *apenas aquela palavra, porém contendo uma maldição, algo que Halleck pôde constatar, porque se viu descendo subitamente a rua Main e percebeu que todos os membros daquela opulenta classe-superior-viajando-de-trem-para-o-trabalho-e-tomando-drinques-no-carro-salão-na-volta-para-casa, os moradores dos subúrbios, todos quantos viviam naquela cidadezínha da Nova Inglaterra, assentada certeiramente no coração do território de John Chee ver, cada um em Faírview, estava morrendo de inanição.*

Ele caminhou depressa, cada vez mais rápido pela rua Main, aparentemente invisível – afinal de contas, a lógica dos sonhos é apenas o que quer que o sonho exija – e horrorizado pelos efeitos da praga do cigano. Fairview se tornara uma cidade repleta de sobreviventes de campos de concentração. Bebês de cabeças enormes e corpos exauridos, gritavam de berços de luxo. Duas mulheres trajando caros vestidos exclusivos, saíram cambaleantes da Cherry on Top, a versão de Fairview de uma sorveteria antiga. Seus rostos eram apenas malares e supercílios salientes, destacando-se sob uma pele estirada e brilhante como pergaminho; as golas dos vestidos pendiam de clavículas protuberantes envoltas em pele e fundas concavidades nos ombros, em hedionda paródia de sedução.

E ali vinha Michael Houston, aos tropeções sobre pernas finas como de espantalho, o terno Saville Row agitando-se frouxamente sobre um corpo de incrível magreza, segurando um frasco de cocaína em uma das mãos esqueléticas. "Uma cheirada?" ele gritou para Halleck, em uma voz que era um

chiante grasnido – era a voz do rato preso na ratoeira, esgotando em guinchos o que lhe sobrava de sua vida miserável. "Uma cheirada? Ajuda a acelerar seu metabolismo, Billy, meu velho! Uma cheirada? Uma..."

Com crescente horror, Halleck percebeu que a mão segurando o frasco nada tinha de mão, sendo apenas um punhado de ossos chocalhantes. O homem era um esqueleto, falante e ambulante.

Virou-se para correr, mas como nos pesadelos, tinha a sensação de não ganhar velocidade. Embora se encontrasse na calçada da rua Main, era como se corresse atolado em lama espessa e pegajosa. A qualquer momento o esqueleto que tinha sido Míchael Houston o alcançaria e ele – a coisa – lhe tocaria o ombro. Ou, talvez, aquela mão de ossos começasse a arranhar sua garganta.

"Uma cheirada, uma cheirada, uma cheirada!" gritou a guinchante voz de rato que pertencía a Houston. A voz chegava cada vez mais perto, e Halleck sabia que, se virasse a cabeça, a aparição estaria próxima, muito próxima dele – olhos cintilantes salientando-se em órbitas de osso nu, o maxilar descoberto estremecendo, abrindo e se fechando.

Viu Yard Stevens sair em passos vacilantes da barbearia Heads Up, sua bata bege de barbeiro fustigando um peito e um estômago que agora não existiam. Yard gritava, em horrível grasnido de corvo. Quando se virou para Halleck, este viu que não era Yard em absoluto, mas Ronald Reagan. "Onde está o resto de mim?" gritou ele. "Onde está o resto de mim? ONDE ESTÁ O RESTO DE MIM?"

"Emagrecido", Michael Houston agora chichava ao ouvido de Halleck, e então, o que este temia aconteceu: aqueles dedos de ossos o tocaram, segurando e torcendo sua manga. Halleck pensou que aquela sensação o enlouqueceria. "Emagrecido, muito mais magro, uma cheirada, e vejam só o magricela, era a mulher dele, Billy meu velho, a mulher dele, e você está em apuros, oh, meu chapa, em grandes apuros..."

CAPÍTULO 8: AS CALÇAS DE BILLY

Billy acordou sobressaltado, respirando com dificuldade, a mão tapando a boca com força. Heidi dormia tranquilamente ao seu lado, quase desaparecendo debaixo de um cobertor. Um vento de meados de primavera corria em torno dos beirais, no lado de fora.

Halleck passou um rápido e temeroso olhar pelo quarto, certificando-se de que Michael Houston – ou uma versão espantalho do médico – não estava à espreita. Viu que era apenas seu quarto, conhecidos todos os cantos. O pesadelo começou a diluir-se... mas ainda sobrara o bastante para fazê-lo achegar-se mais a Heidi. Não a tocou – ela acordaria facilmente – mas penetrou na zona de seu calor e lhe roubou parte do cobertor.

Apenas um sonho.

Emagrecido, respondeu, implacável, uma voz em sua mente.

O sono voltou. Por fim.

Na manhã seguinte ao pesadelo, a balança do banheiro registrou 97, o que deixou Halleck esperançoso. Apenas um quilo. Houston tinha razão, com ou sem coca. O processo estava diminuindo. Desceu para o térreo assobiando e comeu três ovos fritos, com meia dúzia de salsichas.

Quando seguia de carro para a estação ferroviária, o pesadelo lhe voltou à mente, de maneira vaga, mais como uma sensação de *déjà vu* do que sendo uma recordação verdadeira. Espiou pela janela ao passar pela barbearia Heads Up (que era flanqueada pelo estabelecimento Frank's Fine Meats e pela loja Toys Are Joys) e, por um fugaz momento, esperou ver uma meia vintena de esqueletos chocalhantes e cambaleantes, como se a confortável e aveludada Fairview se houvesse, de algum modo, transformado em Biafra. As pessoas na rua, entretanto, pareciam bem, mais ainda que isso. Yard Stevens acenou para ele, corpulento como sempre. Halleck acenou em resposta, pensando: *Seu metabolismo está avisando para que deixe de fumar, Yard.* O pensamento o fez sorrir de leve. Quando seu trem entrou na estação Grand Central, os últimos vestígios do sonho tinham sido esquecidos.

Sossegado quanto à perda de peso, Halleck levou quatro dias sem se pesar e sem pensar muito no assunto... Mas então aconteceu-lhe uma coisa

quase constrangedora, no tribunal e diante do juiz Hilmer Boynton, que tinha tanto senso de humor quanto um jabuti. Foi algo idiota; o tipo de coisa que acontece nos nossos sonhos maus, quando ainda somos crianças de primário.

Halleck levantou-se para apresentar um protesto, e suas calças começaram a cair.

Ele havia começado a se erguer, quando sentiu que elas deslizavam inapelavelmente por seus quadris e nádegas, avolumando-se nos joelhos. Então, voltou a sentar-se com toda pressa. Em um daqueles momentos de quase total objetividade – aqueles que surgem sem convite e que são esquecidos com a mesma rapidez – Halleck percebeu que seu movimento devia ter parecido uma espécie de bizarro salto. William Halleck, advogado, fazendo seu número de coelhinho. Ele sentiu a vermelhido cobrir-lhe o rosto.

— Trata-se de um protesto, Sr. Halleck, ou de um acesso de gazes?

Os espectadores – misericordiosamente apenas alguns – deram risadinhas.

— Nada disso, Meritíssimo – murmurou Halleck. – Eu... Eu mudei de ideia.

Boynton grunhiu. Os trabalhos prosseguiram e Halleck continuou sentado e suando, perguntando-se como poderia ficar em pé.

Dez minutos mais tarde, o juiz pediu um recesso. Halleck ficou sentado à mesa da defensoria, fingindo estudar um maço de papéis. Quando a sala de audiência ficou quase vazia, ele se ergueu, as mãos enfiadas nos bolsos das calças, em um gesto que esperava parecesse casual. Na realidade, estava segurando as calças pelos bolsos.

Tirou o paletó na privacidade do lavatório dos homens, pendurou-o, olhou para suas calças e então tirou o cinto. Ainda abotoadas e com o zíper fechado, as calças deslizaram até os tornozelos; as moedas tilintaram abafadamente, quando os bolsos bateram nos ladrilhos. Sentado no vaso, ele ergueu o cinto como se fosse um pergaminho e examinou-o. Nele, podia ler uma história que era bem mais do que perturbadora. Linda lhe dera aquele cinto de presente dois anos antes, no Dia dos Pais. Com o cinto erguido no ar, Halleck estudou-o e sentiu o coração acelerar-se para uma corrida desordenada.

A marca mais profunda no cinto Niques estava logo além do primeiro furo. Linda o comprara um tanto pequeno e, na época, Halleck havia pensado – pesarosamente – que talvez fosse um otimismo perdoável da parte dela. Não

obstante, o cinto servira a contento, durante bastante tempo. Quando ele parara de fumar é que ficara um pouco difícil afivelar, mesmo usando o primeiro furo.

Depois que parara de fumar... mas antes de atropelar a cigana.

Agora, havia outras marcas fundas no cinto: além do segundo furo... do quarto... do quinto... finalmente, do sexto e último.

Com crescente horror, Halleck reparou que cada marca impressa no cinto era mais leve do que a anterior. Ali ele podia ver uma história mais verdadeira e reveladora do que a ouvida de Michael Houston. A perda de peso continuava e, em vez de diminuir, estava aumentando velozmente. Chegara ao último furo no cinto Niques, quando apenas dois meses antes acreditava poder aposentá-lo tranquilamente, por ser demasiado pequeno. Agora, precisava de um sétimo furo – que não havia.

Olhou para o relógio e viu que logo teria de retornar à sala de audiências. Contudo, certas coisas eram mais importantes do que o juiz Boynton decidir ou não homologar um testamento.

Halleck procurou ouvir. O lavatório dos homens estava em silêncio. Puxou as calças para cima com uma das mãos e saiu do cubículo. Deixou que tornassem a cair e contemplou-se em um dos espelhos acima da fileira de pias. Ergueu as fraldas de sua camisa Arrow, a fim de observar melhor o estômago que, até bem pouco tempo, tinha sido a sua condenação.

Um som sufocado escapou-lhe da garganta. Foi tudo, mas suficiente. A seleção perceptiva não se sustentava, estilhaçando-se imediatamente. Ele viu o modesto estômago que substituía a pança arredondada outrora existente naquele local. Embora com as calças descidas e a camisa levantada sobre o colete desabotoado, os fatos eram demasiado claros, a despeito da postura risível. Como sempre, fatos reais eram negociáveis – quem lida com o ramo jurídico, aprende isso prontamente – mas a metáfora surgida foi mais do que persuasiva; foi indiscutível. Ele parecia um menino, vestindo as roupas do pai. Halleck permaneceu angustiado diante da pequena fileira de pias, pensando histericamente: *Quem pegou o lápis-cera? Tenho que desenhar um bigode!*

Uma gargalhada sufocada e rançosa subiu por sua garganta, ao ver as calças amontoadas em torno dos sapatos e as meias negras de náilon escalando três quartos do comprimento das canelas peludas. Naquele momento, ele de repente, simplesmente, acreditou... em tudo. O cigano o tinha amaldiçoado, claro,

porém não com o câncer; um câncer seria demasiado suave e demasiado rápido. Era algo mais, cujo desdobramento apenas começara.

A voz de um condutor gritou em sua mente, *Próxima parada, Anorexia Nervosa! Próximo desembarque, Anorexia Nervosa!*

Os sons escaparam de sua garganta, gargalhada semelhante a gritos ou talvez gritos semelhantes à gargalhada, mas o que importava?

A quem poderei contar isso? Heidi? Ela vai pensar que estou louco.

Entretanto, Halleck jamais se sentira tão lúcido na vida.

A porta externa do lavatório dos homens abriu-se com um ruído.

Halleck recuou rapidamente para o cubículo e o trancou com o ferrolho, assustado.

— Billy? – chamou John Parker, seu assistente.

— Estou aqui.

— Boynton já vai voltar. Você está bem?

— Estou ótimo – respondeu, de olhos fechados.

— *Está* com gazes? É seu estômago?

Sim, é meu estômago. Isso mesmo.

— Tenho que despachar um embrulho no correio. Ficarei fora apenas alguns minutos.

— Está bem.

Parker saiu. A mente de Halleck fixou-se em seu cinto. Não podia voltar para a sala de audiências do juiz Boynton segurando as calças pelos bolsos do paletó. Diabo, o que fazer?

De repente, lembrou-se de sua faca suíça do exército. A boa e velha faca do exército, semelhante a um canivete, que sempre tirava do bolso ao se pesar. Nos velhos tempos, antes dos ciganos chegarem a Fairview.

Ninguém lhes pediu que viessem, seus cretinos – por que não foram para Westport ou Stratford em vez disso?

Pegou a faca e fez rapidamente um sétimo furo no cinto. Ficou dilacerado e feio, mas funcionou. Halleck afivelou-o, vestiu o paletó e saiu do cubículo. Pela primeira vez, reparou como as calças balançavam à volta de pernas – suas pernas finas. *Será que outras pessoas já notaram?* – pensou, com novo e contundente embaraço. *Já viram como minhas roupas estilo mal-ajustadas no corpo? Viram e fingiram nada ver? Comentaram..*

Jogou água no rosto e saiu do lavatório dos homens.

Quando voltou à sala do tribunal, Boynton vinha entrando, em um roçagar de vestes negras. Olhou de esguelha para Billy, que esboçou um gesto de desculpas. O rosto de Boynton permaneceu pétreo; desculpa definitivamente não aceita. O lengalenga recomeçou. Billy conseguiu suportar o dia, de algum modo.

Naquela noite, depois que Heidi e Linda foram dormir, ele se pesou. Olhou para baixo e não acreditou na marcação da balança. Ficou espiando, por muito e muito tempo.

88 quilos.

CAPÍTULO 9: 85

No dia seguinte, ele saiu e comprou roupas; comprou-as febrilmente, como se roupas novas, roupas que lhe caíssem bem, resolvessem tudo. Comprou também outro cinto Niques, em tamanho menor. Reparou que as pessoas haviam parado de felicitá-lo por sua perda de peso; quando é que isso *tinha* começado? Ele não sabia.

Vestiu as roupas novas. Foi trabalhar e voltou para casa. Bebeu demais, repetiu o prato, algo que não queria fazer e que assentou pesadamente em seu estômago. Uma semana depois, as roupas novas não pareciam mais de bom corte e caimento; tinham começado a ficar frouxas.

Aproximou-se da balança do banheiro, o coração disparando a tal ponto que os olhos latejavam e a cabeça doía. Mais tarde, constataria que mordera o lábio inferior com tanta força que o fizera sangrar. A imagem da balança adquirira subtons de terror infantil em sua mente – ela se tornara o duende de sua vida. Ficou parado diante dela por talvez três longos minutos, mordendo com força o lábio inferior, sem perceber a dor ou o gosto salgado do sangue na boca. Anoitecia. No térreo, Linda via *Three's Company* na televisão, e Heidi calculava as despesas domésticas semanais, no estúdio de Halleck.

Com uma espécie de mergulho, ele subiu na balança.

Oitenta e cinco.

Seu estômago pareceu torcer-se em um nó e, por um desesperado momento, Halleck achou que seria impossível não vomitar. Lutou angustiadamente para manter o jantar no estômago – ele precisava daquela nutrição, daquelas quentes e saudáveis calorias.

Por fim, a náusea passou. Baixou os olhos para o mostrador da balança, recordando taciturnamente o que Heidi tinha dito – *ela não pesa a mais, pesa a menos.* Lembrou-se de Michael Houston, dizendo que com 98 quilos, ele ainda estava com quinze quilos em excesso, acima do peso normal. *Agora, não, Mike,* pensou cansadamente. *Agora eu... eu estou mais magro.*

Saiu da balança, sentindo então um certo alívio – o alívio que sentiria um prisioneiro no Corredor da Morte, vendo o diretor da prisão e o sacerdote aparecerem faltando dois minutos para as doze, sabendo que o fim chegara e

que não haveria nenhum telefonema do governador. Teriam que ser cumpridas certas formalidades, é claro, porém era tudo. Era real. Se falasse a respeito com alguém, pensariam que ele pilheriava ou estava louco – ninguém acredita mais em maldições ciganas, talvez nunca houvessem acreditado – elas eram definitivamente *declassás* em um mundo que vira centenas de fuzileiros chegarem do Líbano em ataúdes, em um mundo que vira cinco prisioneiros do IRA morrerem em greve de fome, entre outras dúbias singularidades – mas era verdade mesmo. Ele matara a esposa do velho cigano de nariz carcomido, e seu eventual parceiro de golfe, o velho e bom pegador de tetas juiz Cary Rossington o deixara livre, sem mais nada além de um tapinha nas costas. Então, o velho cigano decidira impor sua própria espécie de justiça sobre um gordo advogado de Fairview, cuja esposa escolhera o dia errado para masturbá-lo pela primeira e única vez dentro de um carro em movimento. A espécie de justiça que um homem como seu casual amigo Ginelli poderia apreciar.

Halleck apagou a luz do banheiro e desceu para o térreo, pensando nos convictos do Corredor da Morte, caminhando seu último quilômetro. *Sem vendas, padre... alguém tem um cigarro aí?* Ele sorriu lividamente.

Heidi estava sentada à sua secretária, as contas à esquerda, tendo à frente a tela cintilante do Commodore, o talão de cheques apoiado sobre o teclado do computador, como partitura musical. Uma visão bastante comum, pelo menos uma noite, durante a primeira semana do mês entrante. Contudo, ela não preenchia cheques nem fazia contas. Estava apenas sentada lá, um cigarro entre os dedos e, ao virar-se para ele, Billy notou tal infortúnio em seus olhos, que quase cambaleou.

Tornou a pensar na percepção seletiva, na maneira engraçada da mente não ver o que não quer ver... Como o truque de ir apertando o cinto cada vez mais, a fim de manter as calças largas presas à cintura encolhendo ou os círculos castanhos sob os olhos de sua esposa... Ou a pergunta desesperada no fundo daquelas pupilas.

— Sim, eu continuo perdendo peso – disse ele.

— Oh, Billy! – ela disse, em um longo, trêmulo suspiro.

Não obstante, parecia um pouco melhor, e Halleck supôs que estivesse contente por aquilo ser tratado francamente. Ela não ousara mencioná-lo, assim como ninguém do escritório ousara dizer: *Suas roupas começam a parecer que*

foram compradas em lojas de segunda mão, Billy, meu chapa... Será que está com algum tumor ou coisa assim? Alguém o tocou com a velha varinha de condão do câncer, não foi, Billy? Você arranjou um grande e velho tumor em algum lugar de suas entranhas, um tumor negro e sumarento, uma espécie de apodrecido cogumelo humano, lá em suas tripas, sugando-o até secá-lo? Oh, não, ninguém diz essa bosta; os outros deixam que a gente descubra tais coisas sozinho. Um belo dia, você está no tribunal e começa a ficar sem as calças, quando se levanta para dizer, “Protesto, Meritíssimo!” na melhor tradição Perry Mason, e ninguém abre a boca para dizer a filha da mãe de uma só palavra.

— É verdade – disse ele, e chegou a rir um pouco, como que para disfarçar.

— Quanto?

— A balança lá de cima anunciou que baixei para 85.

— *Oh, céus!*

Ele assentiu na direção dos cigarros dela.

— Quer me dar um?

— Claro, se quiser mesmo. Ouça, Billy, você não vai dizer uma palavra a Linda sobre isto – a ninguém!

— Nem preciso – ele disse, acendendo o cigarro. A primeira tragada o entonteceu. Ótimo; a tonteira chegava a ser agradável. Era melhor do que o entorpecido terror que acompanhara o final da percepção seletiva. – Ela sabe que estou perdendo peso. Vi em seu rosto. Eu simplesmente não sabia o que estava vendo, até esta noite.

— Você tem que procurar Houston novamente – disse ela. Parecia terrivelmente assustada, mas a expressão confusa de dúvida e angústia desaparecera dos olhos. – Os exames de metabolismo...

— Heidi, ouça... – começou ele, e então parou.

— O quê? O que é, Billy?

Por um momento, ele quase lhe disse, quase disse tudo. Alguma coisa o deteve, e nunca teve certeza do que seria... exceto que, por um momento, sentado na borda de sua secretária e encarando Heidi, com a filha vendo televisão na sala, ele tendo na mão um dos cigarros da esposa, sentiu um súbito e selvagem relance de ódio por ela.

A lembrança do que tinha acontecido – do que *estivera* acontecendo – um

minuto ou pouco mais antes de a velha cigana arremeter para o meio do trânsito, retornou-lhe em um lampejo de plena recordação. Heidi arrastara-se para junto dele, passara o braço esquerdo por seus ombros... e então, quase antes de ele perceber o que acontecia, ela lhe abrira o zíper das calças. Ele lhe sentiu os dedos – leves e oh, tão adestrados! – deslizarem pela fenda e depois pela abertura em sua cueca.

Quando adolescente, Billy Halleck por vezes lia atentamente (com mãos suadas e olhos um tanto arregalados) o que seus companheiros mencionavam como "livros calmantes". E, algumas vezes, naqueles "livros calmantes", uma "garota ardente" envolvia seus "dedos hábeis" em torno do "membro enrijecido" de algum sujeito. Naturalmente, tudo terminava em poluções noturnas em letras de imprensa, é claro... Exceto que ali estava Heidi, ali estava sua esposa, segurando seu membro enrijecido. E, droga, ela começara a masturbá-lo. Billy olhara para ela, espantado, e vira apenas o sorriso malicioso em seus lábios.

— Heidi, o que você está...?

— Psst... Não diga nada.

O que a possuíra? Ela jamais fizera tal coisa antes, e Halleck podia jurar que algo assim nunca passara pela cabeça de sua esposa. No entanto, ela fizera justamente isso, e então a velha cigana tinha irrompido...

Ora, conte-lhe a verdade! Diga-lhe tudo, enquanto essa verdade surge diante de seus olhos; é o momento propício para desabafar, não acha? De que adianta mentir para si mesmo? Já está ficando tarde demais para isso. Pois aí estão os fatos, senhora!

Exato, os fatos. O *fato* era que a atitude inesperada de Heidi o tinha deixado tremendamente excitado, talvez por *ter* sido inesperada. Estendera a mão direita para ela, e Heidi havia puxado a saia para cima, exibindo calcinhas de náilon amarelo, absolutamente comuns. Aquelas calcinhas nunca o tinham excitado antes, mas agora... Bem, talvez fosse pela maneira como ela suspendera a saia. Heidi tampouco fizera isso antes. O *fato* era que cerca de oitenta e cinco por cento de sua atenção fora desviada da direção, mesmo que em nove entre dez mundos paralelos as coisas provavelmente *ainda* resultassem corretas; durante a semana de trabalho, as ruas de Fairview não eram apenas tranquilas – eram modorrentas. Isso, contudo, não vinha ao caso, pois o *fato* é que ele não estivera em nove entre dez mundos paralelos; estivera neste aqui. O *fato* era que a velha

cigana não tinha *irrompido* de entre o Subaru e o Firebird com as listras de corrida; o *fato* era que a mulher simplesmente saíra *caminhando* de entre os dois carros, segurando em uma das mãos pontilhadas de manchas senis, uma sacola tecida em rede cheia de compras, o tipo de sacola trançada que as inglesas costumam usar, quando saem em compras pela rua principal da aldeia. Houvera uma caixa de sabão em pó na sacola trançada da cigana; Halleck podia recordar isso. Ela não tinha olhado para os lados, ele podia afirmar com segurança. Contudo, o *fato* final era simplesmente que ele não vinha a mais de cinquenta e cinco quilômetros por hora e devia ter estado a quase quarenta metros de distância da cigana, quando ela surgiu diante de seu Oldsmobile. Haveria tempo de sobra para frear, se ele estivesse no controle da situação. Entretanto, o *fato* é que estava à beira de um orgasmo explosivo, tendo tudo, exceto a mais diminuta fração de sua consciência, concentrado abaixo da cintura, enquanto a mão de Heidi comprimia e relaxava, deslizava para baixo e para cima, com lenta e deliciosa fricção, pausava, apertava e tornava a relaxar. A reação dele fora desesperadamente lenta, desesperadamente tardia, e a mão de Heidi se engalfinhara sobre ele, sufocando o orgasmo que o choque provocara, durante um interminável segundo de dor e de um prazer que era inevitável, mas ainda assim, horripilante.

Aqueles eram os *fatos*. Só que, um momento, pessoal! Esperem um pouco, amigos e vizinhos! Havia dois *fatos* mais, não é mesmo? O primeiro *fato* era que se Heidi não houvesse escolhido aquele particular dia para experimentar um pequeno autoerotismo, Halleck estaria plenamente consciente de seus atos e de sua responsabilidade como condutor de um veículo motorizado. Então, o Oldsmobile teria parado a pelo menos metro e meio da velha cigana, parado com um rangido de freios que provocaria uma rápida atenção das mães conduzindo bebês em seus carrinhos pelos arredores. Ele poderia ter gritado, "ei, por que não olha para onde vai?" para a velha, enquanto ela o fitava com uma espécie de temor e incompreensão idiotas. Ele e Heidi a teriam visto cruzar a rua apressadamente, ambos com o coração batendo forte no peito. Talvez Heidi tivesse chorado, ao ver que as sacolas de compras tinham caído, bagunçando e sujando a forração na traseira do carro.

Se tudo acontecesse assim, a situação estaria correta. Não haveria inquirição, nenhum cigano velho de nariz corroído esperando do lado de fora,

para acariciar a face de Halleck e sussurrar sua terrível maldição de uma só palavra. Esse era o primeiro *fato* subsidiário. O segundo *fato* subsidiário, que provinha do primeiro, era que tudo isto podia ser remontado diretamente a Heidi. Havia sido culpa dela, tudo quanto ocorrera. Ele não lhe pedira para fazer o que ela havia feito; não lhe sugerira, "ei, o que acha de me fazer gozar, enquanto voltamos para casa, Heidi? São cinco quilômetros de trajeto, você terá tempo." Não. Ela apenas tomara a iniciativa disso... E, você deveria espantar-se, a escolha do momento fora chocante.

Sim, havia sido culpa dela, mas o velho cigano ignorava isso, de maneira que foi Halleck quem recebeu a maldição – e Halleck é que agora tinha perdido um total de vinte e sete quilos e meio. No entanto, ali estava Heidi, com olheiras escuras e pele lívida, mas aqueles círculos sombrios debaixo dos olhos não iam *matá-la,* iam? Não. O mesmo para a pele macilenta. O velho cigano não *a* tocara.

Assim, o momento em que ele poderia ter confessado seus temores a ela, quando poderia ter dito simplesmente: *Acho que estou perdendo peso porque fui amaldiçoado* – esse momento passara. O momento do ódio cru e límpido, um projétil emocional disparado de seu subconsciente por alguma tosca e primitiva catapulta, passara também.

Ouça, ele havia dito e, como boa esposa, ela respondera: *O que é, Billy?*

— Tornarei a procurar Houston amanhã – disse ele, embora originariamente não tivesse a menor intenção de dizer isso. – Pedirei que vá em frente com os tais exames de metabolismo. Como Albert Einstein não diria, "Fodam-se!".

— Oh, Billy! – exclamou ela.

Estendeu os braços e ele se deixou abraçar, porque ali havia consolo, e esse consolo o deixou envergonhado do ódio vivo de poucos momentos antes. Entretanto, nos dias que se seguiram, quando a primavera de Fairview prosseguiu em seu ritmo costumeiro, atenuado, e sutilmente preparando o verão de Fairview, o ódio retornou com mais e mais frequência, a despeito de tudo quanto Halleck fizesse para detê-lo ou sufocá-lo.

CAPÍTULO 10: 81

Halleck marcou consulta com Houston para os exames de metabolismo. O médico pareceu menos otimista, após saber que ele continuava perdendo peso inalteravelmente e que, de fato, estava com treze quilos a menos, desde o exame clínico de um mês antes.

— Ainda pode haver uma explicação perfeitamente normal para tudo isso – disse Houston ligando três horas mais tarde, para confirmar a consulta e dar a informação.

Isso disse a Halleck tudo quanto ele queria saber. A explicação perfeitamente normal, antes o cavalo favorito no páreo mental de Houston, agora se tornara o azarão da corrida.

— Hum-hum – respondeu Halleck, olhando para onde existira seu estômago dilatado.

Ele jamais pensara que poderia sentir falta da pança que se projetava à frente do corpo, uma pança que ficara grande o bastante para esconder as pontas dos sapatos – ele precisava inclinar-se e espiar, a fim de verificar se precisava ou não engraxá-los – particularmente, jamais acreditaria se alguém lhe dissesse ser isso possível, enquanto ele subia um lance de escadas após ter exagerado na bebida na noite anterior, agarrando a pasta ferozmente, sentindo o suor que porejava na testa, perguntando-se se nesse dia é que o ataque cardíaco chegaria, com uma dor paralisante no lado esquerdo do peito, que subitamente se libertava e percorria o braço esquerdo. No entanto, era verdade; ele *sentia falta* da maldita pança. De uma forma curiosa, que nem agora entendia, aquela pança se tornara um *amigo.*

— Se ainda existe uma explicação normal – disse para Houston – qual é?

— Isto é o que aqueles caras irão dizer-lhe – respondeu Houston. – Esperamos que sim.

A consulta seria na clínica Henry Glassman, um pequeno estabelecimento particular, em Nova Jersey. Queriam que ele ficasse por lá três dias. O custo estimado de sua permanência e a série de exames que esperavam fazer nele deixaram Halleck muito satisfeito por ter total cobertura médica.

— Mande-me um cartão de "estimo suas melhoras" – respondeu Halleck

desolado, e desligou.

A consulta seria a 12 de maio – uma semana mais tarde. Nesse ínterim, ele se viu continuando a erodir e lutou para conter o pânico que lentamente ia turvando sua decisão de bancar o macho.

— Você está perdendo peso demais, papai – disse Linda, inquieta, durante o jantar de certa noite. Apegado tenazmente à sua decisão, Halleck tinha devorado três grossas costeletas de porco, preparadas em molho de maçã. Também repetira a porção de purê. Com molho. – Se está fazendo dieta, acho que está na hora de parar.

— Parece que estou fazendo dieta? – perguntou ele, apontando o prato com um garfo de onde o molho pingava.

Sua voz era branda o bastante, porém o rosto de Linda começou a contorcer-se e, um momento depois, ela saiu da mesa, soluçando, o guardanapo apertado contra as faces.

Halleck olhou sombriamente para Heidi, que lhe devolveu o olhar também sombriamente.

É assim que o mundo termina, pensou Halleck, idiotamente. *Não com um tiro, mas com uma fraqueza geral.*

— Vou falar com ela – disse, começando a levantar-se.

— Se for consolá-la mostrando sua aparência deste momento, acho que a matará de susto – disse Heidi, e ele sentiu aquela onda de ódio vivo e metálico novamente.

84. 83. 82. 81. Era como se alguém – o velho cigano de nariz carcomido, por exemplo – estivesse usando uma louca e sobrenatural borracha sobre ele, apagando-o, quilo a quilo. Qual fora a última vez que pesara 81 quilos? Na universidade? Não... Provavelmente nunca, desde que fizera seu último ano no ginásio.

Em uma de suas noites insones entre 5 e 12 de maio, viu-se recordando uma explicação sobre vodu, que uma vez lera – o vodu funciona, porque a vítima *pensa* que ele funciona. Nada de atuação sobrenatural; simplesmente o poder da sugestão.

Talvez Houston esteja certo, pensou, *e a força de meu pensamento me esteja tornando magro... Porque aquele velho cigano queria que eu emagrecesse. Só que agora não consigo parar. Eu podia ganhar um milhão de pratas,*

escrevendo uma resposta àquele livro de Norman Vincent Peale... Seria intitulado O poder do pensamento negativo.

Sua mente, contudo, sugeria que a velha ideia sobre poder de sugestão era, neste caso pelo menos, um monte de besteiras. *Tudo que aquele velho cigano disse foi "Emagrecido' Ele não disse, "pelo poder de que fui investido, eu o amaldiçoo para que perca de três a quatro quilos por semana, até morrer." Ele não disse, "uni-duni-tê, breve você precisará de outro cinto Niques ou você estará arquivando protestos em cuecas."" Diabo, Billy, você só chegou a recordar o que ele tinha dito* depois *que começou a emagrecer!*

Talvez só então é que percebi conscientemente *o que ele disse,* argumentou Halleck, em resposta. *Contudo...*

Então, a discussão prolongou-se.

Se aquilo *era* psicológico, então, se *era* o poder da sugestão, a pergunta sobre o que ele ia fazer a respeito continuava existindo. Como o combateria? Haveria um meio de imaginar-se gordo novamente? Supondo-se que fosse a um hipnotizador – diabo, um psiquiatra! – e explicasse o problema... O cara poderia hipnotizá-lo e plantar bem fundo a sugestão de que a maldição do cigano não era válida. Isso iria funcionar.

Ou, então, não iria.

Duas noites antes da data de sua apresentação à clínica Glassman, Billy subiu à balança e olhou desanimadamente para o mostrador – 81 naquela noite. Ficou parado, de olhos fixos no mostrador, e então lhe ocorreu, de maneira perfeitamente natural – da maneira como as coisas costumam ocorrer à mente consciente, após o subconsciente tê-las analisado por dias e semanas – que a pessoa a quem devia realmente procurar e falar sobre aqueles loucos temores era o juiz Cary Rossington.

Rossington podia ser um agarrador de tetas quando bêbado, mas era um sujeito razoavelmente cordial e compreensivo quando sóbrio... Até certo ponto, pelo menos. Além disso, era dos que ficam de boca fechada. Mais ou menos. Halleck supôs ser possível que em alguma festinha com bebedeiras ou coisa assim (e, juntamente com todas as demais constantes do universo físico – nascer do sol no leste, pôr-do-sol no oeste, o retorno do cometa de Halley – podia-se ter certeza de que, em *algum lugar* da cidade após as nove da noite, havia pessoas sorvendo *manhattans,* pescando azeitonas verdes em martinis e, com grande

possibilidade, bolinando tetas de esposas alheias), ele podia ser indiscreto sobre as ideias paranoico-esquizofrênicas do velho Billy Halleck, relacionadas a ciganos e maldições. No entanto, desconfiava que Rossington talvez pensasse duas vezes, antes de espalhar a história, mesmo enquanto sob o efeito do copo. Não que algo ilegal houvesse ocorrido na audiência; havia sido um caso didático de disparate municipal, claro, porém nenhuma testemunha fora subornada, nenhuma prova fora negada. De qualquer modo, aquilo era uma casa de marimbondos, e caras espertos como Cary Rossington não andam por aí cutucando esses bichinhos. Sempre era possível – não provável, mas razoavelmente possível – que isso levantasse uma questão sobre o fato de Rossington não se ter declarado sob suspeição. Ou ainda o fato de que o policial investigador não se tivesse preocupado em fazer com Halleck um exame para comprovação de embriaguês, após ter visto quem era o motorista (ou quem era a vítima). Aliás, Rossington tampouco perguntara, durante o interrogatório, por que fora negligenciado este ponto fundamental da investigação. Havia ainda outras perguntas que ele podia ter feito e não fizera.

Não, Halleck acreditava que sua história estaria em segurança se a contasse a Cary Rossington, pelo menos até que o assunto dos ciganos fosse diminuindo de interesse com o tempo... Cinco anos, digamos, talvez sete. Nesse ínterim, Halleck estava preocupado com o ano em curso. No andar em que estavam as coisas, ele pareceria um fugitivo de campo de concentração antes que o verão chegasse ao fim.

Vestiu-se rapidamente, desceu ao térreo e tirou um blusão leve no closet.

— Aonde é que você vai? – perguntou Heidi, saindo da cozinha.

— Por aí – replicou Halleck. – Não vou demorar.

Leda Rossington abriu a porta e olhou para Halleck como se nunca o tivesse visto antes – a luz no teto do corredor, atrás dela, deixava em relevo os malares emaciados, mas aristocráticos, os cabelos negros severamente presos à nuca e mostrando os primeiros fios brancos *(Não,* pensou Halleck, *fios brancos, não, fios de prata... Leda jamais teria algo tão plebeu como cabelos brancos),* o vestido Dior verde-grama, uma coisinha singela, que talvez não houvesse custado mais de quinhentos dólares.

A expressão dela o deixou francamente desconcertado. *Terei perdido tanto peso que ela nem mesmo sabe quem sou?* – perguntou-se ele, mas custando a

acreditar, mesmo com a nova paranoia sobre sua aparência pessoal. Tinha o rosto mais macilento, havia algumas novas linhas de preocupação em torno da boca e bolsas escuras sob os olhos, devido à falta de sono, mas fora isso, era o rosto do mesmo velho Bill Halleck. A lâmpada ornamental na outra extremidade do corredor (uma reprodução em ferro trabalhado de um poste de luz de 1880, Nova York, Coleção Horchow, seiscentos e oitenta e sete dólares mais despesas postais) lançava apenas uma luminosidade mortiça até onde ele se encontrava, mas Halleck estava vestido com o seu blusão. Certamente, Leda não perceberia o quanto emagrecera... ou perceberia?

— Leda? Sou eu, Bill. Bill Halleck.

— Claro que é. Olá, Billy.

Ainda assim, a mão dela pairou abaixo do queixo, o punho meio fechado, tocando a pele da parte superior da garganta, em um gesto esquisito e ponderoso. Mesmo com as feições incrivelmente lisas para seus cinquenta e nove anos, as cirurgias plásticas pouco tinham valido para o pescoço, onde a carne se mostrava flácida, não inteiramente repuxada.

Acho que ela está bêbada. Ou... Halleck pensou em Houston, diligentemente aplicando pitadas do alvo pó boliviano no nariz. *Drogas? Leda Rossington? Era difícil de acreditar que ela fosse capaz, quando sabia blefar com uma mão francamente medíocre... e sair-se bem no jogo.* E logo a seguir: *Ela está assustada. Desesperada. O que será? E isso, de algum modo, estará relacionado ao que me vem acontecendo?*

Isso era loucura, claro... Mas ainda assim, ele sentia uma necessidade quase frenética de descobrir por que Leda Rossington tinha os lábios tão comprimidos, por que, mesmo à luz mortiça e a despeito dos melhores cosméticos que o dinheiro podia comprar, a carne sob seus olhos estava quase tão frouxa e descolorida quanto a carne sob os dele, por que a mão que agora dedilhava na gola do vestido Dior tremia ligeiramente.

Billy e Leda Rossington avaliaram-se em profundo silêncio durante talvez uns quinze segundos... E então falaram exatamente ao mesmo tempo.

— Leda, Cary está...

— Cary não está aqui, Billy. Ele...

Ela parou. Billy fez um gesto para que continuasse.

— Ele foi chamado a Minnesota. A irmã dele está muito doente.

— Que interessante – disse Halleck – uma vez que Cary não tem irmã alguma.

Ela sorriu. Era uma tentativa do tipo de sorriso refinado e magoado, que pessoas educadas reservam para os que não tiveram intenção de ser rudes. Não funcionou. Foi apenas um repuxar de lábios, mais uma careta do que um sorriso.

— Eu falei irmã? Oh, tudo isso tem sido muito cansativo para mim... Para *nós.* Eu queria dizer o irmão dele. Seu...

— Cary é filho único, Leda – disse Halleck, delicadamente. – Conversamos sobre isso em certa tarde de bebedeira, eu e ele, no saguão do Hastur. Deve ter sido... oh, faz uns quatro anos. O Hastur incendiou-se não muito depois. Aquela loja psicodélica para jovens, a King in Yellow, está lá agora. É onde minha filha compra seus jeans.

Ele não sabia por que continuava; de algum modo vago, achava que assim a deixaria mais à vontade. Agora, no entanto, à luz do corredor, sob a luminosidade fraca da lâmpada em ferro forjado, viu o rastro brilhante de uma lágrima, deslizando no canto do olho direito até quase a comissura do lábio da mulher. Enquanto espiava, as palavras enredando-se umas nas outras e depois cessando de repente, ela piscou duas vezes, rapidamente, e a lágrima teve sequência. Uma outra deslizou pela face esquerda.

— Vá embora – disse ela. – Quer ir embora, Billy, por favor? Não faça perguntas. Eu não quero responder.

Halleck olhou para ela e captou certa implacabilidade em seus olhos, logo abaixo das lágrimas. Leda Rossington não pretendia dizer-lhe onde Cary estava. Então, movido por um impulso para o qual não encontrou explicação, naquele momento ou mais tarde, sem qualquer ideia preconcebida para vencer, puxou para baixo o zíper do blusão e o manteve aberto, como que se exibindo para ela. Ouviu a exclamação surpresa da mulher.

— Olhe para mim, Leda – disse. – Perdi quase quarenta quilos. Ouviu bem? *Quase quarenta quilos!*

— Eu nada tenho a ver com isso! – exclamou ela, em voz baixa e rouca.

A pele dela adquirira uma tonalidade doentia, lívida; manchas avermelhadas lhe surgiram nas faces, como a coloração das bochechas de um palhaço. Os olhos não tinham expressão. Os lábios repuxaram-se para trás, em uma careta aterrorizada, mostrando os dentes em jaquetas perfeitas.

— Não tem, mas preciso falar com Cary - insistiu Halleck. Ele subiu o primeiro degrau do alpendre, ainda mantendo o blusão aberto. *E vou falar,* pensou. *Não tinha certeza antes, mas agora tenho.* – Por favor, Leda, diga-me onde ele está. Cary está em casa?

A resposta dela foi uma pergunta e, por um momento, ele não conseguiu respirar, em absoluto. Agarrou-se à balaustrada da varanda, com mão entorpecida.

— Foram os ciganos, Billy?

Por fim, ele conseguiu insuflar ar nos pulmões bloqueados. O oxigênio penetrou em um hausto macio.

— Onde está Cary, Leda?

— Primeiro, responda ao que perguntei. Foram os ciganos?

Agora que o problema era exposto – uma chance de realmente falar sobre ele – Halleck descobriu que precisava esforçar-se para isso. Engoliu – engoliu em seco – e assentiu.

— Sim, acho que sim. Uma maldição. Algo mais ou menos como rogar uma praga. –Fez uma pausa. – Não, não *é algo mais ou menos como isso.* Um falso equívoco. Acho que um cigano me rogou uma praga.

Esperou que ela desse uma esganiçada risada de desprezo – ouvira reação semelhante muitas vezes, em seus sonhos e suas conjecturas – mas os ombros dela apenas decaíram e a cabeça abaixou-se. Leda era um tal retrato de infelicidade e pesar que, a despeito de seu recente terror, Halleck sentiu uma empatia aguda por ela, quase dolorosa – pela confusão e horror daquela criatura. Subiu o segundo, depois terceiro degrau da varanda, tocou-lhe o braço delicadamente... E ficou chocado pelo ódio vivo no rosto dela, quando ergueu a cabeça. Recuou de repente, pestanejando... E então precisou agarrar a balaustrada da varanda, para não tropeçar e cair sentado sobre o traseiro. A expressão de Leda Rossington era um reflexo exato da maneira como ele se sentira quanto a Heidi, na outra noite. Foi inexplicável e aterrador, o fato de tal expressão ser dirigida contra ele.

— A culpa é sua! – sibilou Leda para ele. – A culpa é toda sua! Por que tinha de bater naquela cona idiota cigana com seu carro? *Foi tudo culpa sua!*

Halleck ficou olhando para ela, incapaz de falar. *Cona?* Pensou confusamente. *Ouvi mesmo Leda Rossington dizer "cona"? Quem acreditaria que*

ela ao menos conhecesse *tal palavra?* Seu segundo pensamento foi: *Você está com a noção errada, Leda; foi Heidi, não eu... E ela está simplesmente ótima. Vendendo saúde. Feliz da vida. Com todos os cilindros funcionando. Dando uma banana para o diabo. Tomando...*

Então, o rosto de Leda mudou; ela fitou Halleck com uma polidez calma e absolutamente inexpressiva.

— Entre – convidou.

Trouxe o martini que ele pediu em um copo duplo – duas azeitonas e duas cebolas diminutas estavam empaladas no espetinho para misturar, que era uma pequena espada dourada. Talvez fosse de ouro maciço. O martini era muito forte, porém Halleck estava pouco ligando... Embora sabendo, pelo que bebera nas últimas três semanas, que se não fosse devagar, logo estaria sentado no chão; sua capacidade para a bebida diminuíra juntamente com o peso.

Ainda assim, tomou um generoso gole para começar e fechou os olhos com gratidão quando o álcool explodiu no seu estômago em ondas de calor. *Gim.. Uma maravilha em excesso de calorias,* pensou.

— Ele *está* em Minnesota – disse ela desanimada, sentando-se com seu martini na mão, ainda maior do que o preparado para Billy. – Só que não foi visitar parentes. Está na clínica Mayo.

— Na Mayo...

— Cary meteu na cabeça que está com câncer – prosseguiu ela. – Mike Houston não encontrou nada de errado nele e tampouco os dermatologistas que Cary consultou na cidade. Mesmo assim, continua convencido de que é câncer. Sabe que a princípio ele achava que fosse herpes? Pensava que o tinha pegado de alguém.

Billy baixou os olhos, embaraçado, mas não havia necessidade disso. Leda olhava por sobre o ombro direito dele, como que recitando sua história para a parede. Sorvia ligeiros goles da bebida, cujo nível ia baixando lentamente, mas sem interrupção.

— Eu ri, quando ele por fim confessou seus temores. Ri, e falei, “Cary, se acha que *isso* é herpes, então você entende menos de doenças venéreas do que eu de termodinâmica.” Eu não devia ter rido, mas era uma forma de... aliviar a tensão, compreende? A tensão e a ansiedade. Ansiedade? Melhor seria dizer o *terror.*

"Mike Houston receitou-lhe pomadas que não adiantaram nada, os dermatologistas receitaram pomadas que também não fizeram efeito, e então lhe deram injeções que não funcionaram. Eu é que me lembrei do velho cigano, aquele com o nariz meio comido. Lembrei a maneira como ele saiu da multidão, na feira de objetos usados em Raintree, no fim de semana após a sua audiência, Billy. O cigano saiu da multidão e o tocou... tocou Cary. Pôs a mão no rosto de Cary e disse qualquer coisa. Perguntei a Cary naquele momento, tornei a perguntar depois que a coisa começou a espalhar-se, mas ele não me disse. Apenas sacudiu a cabeça."

Halleck tomou um segundo gole de bebida, quando Leda deixou seu copo vazio sobre a mesa ao lado dela.

— Câncer de pele – disse ela. – Cary convenceu-se de que está com câncer de pele, porque este tipo tem cura, em noventa por cento dos casos. Sei como a mente dele funciona – seria curioso se eu não soubesse, depois de vivermos juntos vinte e cinco anos. Depois de vê-lo tornar-se juiz e fazer negócios imobiliários, beber e fazer negócios imobiliários, caçar esposas dos outros e fazer negócios imobiliários... Oh, merda, fico aqui sentada e pensando o que poderia dizer no funeral dele, se alguém me desse uma dose de Pentotal uma hora antes do sepultamento. Acho que diria algo como "Ele comprou um bocado de terra do Connecticut, agora cheia de centros-comerciais, subornou um bocado de gente e bebeu um bocado de Wild Turkey, deixou-me viúva rica e vivi com ele os melhores anos de minha vida, tendo mais fodidos casacos de *mink* do que tive orgasmos. Então, vamos todos dar o fora daqui, vamos para algum restaurante de beira de estrada para motoristas, dançar um pouco. Depois de algum tempo, pode ser que alguém fique bêbado o suficiente para esquecer que já tive meu fodido queixo puxado para trás de minhas fodidas orelhas três fodidas vezes, duas na fodida cidade do México e uma na fodida Alemanha, e então arranque *meu* fodido sutiã." Oh, merda! Por que estou lhe dizendo tudo isto? As únicas coisas que homens como você entendem são como trepar, como fazer apelações judiciais e como apostar em jogos de futebol profissional.

Ela estava chorando novamente. Billy Halleck percebia agora que aquele copo de bebida estava longe de ser o primeiro de Leda nessa noite. Remexendo-se desconfortavelmente no assento, ele sorveu um bom gole de seu martini. O álcool martelou seu estômago com suspeitoso calor.

— Ele se convenceu de que é câncer de pele, porque não admite acreditar em algo tão ridiculamente velho-mundo, tão supersticioso e tão novela barata, como maldições ciganas. Entretanto, eu vi uma coisa bem no fundo dos olhos dele, Billy. Vi muita coisa, neste último mês. Especialmente à noite. Um pouco mais claro a cada noite. Acho que foi um dos motivos dele ter ido, compreenda. Porque me viu vendo aquilo. Quer outra dose?

— Outra dose?

Billy negou com a cabeça, entorpecidamente. Viu-a ir até o bar e preparar um novo martini para si mesma. Reparou que Leda preparava martinis extremamente simples: bastava encher um copo de gim e deixar cair nele duas azeitonas. As azeitonas deixavam trilhas duplas borbulhantes, à medida que afundavam no copo. Mesmo de onde estava sentado, no outro lado da sala, ele podia sentir o cheiro do gim.

O que havia com Cary Rossington? O que acontecera a ele? Uma parte de Billy Halleck não sentia a menor vontade de saber. Que Cary não estava perdendo peso, ficara bastante claro; aparentemente, Houston não fizera qualquer ligação entre o que acontecia a Billy e o que acontecia a Rossington — por que deveria? Houston nada sabia sobre os ciganos.

Leda voltou a sentar-se.

— Se ele telefonar dizendo que vai voltar – disse ela tranquilamente para Billy – eu me mando para nossa propriedade em Captiva. Lá deve estar infernalmente quente nesta época do ano, mas se eu tiver gim suficiente, mal sentirei a temperatura. Acho que não suportarei mais ficar sozinha com ele. Ainda o amo – sim, à minha maneira, continuo a amá-lo – mas acho que não suportaria. Pensar nele na cama ao lado... Pensar que ele poderia... Poderia *tocar-me...*

Ela estremeceu, entornando parte de seu martini. Bebeu o resto imediatamente e então emitiu um som espesso e soprado, como um cavalo sedento que acabou de saciar-se.

— O que há de errado com ele, Leda? O que aconteceu?

— O que aconteceu? *O que aconteceu?* Ora, Billy querido, pensei que já lhe tinha dito ou que você soubesse, de algum modo. Billy meneou a cabeça. Começava a crer que não sabia *nada.*

— Ele está criando escamas. Cary está ficando com escamas.

Billy olhou para ela, de boca aberta. Leda ofereceu-lhe um sorriso seco, divertido, hediondo, e sacudiu a cabeça ligeiramente.

— Não – acho que não me expressei bem. A pele dele está *virando* escamas. Ele se tornou um caso de ínvolução, um monstro de circo. Ele está se transformando em peixe ou réptil.

Leda riu de repente, um guincho grasnido, crocitante, que fez o sangue de Halleck gelar: *Ela está chegando à beira da loucura,* pensou ele. A revelação o deixou ainda mais gelado. *Acho que provavelmente irá para Captiva, haja o que houver. Se quiser manter a lucidez, terá que sair de Fairview. Sim, é isso.*

Leda levou as mãos à boca e depois se desculpou, como se tivesse arrotado – ou talvez vomitado – em vez de apenas rir. Incapaz de falar até então, Billy fez somente um gesto de assentimento com a cabeça e levantou-se para preparar um novo drinque, pois *estava* mesmo precisando.

A mulher pareceu achar mais fácil falar agora, quando ele não estava olhando em sua direção, agora que se encontrava no bar, de costas. E Billy, propositadamente, demorou-se lá.

CAPÍTULO 11: A BALANÇA DA JUSTIÇA

Cary havia ficado furioso – completamente furioso – ao ser tocado pelo velho cigano. Tinha ido procurar o chefe de polícia de Raintree no dia seguinte, Alien Chalker. Chalker era seu parceiro de pôquer e se mostrara compreensivo.

Disse a Cary que os ciganos tinham ido diretamente de Fairview para Raintree, e ficara esperando que eles fossem embora espontaneamente. Já tinham cinco dias de permanência em Raintree e, em geral, três dias eram o prazo costumeiro – tempo suficiente para que todos os adolescentes interessados da cidade tivessem sua sorte lida e para que alguns homens desesperadamente impotentes, bem como um número igual de mulheres desesperadamente na menopausa, se esgueirassem até o acampamento, protegidos pelas sombras da noite, onde comprariam poções, panaceias e estranhos cremes oleosos. Após três dias, sempre terminava o interesse da cidade pelos estranhos. Então, Chalker concluíra que eles estavam à espera da feira de objetos usados, no domingo. Era um evento anual em Raintree, que atraía boas multidões das quatro cidades vizinhas. Em vez de criar um caso pela prolongada presença dos forasteiros – ciganos, disse ele a Cary, podiam ser piores do que vespas terrestres, se cutucados com muita força – ele resolveu deixar que "trabalhassem" os visitantes da feira. Contudo, se não tivessem ido embora na manhã de segunda-feira, faria com que se fossem.

Entretanto, não houve necessidade. Na manhã de segunda-feira, o terreno da fazenda onde os ciganos tinham acampado estava vazio, exceto por marcas de rodas no solo, latas vazias de cerveja e soda (aparentemente, os ciganos não mostraram interesse pela nova lei do Connecticut sobre a devolução de garrafas e latas vazias), os remanescentes enegrecidos de várias pequenas fogueiras e três ou quatro cobertores, tão imundos, que o agente, enviado por Chalker para investigar, só mexeu neles com uma vara – uma *comprida* vara. Em algum momento entre o pôr e o nascer do sol, os ciganos haviam abandonado o terreno, abandonado Raintree, abandonado o condado de Patchin... Talvez até mesmo abandonado o planeta, conforme Chalker relatou a seu parceiro de pôquer Cary Rossington, e se tivessem mesmo abandonado o planeta, ele não queria saber e nem se importava. E boa viagem.

Na tarde de domingo, o velho cigano tocara o rosto de Cary com a mão; na noite de domingo eles tinham partido; na manhã de segunda-feira, Cary tinha procurado Chalker para apresentar uma queixa (qual a base legal para essa queixa, Leda Rossington ignorava completamente); na manhã de terça-feira começara o problema. Após tomar sua ducha, Cary havia descido para o *breakfast* usando apenas o roupão de banho.

— Veja isto – dissera.

"Isto" era um trecho de pele áspera, pouco acima do plexo solar. A pele era ligeiramente mais clara do que a carne circundante, esta com uma atraente tonalidade café-com-creme (golfe, tênis, natação e uma lâmpada ultravioleta no inverno mantinham aquele bronzeado impecável). O trecho áspero pareceu amarelado a Leda, da maneira como às vezes ficavam os calos em seus próprios calcanhares, em tempo muito seco. Ela tocara o local (a voz lhe faltou momentaneamente aqui) e depois afastou os dedos rapidamente. A textura era áspera, quase como lixa, e surpreendentemente dura. *Encouraçada* – era a palavra que sua mente evocara.

— Você não acha que aquele maldito cigano me transmitiu alguma coisa? – perguntara Cary, preocupado. – Micose, impertigo, qualquer droga dessas?

— Ele tocou seu rosto, não seu peito, querido – replicara Leda. – Agora, vista-se o mais depressa que puder. Vamos ter jantar com brioches. Use o terno cinza-escuro com a gravata vermelha e fique bem elegante nesta terça-feira. Para mim, está bem? Você é um amor.

Duas noites mais tarde, ele a chamara no banheiro, com voz tão trêmula, que Leda se precipitara para lá *(Todas as nossas piores revelações acontecem no banheiro,* pensou Billy). Cary estava sem camisa, com o barbeador esquecido e zumbindo em uma das mãos, os olhos esbugalhados fitando o espelho.

O trecho de pele dura e amarelada se espalhara. Tornara-se uma placa, em vago formato de árvore, espraiando-se para cima, na área entre os mamilos, e para baixo, alargando-se na direção do umbigo. Esta carne modificada se erguia acima do nível normal da carne do ventre e do estômago em quase três milímetros, e Leda notou que havia fundas rachaduras cruzando-a de lado a lado, várias delas profundas o bastante para conterem a borda de uma moeda. Pela primeira vez, ela pensou que o marido começava a parecer... bem, escamoso. E sentiu náuseas.

— O que é *isso?* – Cary quase gritou. — O que é *isso,* Leda?

— Eu não sei – respondeu ela, procurando mostrar uma voz calma – mas acho bom você procurar Michael Houston. Quanto antes, melhor. Amanhã mesmo, Cary.

— Não, amanhã, não – respondeu ele, ainda se observando ao espelho, fitando a inchada placa de carne amarelada em forma de flecha. – Isto pode estar melhor amanhã. Irei depois de amanhã, se não melhorar, mas não amanhã.

— Cary...

— Dê-me aquele creme Nívea, Leda.

Ela lhe passou o creme e ficou lá mais um momento – porém a visão dele espalhando o creme branco sobre a carne dura e amarela, ouvindo as pontas dos dedos passarem raspando sobre a crosta – aquilo foi mais do que pôde suportar e correu de volta para o quarto. Foi a primeira vez, contou a Halleck, que ficou conscientemente satisfeita pelas camas separadas, conscientemente satisfeita por ele não ser capaz de virar-se enquanto dormia e... e tocá-la. Contou que ficara horas acordada, ouvindo o suave *racrac* dos dedos dele, movendo-se de um lado para outro naquela carnadura estranha.

Na noite seguinte, Cary lhe disse que estava melhor; na outra, alegou que ficara ainda melhor. Ela supunha que tinha visto a mentira nos olhos dele... E que Cary mentia mais para si mesmo do que para ela. Mesmo nesse caso extremo, permanecia o mesmo egoísta filho da puta que ela imaginava sempre ter sido. Entretanto, nem tudo fora culpa de Cary, acrescentou agudamente, sem se virar do bar, onde agora dedilhava alheadamente os copos que ali havia. Ela também desenvolvera sua própria espécie de egoísmo altamente especializado, no correr dos anos. Leda quisera, necessitava da ilusão, quase tanto quanto ele.

Na terceira noite, ele entrara no quarto usando apenas as calças do pijama. Tinha os olhos suaves e doridos, aturdidos. Ela relia uma novela de mistério de Dorothy Sayers – sempre tinham sido suas leituras prediletas – e o livro escorregou-lhe dos dedos, assim que o viu. Teria gritado, ela contou a Billy, mas era como se não tivesse ar nos pulmões. Billy teve tempo de refletir que nenhum sentimento humano era verdadeiramente único, embora alguém pudesse pensar o contrário: tudo indicava que Cary Rossington tinha passado pela mesma fase de iludir-se a si mesmo, seguida pelo autodespertar assustador que Billy também passara.

Leda tinha visto que a pele dura e amarela (as *escamas* – porque a esta altura não adiantava mais pensar nisso como outra coisa) agora cobria a maior parte do peito de Cary e toda a sua barriga. A aparência era tão horrível e fortemente franzida como a de um tecido queimado. As rachaduras ziguezagueavam em todos os sentidos, profundas e escuras, com o fundo matizando para um forte rosa-avermelhado, uma visão decididamente desagradável. E, embora a princípio se pensasse que as tais rachaduras eram ao acaso, como as da cratera de uma bomba, após um momento os olhos começavam a perceber uma coisa diferente. Em cada borda, a dura carne amarela erguia-se ligeiramente mais. Escamas. Não escamas de peixe, mas grandes e toscas escamas de réptil, como as de um lagarto, jacaré ou iguana.

O arco castanho do mamilo direito era ainda visível; o restante desaparecera, sepultado sob aquela carapaça amarelo-escura. O mamilo direito sumira de todo, enquanto uma torcida cumeeira daquela estranha e nova carne chegava debaixo da axila e a contornava na direção das costas, como a garra aderente e superficial de alguma monstruosidade inenarrável. O umbigo se fora. E...

— Ele desceu as calças do pijama – prosseguiu Leda, agora manipulando o terceiro drinque, fazendo-o desaparecer em diminutos sorvos. Novas lágrimas correram-lhe dos olhos, mas isso foi tudo. – Então, recuperei minha voz e gritei, pedi que parasse. Ele parou... Mas não antes de eu poder ver que aquilo se ramificava na direção das virilhas. Ainda não lhe tocara o pênis... Pelo menos por enquanto... Mas até onde avançara, os pelos púbicos tinham desaparecido e havia apenas aquelas escamas amarelas.

"— Você não disse que estava melhorando?" – perguntei...

"— Sinceramente, pensei que estivesse" – respondeu ele.

Então, no dia seguinte, Cary marcou uma consulta com Houston.

E Houston provavelmente contou a ele, pensou Halleck, *a mesma história do universitário sem cérebro e da velha com a terceira dentição. E perguntou se ele não gostaria de cheirar um pouco do velho acelerador cerebral.*

Uma semana mais tarde, Rossington havia consultado a melhor equipe de dermatologistas de Nova York. Eles declararam prontamente saber o que havia de errado e, a isto, seguiu-se um regime de raios X duros. A carne escamosa continuou a avançar, a espalhar-se. Não doía, foi o que Rossington disse a ela;

havia uma ligeira comichão nas bordas entre a pele antiga e este horrível invasor, mas era tudo. A carne nova não apresentava a menor sensibilidade. Exibindo o sorriso forçado e acabrunhado que começava a ser sua única expressão, ele contou que dias antes acendera um cigarro e o apagara contra o estômago... Lentamente. Não houvera dor alguma, em absoluto.

Ela tapou os ouvidos e gritou-lhe para calar a boca.

Os dermatologistas disseram a Cary que estavam um tanto desconcertados. O que querem dizer com isso? – perguntou ele. Vocês disseram que *sabiam.* Disseram que tinham *certeza.* Bem, responderam eles, estas coisas acontecem. Raramente, ah-ah, *muito* raramente, mas aconteceu *agora.* Todos os exames, afirmaram, apontavam para uma nova conclusão. Um regime de hipovitas – vitaminas de alta potência, para aqueles não familiarizados com o jargão dos médicos de altos honorários – e injeções glandulares foram o passo seguinte. Com a nova terapêutica em andamento, os primeiros trechos escamosos começaram a surgir no pescoço de Cary... Abaixo do queixo... E finalmente no rosto. Foi quando os dermatologistas finalmente admitiram que se encontravam em um impasse. Um impasse momentâneo, é claro. Nenhuma daquelas coisas era incurável. A medicina moderna... Regimes dietéticos... E coisa e tal... Ademais, blablablá...

Cary não queria mais ouvi-la se ela tentava falar-lhe sobre o velho cigano, contou Leda a Halleck. Certa feita, chegou realmente a levantar a mão, como se fosse agredi-la... E então ela vira as primeiras empoladuras e asperezas na pele tenra entre o polegar e o indicador da mão direita do marido.

— Câncer de *pele!* – gritou ele. – Isto é câncer *de pele,* câncer *de pele,* câncer *de pele!* E agora, pelo amor de Deus, feche essa velha matraca!

Evidentemente, ele era o único que, pelo menos, falava com algum sentido nominal – e ela em absurdos do século XIV... No entanto, Leda *sabia* que aquilo era obra do cigano velho que se destacara da multidão na feira de objetos usados em Raintree e tocara o rosto de Cary. Sabia e, nos olhos dele, mesmo quando ergueu a mão contra ela daquela vez, viu que *Cary também sabia.*

Ele conseguira uma semana de licença com Glenn Petrie, o qual ficara chocado ao saber que seu velho amigo, colega jurista e parceiro de golfe, Cary Rossington estava com câncer de pele.

Seguiram-se duas semanas, contou Leda a Halleck, e ela gostaria de

arrancar de si qualquer lembrança ou palavra sobre aquilo. Cary dormira alternadamente, como um morto, no quarto do casal, na grande poltrona estofada do estúdio dele ou com a cabeça entre os braços, à mesa da cozinha. Começou a beber muito, todas as tarde, a partir das quatro horas. Sentava-se na sala de televisão, segurando pelo gargalo uma garrafa de uísque J.W. Dant com a mão áspera e escamosa. Primeiro via programas cômicos transmitidos em cadeia, como *Hogan's Heroes* e *The Beverly Hillbihles,* depois o noticiário local e o nacional, e então novos programas em cadeia, como *The Joker's Wild* e *Family Feud,* seguindo-se três horas de filmes inéditos, mais noticiários e mais filmes, até as duas ou três da madrugada. E, durante todo esse tempo, bebia uísque como Pepsi-Cola, diretamente do gargalo.

Em algumas dessas noites, ele chorava. Leda entrava e o via chorando, enquanto Warner Anderson, aprisionado na tela gigante de sua televisão Sony, gritava "Vamos ao videoteipe!" com o entusiasmo de um homem convidando todas as namoradas a um cruzeiro até Aruba com ele. Em outras noites – felizmente em menor número – ele se enfurecia como Ahab durante os últimos dias do *Pequod,* cambaleando e tropeçando pela casa, segurando a garrafa de uísque com algo que deixara de ser uma mão, gritando que aquilo era câncer de pele, ela ouvia bem? Que era um *fodido câncer de pele* e que ele o pegara na fodida lâmpada ultravioleta, que ia processar os cretinos que tinham feito isso com ele, *ia processar os filhos da mãe até acabar com a raça deles,* litigar os canalhas até não terem mais que uma só cueca borrada para enfiar no corpo. Às vezes, quando Cary entrava nessas fases temperamentais, costumava quebrar coisas.

— Por fim, reparei que ele estava tendo esses... Esses acessos... nas noites depois que a Sra. Marley vinha fazer a faxina – disse Leda monotonamente. – Cary subia para o sótão quando ela chegava, compreenda. Se ela o visse, dentro de pouco tempo a cidade inteira ficaria sabendo. Era nas noites depois de ela ir embora, depois de ele ficar lá em cima, no escuro, que se sentia mais como um proscrito, creio eu. Mais como um monstro.

— E então, ele foi para a clínica Mayo – disse Billy.

— Isso mesmo – respondeu Leda e, por fim, encarou-o. Seu rosto estava perplexo, embriagado e aterrorizado. – O que vai ser dele, Billy? O que *será* dele?

Billy meneou a cabeça. Não fazia a menor ideia. Concluiu que não tinha mais vontade de considerar essa questão do que a famosa foto exibida nos noticiários mostrando o general sul-vietnamita baleando o suposto colaborador vietcongue na cabeça. De certa singular maneira que ele não conseguia entender, uma coisa era como a outra.

— Ele fretou um avião particular para levá-lo ao Minnesota, já lhe contei isso? Só porque não suportaria que outras pessoas o olhassem. Já lhe contei isso, Billy?

Billy tornou a menear a cabeça.

— O que será dele?

— Eu não sei – disse Halleck, pensando: *E por falar nisto, o que será de mim, Leda?*

— No fim, antes que ele entregasse os pontos e fosse para lá, suas mãos pareciam garras. Os olhos eram duas... duas brilhantes faisquinhas azuis, no fundo de concavidades fundas e escamosas. O nariz...

Leda levantou-se e cambaleou em direção a ele, batendo com a perna na quina da mesinha de centro, tão fortemente, que a mesinha balançou – *Ela nem sentiu a pancada agora,* pensou Halleck, *mas amanhã vai ter uma dolorosa equimose na canela. E nem saberá onde ou como a conseguiu.*

Ela lhe agarrou a mão. Os olhos eram poças brilhantes de perplexo terror. Falava em um tom confidencial sibilante e medonho, que arrepiou a pele do pescoço de Billy. O hálito dela estava impregnado do cheiro azedo de gim não digerido.

— Ele agora parece um jacaré – disse Leda, num sussurro quase íntimo. – Sim, é o que ele parece, Billy. Como uma coisa que tivesse vindo rastejando de um pântano e vestido roupas humanas. É como estar se transformando em jacaré, e fiquei contente por ele ter ido. *Contente.* Acho que se Cary não tivesse ido, eu é que sairia de casa. Sim. Era só fazer as malas e... e...

Ela se inclinava para ele, cada vez mais perto. Billy ficou em pé subitamente, incapaz de suportar aquilo por mais tempo. Leda Rossington balançou-se para trás sobre os calcanhares, e ele mal teve tempo de segurá-la pelos ombros... Ele, que também devia ter bebido além da conta. Se não a amparasse, ela poderia perfeitamente ter rachado o cérebro na mesma mesinha de tampo de vidro e pés de bronze (loja Triffles, quinhentos e oitenta e sete

dólares mais despesas postais) em que batera com a perna... Só que em vez de acordar com uma equimose, poderia não acordar. Fitando-lhe os olhos alucinados, Billy perguntou-se se Leda Rossington não acolheria a morte de bom grado.

— Preciso ir agora, Leda.

— Oh, claro – respondeu ela. – Veio apenas ouvir fofocas, não foi, Billy querido?

— Sinto muito – disse ele. – Lamento tudo o que aconteceu.

Por favor, acredite. – Então, insanamente, ouviu-se acrescentando: - Quando falar com Cary, dê-lhe lembranças.

— É difícil falar com ele agora – ela disse, remotamente. – Está acontecendo dentro da boca, sabe? Suas gengivas estão engrossando, a língua achatando... Eu posso falar com ele, mas tudo o que me diz – todas as suas respostas – são grunhidos.

Halleck recuou para o corredor, afastou-se dela, queria ver-se livre de seus tons suaves, tons de mulher culta, precisava libertar-se daqueles olhos horripilantes e iluminados.

— Ele está realmente transformando-se em jacaré – disse ela. – Acho que em breve terão que colocá-lo em um tanque... Eles talvez precisem conservar sua pele molhada.

Lágrimas deslizaram dos olhos sensíveis, e Billy viu que ela segurava o copo inclinado, deixando a bebida entornar-se nos sapatos.

— Boa noite, Leda – sussurrou.

— Por que, Billy? Por que você teve que atropelar a velha? Por que tinha que trazer isso para Cary e para mim? Por quê?

— Leda...

— Volte dentro de duas semanas – disse ela, ainda avançando, enquanto ele procurava desesperadamente a maçaneta da porta de saída, só mantendo o sorriso cortês por enorme força de vontade. – Volte e deixe-me dar uma espiada em você, quando tiver emagrecido mais uns dezoito ou vinte quilos. Então eu vou rir... rir... rir...

Ele encontrou a maçaneta. Girou-a. O ar fresco bateu em seu rosto afogueado, na pele superaquecida, como uma bênção.

— Boa noite, Leda. Eu sinto muito...

— *Guarde suas desculpas!* – gritou ela, atirando-lhe o copo de martini. O copo atingiu o batente da porta à direita de Billy e estilhaçou-se. – Por que tinha de atropelá-la, seu bastardo? Por que tinha de jogar tudo isso sobre todos nós? Por quê? Por quê? *Por quê?*

Halleck conseguiu chegar à esquina de Park Lane com Lantern Drive. Então, desmoronou sobre o banco no abrigo da parada de ônibus, tiritando como se estivesse com um acesso de febre, a garganta e o estômago azedando pela indigestão ácida, a cabeça zumbindo com o gim.

Pensou: *Eu a atropelei e matei. Agora estou emagrecendo, e não consigo parar. Cary Rossington conduziu a audiência, libertou-me com nada mais que um tapinha no pulso, e agora está internado na clínica Mayo. Está lá e, a acreditar-se em sua esposa, parece um fugitivo da obra de Maurice Sendak.* Jacarés em toda parte. *Quem mais teve parte nisso? Quem mais foi envolvido, de maneira a provocar a vingança do velho cigano?*

Halleck pensou nos dois tiras afugentando os ciganos, quando eles apareceram na cidade... Quando se supunha que começariam a exibir seus truques ciganos no parque comunitário. Um deles tinha sido apenas intermediário, claro. Apenas um tira de carro-patrulha, seguindo...

Seguindo ordens.

Que ordens? Ora, ordens do chefe de polícia, naturalmente. Ordens de Duncan Hopley.

Os ciganos tinham sido expulsos porque não possuíam permissão para trabalhar no parque comunitário. Evidentemente, deviam ter percebido que a mensagem continha algo mais do que isso. Para quem quisesse ver-se livre de ciganos, havia um punhado de regulamentos. Vagabundagem. Desordem em via pública. Cuspir na calçada. Qualquer coisa era válida.

Os ciganos haviam feito um trato com um fazendeiro no lado oeste da cidade, um homem azedo, chamado Arncaster. Sempre havia uma fazenda, como sempre havia um fazendeiro rabugento, e os ciganos sempre o encontravam. *Seus narizes foram treinados para farejar sujeítos como Arncaster,* pensou Billy, sentado no banco e ouvindo as primeiras gotículas da chuva de primavera fustigando o teto do abrigo da parada de ônibus. Mera evolução. *Tudo que é preciso são dois mil anos sendo afugentados. Fala-se com algumas pessoas; talvez Madame Azonka leia algumas mãos de graça. Fareja-se o nome do sujeito*

que, na cidade, possui terras, mas deve dinheiro, o sujeito que não sente grande amor pela cidade ou pelos regulamentos da cidade, o sujeito que prega cartazes proibindo a entrada em seus pomares de maçãs durante a estação de caça, por pura intratabilidade – porque ele antes deixaria o alce comer as que os caçadores pegarem o alce. Fareja-se o nome e sempre se encontra o dono, porque sempre existe pelo menos um Arncaster nas mais ricas cidades e, às vezes, pode-se escolher entre dois ou três deles.

Eles haviam estacionado seus carros e trailers em círculo, justamente como seus ancestrais haviam estacionado carroças e carrinhos de mão em círculo, duzentos, quatrocentos, oitocentos anos antes. Obtinham uma licença para as fogueiras, à noite havia conversas, risos e, indubitavelmente, uma ou duas garrafas de mão em mão.

Tudo isto, pensou Halleck, teria sido aceitável para Hopley. Assim eram feitas as coisas. Quem quisesse comprar o que quer que os ciganos vendessem, dirigiria da estrada oeste de Fairview até a propriedade de Arncaster; pelo menos, ficava fora de vista, e a propriedade de Arncaster era algo como uma nódoa, antes demais nada – as fazendas que os ciganos escolhiam sempre eram desse tipo. Logo depois, eles seguiriam para Raintree ou Westport, desaparecendo da vista e do pensamento.

Exceto que, após o acidente, depois que o velho cigano se tornara maçante, subindo os degraus do tribunal e tocando Billy Halleck, a maneira como "assim eram feitas as coisas" deixara de ser válida.

Hopley dera um prazo de dois dias aos ciganos, recordou Halleck. Quando eles não deram sinais de breve partida, ele os *fizera* viajar. Primeiro, Jim Roberts suspendera a licença para fogueiras. Embora tivessem ocorrido fortes temporais diários na semana anterior, Roberts dissera a eles que o perigo de incêndios aumentara subitamente, aumentara demais. Lamentável. E, por falar nisso, eles precisavam recordar que os mesmos regulamentos controlando fogueiras simples e fogueiras para cozinhar, aplicavam-se também a fogões a gás, fogos a carvão e braseiros.

Como providência seguinte, Hopley certamente visitaria um certo número de negociantes locais onde Lars Arncaster tinha crédito aberto – um crédito que costumava ser muito dilatado, no tocante a pagamentos. Essas visitas incluiriam a loja de ferragens, a casa que vendia alimentos e grãos em Raintree Road, a

cooperativa dos fezendeiros em Fairview Village e o posto de gasolina e serviços Norme's. Hopley poderia também ter ido visitar Zachary Marchant, no banco União, de Connecticut... O banco que detinha a hipoteca de Arncaster.

Tudo fazia parte do trabalho. Uma xícara de café com este, um encontro para almoçar com aquele – talvez algo tão simples como sanduíches e limonadas no Dave's Dog Wagon – uma garrafa de cerveja com um terceiro. Então, ao pôr-do-sol do dia seguinte, todos que tivessem qualquer cheque a receber de Lars Arncaster ou um pedacinho de seu traseiro, dariam um telefonema para ele, mencionando como seria realmente *bom* terem os malditos ciganos fora da cidade... Como realmente gratos ficariam todos.

O resultado foi exatamente o que Duncan Hopley esperava. Arnscaster procurou os ciganos, fez as contas de fosse qual fosse a soma combinada que pagariam como aluguel e, indubitavelmente, fizera ouvidos moucos a quaisquer protestos apresentados (Halleck pensava especificamente no rapaz dos malabarismos com pinos de boliche, que parecia ainda não ter percebido a imutabilidade de sua condição na vida). Aquilo não era como se os ciganos tivessem algum contrato de aluguel, a ser questionado judicialmente.

Sóbrio, Arncaster poderia ter-lhes dito que tinham sorte em lidar com um homem honesto, capaz de devolver a parte não usada da soma que tinham pago. Embriagado – Arncaster era um homem de três-embalagens-de-seis-cervejas-por-noite – ele poderia tornar-se mais expansivo. Talvez dissesse que havia forças na cidade desejando a partida dos ciganos, claro que poderia ter dito isso. A pressão chegara a um ponto que um fazendeiro pobre como Lars Arncaster simplesmente não podia suportar, em particular se a chamada "gente bem" da cidade tinha a faca e o queijo na mão contra ele.

Não que qualquer dos ciganos (talvez à exceção do malabarista, pensou Halleck) precisasse de uma tradução das regras.

Levantando-se, Billy começou a caminhar lentamente para casa, em meio a uma chuvinha fria e persistente. Havia uma luz acesa no quarto; Heidi, esperando por ele.

Nada contra o cara do carro-patrulha; não havia necessidade de vingança nesse caso. Arncaster também estava de fora; tivera uma chance de abocanhar quinhentos dólares em dinheiro sonante, mas mandara os ciganos embora porque não tinha outra alternativa.

Duncan Hopley?

Hopley, talvez. Um *forte* talvez, emendou Billy. De certa forma, Hopley não passava de uma espécie de cão treinado, cujas diretrizes mais urgentes visavam à preservação do "bem-azeitado" *status quo* de Fairview. Contudo, Billy não acreditava que o velho cigano se dispusesse a aceitar uma visão das coisas tão incruentamente sociológica, e não apenas porque Hopley os afugentara com tal eficiência, em seguida ao processo. Afugentar era uma coisa. Eles estavam acostumados com isso. A falha de Hopley, ao investigar o acidente que tirara a vida da velha...

Afinal, isso pesava um pouco, não é mesmo?

Falha ao investigar? Diabo, Billy, não me faça rir! Falha ao investigar significa delito de omissão. O que Hopley fez foi lançar tanta fumaça quanto pôde sobre qualquer culpabilidade possível. A começar pela evidente negligência de um exame para constatação de estado etílico. Aquilo tinha sido um desvio dos princípios gerais. Você sabe disso, e Cary Rossington sabia também.

O vento aumentava e também a chuva. Ele pôde vê-la abrindo crateras nas poças da rua. A água tinha uma aparência singularmente lustrosa à luminosidade ambarina das lâmpadas de alta segurança que marginavam Lantern Drive. Mais acima, galhos gemiam e rangiam ao vento, e Billy Halleck ergueu a cabeça para o alto, inquieto.

Eu devia procurar Duncan Hopley.

Algo faiscou – algo que podia ter sido a fagulha de uma ideia. Então, ele pensou no rosto bêbado e horrorizado de Leda... Pensou nela dizendo, "é *difícil falar com ele agora... Está acontecendo dentro da boca, sabe... Tudo o que me responde é em grunhidos."*

Esta noite, não. Por esta noite, ele já tivera o suficiente.

— Aonde você foi, Billy?

Ela estava na cama, em meio a uma poça de luz que vinha do abajur de leitura. Agora tinha o livro de lado, sobre a coberta, e olhava para ele. Billy viu as fundas olheiras escuras de Heidi. Aquelas olheiras não pareciam despertar-lhe precisamente piedade... pelo menos esta noite. No mundo parecia haver coisas piores do que alguém estar com olheiras.

Por um breve instante, ele pensou em dizer: *Fui procurar Cary Rossington, mas já que ele não estava, tomei alguns drinques com sua esposa – o tipo de*

drinques que tomaria um gigante, durante uma bebedeira. E você não imagina o que ela me contou, Heidi querida. Cary Rossington, o agarrador de sua maminha naquela vez, durante as badaladas da meia-noite na véspera do ano-novo, está virando um jacaré. Quando ele finalmente morrer, poderão transformá-lo em um produto novo em folha: Eis Aqui o Juiz Bolsa de Senhoras.

— A lugar nenhum – respondeu. – Apenas saí. Fiquei andando. Pensando.

— Você cheira como se tivesse caído em uma poça de álcool ao voltar para casa.

— Acho que foi isso mesmo, de certa maneira. A diferença é que fui cair no bar Andy's.

— Quantos tomou?

— Dois.

— Pelo cheiro, parecem ter sido cinco.

— Isto é um interrogatório, Heidi?

— Não, meu bem. Apenas eu gostaria que não se preocupasse tanto. Aqueles médicos certamente descobrirão o que há de errado, quando fizerem os exames de metabolismo.

Halleck grunhiu. Ela virou para o marido o rosto ansioso, assustado:

— Só agradeço a Deus por não ser câncer.

Ele pensou – e quase disse – que devia ser ótimo para ela estar fora daquilo; devia ser ótimo poder ver as gradações do horror. Halleck ficou calado, mas algo do que sentia certamente transpareceu em seu rosto, porque foi intensificada a expressão de cansada infelicidade de Heidi.

— Sinto muito – disse ela. – Apenas... Parece difícil dizer alguma coisa que não seja errada.

Você está por dentro, queridinha, pensou ele, e o ódio cintilou novamente, ígneo e azedo. Por sobre o gim, isso o fazia sentir-se deprimido e fisicamente mal. O ódio diminuiu, sendo substituído pela vergonha. A pele de Cary transformava-se em só Deus sabia o que, algo apropriado para ser visto apenas em tendas de espetáculos circenses. Duncan Hopley podia permanecer em excelente estado ou algo ainda pior talvez estivesse lá, à espera de Billy. Diabo, emagrecer não era tão ruim, era?

Ele se despiu, tomando o cuidado de primeiro apagar o abajur de leitura de Heidi, antes de tomá-la nos braços. Ela se mostrou tensa a princípio. Então,

justamente quando ele começava a pensar que não ia ser bom, sentiu-a suavizar-se. Ouviu o soluço que ela tentou sufocar. Pensou então, infeliz, que se todos os livros de história estivessem certos, havia nobreza a ser encontrada na adversidade e caráter a ser construído na tribulação. Só que ele vinha se saindo muito mal, fosse em encontrar ou construir.

— Eu sinto muito, Heidi – disse.

— Se, pelo menos, eu pudesse *fazer* alguma coisa! – soluçou ela. – Oh, Billy, se eu pudesse *fazer* alguma coisa!...

— Você pode – disse ele, e tocou-lhe o seio.

Fizeram amor. Billy começou a pensar. – *Este é para ela,* mas descobriu que, afinal, fora para ele mesmo; em vez de ver o rosto chocado e embriagado de Leda Rossington, os olhos dela brilhando na escuridão, conseguiu adormecer. Na manhã seguinte, a balança marcou 79.

CAPÍTULO 12: DUNCAN HOPLEY

Halleck havia providenciado uma licença do escritório, a fim de submeter-se aos exames de metabolismo – Kirk Penschley se mostrara quase indecentemente ansioso em atender ao seu pedido, deixando-o com uma verdade que até então não enfrentara: queriam ficar livres dele. Com dois de seus três queixos anteriores agora desaparecidos, os malares visíveis pela primeira vez em anos, os outros ossos da face exibindo-se quase com idêntica clareza, ele se tornara o espantalho do escritório.

— Ora, diabo, mas *claro!* – respondera Penschley, quase antes de Billy terminar de fazer o pedido. Expressava-se em voz demasiado calorosa, a voz que as pessoas adotam quando todos sabem que há algo seriamente errado e ninguém quer admiti-lo. Ele baixou os olhos, fitando o lugar onde antes estaria a barriga de Halleck. – Tire quanto tempo for necessário, Bill.

— Três dias devem bastar – ele havia replicado.

Agora, ligava para Penschley do telefone público no café Barker's, para dizer-lhe que talvez fossem mais do que três dias. Mais do que três dias, sim – mas possivelmente não apenas para os exames de metabolismo. A ideia lhe voltara, cintilante. Não era ainda uma esperança, nada tão importante assim, mas era *alguma coisa*.

— Quanto tempo? – perguntou Penschley.

— Não posso dizer com certeza – respondeu Halleck. – Duas semanas. Possivelmente um mês.

Houve um silêncio momentâneo no outro extremo do fio, e Halleck percebeu que Penschley estava lendo um subtexto: *O que realmente pretendo, Kirk, é nunca mais voltar. Eles finalmente diagnosticaram um câncer. Agora virão o cobalto, as drogas para a dor, o interferon se pudermos consegui-lo, o laetril, se perdermos a cabeça e resolvermos ir ao México. Quando me vir novamente, Kirk, eu estarei em uma comprida caixa, com um travesseiro de seda debaixo da cabeça.*

E Billy, que havia estado bastante amedrontado nas últimas seis semanas, sentiu os primeiros pruridos de raiva. *Não é isso que quero dizer, droga! Pelo menos por enquanto.*

— Não há problema, Bill. Passaremos o caso Hood para Ron Baker, mas

acho que o restante pode esperar um pouco mais. Ficará em fogo lento.

Vão passar porra nenhuma! Você começará a distribuir todo o trabalho para o pessoal, ainda esta tarde. E, quanto ao caso Hood, já o entregou a Ron Baker a semana passada – ele ligou para mim na quinta-feira, perguntando onde é que Sally guardara os malditos depoimentos das testemunhas. Sua ideia de fogo lento, Kirk querido, tem a ver unicamente com churrascos de galinha em tardes de domingo, na sua propriedade em Vermont. Portanto, não me venha com cascatas para um cascateiro!

— Providenciarei para que ele pegue a papelada arquivada – disse Bill e, não resistindo, acrescentou: - Aliás, acho que ele já está com os depoimentos das testemunhas.

Houve um reflexivo silêncio do lado de Kirk Penschley, enquanto ele digeria o que ouvira. Depois disse:

— Bem... Se houver alguma coisa que eu possa fazer...

— Há uma coisa – disse Billy. – Você vai achar meio biruta.

— O que é? – perguntou Penschley, agora em tom cauteloso.

— Lembra-se do meu problema no início desta primavera? O acidente?

— S-sim...

— A mulher que atropelei era uma cigana. Você sabia disso?

— Estava no jornal – replicou Penschley, hesitante.

— Ela fazia parte de um... um... O quê? Um bando, acho que se poderia dizer assim. Um bando de ciganos. Estavam acampados aqui, nos arredores de Fairview. Fizeram um trato com um fazendeiro local que precisava de dinheiro vivo...

— Espere, espere um segundo – disse Kirk Penschley, a voz um tanto agitada, inteiramente diversa de seu anterior tom pesaroso. Billy sorriu de leve. Conhecia este segundo tom e gostava dele, infinitamente mais. Podia visualizar Penschley, quarenta e cinco anos, calvo, mal chegando ao metro e meio de altura, agarrando um bloco de folhas amarelas e uma das suas queridas canetas de escrita fina. Quando estava a todo vapor, Kirk era um dos sujeitos mais inteligentes, mais tenazes que Halleck conhecia. – Muito bem, continue. Quem era esse fazendeiro local?

— Arncaster. Lars Arncaster. Depois que atropelei a mulher... – Qual o nome dela?

Halleck fechou os olhos e tentou recordar. Engraçado... Tudo aquilo, e nem mesmo pensara no nome dela, após a audiência.

— Lemke – disse por fim. – O nome dela era Susanna Lemke.

— L-e-m-p-k-e?

— Sem o P.

— Certo.

— Depois do acidente, os ciganos descobriram que não eram bem-vindos em Fairview. Tenho motivos para crer que agora estão em Raintree. Gostaria que você mandasse verificar isso e, se não estão mais lá, para onde seguiram. Quero saber onde se encontram neste momento. Pagarei de meu bolso os honorários da investigação.

— E claro que sim! – exclamou Penschley jovialmente. – Bem, se eles foram para o norte, dentro da Nova Inglaterra, acho que poderemos descobrir seu paradeiro. Entretanto, se foram para o sul, na direção de Nova York ou Jersey, vai ser difícil. Está receando alguma ação cível, Billy?

— Não – respondeu ele. – Acontece que preciso falar com o marido da tal mulher. Se é que era marido dela.

— Oh! – disse Penschley.

Novamente, Billy Halleck poderia ler o pensamento dele, com tanta clareza, como se Kirk houvesse dito em voz alta: *Billy Halleck está ordenando seus assuntos, pondo a contabilidade em dia. Talvez queira dar um cheque ao velho cigano, talvez queira apenas falar com ele, desculpar-se e permitir que o homem tenha a chance de esmurrar-lhe um olho.*

— Obrigado, Kirk – disse Halleck.

— Não tem que agradecer – respondeu Penschley. – Só desejo que se cuide e fique em forma.

— Certo – disse Billy, e desligou.

Seu café está esfriando.

De fato, ele não ficou muito surpreso ao descobrir que Rand Foxworth, assistente do chefe de polícia, estava dirigindo as coisas no posto policial de Fairview. Ele cumprimentou Halleck com suficiente cordialidade, mas tinha um ar apoquentado e, para o olho experiente de Halleck, parecia haver uma papelada muito mais volumosa na caixa de entrada, em cima da mesa dele, do que na caixa de saída. O uniforme de Foxworth estava impecável, mas... Ele tinha os olhos

injetados de sangue.

— Dunc pegou um resfriado forte – disse, em resposta à pergunta de Billy, uma resposta em tom automático, como se já houvesse sido fornecida muitas vezes. – Não veio trabalhar nos últimos dois dias.

— Entendo – disse Billy. – Uma gripe forte.

— É isso aí – replicou Foxworth, e seus olhos desafiaram Billy a tirar novas conclusões.

A recepcionista informou que o Dr. Houston estava com um paciente.

— Tenho urgência em falar com ele – disse Billy. – Por favor, diga-lhe que não tomarei muito tempo.

Teria sido mais fácil pessoalmente, mas Halleck não sentia vontade de dirigir todo o trajeto até o centro da cidade. Em resultado, encontrava-se em uma cabine telefônica (um ato que não teria conseguido executar, bem pouco tempo antes), em frente ao posto policial. Por fim, Houston atendeu.

A voz dele era impessoal e distante, mais do que um pouco irritada. Halleck também estava conseguindo grandes progressos em ler informações subliminares – ou talvez estivesse de fato paranoico – e ouviu uma mensagem clara, no tom gelado: *Você não é mais meu paciente, Billy. Farejo em você alguma degeneração irreversível que me deixa muito, muito nervoso. Dê-me algo que eu possa diagnosticar e receitar, é só o que peço. Se não puder dar-me isso, francamente, não há qualquer base para uma troca entre nós. Jogamos algumas boas partidas de golfe juntos, mas não creio que qualquer de nós acharia que somos amigos. Tenho um biper Sony, um equipamento para diagnósticos no valor de duzentos mil dólares e uma seleção de drogas para receitar, tão ampla que... bem, se meu computador a imprimisse por inteiro, a folha iria das portas de entrada do Country Club por toda a distância até o cruzamento de Park Lane com Lantern Drive. Tendo tudo isso ao alcance, eu me sinto* inteligente. *Eu me sinto* útil. *Então, aparece você e faz com que me sinta um médico do século XVII, com um frasco de sanguessugas para a pressao alta e um trépano para dor de cabeça. Acontece que não gosto de sentir-me assim, grande Bill. De maneira alguma.* Isso *nada tem a ver com a coca. Portanto, dê o fora. Lavo as mãos em relação a você. Irei vê-lo em seu caixão... A menos, naturalmente, que meu bíper comece a chamar- me e eu precise ir embora.*

— Medicina moderna – murmurou Billy.

— O que, Billy? Fale mais alto. Não quero apressá-lo, mas meu assistente adoeceu e estou arrancando os cabelos esta manhã.

— É apenas uma pergunta, Mike – disse Billy. – O que há de errado com Duncan Hopley?

Durante quase dez segundos, houve o mais absoluto silêncio no outro extremo do fio. E então:

— Por que acha que há algo errado com ele?

— Ele não está no posto policial. Rand Foxworth me disse que Duncan ficou gripado, mas Rand Foxworth mente como um velho contando suas trepadas.

Houve outra longa pausa.

— Sendo você advogado, Billy, eu não precisaria dizer-lhe que está querendo uma informação reservada. Posso ver-me em dificuldades. — Se alguém descobrir o que há no vidrinho que guarda em sua mesa, estou certo de que se veria mesmo em dificuldades. Dificuldades tão grandes, que fariam um trapezista ter acrofobia.

Mais silêncio. Quando Houston tornou a falar, sua voz estava tensa pela raiva... E havia também um subtom de medo.

— Isso é uma ameaça?

— Não – respondeu Billy cansadamente. – Apenas não banque o meticuloso comigo, Mike. Diga-me o que há de errado com Hopley e isso será tudo.

— Por que quer saber?

— Oh, pelo amor de Deus! Você é a prova viva de que um homem pode ser tão teimoso quanto quer, sabia disso, Mike?

— Não faço a menor ideia do que...

— Neste último mês, você viu três enfermidades muito estranhas em Fairview. Não percebeu qualquer relacionamento entre elas? De certo modo, é compreensível: foram todas diferentes em seus sintomas. Por outro lado, são todas similares, no tocante ao fato de sua singularidade. Eu gostaria de saber se outro médico – um que não houvesse descoberto o prazer de enfiar no focinho cinquenta dólares de cocaína diariamente, por exemplo – teria encontrado uma conexão, a despeito dos sintomas diferentes.

— Ei, espere aí um minuto!

— Não, não espero. Você perguntou por que eu queria saber e, por Deus,

eu lhe direi. Venho perdendo peso constantemente – e continuo perdendo, mesmo que enfie pela garganta oito mil calorias, todos os dias. Cary Rossington apresentou uma curiosa doença de pele. Sua esposa diz que ele está virando um monstro de circo. Cary foi para a clínica Mayo. Agora, eu quero saber o que há de errado com Duncan Hopley e, em segundo lugar, saber se você teve quaisquer outros casos inexplicáveis.

— A coisa não é bem assim, Billy! Você parece estar com alguma ideia maluca na cabeça. Não sei o que seja...

— E nem eu lhe direi, mas quero uma resposta. Se não a conseguir de você, conseguirei de outra maneira.

— Espere um segundo. Se temos que discutir isso, prefiro que você fale para o telefone de meu estúdio. Lá tenho mais privacidade.

— Ótimo.

Houve um clique, quando Houston deixou Billy na espera. Sentado na cabine telefônica e suando, ele se perguntou se esta seria uma forma de Houston sair do ar. Então, houve outro clique.

— Ainda está aí, Billy?

— Estou.

— Muito bem – disse Houston, com uma nota de indiscutível desapontamento na voz, chegando a ser cômico. Billy o ouviu suspirar. – Duncan Hopley apresentou um caso de acne devastadora.

Billy ficou em pé e abriu a porta da cabine telefônica. De repente, ali dentro ficou demasiado quente.

— *Acne?*

Espinhas. Pústulas. Cravos. Tudo. Satisfeito?

— Houve mais alguém?

— Não. E ouça, Billy, eu não considero espinhas um caso exatamente incomum. Por um momento, você me soou um pouco como novela de Stephen King, mas a coisa não é bem assim. Dunc Hopley apresenta um desequilíbrio glandular temporário, nada mais. E isso não é nenhuma novidade para ele, se quer saber. Tem um histórico de problemas de pele remontando ao sétimo grau.

— Muito racional. Entretanto, se você adicionar à equação Cary Rossington com sua pele de jacaré e William J. Halleck com seu caso de anorexia nervosa involuntária, a coisa começa novamente a soar um pouco como

novela de Stephen King, não acha?

Houston respondeu, pacientemente:

— Você tem um problema metabólico, Billy. Quanto a Cary... Eu não sei. Já vi algumas...

— Coisas estranhas, eu sei – disse Billy. Esse imbecil cocainômano fora realmente seu médico de família por 10 anos? Santo Deus, seria isso verdade? – Você tem visto Lars Arncaster ultimamente?

— Não – respondeu Houston, impaciente. – Arnscaster não é meu paciente. Pensei que você havia mencionado apenas *uma* pergunta.

Claro que ele não pode ser seu paciente, pensou Billy, irrefletidamente. *Arncaster não paga as contas em dia, certo? E um sujeito como você, um sujeito com gostos dispendiosos, certamente não pode se dar ao luxo de esperar, não é mesmo?*

— Esta é, de fato, a última – disse Billy. – Quando viu Duncan Hopley pela última vez?

— Faz duas semanas.

— Obrigado.

— Marque uma consulta da próxima vez, Billy – disse Houston, com voz inamistosa, e desligou.

Evidentemente, Hopley não morava em Lanterri Drive, mas em seu posto como chefe de polícia ganhava bem e tinha uma bem arrumada casa em Ribbonmaker Lane, no estilo da Nova Inglaterra, com dois pavimentos à frente e um nos fundos.

Billy estacionou na entrada para carros, ao anoitecer. Foi até a porta e tocou a cigarra. Não houve resposta. Tocou novamente. Nada. Insistiu. Ainda sem resultado. Foi até a garagem, colocou as mãos em concha ao redor do rosto e espiou. O carro de Hopley, um conservado Volvo em tonalidade cordov, estava lá dentro. Na chapa de matrícula estava escrito FVW 1. Não havia um segundo carro. Hopley era solteiro. Billy voltou à porta e começou a esmurrá-la. Esmurrou-a por quase três minutos e seu braço estava ficando cansado, quando uma voz rouca gritou:

— Vá embora! Foda-se!

— Deixe-me entrar! – gritou Billy em resposta. – Preciso falar com você.

Silêncio. Após um minuto, ele recomeçou a esmurrar a porta. Desta vez

não houve resposta em absoluto... Mas quando parou de repente, ouviu um ruído de movimento no outro lado. Visualizou de súbito o outro homem parado lá – *agachado* lá – esperando que o indesejado, insistente visitante fosse embora e o deixasse em paz. Paz, ou o que quer que significasse isso para o mundo de Duncan Hopley, naqueles dias. Billy estirou a mão latejante, espichando os dedos.

— Eu acho que você está aí, Hopley – disse, em tom tranquilo. – Não precisa dizer nada, ouça-me apenas. Sou eu, Billy Halleck. Há dois meses, estive envolvido em um acidente. Uma velha cigana atravessou a rua sem prestar atenção...

Um movimento atrás da porta; definitivo agora. Um roçagar.

— Eu a atropelei e a matei. Agora, estou perdendo peso. Sem dieta ou qualquer coisa assim; apenas estou emagrecendo. Até agora, cerca de trinta e quatro quilos. Se isto não parar logo, vou ficar parecendo o Esqueleto Humano em um espetáculo de feira.

"Cary Rossington – o juiz Rossington – presidiu a audiência preliminar e declarou que não havia causa. Pois apareceu com uma estranha moléstia de pele..."

Billy pensou ter ouvido uma sufocada exclamação de surpresa.

— ... E foi para a clínica Mayo. Os médicos lhe disseram que não é câncer, mas tampouco sabem *o que* seja. Rossington desejaria acreditar que é câncer, em vez do que sabe ser *realmente* a coisa.

Billy engoliu em seco. Sentiu um ponto doloroso em sua garganta.

É uma maldição cigana, Hopley. Sei que isto pode parecer loucura, mas é a pura verdade. Havia um velho. Ele me tocou, quando saí do tribunal. Também tocou Rossington, quando o juiz e sua esposa foram ao mercado de objetos usados em Raintree. Ele tocou você, Hopley?

Houve um longo, longo silêncio... E então uma palavra chegou aos ouvidos de Billy, através da fenda para correspondência, como uma carta repleta de más notícias de casa:

— Tocou...

— Quando? Onde?

Não houve resposta.

— Escute, Hopley: para onde os ciganos foram, quando deixaram

Raintree? Você sabe?

Nenhuma resposta.

— Eu preciso falar com você! – disse Billy, desesperadamente. – Tive uma ideia, Hopley. Acho que...

— Você nada pode fazer – sussurrou Hopley. – Já é tarde demais. Você compreende, Halleck? Tarde... demais.

Novamente aquele suspiro – áspero, terrível.

— Há uma *chance!* – disse Halleck, furioso. – Você chegou a um ponto em que isto nada significa?

Nenhuma resposta. Billy esperou, procurando mais palavras, outros argumentos. Não encontrou nem uma coisa nem outra. Simplesmente, Hopley não ia deixá-lo entrar. Começou a dar meia-volta, quando ouviu um clique e a porta entreabriu-se.

Billy espiou pela fenda negra entre a porta e o batente. Tornou a ouvir aqueles movimentos roçagantes, agora se afastando, no fundo, indo para o escuro corredor. Sentiu a carne arrepiar-se nas costas, nos lados e braços; por um momento, quase decidiu ir embora de vez – *Não se incomode, Hopley,* pensou, *se alguém pode encontrar aqueles ciganos, é Kirk Penschley, então não se incomode, Hopley. Você não precisa dele, Billy, portanto não há necessidade de ver em que Hopley se tornou.*

Procurando sufocar o pensamento, Billy agarrou a maçaneta da porta dianteira da casa do chefe de polícia, abriu-a e entrou.

Viu uma forma vaga, no outro extremo do corredor. Uma porta à esquerda se abriu e a forma passou por ela. Havia uma luz mortiça acesa e, por um momento, uma sombra estirou-se, comprida e esquálida, através do piso do corredor, dobrando-se para subir até meio caminho na parede oposta, onde havia uma foto emoldurada de Hopley recebendo um prêmio do Rotary Clube de Fairview. A cabeça deformada da sombra pairou sobre a foto, como um augúrio.

Billy caminhou pelo corredor, agora assustado – não queria ser apanhado desprevenido. Quase esperou que a porta às suas costas batesse e se fechasse... *E então o cigano irromperá das sombras, para agarrar-me pelas costas, como a grande cena assustadora em um filme barato de terror. Certamente. Vamos, idiota, procure raciocinar!* Entretanto, seu coração em disparada não diminuiu as batidas.

Ele percebeu que a casinha de Hopley tinha um cheiro desagradável – sufocado e penetrante, como carne estragando-se lentarnente.

Ficou parado junto à porta aberta, por um momento. Parecia dar para um estúdio ou sala íntima, porém a luz era tão fraca, que não permitia uma certeza.

— Hopley?

— Entre – sussurrou a voz enrouquecida.

Billy entrou.

Era a sala de descanso de Hopley. Havia mais livros do que Billy esperava e um cálido tapete turco no chão. Era um aposento pequeno, provavelmente aconchegante e agradável, em outras circunstâncias.

Havia uma secretária de madeira clara no centro. Sobre ela, um abajur extensível. Hopley tinha baixado o suporte da lâmpada, a tal ponto que a çúpula ficava a menos de dois centímetros da superfície da mesa, ali formando um pequeno e fortemente concentrado foco de luz; o restante do aposento era uma fria região de sombras.

O próprio Hopley era um vulto em forma de homem, não que poderia ser uma poltrona atrás da mesa.

Billy cruzou a porta. Havia uma poltrona no canto. Sentou-se nela, percebendo que escolhera o assento mais distante de Hopley. Não obstante, viu-se tentando ver o outro claramente. Era impossível, O homem não passava de uma silhueta. Billy quase esperou que o chefe de polícia girasse o suporte do abajur, a fim de que a luz focalizasse em cheio o rosto do visitante. Então, Hopley se inclinaria para diante, um tira saído de um *filmnoir* dos anos 1940, gritando: *"Sabemos que foi você, McGonigal! não adianta ficar negando! Confesse! Confesse e deixaremos que fume um cigarro! Confesse e lhe daremos um copo comágua gelada! Confesse e deixaremos que vá ao banheiro!"*

Hopley, no entanto, continuou recostado em sua poltrona. Houve um leve farfalhar, quando ele cruzou as pernas.

— Muito bem, você queria entrar. Já entrou. Conte sua história e vá embora, Halleck. Atualmente, você não é bem a minha pessoa predileta no mundo.

— Também não sou a pessoa predileta de Leda Rossington – respondeu Billy – e, francamente, estou pouco me lixando para o que ela pense. Ou para o que você pense. Ela acha que sou o culpado. Talvez você ache o mesmo.

— Quanto tinha bebido quando atropelou a mulher, Halleck? Minha suposição é que se Tom Rangely o tivesse submetido ao teste etílico, aquele balãozinho flutuaria direto para o céu, como um daqueles balões da meteorologia.

— Não houve bebida alguma e também não houve drogas – respondeu Billy. Seu coração ainda disparava, porém agora era mais impulsionado pela raiva do que pelo medo. Cada pancada enviava um nauseante raio de dor à sua cabeça. – Quer saber o que aconteceu? Quer? Minha esposa de dezesseis anos de casados escolheu justamente aquele dia para masturbar-me no carro. Ela nunca fizera *nada* parecido, antes. Não tenho a menor pista que me indique por que escolheu logo aquele dia para isso. Assim, enquanto você e Leda Rossington – e provavelmente também Cary Rossington – ocupavam-se em atirar-me a culpa, porque eu estava ao volante, estive ocupado em culpar minha esposa, porque estava com a mão dentro de minhas calças. E talvez devamos todos responsabilizar o destino, a sina ou algo assim, parando de nos inquietar sobre culpas.

Hopley grunhiu.

— Ou prefere que lhe conte como supliquei de joelhos a Tom Rangely para que não fizesse comigo o teste de estado etílico ou um exame de sangue? Como chorei em seu ombro, para abafar a investigação e chutar aqueles ciganos para fora da cidade?

Desta vez, Hopley nem mesmo grunhiu. Era apenas uma sombra silenciosa, fazendo volume na poltrona.

— Não acha que é um pouquinho tarde para *todas* estas brincadeiras? – perguntou Billy. Sua voz enrouquecera e, com certo espanto, ele percebeu que estava à beira das lágrimas. – Minha esposa me masturbava, é verdade. Atropelei e matei aquela mulher, é verdade. Ela estava a pelo menos cinquenta metros do cruzamento mais próximo e saiu do meio de dois carros, é verdade. Você abafou a investigação e afugentou os ciganos para fora da cidade, assim que Cary Rossington me inocentou de tudo, também é verdade. E nada disso significa *merda* nenhuma. Entretanto, *se prefere* ficar aqui, sentado no escuro, atribuindo culpas, meu amigo, não se esqueça de reservar um prato cheio para você.

— Uma grande recapitulação, Halleck. Formidável. Certamente viu

Spencer Tracy naquele filme do julgamento do macaco, não? Deve ter visto.

— Foda-se! – disse Billy, e levantou-se.

Hopley suspirou.

— Sente-se.

Billy Halleck vacilou, percebendo que parte dele queria usar sua raiva para propósitos não tão nobres. Esta parte queria que saísse dali, em uma fuga "manufaturada", simplesmente porque aquela sombra escura e amontoada na outra poltrona o deixava borrado de medo.

— Não me venha com essa escrupulosa santimônia – disse Hopley. – Sente-se, pelo amor de Deus!

Billy sentou-se, sentindo a boca seca e notando que havia pequenos músculos em suas coxas que saltavam e dançavam descontroladamente.

— Que seja lá como quer, Halleck. Sou mais parecido a você do que imagina. E também não dou um peido na ventania pelos que se foram. Você tem razão – eu não pensei, apenas fiz. Eles não foram o primeiro grupo de indesejáveis que já botei para fora da cidade e também fiz outros trabalhinhos cosméticos, quando algum figurão da cidade se metia em sujeiras. Evidentemente, nada podia fazer, se o tal figurão se envolvesse na sujeira fora dos limites de Fairview... Mas você ficaria surpreso se soubesse quantos de nossos maiorais nunca aprenderam que ninguém deve cagar no prato em que come.

— Bem, talvez nem ficasse surpreso.

Hopley deu uma risada crocitante e aguda, que provocou arrepios nos braços de Billy.

— Tudo faz parte do serviço. Se nada tivesse acontecido, nenhum de nós – você, eu, Rossington – a esta altura se lembraria da existência de ciganos.

Billy abriu a boca para uma negativa calorosa, para dizer a Hopley que ele se lembraria, pelo resto da vida, do repugnante baque duplo que tinha ouvido... E então recordou os quatro dias em Mohonk com Heidi, rindo e comendo como cavalos, fazendo amor a cada noite, às vezes até nas tardes. Há quanto tempo isso acontecera? Duas semanas?

Tornou a fechar a boca.

— O que aconteceu, aconteceu. Creio que o único motivo de tê-lo deixado entrar foi por ser bom saber que outra pessoa também acredita nisto que está

acontecendo, por mais louco que seja. Ou, talvez, fosse apenas por sentir-me solitário. E, além disso, estou com medo, Halleck. Com muito medo. *Apavorado.* Você tem medo?

— Sim – disse Billy simplesmente.

— Sabe o que mais me amedronta? Posso viver como estou por bastante tempo. Isso me amedronta. A Sra. Callaghee compra minha comida e vem aqui duas vezes por semana, para limpar e lavar a roupa. Tenho a televisão e gosto de ler. Meus investimentos foram bem aplicados no correr dos anos e, se for moderadamente frugal, sem dúvida prosseguirei indefinidamente. E afinal, em minha situação, que tentação sentirá um homem em gastar? Eu compraria um iate, Halleck? Fretaria um Lear e voaria para Monte Cano com minha garota, a fim de assistir à corrida do Grande Prêmio no mês que vem? O que você acha? A quantas festas acha que seria convidado, agora que meu rosto está desmoronando?

Billy sacudiu a cabeça, aturdido.

— Então... Só me resta ficar aqui, com isto... isto continuando. Como continua neste momento, a cada dia, a cada noite. E isso me amedronta, porque é errado continuar vivendo assim. A cada dia em que não me suicido, a cada dia em que me limito a ficar aqui, sentado no escuro, assistindo a jogos e a outros programas, aquele fodido velho cigano está rindo de mim.

— Quando... Quando foi que ele...?

— Tocou em mim? Faz apenas umas cinco semanas. Fui a Milford visitar meus pais. Levei-os para almoçar fora. Eu tinha tomado algumas cervejas antes e mais algumas durante o almoço; então, antes de sairmos, resolvi ir ao banheiro. A porta estava fechada. Esperei, ela se abriu, e *ele* saiu. O velho nojento, com o nariz comido. Ele tocou meu rosto e disse alguma coisa.

— O quê?

— Não sei direito — disse Hopley. – Naquele exato momento, alguém da cozinha deixou cair uma pilha de pratos no chão. Aliás, eu nem precisava ouvir coisa alguma. Tudo que preciso fazer é olhar no espelho.

— Você provavelmente não sabe se eles estavam acampados em Milford.

— Por falar nisto, procurei certificar-me com a polícia de Milford no dia seguinte – disse Hopley. Chame a isso curiosidade profissional – eu tinha reconhecido o velho cigano. Ninguém esquece uma cara daquelas, se entende o

que quero dizer.

— Sim – disse Billy.

— Eles tinham acampado em uma fazenda a leste de Milford, por quatro dias. O mesmo tipo de negócio que tinham feito com o cretino do Arncaster. O tira com quem falei disse que não tirou o olho de cima deles e que pareciam ter ido embora justamente aquela manhã.

— Depois que o velho tocou você.

— Certo.

—Acredita que ele soubesse de sua ida para lá? Que iria àquele particular restaurante?

— Eu nunca tinha levado meus velhos lá antes – disse Hopley. – Era um estabelecimento antigo, que acabara de ser remodelado. Em geral, vamos a um restaurante italiano, no outro lado da cidade. Minha mãe é que teve a ideia. Queria ver o que tinham feito com os tapetes, os painéis ou algo assim. Sabe como são as mulheres.

— Não respondeu ao que perguntei. Acredita que ele soubesse de sua ida ao restaurante?

Houve um longo e reflexivo silêncio, de parte da forma encolhida na poltrona atrás da mesa.

— Sim – disse Hopley por fim. – Sim, acho. Mais loucuras, Halleck, certo? Ainda bem que não há ninguém anotando a contagem dos pontos, hein?

— Sim – disse Billy. – Creio que sim.

Uma risadinha peculiar escapou de sua garganta. Soava como um ligeiro guincho.

— E agora, qual a sua ideia, Halleck? Não tenho dormido muito estes dias, mas em geral começo a remexer-me e virar-me a esta hora da noite.

Solicitando a traduzir em palavras o que apenas visuaiizara no silêncio da própria mente, Billy começou a achar-se absurdo – sua ideia era frágil e tola, não chegando a ser bem uma ideia, mas apenas um sonho.

— A firma de advocacia em que trabalho usa uma equipe de investigadores – falou. – Agência de Detetives Barton.

— Já ouvi falar neles.

— Dizem que são os melhores em seu ramo de atividade. Eu... Isso significa que...

Ele sentiu a impaciência de Hopley irradiando-se em ondas, embora o chefe de polícia não esboçasse o menor movimento. Apelou para a dignidade que lhe restava, dizendo a si mesmo que certamente sabia tanto quanto Hopley o que estava acontecendo, que o outro tinha seu mesmo direito de falar; afinal de contas, acontecia também com ele.

— Eu quero encontrá-lo – disse Billy. – Quero um confronto com ele. Quero contar-lhe o que aconteceu. Eu... Eu acho que preciso justificar-me, mesmo supondo que, se pode fazer estas coisas conosco, ele certamente está a par de tudo.

— Entendo – disse Hopley.

Um pouco encorajado, Billy prosseguiu:

— Contudo, ainda assim quero contar a ele a minha versão dos fatos. Direi que foi culpa minha, claro, eu devia ter sido capaz de frear em tempo – em circunstâncias normais, eu *teria* freado em tempo. Direi que foi culpa de minha esposa, por causa do que ela fazia a mim. Que foi culpa de Rossington, por abafar o caso, e também sua, por afrouxar a investigação e afugentá-los da cidade.

Billy engoliu em seco.

— Então, direi a ele que foi culpa *dela* também. Sim. Ela estava atravessando *fora do sinal,* desatenta, Hopley. Certo, não é um crime pelo qual se seja condenado à câmara de gás, porém o motivo de ser contra a lei, é porque um pedestre pode morrer, de maneira como *ela* foi morta.

— Você quer dizer isso a ele?

— Eu *não quero,* mas vou dizer. Ela surgiu do meio de dois carros estacionados, sem olhar para os lados. A gente aprende isso no primário.

— De qualquer modo, não creio que essa criatura tenha recebido instruções do Policial Amigo, quando cursava o primário – disse Hopley. – Aliás, creio que ela *jamais* andou pelo primário, sabe?

— Dá no mesmo – disse Billy, teimosamente. – O mero senso comum...

— Halleck, você deve estar ansioso por punição – disse a sombra que era Hopley. – Por ora, você está apenas perdendo peso – está querendo candidatar-se ao grande prêmio? Da próxima vez, ele talvez lhe suspenda as funções intestinais ou aqueça seu sangue a quarenta e três graus. Ou...

— Não *vou ficar aqui em Fairview, de braços cruzados, esperando para*

ver o que acontece! – disse Billy, veemente. – Talvez ele possa reverter o que fez, Hopley. Já pensou nisso?

— Estive lendo sobre o assunto – disse Hopley. Acho que intuía o que estava acontecendo, quase desde que me surgiu a primeira espinha acima de uma sobrancelha. Era onde sempre começavam meus ataques de acne no ginásio – e, naquele tempo, eram ataques terríveis, fique certo. Então, fui ler a respeito. Como já falei, gosto de ler. E, se quer saber, há uma infinidade de livros sobre rogar pragas e maldições, Halleck, mas bem poucos sobre revertê-las.

— Bem, talvez ele não possa fazer isso. *Provavelmente* não poderá, mas mesmo assim quero procurá-lo, droga! Quero olhar na cara dele e dizer: "Você cortou a torta errado, velho. Devia ter cortado uma fatia para minha esposa e uma para a *sua* esposa também. E já que tocamos nisso, velho, que tal uma fatia para você? Onde estava, enquanto ela andava pela rua, sem olhar para onde ia? Devia saber se ela não estava acostumada ao trânsito no centro de uma cidade. Pois então, onde se encontrava no momento? Por que não estava lá, para tomá-la pelo braço e indicar-lhe a faixa de pedestres da esquina? Por quê...?"

— Já chega – disse Hopley. – Se eu estivesse em um julgamento, você me convenceria, Halleck. Entretanto, esqueceu o mais importante fator que influi aqui.

— Qual? – perguntou Billy, tenso.

— A natureza humana – respondeu a sombra-Hopley. – Podemos ser vítimas do sobrenatural, mas na realidade estamos lidando é com a natureza humana. Como policial – perdão, ex-policial – eu poderia apenas concordar em que tudo surge em tonalidades de cinza. Não existe um certo absoluto, como não existe um errado absoluto; o que existe é tão somente um cinza matizando-se para o próximo, mais escuro ou mais claro. E acha mesmo que o *marido* dela vai engolir essa bosta?

— Não sei.

— *Eu* sei – disse Hopley. – *Eu* sei, Halleck. Posso ler tão bem naquele tipo que, às vezes, penso que ele deve estar me enviando sinais de rádio. A vida inteira ele viveu perambulando, mandado embora de um lugar, assim que a "gente fina" comprava toda a maconha ou haxixe que quisesse, assim que houvesse perdido na roda da sorte todas as moedas que queria. A vida inteira ele

se ouviu sendo chamado de cigano sujo. A "gente fina" cria raízes; ele não tem nenhuma. Esse sujeito, Halleck, viu tendas de lona serem incendiadas por brincadeira, nos anos 1930 e 1940, e talvez houvesse bebês e velhos incendiados em algumas daquelas tendas. Ele viu suas filhas ou as filhas dos amigos serem atacadas, talvez violentadas, porque toda aquela "gente fina" sabe que ciganos trepam como coelhos e que um pouco mais não fará diferença – mas mesmo que faça, quem se importa? Ele talvez tenha visto seus filhos ou os filhos dos amigos serem surrados até quase a morte... E por quê? Porque os pais dos garotos que os surraram perderam algum dinheiro nos jogos de azar. É sempre a mesma coisa: você chega na cidade, a "gente fina" fica com o que quer e depois o manda embora. Às vezes, essa "gente fina" o condena a uma semana de trabalho na fazenda local de ervilhas ou um mês entre os trabalhadores da estrada local, como medida de ensinamento. E então, Halleck, para o cúmulo das coisas, vem o estalo final do chicote. O importante advogado de três queixos e bochechas de buldogue atropela e mata sua esposa na rua. Ela tem setenta, setenta e cinco anos, é meio cega, talvez apenas se aventure no meio da rua depressa demais por querer voltar para sua gente antes de mijar nas roupas – e ossos velhos quebram fácil, ossos velhos são como vidro, e você fica por ali, pensando que, desta vez, *apenas desta vez,* haverá um pouco de justiça... Um instante de justiça, como indenização por toda uma vida de miséria e...

— Pare com isso! – exclamou Billy roucamente. – Quer parar com isso?

Ele tocou o rosto, aturdido, pensando que devia estar suando em profusão. Contudo, não havia suor em sua face; eram lágrimas.

— Não, você merece – disse Hopley, com selvagem jovialidade – e vai receber tudo. Não estou dizendo para não ir em frente, Halleck – depois do envolvimento de Daniel Webster com o júri de Satã, que diabo, acho que tudo é possível. Contudo, acho que você ainda acalenta ilusões demais. Este sujeito é *louco,* Halleck. Ele está *furioso.* Por tudo o que você sabe, a esta altura ele pode ter perdido a cabeça, caso em que seria melhor ir fazer sua arenga no hospício de Bridgewater. Ele está ansioso por vingança, e quando alguém decide vingar-se, não está apto a ver como tudo se compõe de tonalidades de cinza. Quando sua mulher e filhos perdem a vida em um desastre de avião, você não quer saber como o circuito A fundiu o botão B, como o controlador de tráfego C tinha um toque da doença virótica D e o navegador E escolheu a hora errada para ir ao

banheiro. Você só deseja processar a linha aérea, quer esmagá-la... Ou matar alguém com sua arma. Você quer um *bode expiatório,* Halleck. Quer machucar alguém. E nós estamos sendo machucados. Pior para nós. Ótimo para ele. Talvez eu entenda a coisa um pouquinho mais do que você, Halleck.

Lenta, muito lentamente, sua mão deslizou para o estreito círculo de luz lançado pelo abajur flexível e o girou, de maneira a que iluminasse seu rosto. Halleck ouviu um ofegar sufocado e percebeu que proviera de sua garganta.

Ouvira Hopley dizendo: *A quantas festas acha que eu seria convidado, agora que meu rosto está desmoronando?*

A pele de Hopley era uma escabrosa paisagem estranha. Malignas pústulas vermelhas, do tamanho de pires de chá, brotavam de seu queixo, pescoço, braços e costas das mãos. Erupções em flores devastavam-lhe as faces e a testa; o nariz era uma zona pontilhada de pontos negros. Pus amarelado fluía em curiosos canais entre dunas protuberantes de carne estufada. O sangue pingava aqui e ali. Ásperos pelos negros, pelos de barba, brotavam em loucos tufos esparsos. A mente de Halleck, completamente sobrecarregada de horror, percebeu que teria sido impossível fazer a barba, certo tempo antes, em um rosto de tão cataclísmicas convulsões. E no centro de tudo aquilo, irremediavelmente embebido naquela vermelha paisagem gotejante, estavam os olhos fixos de Hopley.

Eles fitaram Billy Halleck pelo que pareceu um período interminável, lendo sua repulsa e seu visível horror. Por fim, Hopley assentiu, como que satisfeito, e tornou a girar o abajur flexível para baixo.

— Meu Deus, Hopley, eu sinto muito...

— Não é preciso – disse Hopley, de novo com aquela voz fantasticamente jovial. – Em seu caso, a coisa será mais lenta, mas um dia chegará lá. Minha pistola de serviço está na terceira gaveta desta mesa e, se a situação ficar insustentável, eu a usarei, pouco importando qual o saldo em minha conta bancária. Meu pai costumava dizer que Deus odeia os covardes. Eu queria que você me visse, porque então compreenderia. Sei como aquele velho cigano se sente. Por isso, não lhe faria nenhum belo discurso legal. Não me preocuparia com quaisquer motivos atenuantes. Eu o mataria pelo que fez comigo, Halleck.

Aquela sombra horrível moveu-se e deslocou o peso do corpo. Halleck ouviu Hopley levar os dedos à face, e então ouviu o som indizível, o som

nauseante de pústulas maduras que se rompiam em secreções. *Rossington está criando escamas, Hopley está apodrecendo e eu estou desaparecendo,* pensou. *Oh, Deus, que isto seja um sonho, mesmo que me deixe louco... Mas não permita que esta coisa esteja acontecendo!*

— Eu o mataria bem devagarinho – disse Hopley. – Pouparei os detalhes a você.

Billy tentou falar, mas nada emitiu além de um grasnido seco.

— Compreendo sua intenção, mas tenho bem poucas esperanças quanto aos resultados de sua missão – disse Hopley, em voz cavernosa. – Por que não resolve matá-lo em vez disso, Halleck? Por que não? Você...

Halleck, entretanto, já chegara ao seu limite. Fugiu do estúdio sombrio de Hopley, tão precipitadamente, que seu quadril bateu com força na quina da secretária. Houve a louca sensação de que o outro estenderia uma daquelas mãos terríveis e o tocaria. Hopley, entretanto, ficou quieto.

Halleck correu para fora da casa, para a noite, e ficou lá, parado, respirando ar puro em grandes golfadas, a cabeça baixa, as coxas trêmulas.

CAPÍTULO 13: 78

Durante o resto da semana, ele pensou insistentemente em ligar para Ginelli no Three Brothers. Ginelli parecia uma resposta de alguma espécie – embora ele ignorasse *de que* espécie seria. Por fim, no entanto, ele resolveu internar-se na clínica Glassman e iniciar os exames de metabolismo. Se fosse solteiro e sozinho como Hopley (nos sonhos da noite anterior, Hopley fizera várias aparições), teria cancelado tudo aquilo. Entretanto, era preciso pensar em Heidi... E havia Linda – Linda, que de fato era um espectador inocente, sem entender nada do que ocorria. Assim, internou-se na clínica, ocultando seu louco conhecimento, como um homem ocultando seu vício em drogas.

Afinal de contas, ali era um lugar onde permanecer e, enquanto estivesse lá, Kirk Penschley e a agência de detetives Barton cuidariam do que lhe interessava. Pelo menos, assim esperava.

Em vista disto, ele foi furado e sondado. Bebeu uma hedionda solução de bário com gosto de giz. Foi submetido a raios X, a uma tomografia axial, computadorizada, a um EEG e EKG, além de um total exame metabólico. Médicos visitantes eram levados até ele, para vê-lo como se fosse um animal raro em exibição no zoológico. *Um panda gigante ou talvez o último pássaro dodô,* pensou Billy, sentado no solário e tendo nas mãos uma revista *National Geographic* que não lia. Havia Band-Aids nas costas das duas mãos. Eles o tinham furado com um monte de agulhas.

Em sua segunda manhã na clínica, enquanto era submetido a mais uma rodada de espetadelas, sondagens e esparadrapos, notou que podia ver as saliências de suas costelas pela primeira vez, desde... desde o ginásio? Não, desde sempre. Seus ossos davam-se a conhecer, lançando sombras contra a pele, expondo-se triunfalmente. Não apenas o pneu de gordura acima das coxas se fora, como as lâminas de seus ossos pélvicos eram claramente visíveis. Tocando uma delas, ele a sentiu na forma de maçaneta, como a mudança do primeiro carro que tivera, um Pontiac 1957. Riu um pouco, mas depois sentiu a aflição de lágrimas. Todos os seus dias agora eram assim. Cheios de altos e baixos, tempo instável, possibilidade de aguaceiros.

Eu o mataria bem devagarinho, ouvira Hopley dizendo. Poupo-lhe *os*

detalhes.

Por quê? – pensou Billy, jazendo insone em sua cama de hospital, com as grades laterais erguidas. *Você não me poupou nada mais.*

Durante seus três dias de internação na Glassman, Halleck perdeu três quilos. *Não muita coisa,* pensou, com sua própria espécie de lúgubre jovialidade. *Não muita coisa, menos do que o peso de um saco médio de açúcar. Neste ritmo, eu me transformarei em nada quando for... meu Deus! Quase outubro!*

Setenta e oito, cantou sua mente. *78 agora... Se você fosse pugilista, estaria saindo da classe peso-pesado para a peso-médio... Você se incomodaria se tentasse o peso meio-médio, Billy? O peso leve? Peso galo? E que tal o peso mosca?*

Chegaram flores: de Heidi, da firma. Linda enviou um pequeno buquê – escrito no cartão, em sua caligrafia singela e espichada, estava: *Fique bom depressa, papai — Amo você, Lin.* Billy Halleck chorou ao lê-lo.

No terceiro dia, novamente vestido, teve um encontro com os três médicos designados para seu caso. Sentiu-se bem menos vulnerável de jeans e camiseta com o dístico ENCONTRE-ME EM FAIRVIEW; era realmente espantoso o quanto significava estar fora das malditas camisolas do hospital. Ele ouviu os médicos, pensou em Leda Rossington e conteve um sorriso sarcástico.

Os médicos disseram que sabiam exatamente o que havia com ele; não tinham ficado confusos, em absoluto. *Au contraire,* estavam tão excitados, que pareciam prestes a fazer xixi nas calças. Bem... De qualquer modo, havia uma nota de cautela. Talvez ainda não soubessem *exatamente* o que havia de errado com ele, mas só podia ser uma entre duas coisas (ou possivelmente três). Uma delas, era uma rara doença devastadora, que nunca fora constatada fora da Micronésia. Outra era uma rara doença metabólica que jamais havia sido completamente descrita. A terceira – apenas uma possibilidade, note bem! – era uma forma psicológica de *anorexia nervosa,* coisa tão rara, que há muito era suspeitada, embora nunca de fato provada. Billy pôde notar, pelo brilho quente dos olhos do trio, que eles pendiam para esta última alternativa; teriam seus nomes inscritos em livros médicos. Enfim, Billy Halleck era, de qualquer modo, decididamente uma *avis rara,* e seus médicos pareciam crianças, na manhã do dia de Natal.

O tiro final era que o queriam na Glassman por mais uma ou duas semanas (possivelmente três). Iam descobrir em definitivo o que havia de errado com ele. Sem sombra de erro. Começariam com séries de megavitaminas (claro!), mais injeções de proteína (evidentemente!) e uma boa batelada de mais exames (sem a menor dúvida!).

Houve o equivalente profissional a desalentados gemidos – e foram gemidos, quase *literalmente* – quando Billy comunicou a eles, tranquilamente, que ficava muito grato, mas queria ir embora. Eles procuraram argumentar, explicaram, doutrinaram. E para Billy, que ultimamente vinha pensando com frequência que devia estar perdendo o juízo, o trio de médicos começou a assemelhar-se fantasticamente aos Três Patetas. Ele quase esperou que passassem a saltitar e fazer graçolas entre si, cambaleando pelo consultório ricamente montado, com seus casacos brancos agitando-se, quebrando coisas e gritando com sotaque do Brooklyn.

— Indubitavelmente, agora se sente bem, Sr. Halleck – disse um deles. – Para começar, é fora de dúvidas que apresentava um notável excesso de peso, segundo seu histórico. Contudo, devo avisá-lo de que pode ser espúria a maneira como se sente agora. Se continuar emagrecendo, pode-se esperar que surjam úlceras na boca, problemas de pele...

Se quiserem ver alguns problemas de pele reais, vocês deveriam examinar o chefe de polícia de Fairview, pensou Halleck. *Oh, perdão, ex-chefe.*

Decidiu, no ímpeto do momento e a propósito de nada, que voltaria a fumar.

— ... doenças similares ao escorbuto ou beribéri – prosseguiu o médico, consternado. – Ficará extremamente suscetível a infecções – tudo, de resfriados e bronquites à tuberculose. *Tuberculose,* Sr. Halleckl – acentuou ele, comovente. – No entanto, se ficar aqui...

— Não – disse Billy. – Por favor, compreendam que não se trata nem mesmo de uma opção.

Um dos outros levou os dedos delicadamente às têmporas, como se acabasse de sentir uma dor de cabeça lancinante. E, pelo que Billy sabia, o sujeito devia mesmo estar com a tal dor de cabeça – ele era o médico que aventara a ideia de *anorexia nervosa* psicológica.

— O que podemos fazer para convencê-lo, Sr. Halleck?

— Nada – replicou Billy.

A imagem do velho cigano surgiu inopinadamente em sua mente – ele tornou a sentir o toque suave e acariciante da mão do homem em sua face, o roçar de calosidades duras. *Sim*, pensou, *vou começar a fumar de novo. Algo bem forte, como Camels, Pail Malis ou Chesterfoggies. Por que não? Se os malditos médicos começam a parecer com Larry, Curly e Moe, é tempo de fazer alguma coisa.*

Eles lhe pediram que aguardasse um momento, e saíram juntos. Billy não se incomodou de esperar – sentia que por fim alcançara a *caesura* naquela peça louca, o olho da tempestade, e ficou contente com isso... Isso e o pensamento de todos os cigarros que fumaria, talvez dois ao mesmo tempo. Os médicos voltaram, com expressões sérias, mas parecendo de certo modo exaltados – homens que se tinham decidido ao sacrifício final. Eles o deixariam permanecer na clínica sem qualquer pagamento, disseram; Billy pagaria apenas o trabalho de laboratório.

— Não – respondeu Billy, armando-se de paciência. – Os senhores não me entenderam. O seguro médico já cobre todas essas despesas; eu verifiquei. A questão é que vou embora. Simplesmente, vou embora. Caio fora.

O trio olhou para ele, sem compreender, começando a irritar-se. Billy pensou em dizer-lhes o quanto se pareciam aos Três Patetas, mas decidiu que não seria uma boa ideia. Isso complicaria as coisas. Sujeitos como aqueles não estavam acostumados a que os desafiassem, que seus “feitiços” fossem rejeitados. Halleck não podia omitir a possibilidade de que eles ligassem para Heidi e sugerissem a conveniência de um exame de aptidão mental. E Heidi poderia acatar a sugestão.

— Nós pagaremos também os exames – disse um deles afinal, em um tom de esta-é-nossa-oferta-definitiva.

— Eu vou-me embora – disse Billy.

Expressava-se com absoluta tranquilidade, mas viu que por fim acreditavam nele. Talvez fosse a própria tranquilidade em sua voz, convencendo-os de que não se tratava de uma questão de dinheiro, de que ele estava autenticamente louco.

— Ora, Sr. Halleck, mas por *quê? Por quê?*

— Porque – disse Billy – embora pensem que podem ajudar- me... ah... cavalheiros, os senhores não podem.

Então, olhando para aqueles rostos incrédulos e descrentes, Billy concluiu que nunca se sentira tão solitário na vida.

A caminho de casa, parou em uma tabacaria e comprou um maço de Chesterfield Kings. As primeiras baforadas o deixaram tão tonto e nauseado, que jogou os cigarros fora.

— Um preço alto demais pela experiência – disse no carro em voz alta, rindo e chorando ao mesmo tempo. – Voltem à velha prancheta de desenho, crianças...

Linda se fora.

Com as normalmente finas linhas ao lado dos olhos e cantos da boca mostrando agora fundos sinais de tensão (Billy viu que *ela* estava fumando como uma locomotiva – um Newport Red após outro) Heidi lhe disse que enviara Linda para a casa de sua tia Rhoda, no condado de Westchester.

— Fiz isso por dois motivos – explicou. – O primeiro é que... que ela precisa ficar algum tempo longe de você, Billy. Por causa do que lhe vem acontecendo. Linda está meio fora de si. A ponto de eu não conseguir convencê-la de que você não tem câncer.

— Ela devia falar com Cary Rossington – murmurou Billy, entrando na cozinha para pegar café. Precisava desesperadamente de uma xícara – forte e puro, sem açúcar. – Os dois parecem almas gêmeas.

— O que disse? Não ouvi direito.

— Nada, nada. Quero apenas tomar um café.

— Ela não tem dormido – explicou Heidi, quando ele retornou. Agora, torcia as mãos incessantemente. – Você compreende, não?

— Sim, compreendo.

Ele compreendia... Mas era como se tivesse um espinho fincado em algum ponto dentro de si. Perguntou-se se Heidi entenderia que ele sentia falta também de Linda, se ela realmente entendia que a filha também era uma parte de seu sistema de apoio. Contudo, sendo ou não parte desse sistema de apoio, ele não tinha o direito de erodir a confiança de Linda, seu equilíbrio psicológico. Heidi tinha razão nisto. Tinha razão, pouco importando o quanto sua atitude custasse.

Billy tornou a sentir aquele ódio vivo no coração. Mamãe levara a filha para a casa da titia, assim que Billy havia telefonado, anunciando que estava a caminho do lar. E por quê? Ora, porque o papai-espantalho ia voltar para casa! Não comece a chorar, queridinha, é apenas o Homem-Palito...

Por que aquele *dia? Por que tinha de escolher* aquele *dia?*

— Billy? Tudo bem com você?

A voz de Heidi era estranhamente vacilante. *Céus! Sua idiota nojenta! Aí está você, casada como Incrível Homem Encolhendor, e tudo quanto se lembra de*

perguntar é se tudo está bem comigo?

— Acho que sim, até onde é possível, creio eu. Por quê?

— Porque... por um momento, você pareceu muito esquisito.

Foi mesmo? Realmente? Por que escolheu justamente aquele *dia, Heidi? Por que escolheu* aquele *dia para enfiar a mão nas minhas calças, depois de todos os anos recatados em que tudo era feito no escuro?*

— Bem, suponho que me sinto um tanto esquisito o tempo todo atualmente – respondeu Billy, pensando: *Você tem que parar com isso, meu amigo. Não adianta. O que está feito, está feito.*

Contudo, era difícil parar. Difícil parar, quando ela estava ali, fumando um cigarro depois do outro, mas parecendo e demonstrando sentir-se perfeitamente bem e...

Ora, você vai parar com isso, Billy. Jure que vai!

Heidi se virou e amassou a ponta do cigarro em um cinzeiro de cristal.

— O segundo motivo é que... Você está escondendo algo de mim, Billy. Algo a ver com isto. Às vezes, fala dormindo. Passou noites fora. Agora, quero saber o que é. Acho que *mereço* saber.

Ela estava começando a chorar.

— Você quer saber? – perguntou Halleck. — Quer mesmo?

Um estranho sorriso, seco e taciturno lhe surgiu no rosto.

— Quero! Quero!

Então, Billy lhe contou.

Houston ligou para ele no dia seguinte. Após um longo prólogo sem qualquer sentido, finalmente chegou ao ponto. Heidi concordava com ele. Haviam tido urna longa conversa *(você ofereceu a ela uma pitada de cocaína para a humana narina?* Halleck pensou em perguntar, mas resolveu que era melhor ficar calado). O resultado da longa conversa havia sido simplesmente este: ambos achavam que Billy não estava em seu juízo perfeito.

— Ouça, Mike – disse Billy, o velho cigano era real. Ele tocou os três: a mim, a Cary Rossington e a Duncan Hopley. Certo, um sujeito como você não acredita no sobrenatural – eu aceito isso. Entretanto, imagino que acredite em raciocínio dedutivo e indutivo. Portanto, tem que ver as possibilidades. Nós três fomos tocados por ele, nós três passamos a apresentar misteriosas enfermidades físicas. Ora, pelo amor de Deus, antes de decidir que estou louco,

pelo menos considere os vínculos lógicos.

— *Não* existe vínculo algum, Billy.

— Eu apenas...

— Estive conversando com Leda Rossington. Ela disse que Cary foi para a clínica Mayo, por causa de um câncer de pele. Segundo Leda, o negócio está um pouco avançado, mas eles têm certeza de deixar Cary perfeitamente bem. Aliás, ela disse que não vê você desde a festa de Natal dos Gordons.

— Está mentindo!

Silêncio de Houston... E aquele som seria o de Heidi chorando ao fundo? Billy apertou o fone, até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Falou com ela pessoalmente ou só por telefone?

— Por telefone. Que diferença isso faz?

— Se a visse, você saberia. Leda parece uma mulher inteiramente diversa da que foi.

— Ora, se alguém descobre que o marido está com câncer de pele, se a doença já está em fase avançada...

— Você falou com Cary?

— Ele está sob tratamento intensivo. E pessoas sob tratamento intensivo só falam ao telefone em circunstâncias muito extremas.

— Eu baixei para 77 quilos – disse Billy. Trata-se de uma perda bruta de trinta e seis quilose meio. Diria que isto é bastante extremo.

Silêncio no outro lado. Exceto por aquele som, que podia ser o de Heidi chorando.

— Vai *falar* com ele? Tentará, pelo menos?

Se os médicos dele permitirem que receba uma ligação e se ele falar comigo, claro. Entretanto, Billy, esta sua alucinação...

— ISTO NÃO É NENHUMA FODIDA ALUCINAÇÃO!

Não grite, por Deus, não faça isso!

Billy fechou os olhos.

— Está bem, está bem - tranquilizou Houston. – Esta *ideia.* Acha a palavra melhor? Tudo quanto quero dizer é que esta *ideia não* o ajudará a melhorar. De fato, pode ser a raiz causadora desta psicoanorexia. Caso seja realmente o seu mal, conforme acredita o Dr. Yount. Você...

— Hopley – disse Billy.

O suor escorria pela sua face. Passou o lenço na testa. Visualizou Hopley de relance, aquele rosto que deixara de ser rosto, para transformar-se em um mapa do inferno. Inflamações alucinantes, horrenda umidade e o som, aquele *som* indizível, de quando ele passara as unhas pela face.

Houve um prolongado silêncio no lado de Houston.

— Fale com Duncan Hopley. Ele confirmará...

—Impossível, Billy. Duncan Hopley suicidou-se há dois dias. Enquanto você estava na clínica Glassman. Matou-se com um tiro de sua pistola.

Halleck fechou os olhos com força e oscilou sobre os pés. Era como quando tentara fumar. Beliscou o rosto com fúria, para impedir que perdesse os sentidos e caísse.

— Então, você sabe – disse, com os olhos ainda fechados. – Você ou alguém mais sabe... Alguém que o tenha visto.

— Grand Lawlor o viu – disse Houston. – Falei com ele por telefone, faz apenas alguns minutos.

Grand Lawlor. Por um momento, a mente confusa e atordoada de Billy não entendeu – pensou que Houston houvesse proferido uma versão embrulhada da frase *grand jury.* Então, percebeu. Grand Lawlor era o legista do condado. E agora que pensava nisto, sim, Grand Lawlor havia testemunhado em algumas audiências nas quais ele atuara.

O pensamento provocou-lhe um acesso irracional de risadinhas. Billy pressionou o bocal do fone com a palma da mão, esperando que Houston não ouvisse as risadinhas; porque então pensaria que ele estava decididamente louco.

E você gostaria mesmo de acredítar que estou louco, não é, *Mike? Porque se eu ficasse doido e resolvesse começar a tagarelar sobre o frasquinho e a colherinha de marfim, ora, ninguém me daria crédito, certo? E claro que não!*

Isso foi o suficiente; o acesso de riso passou.

— Você perguntou a ele...

— Sobre alguns detalhes envolvendo a morte? Depois da história de terror que sua esposa me contou, pode apostar que perguntei. – A voz de Houstou ficou momentaneamente formal. – Felicite-se, porque quando ele perguntou qual o motivo de minhas indagações, nem mencionei seu nome.

— E o que disse ele?

— Que o rosto de Hopley estava uma mixórdia, mas nada semelhante ao espetáculo de horror que você descreveu para Heidi. Pela descrição de Grand, acredito que tenha sido uma feia erupção de acne adulta. Venho tratando Duncan intermitentemente desse mal, desde a primeira vez que o examinei, em 1974. As erupções o deixavam muito deprimido, de maneira que isso não foi surpresa para mim — eu diria que a acne adulta, quando grave, é uma das perturbações não letais mais psicologicamente devastadoras que conheço.

— Você acha que ele ficou deprimido por sua aparência e então se matou.

— Em essência, é isso mesmo.

— Deixe-me analisar isto – disse Billy. – Você acredita que foi uma erupção mais ou menos comum da acne adulta que ele teve durante anos... Mas ao mesmo tempo acredita que ele se matou por causa do que via no espelho. Um diagnóstico muito *singular,* Mike.

— Eu nunca afirmei que foi apenas por causa da erupção – respondeu Houston, agora parecendo aborrecido. – A pior coisa nos problemas é que sempre parecem surgir em duplas, trios e bandos inteiros, nunca um por um. Os psiquiatras são os que mais se suicidam percentualmente por cada dez mil membros da profissão, Billy, porém os tiras não ficam muito atrás. Provavelmente houve uma combinação de fatores – esta última erupção poderia ter sido apenas a gota que fez o copo transbordar.

— Você devia tê-lo visto – disse Billy ferozmente. – Aquilo não foi uma gota, foi o fodido World Trade Center, com todo o peso.

— Como ele não deixou um bilhete, acho que nunca saberemos, não é mesmo?

— Céus! – suspirou Billy, e passou uma das mãos sobre os cabelos. – Meu Deus!

— E os motivos para o suicídio de Duncan Hopley estão quase fora de questão, concorda?

— Não para mim – replicou Billy. De maneira alguma.

— Para mim, a verdade das coisas é que sua mente lhe pregou uma peça desagradável, Billy. Impingiu-lhe um sentimento de culpa. Você estava com a pulga atrás da orelha sobre... sobre maldições ciganas... e quando procurou Duncan Hopley aquela noite, simplesmente viu algo que não estava lá. – Agora, a voz de Houston assumia um tom aconchegante, íntimo. – Você não parou no

bar do Andy para uns dois copos, antes de ir à casa de Duncan? Apenas para, você entende, ganhar um pouco de coragem para o encontro?

— Não.

— Tem certeza? Heidi me disse que você tem passado um bocado de tempo no Andy's.

— Se eu tivesse – disse Billy – sua mulher me teria visto lá, não acha?

Houve um longo período de silêncio. Depois Houston disse, em tom inexpressivo:

— Este foi um maldito golpe baixo, Billy. Contudo, seria exatamente o tipo de comentário que eu esperaria de um homem sob forte tensão mental.

— Forte tensão mental... Anorexia psicológica... Cara, acho que vocês têm um rótulo para tudo. De qualquer modo, devia têlo visto. Devia...

Billy fez uma pausa, pensando nas avermelhadas pústulas nas faces de Duncan Hopley, nas espinhas fluindo pus, no nariz que se tornara quase insignificante, no horrendo e convulso terremoto daquele rosto miserável.

— Billy, não pode perceber que sua mente procura uma explicação lógica para o que ocorre com você? Sente-se culpado sobre a cigana e, então...

— A maldição terminou quando ele se matou – Billy ouviu-se dizendo. – Talvez por isso não mostrasse uma aparência tão terrível. E como nos filmes de lobisomem que víamos quando pequenos, Mike. Se o lobisomem for baleado, transforma-se novamente em homem!

O excitamento substituiu a confusão que sentira à notícia do suicídio de Hopley e de sua enfermidade mais ou menos comum. Sua mente começou a trilhar esta nova senda, explorando-a rapidamente, analisando as possibilidades e probabilidades.

Para onde vai uma maldição, quando o amaldiçoado finalmente bate as botas? Drogas, seria o mesmo que perguntar para onde vai a última respiração de um moribundo. Ou sua alma. Vai embora. Desaparece. Some, some, some. Existirá um meio de expulsar a *maldição?*

Rossington – aquela era a primeira pista. Rossington, internado na clínica Mayo, aferrando-se desesperadamente à ideia de estar com câncer de pele, porque a alternativa era muito pior. Quando Rossington morresse, voltaria a ser um...?

Billy percebeu que Houston silenciara. E havia um ruído ao fundo,

desagradável, mas familiar. Soluços? Seria Heidi chorando?

— Por que ela está chorando? – exigiu Billy.

— Billy...

— Passe o telefone para ela!

— Billy, se você pudesse *ouvir-se...*

— *Droga, passe o telefone para ela!*

— Não. Não farei isso. Não, enquanto você se portar assim.

— Por que, seu viciadozinho barato...

— *Billy, pare com isso!*

O rugido de Houston foi alto o suficiente para fazer Billy afastar o fone do ouvido por um instante. Quando tornou a aproximá-lo, o choro havia cessado.

— Agora, ouça – disse Houston. Não existe nada disso de lobisomem e maldições ciganas. Sinto-me um tolo, até mesmo em dizer-lhe estas coisas.

— Ora, não vê que isso é parte do *problema,* cara? – perguntou Billy suavemente. – Não compreende que foi como aqueles sujeitos conseguiram levar avante essa coisa, pelos últimos vinte séculos ou coisa assim?

— Se existe alguma maldição em você, Billy, foi lançada por seu próprio subconsciente. Ciganos velhos não amaldiçoam. *Entretanto, a sua própria mente, mascarada de velho cigano, pode fazer isso.*

— Eu, Hopley e Rossington – disse Halleck implacavelmente. – Os três ao mesmo tempo. O cego é você, Mike. Acrescente isso.

— Atribuo tudo a uma coincidência, nada mais. Quantas vezes vamos ter que repetir essa brincadeira, Billy? Volte para a Glassman. Deixe que eles o ajudem. Está deixando sua esposa louca!

Por um momento, ele se viu tentado a entregar os pontos e acreditar em Houston – a lucidez e racionalidade na voz dele, embora fosse uma voz exasperada, eram consoladoras.

Então, pensou em Hopley, virando a lâmpada flexível para que lhe iluminasse o rosto cruamente. Pensou em Hopley dizendo: *Eu o mataria bem devagarinho... poupo-lhe os detalhes.*

— Não – respondeu. – Eles não podem ajudar-me na Glassman, Mike.

Houston suspirou fundo.

— Então, quem pode? O velho cigano?

— Talvez, se ele puder ser encontrado – respondeu Halleck. – Apenas

talvez. Também existe outro sujeito que, tenho certeza, poderia ajudar-me de algum modo. Um pragmático, como você.

Ginelli. O nome emergira em sua mente, enquanto ele falava.

— Entretanto, o que pretendo, antes de mais nada, é ajudar a mim mesmo.

— Justamente o que *estive* lhe dizendo!

— Oh... Eu tinha a impressão de que você apenas me aconselhara a voltar para a clínica Glassman.

Houston suspirou.

— Acho que seu cérebro também está perdendo peso, Billy. Já refletiu no que está fazendo com sua esposa e sua filha? Já pensou nisso?

Heidi lhe contou o que ela fazia comigo, *quando aconteceu o acidente?* Billy quase soltou. *Ela já lhe contou, Mike? Não? Oh, devia perguntar a ela... Claro, pergunte!*

— Billy?

— Eu e Heidi discutiremos o assunto – disse Billy tranquilamente.

— Ora, mas você não...

— Acho que você tinha razão em pelo menos uma coisa, Mike.

— E mesmo? Que ótimo. O que era?

— Já repetimos essa brincadeira o suficiente – disse Billy, e desligou o telefone.

Contudo, eles não discutiram o assunto.

Billy tentou, algumas vezes, porém Heidi se limitava a abanar a cabeça, de rosto pálido e tenso, os olhos acusando-o. Ela só respondeu em uma ocasião.

Aconteceu três dias após a conversa telefônica com Houston, aquela em que ele a ouvira chorando ao fundo. Estavam acabando de jantar. Halleck devorara sua costumeira refeição de lenhador – três hambúrgueres (com pãezinhos e guarnição), quatro espigas de milho (com manteiga), meio quilo de batatas fritas e duas porções de torta de pêssego, com calda grossa. Ele ainda tinha pouco ou nenhum apetite, mas descobrira um fato alarmante – se não comesse, perdia mais peso. Heidi voltara para casa, em seguida à conversa – discussão – de Billy com Houston. Estava pálida e silenciosa, o rosto inchado das lágrimas derramadas no consultório do médico. Perturbado e infeliz, ele não quisera almoçar nem jantar... E quando se pesou na manhã seguinte, viu que havia perdido dois quilos, baixando para 76.

Olhou fixamente para o número, sentindo um frio esvoaçar de asas em seu estômago. Dois quilos, pensou. *Dois quilos em um só dia!*

A partir de então, não perdera mais nenhuma refeição.

Agora apontando para o prato vazio – as espigas limpas, os remanescentes dos hambúrgueres, salada, batatas fritas e sobremesa, perguntou:

— Acha que isso lhe parece anorexia nervosa, Heidi? Acha?

— Não – respondeu ela, contrariada. – Não, mas...

— Estive comendo assim durante *todo o mês passado* – disse Halleck – e no mês passado, perdi cerca de vinte e sete quilos. Agora, poderia explicar como meu subconsciente me pregou a peça? Perder praticamente um quilo por dia, em um consumo de aproximadamente seis mil calorias em vinte e quatro horas?

— Eu... eu não sei... mas Mike... Mike disse...

— Você não sabe e eu também não sei – disse Billy, atirando iradamente o guardanapo no prato; seu estômago gemia e se contorcia ao peso do alimento que ele consumira. — E Michael Houston tampouco!

— *Bem, se for uma maldição, por que nada está acontecendo comigo?* – esganiçou-se Heidi subitamente.

Embora seus olhos fuzilassem de raiva, Billy pôde ver as lágrimas que começavam a despontar neles. Chocado, assustado e temporariamente incapaz de controlar-se, Halleck gritou:

— *Porque ele não sabia, aí está! Esse é o único motivo! Porque ele não sabia!*

Soluçando, ela empurrou a cadeira para trás, quase caiu, e então fugiu da mesa. Tinha a mão apertada ao lado do rosto, como se acabasse de ser acometida por monstruosa dor de cabeça.

— Heidi! – bradou ele, levantando-se tão depressa que derrubou a cadeira. – Volte aqui, Heidi!

Os pés dela não fizeram pausa nos degraus. Ele ouviu uma porta bater com estrondo – não a do quarto deles. O som viera de mais abaixo, no corredor de cima. Seria a porta do quarto de Linda ou do de hóspedes.

Halleck apostava no quarto de hóspedes. Estava certo. Heidi não voltou a dormir com ele, na semana em que Billy ficou em casa, antes de partir.

Aquela semana – a última – teve a consistência de um confuso pesadelo na

mente de Billy, quando ele tentou rememorá-la mais tarde. O tempo se tornara quente, opressivo e difícil, como se os dias caniculares tivessem chegado mais cedo esse ano. A própria Lantern Drive, gramada, fresca e exuberante de verdura, parecia ter murchado um pouco. Billy Halleck comia e suava, suava e comia... Enquanto seu peso diminuía com vagar, mas sem interrupção durante aquele período. No fim da semana, quando alugou um carro na Avis Car e partiu, encaminhando-se pela Interestadual 95, rumo a New Hampshire e ao Maine, havia perdido outros cinco quilos, chegando a 71.

No decorrer daquela semana, os médicos da clínica Glassman telefonaram insistentemente. Michael Houston tornou a ligar várias vezes. Heidi observava o marido, com os olhos lívidos, fumava e nada dizia. Quando ele falou em ligar para Linda, ela disse apenas, em voz seca e cortante:

— Eu preferiria que não fizesse isso.

Na sexta-feira, um dia antes dele partir, Houston ligou de novo.

— Michael – disse Billy, fechando os olhos – já parei de atender telefonemas dos médicos da Glassman. E se você não parar de falar nesta merda, vou deixar de receber os seus também.

— Eu não faria isso, ainda não – replicou Houston. – Quero apenas que me ouça com atenção, Billy. É muito importante.

Billy ouviu o novo discurso de Houston, sem nenhuma surpresa real, com apenas um profundo e fosco despertar de raiva e traição. Afinal de contas, já não devia esperar por aquilo?

Heidi estivera lá novamente. Ela e Houston haviam tido uma longa conversa, que terminara com mais lágrimas, O médico, por sua vez, mantivera uma longa conversa com os três patetas, na clínica Glassman ("Não fique preocupado, Billy, está tudo dentro da ética profissional"). Houston tornara a ver Heidi. Todos eles achavam que Billy talvez se beneficiasse fazendo uma batelada de exames psiquiátricos.

— Quero insistir firmemente com você para que faça os exames por sua livre e espontânea vontade – encerrou Houston.

— Oh, imagino. Como *também* imagino onde gostariam que eu fizesse os tais exames. Na clínica Glassman, certo? Ganhei uma boneca de prêmio?

— Bem, todos achamos que seria o lógico...

— Oh, hã-hã, entendo. E enquanto estiverem fazendo exames em meu

cérebro, presumo que os clisteres de bário continuem, hein?

Houstou exibiu um eloquente silêncio.

— E se eu me recusar?

— Heidi tem meios legais para obrigá-lo – disse Houston, cautelosamente. – Você compreende?

— Compreendo – respondeu Billy. – Está falando sobre você, Heidi e os três patetas, lá na clínica Glassman, tramando a minha ida para o hospício de Sunnyvale Acres, Tecelagem de Cestos é a Nossa Especialidade.

— Isso é puro melodrama, Billy. Ela está tão preocupada com Linda como com você.

— Ambos estamos preocupados com Linda – disse Billy. – E também me preocupo com Heidi. Quero dizer, há momentos em que sinto tanta raiva dela, que passo mal do estômago, porém em geral continuo a amá-la. E, portanto, preocupo-me. Compreenda, ela o seduziu até certo ponto, Mike.

— Não sei do que está falando.

— Sei que não sabe, porém não vou dizer. Ela poderia ter feito isso, porém acho que não – tudo o que Heidi quer é esquecer que esse negócio todo aconteceu, e fornecer a você certos detalhes que ela pode ter esquecido antes, seria atrapalhar o andamento natural das coisas. Digamos apenas que ela tem sua própria culpa para trabalhar. Seu consumo de cigarros passou de um maço diário para dois e meio.

Uma longa pausa... E então Mike Houston retomou o estribilho original:

— Seja como for, Billy, deve convir que estes exames serão do maior proveito para todos os envol...

— Adeus, Mike – disse Halleck, e desligou suavemente.

CAPÍTULO 15: DOIS TELEFONEMAS

Billy passou o resto da tarde andando preocupado de um lado para outro na casa com ar condicionado, captando relances de seu novo eu em espelhos e superfícies polidas. *A forma como nos vemos depende muito mais da ideia que fazemos de nosso volume físico, do que pensamos em geral.*

Ele nada encontrou de consolador em tal pensamento.

Meu senso do que valho dependerá de quanto do mundo desloco enquanto caminho? Céus, é uma ideia assustadora. Aquele tal Sr. T. podia pegar um Einstein e andar com ele por aí o dia inteiro, debaixo de um braço, como um.. um livro de escola ou coisa assim. E o que faz o Sr. T. parecer melhor de algum modo, mais importante?

Um eco obsessivo de T. S. Eliot repicou em sua cabeça, como um sino distante em uma manhã de domingo: *Não foi isso que eu quis dizer, não foi isso que eu quis dizer, em absoluto.* E não era mesmo. A ideia de tamanho como uma dádiva de graça, de inteligência ou prova do amor de Deus, se tinha esvaído pela época em que o obesamente gigante William Howard Taft passara a presidência para o epiceno – quase emaciado – Woodrow Wilson.

Como vemos, a realidade, *depende muito mais da ideia que fazemos de nosso volume físico, do que pensamos em geral.*

Sim – realidade. Isto ficava bem mais próximo do âmago da questão. Quando você se vê sendo apagado quilo por quilo, como uma complexa equação sendo apagada do quadro-negro, linha por linha e computação por computação, isso produz algo em seu senso de realidade. Sua própria realidade pessoal, a realidade em geral.

Ele havia sido gordo – não volumoso, não com alguns quilos de excesso, mas decididamente gordo como um porco. Então, passara a corpulento, depois a apenas mais ou menos normal (se é que realmente havia tal coisa – de qualquer modo, os três patetas da clínica Glassman achavam que havia), depois a magro. Agora, contudo, a magreza começava a deslizar para um novo estado: o esquelético. O que viria depois disso? Emaciação, supõe ele. E em seguida, algo que ainda pairava além dos limites de sua imaginação.

Billy Halleck não se preocupava seriamente em ser conduzido à instituição

para doentes mentais; tais procedimentos demoravam algum tempo. Contudo, a conversa final com Houston indicava claramente até que ponto a situação havia chegado e o quanto seria impossível alguém acreditar nele – agora e sempre. Queria telefonar para Kirk Penschley – a ânsia era quase insuportável, embora soubesse que Kirk ligaria para ele, caso alguma das três agências de investigação que a firma usava descobrisse algo.

Em vez disso, ligou para um número em Nova York, folheando sua caderneta de endereços até a última página, a fim de encontrá-lo. O nome de Richard Ginelli oscilara inquietamente para cima e para baixo em sua mente, desde o próprio início de tudo aquilo – chegara o momento de telefonar para ele.

Apenas por precaução.

— Three Brothers – disse a voz do outro lado. – O especial desta noite inclui marsala de vitela e nossa própria versão de *fettuccine* Alfredo.

— Meu nome é William Halleck e eu gostaria de falar com o Sr. Ginelli, caso ele possa atender.

Após um instante de avaliativo silêncio, a voz repetiu:

— Halleck.

— Exatamente.

O fone emudeceu. Ao fundo, Billy podia ouvir o entrechocar de panelas e caldeirões. Alguém praguejava em italiano. Outra pessoa estava rindo. Como tudo o que vinha acontecendo atualmente em sua vida, aquilo parecia muito distante para ele.

Por fim, recolheram o fone.

— William! – Ocorreu a Billy, mais uma vez, que Ginelli era a única pessoa no mundo que o chamava assim. – Como tem passado, *paisano?*

— Emagreci um bocado.

— Oh, mas isso é ótimo! – exclamou Ginelli. – Você estava corpulento demais, William. Sou franco, grande demais. Quantos quilos perdeu?

— Nove.

— Opa! Meus parabénsl Seu coração também deve estar satisfeito; difícil perder peso, não? Bem, não precisa responder, eu sei disso. As malditas calorias grudam-se na gente. Parecem adorar a gente, ficam penduradas bem à frente de nossa cintura. Então, um belo dia, um carcamano como eu descobre que está rasgando a costura dos fundilhos, sempre que se abaixa para amarrar

os sapatos.

— No meu caso, não foi nada difícil.

— Bem, apareça aqui no Three Brothers, William. Prepararei para você meu prato especial. Frango à napolitana. Você recuperará todo o peso perdido em uma só refeição.

— Estou quase aceitando a oferta – respondeu Billy, sorrindo de leve.

Podia ver-se no espelho da parede de seu estúdio e parecia haver dentes demais em seu sorriso. Dentes demais, muito próximos à parte frontal da boca. Ele parou de sorrir.

— Pois aceite, é realmente um convite. Sinto falta sua. Faz um bocado de tempo, hein? E a vida é curta, *paisano.* Isso mesmo, a vida é *curta,* certo?

— Acho que tem razão.

A voz de Ginelli baixou um pouco.

— Soube que você teve algum problema, lá no Connecticut – disse. Fazia Connecticut soar como se fosse algum lugar na Groenlândia, pensou Billy. – Lamentei saber disso.

— Como é que soube? – perguntou Billy, francamente admirado.

Houvera uma menção do acidente no *Reporter* de Fairview – algo decoroso, sem menção de nomes – e fora tudo. Nada nos jornais de Nova York.

— Mantenho o ouvido colado ao chão – replicou Ginelli.

Porque manter o ouvido colado ao chao é, de fato, *o significado de tudo isso,* pensou Billy, e estremeceu.

— Estou com alguns problemas por causa daquilo – falou Billy, escolhendo cuidadosamente as palavras. – Não de... natureza legal. A mulher – você soube a respeito dela?

— Soube. Ouvi dizer que era uma cigana.

— Exato, uma cigana. E tinha um marido. Ele... ele me causou algum problema.

— Como é o nome dele?

— Lemke, acho. Vou tentar resolver isto sozinho, mas gostaria de saber se... caso eu não possa...

— Claro, claro, claro. Basta me ligar. Talvez eu possa fazer alguma coisa, talvez não. Talvez eu decida que não quero. Isto é, amigos sempre são amigos e negócios sempre são negócios, entende o que quero dizer?

— Sim, entendo.

— Às vezes, amigos e negócios se misturam, mas às vezes não se misturam, concorda?

— Concordo.

— O cara está tentando acabar com você?

Billy vacilou.

— Ainda é cedo para afirmar com segurança, Richard. O negócio é muito peculiar. Bem, sim, ele está acabando comigo. Atingindo-me com dureza.

— Ora, merda, William, temos que conversar! Agora!

A preocupação na voz de Ginelli era nítida e imediata. Billy sentiu as lágrimas arderem calidamente em suas pálpebras e passou a mão com rudeza por uma face.

— Eu gostaria – gostaria mesmo, porém quero tentar resolver isto sozinho, antes de qualquer outra coisa. Nem mesmo tenho muita certeza sobre o que desejaria que você fizesse.

— Se quiser telefonar, William, vou estar por aqui. Certo?

— Certo. E obrigado. – Billy vacilou. – Diga-me uma coisa, Richard: você é supersticioso?

— Eu? Vem perguntar logo a um carcamano como eu se sou supersticioso? Criado em uma família onde minha mãe, minha avó e todas as tias viviam se benzendo e rezando para todos os santos conhecidos e outros cujos nomes nunca ouvimos falar, cobrindo os espelhos quando alguém morria e fazendo figa para os corvos e gatos negros que cruzassem seus caminhos? *Eu?* Logo a *mim* você faz uma pergunta dessas?

— Exato – disse Billy, sorrindo um pouco, a despeito de si mesmo. – Logo a você faço uma pergunta dessas.

A voz de Ginelli chegou até ele inexpressiva, seca, áspera, inteiramente desprovida de humor.

— Eu só acredito em duas coisas, William. Armas e dinheiro, aí estão em que acredito. E pode ter certeza disso. Supersticioso? Não eu, *paisano.* Você deve estar pensando em outro carcamano.

— Isso é muito bom – respondeu Billy.

Seu sorriso aumentou. Era o primeiro sorriso real em seu rosto durante quase um mês, e fazia bem – fazia um bem *danado.*

Naquela noite, pouco depois de Heidi chegar, Penschley telefonou.

Seus ciganos têm brincado de gato e rato conosco – disse ele. – Você já acumulou quase dez mil dólares de despesa, Bill. Paramos?

— Primeiro, diga-me o que conseguiu – respondeu Billy, sentindo o suor porejar nas mãos.

Penschley começou a falar, em sua voz seca de estadista idoso.

O bando cigano tinha ido primeiramente para Greeno, uma cidade do Connecticut, uns cinquenta quilômetros ao norte de Milford. Uma semana depois, levantaram acampamento de Greeno e foram para Pawtucket, perto de Providence, Rhode Island, após Pawtucket, Attleboro, Massachusetts. Em Attleboro, um deles fora preso por perturbação da paz e tivera que pagar fiança por vadiagem.

— O que parece ter ocorrido foi o seguinte – disse Penschley: - um morador da cidade, uma espécie de valentão, perdeu dez pratas, apostando moedinhas na roda da sorte. Ele disse ao operador que a roda estava engatilhada, mas que iria à forra. Alguns dias mais tarde, nosso cidadão viu o cigano saindo de uma loja. Discutiram e terminaram lutando no pátio de estacionamento. Duas tesmunhas de fora da cidade disseram que foi o sujeito quem provocou a briga. Mais duas, moradoras locais, alegaram que o cigano a começara. De qualquer modo, foi o cigano que encanaram. Quando ele pagou a fiança, os tiras locais ficaram eufóricos, porque isso lhes poupou as despesas de um julgamento e botou os ciganos para fora da cidade.

— Em geral, é assim que funciona, certo? – perguntou Billy.

Seu rosto ficou subitamente quente e indignado. De certo modo, tinha certeza de que o homem preso em Attleboro era o mesmo rapaz que estivera jogando os pinos de boliche no parque comunitário de Fairview.

— Sim, na maioria das vezes – concordou Penschley. – Os ciganos entendem a deixa; assim que dão as costas, os tiras locais ficam felizes. Nada de ficha policial, nada de perseguição. E como um grão de poeira no olho. A gente pensa apenas no grão de poeira. Então, o olho lacrimeja e expulsa a poeira. A dor cessa imediatamente e nem queremos saber para onde foi o grão de poeira, não é mesmo?

— Um grão de poeira – disse Billy. – É o que ele era?

— Para a polícia de Attleboro, exatamente isso. Quer ouvir o resto agora,

Billy, ou devemos debater os apuros dos vários grupos minoritários por um momento?

— Diga o resto, por favor.

— Os ciganos fizeram alto novamente em Lincoln, Massachusetts. Ficaram lá uns três dias, antes de botarem o pé na estrada.

— Sempre o mesmo grupo? Você tem certeza?

— Claro. Sempre os mesmos veículos. Tenho comigo uma lista com as chapas de matrícula – a maioria do Texas e Delaware. Quer a lista?

Mais tarde, agora não. Prossiga.

Não havia muito mais. Os ciganos tinham aparecido em Revere, logo ao norte de Boston, lá ficando dez dias e indo embora por vontade própria. Quatro dias em Portsmouth, New Hampshire... E então, simplesmente, evaporaram-se.

— Podemos levantar a pista novamente, se você quiser – disse Penschley. – Agora, estamos menos de uma semana atrasados. Há três investigadores de primeira classe da agência de detetives Barton nisto, e eles acham que, quase certamente, os ciganos estão em alguma parte do Maine, a esta altura. Seguiram paralelos à Interestadual 95, por toda a subida ao longo do litoral, partindo do Connecticut – diabo, pelo menos, a partir das Carolinas. Daí, os homens de Greeley conseguiram encontrar o rastro deles. E quase como uma excursão em círculo. E provável que eles trabalhem as zonas turísticas do sul do Maine, como Ogunquit e Kennebunkport, subindo para Boothbay Harbor e terminando em Bar Harbor. Então, quando a temporada de turismo vai chegando ao fim, eles descem para a Flórida ou costa do golfo no Texas, durante o inverno.

— Há um velho com eles? – perguntou Billy. Seus dedos apertavam o fone fortemente. – Com cerca de oitenta anos? E um nariz horrendo, com... ferida, câncer, qualquer coisa assim?

Houve um som de papel sendo folheado, parecendo eterno. E então:

— Taduz Lemke – disse Penschley, em voz calma. – O pai da mulher que você atropelou com seu carro. Sim, o velho está com eles.

— *Pai?* – bradou Halleck. – É impossível, Kirk! A mulher era *velha,* teria uns setenta, oitenta e cinco...

— Taduz Lemke tem cento e seis anos.

Billy não conseguiu falar durante um longo momento. Seus lábios se moviam, mas era tudo. Parecia um homem beijando um fantasma. Então,

conseguiu repetir:

— É impossível...

— Uma idade que, sem dúvida, todos nós invejaríamos – disse Penschely – mas não de todo impossível. Há registros de toda essa gente, sabe? – Eles não perambulam mais em caravanas pela Europa Oriental, embora eu imagine que alguns dos mais velhos, como este tal Lemke, desejasse o contrário. Tenho tudo anotado para você... Números do seguro social... impressões digitais... é só pedir. Lemke tem alegado estar com cento e seis, cento e oito e cento e vinte anos. Escolhi cento e seis, porque confere com a informação do seguro social, obtida pelos agentes da Barton. Susanna Lemke era filha dele, certo, não há qualquer dúvida neste sentido. E, se isto vale para alguma coisa, ele é mencionado comb "presidente da companhia Taduz", nas várias permissões para jogos que eles precisam obter... Isso significa que é o cabeça da tribo, do bando ou seja lá que nome deem a si mesmos.

Filha dele? *Filha* de Lemke? Na mente de Billy, isto pareceu modificar tudo. E se alguém matasse Linda por atropelamento? E se Linda atravessasse uma rua distraidamente, sem olhar para os lados?

— ... que encerremos?

— Como? – disse Billy, procurando voltar a mente para Kirk Penschley.

— Perguntei se não quer mesmo que encerremos. O dinheiro está saindo do seu bolso, Bill.

— Por favor, investiguem um pouco mais – disse Billy. – Tornarei a ligar dentro de quatro dias – não, três – para saber se os localizaram.

— Não é preciso – respondeu Penschley. – Se – *quando* – o pessoal da Barton localizar os ciganos, você será o primeiro a saber.

— Não estarei aqui – disse Halleck lentamente.

— Oh, não? – A voz de Penschley era cautelosamente descompromissada. – E onde poderá ser encontrado?

— Estarei viajando – disse Halleck, e desligou logo depois.

Ficou quieto, a mente em confuso torvelinho, os dedos – seus dedos muito *finos* – tamborilando inquietamente na borda da mesa.

CAPÍTULO 16: A CARTA DE BILLY

Pouco depois das dez horas do dia seguinte, Heidi saiu para fazer compras. Não se preocupou em dizer a Billy aonde ia ou quando voltaria – um velho e amistoso hábito que deixara de existir. Ele ficou em seu estúdio, espiando o Olds descer de ré a entrada para carros até a rua. Por um rápido momento, Heidi virou a cabeça e os olhos de ambos pareceram encontrar-se, os dele, confusos e assustados, os dela, rudemente acusadores: *Você me fez mandar nossa filha para fora, não quer procurar a ajuda profissional de que precisa, nossos amigos já começam a comentar. Você parece querer um co-piloto para acompanhá-lo à terra das palhaçadas e fui a escolhida... Pois bem, foda-se, Billy Halleck! Deixe-me em paz! Pegue fogo, se quiser, mas não me peça para fazer-lhe companhia!*

Apenas uma ilusão, claro. Ela não podia vê-lo, tão recuado na sala, em meio às sombras.

Apenas uma ilusão, mas doía.

Depois que o Oldsmobile desapareceu, descendo a rua, Billy colocou uma folha de papel em sua Olivetti e escreveu “Querida Heidi” no alto. Foi a única parte da carta que saiu com facilidade. Ele escreveu o restante em uma penosa frase a cada vez, sempre preocupado com a ideia de que ela voltaria e o encontraria ainda “catando milho” na máquina. Não foi o que aconteceu. Billy fnalmente puxou a folha da máquina de escrever e a leu.

Querida Heidi,

Quando ler isto, já terei ido. Não sei exatamente para onde e não sei ao certo por quanto tempo, mas espero que, ao voltar, tudo isto esteja encerrado. Este pesadelo que temos vivido.

Michael Houston está enganado, Heidi – enganado em tudo. Leda Rossington *realmente* me contou que o velho cigano – o nome dele é Taduz Lemke, por falar nisso – tocou Cary. Ela também *realmente* me contou que a pele de Cary estava transformando-se em placas endurecidas. E Duncan Hopley estava *realmente* coberto de espinhas... uma coisa mais terrível do que você possa imaginar.

Houston se recusa a examinar seriamente a cadeia de lógica que

apresentei, em defesa do que acredito. Também se recusa *firmemente* a relacionar essa cadeia de lógica à inexplicabilidade do que vem acontecendo comigo (70 quilos esta manhã, quase quarenta e cinco a menos agora). Ele não pode fazer tais coisas, porque se o fizesse, seria lançado inteiramente fora de órbita. Prefere encerrar-me em um asilo pelo resto da vida, a pelo menos *considerar* com seriedade a hipótese de que tudo esteja acontecendo em decorrência da maldição de um cigano. A ideia de que uma aberração como pragas ciganas possam existir – seja em que lugar for do mundo, mas especialmente em Fairview, Connecticut – é um anátema envolvendo tudo aquilo em que Michael Houston possa acreditar. Seus deuses saem de frascos, não do ar.

Entretanto, creio que em algum lugar, bem no fundo, *você* talvez acredite que isso seja possível. Acho que um pouco de sua raiva contra mim, nesta última semana, foi por minha insistência em crer no que *seu coração sabe ser verdade.* Acuse-me de bancar o psiquiatra amador, caso deseje, mas venho raciocinando da maneira seguinte: acreditar na maldição é acreditar que apenas um de nós esteja sendo punido por algo em que ambos tomamos parte. Eu me refiro a você não me considerar também culpado... e Deus sabe, Heidi, que no lado covarde e ansioso de minha alma, acho que, se estou atravessando este declínio infernal, você também deve estar atravessando um... A infelicidade anseia por companhia, e acho que todos temos em nossa natureza uma fatia de um por cento de dourada mesquinharia, tão estreitamente ligada ao nosso lado bom, que jamais nos libertaremos dela.

Contudo, existe um outro lado em mim, uma parte que a ama, Heidi, que nunca desejaria vê-la atingida pelo menor sofrimento. Esta minha parte melhor tem também um lado lógico e intelectual, daí o motivo desta partida. Preciso encontrar aquele cigano, Heidi. Preciso encontrar Taduz Lemke e dizer a ele a que conclusões cheguei nas últimas seis semanas mais ou menos. Fácil acusar, fácil querer vingança. Entretanto, quando analisamos as coisas detidamente, começamos a ver que cada evento é encadeado a outro evento; que as coisas às vezes acontecem, simplesmente porque têm de acontecer. Nenhum de nós gosta de pensar que seja assim, porque então jamais agrediríamos alguém para amenizar a dor; teríamos que encontrar outro meio, e nenhum dos outros meios é tão simples ou tão satisfatório. Quero dizer a ele que não houve intenção

deliberada. Quero perguntar-lhe se pode reverter o que fez... Sempre presumindo que tenha o poder para tanto. Entretanto, o que pretendo fazer, acima de tudo, é simplesmente desculpar-me. Pedir desculpas em meu nome... no seu... no de toda a Fairview. Compreenda, agora sei muito mais sobre ciganos do que antes. Poderia dizer que meus olhos se abriram. Assim, acho justo dizer-lhe mais uma coisa, Heidi – se ele puder reverter o que fez, se eu constatar que para mim existirá um futuro, afinal – não passarei esse futuro em Fairview. Descobri que estou saturado do bar do Andy, de Lantern Drive, do Country Club, de toda esta cidade suja e hipócrita. Se eu tiver esse futuro, espero que você e Linda venham comigo para esse outro lugar mais limpo, que nós três o partilhemos. Se não quiserem ou não puderem, irei assim mesmo. Se Lemke não quiser ou nada puder fazer para ajudar-me, pelo menos vou sentir que fiz tudo ao meu alcance. Então, talvez volte para casa e me interne espontaneamente na clínica Glassman, caso seja ainda a sua vontade.

Tem a minha permissão para mostrar esta carta a Mike Houston, se for o seu desejo. Poderá também mostrá-la aos médicos da Glassman. Imagino que todos achem ser uma excelente terapia o que estou fazendo. Afinal, raciocinarão, se ele age desta maneira consigo mesmo como punição (eles insistem em anorexia nervosa psicológica, aparentemente acreditando que, quando uma pessoa se sente culpada o suficiente, pode acelerar o próprio metabolismo, até ele queimar calorias em excesso diariamente), enfrentar Lemke pode ser exatamente o tipo de expiação de que ele precisa. Ou, raciocinarão eles, há duas outras possibilidades: uma, que Lemke zombe e replique que jamais lançou uma maldição em sua vida, assim estraçalhando o fulcro psicológico em que se equilibra a minha obsessão; outra, que Lemke reconheça uma possibilidade de lucro, que minta e afirme que me amaldiçoou, então me cobrando por alguma "cura" charlatanesca – porém (pensarão eles), uma cura mentirosa para uma maldição mentirosa poderá ser totalmente eficaz!

Contratei detetives por intermédio de Kirk Penschley e penso que os ciganos devem estar-se encaminhando seguramente para o norte, subindo a Interestadual 95. Espero descobri-los no Maine. Se algo definitivo acontecer, você ficará sabendo o quanto antes; nesse ínterim, farei o possível para não importuná-la. Entretanto, acredite, eu a amo de todo o coração.

Seu.

Colocou a carta em um envelope, com o nome de Heidi garatujado na frente. Deixou-o recostado à bandeja rotativa da mesa da cozinha. Em seguida, telefonou para um táxi levá-lo à agência Hertz, em Westport. Ficou nos degraus, esperando o táxi chegar, ainda com a esperança vaga de que Heidi aparecesse antes e pudessem conversar sobre os temas da carta.

Só depois que o táxi manobrou para a entrada de carros e Billy se viu ocupando o banco traseiro, ele admitiu para si mesmo que conversar com Heidi a esta altura talvez não fosse uma ideia tão boa – conseguir falar com ela fazia parte do passado, do tempo em que ele habitava a Cidade da Gordura Opulenta... Em mais sentidos do que um – e sem mesmo se aperceber disso. Se houvesse algum futuro, este se encontrava além da rodovia de pedágio, em algum ponto do Maine, e Billy devia começar a procurá-lo, antes que seu corpo se dissolvesse em nada.

CAPÍTULO 17: 62

Billy passou a noite em Providence. Ligou para o escritório, foi atendido pelo serviço de recados e deixou uma mensagem para Kirk Penschley: poderia ele ter a gentileza de enviar fotos disponíveis dos ciganos e todos os detalhes possíveis sobre seus veículos, incluindo-se números das chapas de matrícula, documentação, etc. para o hotel Sheraton, em South Portland, Maine?

O serviço releu a mensagem corretamente – um pequeno milagre, na opinião de Billy – e ele foi dormir. O trajeto de Fairview a Providence tinha menos de duzentos e quarenta quilômetros, porém ele estava exausto. Dormiu sem sonhar, pela primeira vez em semanas. Na manhã seguinte, descobriu que não havia balança no banheiro do motel. Obrigado por pequenos favores, meu Deus, pensou Billy Halleck.

Vestiu-se rapidamente, parando apenas uma vez, quando amarrava os sapatos, muito espantado ao ouvir-se assobiando. Retornou à Interestadual por volta de oito e meia, registrando-se no Sheraton, em frente a uma gigantesca avenida comercial, quando eram seis e meia da tarde. A mensagem de Penschley esperava por ele: *Informação a caminho, mas difícil. Talvez leve alguns dias.*

Bonito, pensou Billy. *Com quase um quilo por dia, Kirk, que diabo... em três dias, posso perder o equivalente a uma embalagem de seis garrafas de refrigerantes. Em cinco dias, posso perder um saco de trigo, tamanho médio. Vá com calma, cara, por que não?*

O Sheraton de South Portland era redondo, de maneira que o quarto de Billy tinha a forma de uma fatia de torta. Sua mente sobrecarregada, que até então manipulara tudo, considerou quase impossível lidar com um dormitório terminado em ponta. Estava cansado de dirigir e com dor de cabeça. Refletiu que o restaurante era mais do que podia enfrentar... Em especial se também terminasse em ponta. Em vez de ir até lá, pediu que o servissem no quarto.

Acabava de sair da ducha, quando soou a batida do empregado. Enfiou o robe que a gerência cortesmente providenciara (um pequeno cartão despontava do bolso do robe, com a inscrição NÃO ROUBARÁS) e cruzou o quarto, avisando: “Um momento”.

Halleck abriu a porta... E pela primeira vez passou pela desagradável experiência de saber como devem sentir-se os monstros circenses. O empregado era um rapazinho com não mais de dezenove anos, cabelos bem aparados e faces encovadas, como uma imitação dos *punks* ingleses. Nada de extraordinário pessoalmente. Olhou para Billy com o vago desinteresse do sujeito que vê centenas de homens em robes do hotel a cada turno de trabalho; o desinteresse diminuiu um pouco, quando baixou os olhos para a conta, a fim de verificar o montante da gorjeta, mas isso foi tudo. Então, seus olhos arregalaram-se, em uma expressão sobressaltada, que era quase de horror. Foi apenas um instante, logo retornando o ar desinteressado. Entretanto, Billy percebera.

Horror. Era quase horror.

E a expressão sobressaltada continuava lá – disfarçada, mas ainda lá. Billy pensou que podia percebê-la agora, porque fora acrescentado outro elemento – fascinação.

Os dois ficaram hirtos por um instante, ligados na desconfortável e indesejada parceria do basbaque e do embasbacado. Billy pensou aturdidamente em Duncan Hopley, sentado em sua aconchegante residência da Ribbonmaker Lane, com todas as luzes apagadas.

— Muito bem, vá entrando – disse roucamente, interrompendo o momento com demasiado vigor. – Vai ficar aí fora a noite inteira?

— Oh, não, senhor – disse o atendente-garçom. – Sinto muito.

O sangue subiu-lhe ao rosto e Billy sentiu pena dele. Não era um punk, nem algum sinistro delinquente juvenil que fora ao circo ver os crocodilos vivos – não passava de um universitário com um emprego de verão, surpreendido por um homem desfigurado, que podia ou não ter alguma espécie de doença.

O velhote me lançou uma praga em mais de um sentido, pensou Billy.

O rapazinho não tinha culpa se Billy Halleck, morador de Fairview, Connecticut, houvesse perdido peso suficiente para quase alcançar o status de fenômeno. Billy deu-lhe um dólar a mais e livrou-se dele o mais depressa possível. Depois foi ao banheiro e contemplou-se, abrindo o robe lentamente, um arquétipo de exibicionista praticando na intimidade do próprio quarto. Tinha amarrado frouxamente o cinto do robe, de maneira que a maioria do tórax e parte do estômago ficara à vista. No era difícil entender-se o choque do atendente, só

em olhar para aquilo. A coisa ficava ainda menos difícil, com o robe inteiramente aberto e toda a parte frontal do corpo refletida no espelho.

Cada costela delineava-se claramente sob a pele. As clavículas eram cumeeiras perfeitamente definidas, também tendo sobre si apenas a pele. Os ossos malares salientavam-se. O esterno era um nó congestionado, o estômago uma concavidade, a pélvis uma horripilante fúrcula articulada. As pernas continuavam mais ou menos como as recordava, compridas e ainda bem musculosas, os ossos ainda enterrados — afinal, nunca engordara muito naquelas áreas. Entretanto, da cintura para cima ele estava *realmente* transformando-se em um fenômeno de feira de diversões – o Esqueleto Humano.

Quarenta e cinco quilos, pensou. *O suficiente para tirar do armário o homem de marfim escondido. Agora, você sabe como é sutil o limite entre o que sempre aceitou como garantido, imaginando que sempre seria assim, e esta loucura absoluta. Se um dia questionou-se, agora tem a certeza. Você ainda parece normal – bem, razoavelmente normal – quando vestido, mas quanto tempo levará para receber olhares semelhantes ao do rapazinho, mesmo tendo as roupas no corpo? Uma semana?*

A dor de cabeça estava pior e, embora antes se sentisse faminto, constatou que só conseguia beliscar o jantar. Dormiu mal e acordou cedo. Não assobiou enquanto se vestia.

Decidiu que Kirk Penschley e os investigadores da Barton tinham razão – os ciganos seguiriam a linha da costa. Durante o verão no Maine, era lá que havia atividade, porque lá é que se achavam os turistas. Eles vinham nadar em água demasiado fria, tomar banho de sol (muitos dias permaneciam enevoados e impróprios, porém os turistas pareciam nunca se lembrar disso), comer lagostas e camarões, comprar cinzeiros pintados com gaivotas, comparecer a teatros de verso em Ogunquit e Brunswick, fotografar os faróis de Portland e Pemaquid ou apenas perambular por lugares em evidência, como Rockport, Camden e, naturalmente, Bar Harbor.

Os turistas encontravam-se ao longo do litoral e, acompanhando-os, os dólares que eles pareciam ansiosos em tirar das carteiras. Era também onde os ciganos estariam – mas em que lugar, exatamente?

Billy anotou mais de cinquenta cidadezinhas litorâneas, e então desceu para o térreo. O *bartender* era um produto importado de Nova Jersey, que nada

conhecia além de Asbury Park, porém Billy encontrou uma garçonete que passara no Maine a vida inteira, estava familiarizada com o litoral e adorava falar a respeito.

— Estou procurando algumas pessoas e tenho quase certeza de que estão em qualquer cidade do litoral – não uma cidade grande. Um lugar mais comum... como...

— Um vilarejo movimentado? – perguntou ela.

Billy assentiu. A garçonete percorreu a lista dele.

— Old Orchard Beach – disse ela. – É a cidadezinha mais espelunca de todas. Da maneira como são as coisas por lá, até o Dia do Trabalho[{1}], seus amigos só chamariam a atenção se cada um tivesse três cabeças.

— Há outras cidades?

— Bem... A maioria das que existem ao longo do litoral costuma virar um pouco espelunca no verão – explicou ela. – Veja Bar Harbor, por exemplo. Quem já ouviu falar, faz de Bar Harbor uma ideia de lugar realmente elegante... com classe... cheio de gente rica andando de Rolls Royces.

— E não é assim?

— Não, não é. Frenchman's Bay, talvez, mas não Bar Harbor. No inverno, é apenas uma cidadezinha morta, onde a barca das dez e vinte e cinco é a coisa mais excitante que ocorre o dia inteiro. No verão, vira uma cidade de loucos. E como Fort Lauderdale durante a folga da primavera – repleta de garotas fáceis, bichas e *hippies* fora de moda. Um cara pode parar no limite da cidade, em Northeast Harbor, respirar fundo e ficar dopado com toda a droga que o vento traz de Bar Harbor, se estiver soprando na direção dele. E a rua – até depois do Dia do Trabalho, é uma rua de feira. A maioria das cidades de sua lista funciona mais ou menos assim, mas Bar Harbor é o fim da picada, entende?

— Estou entendendo – disse Billy, sorrindo.

— Eu costumava ir lá algumas vezes, em julho ou agosto. Perambulava um pouco, mas parei. Agora estou velha demais para isso.

O sorriso de Billy se tornou melancólico. A garçonete aparentava ter, no máximo, uns vinte e três anos. Ele lhe deu cinco dólares; ela lhe desejou um agradável verão e boa sorte para encontrar os amigos. Billy assentiu, mas, pela primeira vez, não ficou tão ansioso por tal possibilidade.

— Aceitaria um conselho, senhor?

— Claro – respondeu ele.

Achava que ela talvez fosse sugerir-lhe o que considerava o melhor lugar para começar – só que *isso* há muito ele havia decidido por si mesmo.

— Acho que devia engordar um pouco – disse a jovem. – Coma massa. E o que minha mãe lhe diria. Muita massa. Engorda alguns quilos.

No terceiro dia em South Portland, chegou para Halleck um envelope de papel manilha cheio de fotos e informações sobre veículos. Ele examinou as fotos lentamente, olhando para cada uma. Ali estava o rapaz que fizera malabarismos com os pinos de boliche; seu nome também era Lemke, Samuel Lemke. Olhava para a câmera com uma franqueza descompromissada, parecendo tão propenso ao prazer e à amizade, como à raiva e ao retraimento. Ali estava a bela jovem que estivera assentando o alvo para os tiros com atiradeira, quando os policiais chegaram – e, sim, era ainda mais bonita do que Halleck supusera, vendo-a no parque comunitário. Chamava-se Angelina Lemke. Billy colocou a foto dela ao lado da de Samuel Lemke. Irmão e irmã. Netos de Susanna Lemke? Bisnetos de Taduz Lemke?

Ali estava o homem de idade que estivera distribuindo os volantes de propaganda – Richard Crosskill. Havia mais outros com o nome Crosskill. Também Stanchfields. Starbirds. Mais Lemkes. E então... Nas últimas fotos...

Era ele. Os olhos apanhados entre redes finas de rugas, eram escuros, vivos, cheios de límpida inteligência. Tinha um lenço passado sobre a cabeça e amarrado ao lado da face esquerda. Um cigarro estava enfiado entre os lábios fortemente franzidos. O nariz era um horror, aberto e úmido, pustulento e terrível.

Billy contemplou a foto como que hipnotizado. Havia algo quase familiar naquele velho, alguma conexão que sua mente não conseguia efetuar. Então, descobriu o que era. Taduz Lemke recordava-lhe aqueles velhos dos comerciais do iogurte Dannon, aqueles da Geórgia russa, que fumavam cigarros sem filtro e bebiam vodca de fabricação caseira, atingindo idades incríveis de cento e trinta, cento e cinquenta, cento e setenta anos. Então, uma linha de uma canção de Jerry Jeff Walker lhe ocorreu, aquela sobre Mr. Bojangles: *Ele parecia a própria imagemda velhice...*

Sim. Era isso que ele via no rosto de Taduz Lemke – era a própria imagem da velhice. Naqueles olhos, Billy viu um profundo conhecimento capaz de fazer sombra a todo o século XX – e estremeceu.

Nessa noite, quando se pesou na balança do banheiro, anexo ao seu quarto em forma de fatia, o marcador indicava 62.

CAPÍTULO 18: A BUSCA

Old Orchard Beach é a cidadezinha mais espelunca de todas, dissera a garçonete. O recepcionista concordara. O mesmo disse a jovem da cabine de informações turísticas, seis quilômetros abaixo na autoestrada, embora se recusando a usar termos tão nitidamente pejorativos. Billy manobrou seu carro alugado na direção de Old Orchard Beach, que ficava a cerca de trinta quilômetros ao sul.

O tráfego emperrou num rastejar de para-choque contra para-choque, ainda a uns dois quilômetros da praia. Naquele desfile, a maioria dos veículos tinha matrículas canadenses. Muitos deles eram veículos recondicionados, parecendo grandes o suficiente para transportar equipes completas de futebol. A maior parte das pessoas que Billy via, fosse no trânsito rastejante ou caminhando às margens da rodovia, parecia vestir o mínimo que a lei permitia, às vezes ainda menos – havia um bocado de biquínis reduzidíssimos, um bocado de sungas masculinas encobrindo apenas os colhões, um bocado de carne oleada em exibição.

Billy vestia blue jeans, uma camisa branca de colarinho aberto e paletó esporte. Sentado ao volante de seu carro, estava suando, mesmo com o ar-condicionado ligado ao máximo. Entretanto, não esquecera a maneira como o rapaz do serviço de copa do hotel olhara para ele. Seu traje era o mínimo possível que se permitiria, mesmo que terminasse o dia com os tênis encharcados de suor.

O trânsito rastejante passou por pântanos marinhos, duas dúzias de tendas vendendo lagosta e camarão, para finalmente desembocar em uma zona de casas de veraneio, coladas umas às outras de alto a baixo, como um ninho de rãs, desenvolvendo-se em um canto molhado de adega. Veranistas também com o mínimo de roupa ocupavam cadeiras de jardim diante da maioria daquelas casas, comendo, lendo romances em brochura ou simplesmente apreciando o fluxo interminável de tráfego.

Céus, pensou Billy, *como podem aguentar o fedor dos canos de descarga?* Ocorreu-lhe que talvez até gostassem, que talvez por isso mesmo estivessem sentados ali, em vez de na praia, que o cheiro os fazia se lembrar de casa.

As residências deram lugar a motéis com cartazes anunciando *ON PARLE FRANÇAIS ICI* e MOEDA CANADENSE AO PAR, ACIMA DE 250 DÓLARES e OFERECEMOS TELEVISÃO COM SISTEMA DE CABO e 3 MINUTOS AT O MAR e *BONJOUR A NOS AMIS DE LA BELLEPROVINCE!*

Os motéis deram lugar a uma via comercial, que parecia ter principalmente lojas de material fotográfico, de *souvenirs* e empórios de livros pornográficos, todos os estabelecimentos vendendo seus produtos a preços de liquidação. Jovens em shorts improvisados de antigos jeans e *tops,* a barriga à mostra, caminhavam preguiçosamente, indo e vindo, alguns de mãos dadas ou espiando vitrines sujas com uma completa falta de interesse, outros andando de *skate* e abrindo caminho através de grupos de pedestres, mostrando um entediado ímpeto. Aos olhos fascinados e desalentados de Billy Halleck, todos pareciam cheios de carnes, e todos – mesmo os garotos dos *skates* – pareciam estar comendo qualquer coisa: uma fatia de pizza aqui, batatas fritas ali, um saco de Doritos, um saco de pipocas ou um tufo de algodão-doce acolá. Avistou um sujeito gordo, de camisa branca para fora das bermudas verdes e frouxas, com sandálias de tiras de couro, devorando um cachorro-quente que teria uns trinta centímetros de comprimento. Do seu queixo escorria uma tira de algo que poderia ser cebola ou *sauerkraut.* Exibia outros dois cachorros-quentes entre os dedos rechonchudos da mão esquerda e, para Billy, parecia um mágico de palco, exibindo bolas de borracha vermelha, antes de fazê-las desaparecer.

A rua principal veio em seguida. Uma montanha-russa delineava-se contra o céu. Uma gigantesca réplica de barco viking oscilava para diante e para trás em íngremes semicírculos, enquanto os passageiros esganiçavam-se em seu interior, seguros por correias. Sinos bimbalhavam e luzes piscavam em uma galeria, à esquerda de Billy; a sua direita, adolescentes em camisetas listradas de ginástica dirigiam carrinhos em uma pista, uns chocando-se contra os outros. Pouco além da galeria, um rapaz e uma moça beijavam-se. Ela passava os braços pelo pescoço dele. Uma das mãos do rapaz amoldava-se às nádegas da jovem; na outra, ele segurava uma lata de cerveja.

Sim, pensou Billy. *Sim, é este o lugar. Tem que ser!*

Estacionou o carro em um pátio com candente piso de asfalto, pagou dezessete dólares ao atendente por uma permanência de meio dia, transferiu a carteira de notas do bolso traseiro das calças para o bolso interno do paletó

esporte, e iniciou a caçada.

A princípio, pensou que a perda de peso talvez houvesse se acelerado. Todos olhavam para ele. A parte racional de sua mente assegurou prontamente que era apenas por causa de suas roupas, não pela maneira como parecia *dentro* delas.

As pessoas olhariam para você da mesma maneira, se estivesse caminhando na calçada desta cidade de veraneio, usando calção de banho e camiseta em outubro, Billy. Vá com calma. Você é apenas algo para alguém olhar e, por aqui, há um bocado para olhar-se.

Era a pura verdade. Billy viu uma mulher gorda usando um biquíni preto, a pele muito bronzeada reluzindo de óleo. Seu estômago era pródigo, as dobras dos músculos longos em suas coxas, algo quase mítico e estranhamente excitante. Ela se encaminhava para a amplidão da faixa branca de praia como um transatlântico, as nádegas flexionando-se como ondas do mar. Ele viu um poodle grotescamente gordo, o pelo cacheado já com seu corte de verso, a língua – mais cinza do que rosada – pendendo languidamente, acomodado à sombra de uma barraca para a venda de pizza. Viu duas brigas a socos. Viu uma enorme gaivota de asas pintalgadas de cinzento e foscos olhos negros arremeter para baixo como flecha e arrancar um gorduroso biscoito da mão de um bebê em um carrinho.

Além de tudo isso, estendia-se o alvo crescente da praia de Old Orchard, sua brancura agora quase inteiramente obscurecida por pessoas deitadas para o banho de sol, àquela hora pouco depois do meio-dia em princípios do verão. Contudo, tanto a praia como o Atlântico além dela, pareciam de certo modo reduzidos e inferiorizados pelos eróticos impulsos e pausas da rua principal – seus esgares de pessoas com comida pingando das mãos, bocas e faces, os gritos dos ambulantes ("Adivinhe seu peso!"Billy ouviu alguém gritar, em um ponto à sua esquerda; "Se eu errar por mais de dois quilos e meio, você ganha o dólar da aposta!"), os guinchos estridentes dos brinquedos no parque de diversões, a barulhenta música do rock que se espraiava dos bares.

De repente, Billy começou a sentir-se irreal – fora de si mesmo, como se estivesse tendo um daqueles exemplos de projeção astral da revista *Destino.* Nomes – Heidi, Penschley, Linda, Houston – pareciam subitamente soar falsos e distantes, como nomes inventados na pressa do momento para uma história ruim.

Havia a sensação de que podia olhar por trás das coisas e ver as luzes, as câmeras, manipulação de interruptores e algum inimaginável "mundo real". O cheiro do mar parecia abafado pelo de comida estragada e sal. Os sons chegavam distantes, como que flutuando através de um comprido corredor.

Projeção astral, uma ova, pronunciou uma voz fraca. *Você está a caminho de uma insolação, meu amigo.*

Isso é ridículo! Nunca tive uma insolação na vida!

Bem, acho que quando uma pessoa perde cinquenta e quatro quilos, isso realmente lhe pifa o termostato. Se não sair já do sol, você vai acabar na sala de emergência de algum pronto-socorro, fornecendo o número de sua Blue Cross e Blue Shield. O que prefere?

— Certo, você ganhou – murmurou Billy.

Um garoto que passava, despejando na boca uma caixa de biscoitinhos, virou-se e o fitou com ar penetrante.

Havia um bar adiante, chamado The Seven Seas. Dois cartazes pregados à porta anunciavam: TEMPERATURA GELADA e HAPPY HOUR. Billy entrou.

O Seven Seas não apenas tinha uma temperatura gelada, como estava misericordiosamente sossegado. Um aviso na vitrola automática dizia: UM CRETINO ME CHUTOU À NOITE PASSADA E AGORA ESTOU AVARIADA. Mais abaixo havia uma tradução francesa dando a mesma explicação. Entretanto, Billy deduziu que, pela aparência envelhecida do aviso e pela poeira na vitrola, a "noite passada" em questão devia ter acontecido vários anos antes. Havia alguns fregueses no bar, em sua maioria homens de idade, trajados mais ou menos como Billy – como que vestidos mais para a rua do que para a praia. Uns jogavam damas e gamão. Quase todos usavam chapéu.

— O que vai querer? – perguntou o encarregado, aproximando-se.

— Uma Schooner, por favor.

— Certo.

A cerveja chegou. Billy bebeu lentamente, observando o fluxo e refluxo na calçada além das vidraças do bar, ouvindo o murmúrio dos homens de idade. Sentiu que algo de sua força – algo de seu senso *de realidade* – começava a retornar.

O encarregado voltou.

— Mais uma?

— Por favor. E, se tiver tempo, gostaria de falar com você.

— Sobre o quê?

— Sobre certas pessoas que podem ter passado por aqui.

— Aqui, onde? No Seas?

— Em Old Orchard.

O homem riu.

— Que me conste, todo mundo no Maine e metade do Canadá passam por aqui no verão, meu chapa.

— Eu me refiro a ciganos.

O homem grunhiu e trouxe para Billy outra garrafa de Schooner.

— Está querendo falar de aves de arribação. Todos que vêm a Old Orchard, no verão, são aves de arribação. Aqui dentro é um pouco diferente. A maioria dos que vêm ao bar é de sujeitos residentes aqui mesmo. As pessoas lá fora... – Ele acenou para as vidraças, rejeitando os transeuntes com uma torção de pulso. – Aves de arribação. Como você, chapa.

Billy despejou cuidadosamente a Schooner no copo inclinado e depois colocou uma nota de dez dólares sobre o balcão do bar.

— Acho que não nos entendemos bem. Estou falando sobre ciganos de verdade, não sobre turistas ou veranistas.

— Ciganos de verdade... Oh, deve estar falando daqueles sujeitos que acamparam fora daqui, lá por Salt Schack.

O coração de Billy bateu mais rápido no peito.

— Posso mostrar-lhe algumas fotos?

— Não adiantaria nada. Eu não os vi. – O homem examinou as fotos por um momento e depois chamou: -- Lon! Lonnie! Venha cá um minuto!

Um dos homens idosos, que estivera sentado perto da janela, levantou-se e caminhou para o bar, arrastando os pés. Usava calças de algodão cinza, uma camisa branca grande demais para ele e um chapéu de palha de aba virada. Tinha o rosto cansado. Apenas os olhos eram vivos. Fazia Billy recordar alguém e, após um instante, soube quem era. O velho parecia Lee Strasberg, o professor e ator.

— Este é Lon Enders – apresentou o encarregado. – Tem uma pequena propriedade, logo a oeste da cidade. Fica no mesmo lado de Salt Shack. Lon enxerga tudo o que acontece em Old Orchard.

— Eu sou Bill Halleck.

— Prazer em conhecê-lo – disse Lon Ender em voz roufenha, acomodando-se na banqueta ao lado.

Não pareceu sentar-se realmente; os joelhos deram a impressão de vergar-se, assim que o traseiro pousou na almofada da banqueta.

— Aceita uma cerveja? – perguntou Billy.

— Não posso – replicou a voz roufenha, e Billy moveu a cabeça ligeiramente, para fugir ao hálito de cheiro fortemente adocicado do velho. – Já tomei a minha de hoje. O doutor disse que não posso passar de uma. Tripas avariadas. Se eu fosse um carro, estaria pronto para o ferro-velho.

— Oh! – exclamou Billy, desajeitadamente.

O encarregado afastou-se deles e começou a encher uma pia com copos de cerveja usados. Enders olhou para a nota de dez dólares. Depois olhou para Billy.

Halleck explicou novamente, enquanto o rosto cansado e muito lustroso de Enders fitava sonhadoramente as sombras do Seven Seas e os sinos da galeria bimbalhavam fracamente, como sons entreouvidos em um sonho, perto dali.

— Eles estiveram aqui – disse Enders, quando Billy terminou. – Eles estiveram, certo. Há sete anos ou mais que eu não via ciganos. E não via este bando em talvez uns vinte.

A mão direita de Billy apertou o copo de cerveja que segurava, e ele teve que relaxar a pressão conscientemente, antes de quebrá-lo. Depositou o copo cuidadosamente sobre o balcão.

— Quando? O senhor tem certeza? Tem alguma ideia de para onde eles iriam? Poderia...?

Enders ergueu a mão – era tão branca como a de um afogado retirado de um poço e, para Billy, pareceu ligeiramente transparente.

— Devagar, meu amigo – disse ele, em sua voz sussurrante. – Direi tudo o que sei.

Com o mesmo esforço consciente, Billy obrigou-se a ficar calado. A apenas esperar.

— Vou ficar com as dez pratas, porque você me parece poder pagar, meu amigo – sussurrou Enders. Enfiou a nota no bolso da camisa e depois introduziu na boca o polegar e o indicador da mão esquerda, ajustando a dentadura

superior. – De qualquer modo, eu falo de graça. Diabo, quando a gente fica velho, descobre que pagaria a alguém para ouvir-nos... Quer perguntar a Timmy, ali adiante, se pode me arrumar um copo de água gelada? Confesso que até uma cerveja só está ficando demais para mim – parece queimar o que me resta de estômago – mas é duro um homem desistir de todos os seus prazeres, mesmo quando eles não lhe do mais nenhum prazer.

Billy chamou o encarregado e ele trouxe para Enders sua água gelada.

— Você está bem, Lon? – perguntou, ao entregar-lhe a água.

— Estive melhor e estive pior – sussurrou Lon.

O velho ergueu o copo e, por um momento, Billy pensou que seria pesado demais para ele. Entretanto, Enders conseguiu levá-lo à boca, embora derramando um pouco no trajeto.

— Você quer falar com este cara? – perguntou Timmy.

A água fria pareceu reavivar Enders. Ele pousou o copo no balcão, olhou para Billy e depois para o outro.

— Acho que alguém devia falar com ele – respondeu. – Não me parece ainda tão mal como eu... Mas vai chegar lá.

Enders morava em uma pequena colônia de aposentados, em Cove Road. Disse que Cove Road fazia parte da "verdadeira Old Orchard – aquela a que a patota não liga".

— Patota? – estranhou Billy.

— As multidões, meu amigo, as multidões. Eu e minha esposa viemos para esta cidade em 1946, logo depois da guerra. Ficamos aqui desde então. Aprendi a como largar a patota e ser professor – o Solitário Tommy McGhee, morto agora faz muitos anos. Gastei as tripas de tanto gritar, foi o que fiz. O que ouve agora é tudo o que sobrou.

Houve novamente a risadinha, quase tão fraca como um hálito de brisa antes do alvorecer.

Enders parecia ter conhecido todos os que estavam associados à feira de verão que era Old Orchard – os camelôs, mascates, estivadores, ambulantes do vidro (vendedores de *souvenirs),* mecânicos de parque de diversões, jogadores, empregados de todo tipo, alcoviteiros e gigolôs. Em sua maioria, eram pessoas que viviam ali e suas conhecidas durante décadas ou gente que voltava a cada verão, como pássaros migratórios. Eles compunham uma comunidade bastante

agradável, jamais vista pelos veranistas.

Enders também conhecia uma grande porção do que o encarregado do bar chamara de "aves de arribação". Estas últimas eram os verdadeiros transientes, pessoas que vinham por uma ou duas semanas, faziam alguns negócios na febricitante atmosfera de cidade-festa que era Old Orchard, depois tornando a ir embora.

— E o senhor se lembra de *todos* eles? – perguntou Billy, dubitativamente.

— Oh, eu não me lembraria, se fossem todos diferentes de ano para ano – sussurrou Enders – mas isso não é como acontece com as aves de arribação. Este pessoal não é tão regular como os empregados de manutenção das máquinas no parque de diversões e os biscateiros, mas também tem um padrão. Você vê um cara recém-chegado andando pela calçada da praia em 1957, vendendo bambolês pendurados no braço. Torna a vê-lo em 1960, vendendo relógios de luxo por três pratas a unidade. Seu cabelo talvez seja negro, em vez de louro, e então ele pensa que os outros não o reconhecerão. Acredito que os veranistas não o reconheceriam, mesmo se tivessem andado por aqui em 1957, porque eles vão embora e apagam tudo da cabeça. Só que nós o conhecemos. Conhecemos as aves de arribação. Nada muda, exceto o que eles vendem, mas o que eles vendem está sempre alguns passos à margem da lei.

"Com os traficantes, a coisa é outra. São muitos e estão sempre indo para a cadeia ou morrendo. Quanto às prostitutas, envelhecem muito depressa, para serem lembradas. Enfim, você quer falar sobre ciganos. Acho que são as aves de arribação mais antigas de todas, se pensarmos nisto um instante."

Billy tirou seu envelope de fotografias do bolso do paletó esporte e dispôs as fotos cuidadosamente, como em um jogo de pôquer: Gina Lemke. Samuel Lemke. Richard Crosskill. Maura Starbird.

Taduz Lemke.

— Ah! – O velho na banqueta exclamou bruscamente, quando Billy mostrou a última foto, e então falou diretamente para ela, provocando um arrepio gelado na pele de seu ouvinte: — Teddy, seu velho devasso!

Ergueu os olhos e sorriu, mas Billy Halleck não se deixou enganar – o velho estava com medo.

— Pensei que fosse ele – falou. – Vi apenas uma sombra no escuro – isto foi há três semanas. Apenas uma sombra no escuro, mas pensei... não, eu

sabia...

Tornou a levar à boca o copo de água gelada, tornando a derramar mais, agora no peito da camisa. A friagem o fez ofegar.

O encarregado do bar aproximou-se e ofereceu a Billy um olhar hostil. Enders ergueu a mão alheadamente, a fim de indicar que tudo estava bem com ele. Timmy recuou de novo para a pia. Enders virou a foto de Taduz Lemke. No verso estava escrito: *Foto batida em Attleboro. Mass, meados de maio de 1983.*

— Ele não envelheceu um só dia, desde que o vi e a seus amigos pela primeira vez por aqui, no verão de 1963 – terminou Enders.

Os ciganos tinham acampado atrás do Galpão de Lagostas Salt Shack, de Herk, na Rota 27. Haviam ficado lá quatro dias e quatro noites. Na quinta manhã, simplesmente desapareceram. Cove Road ficava perto, e Enders contou que caminhara os oitocentos metros até lá, na segunda noite de permanência dos ciganos (Billy achava difícil imaginar aquele homem espectral dando volta ao quarteirão, mas ficou calado). Disse que queria vê-los, porque lhe recordavam os velhos tempos, quando um homem podia dirigir seu negócio, se ele tivesse um negócio para dirigir, com os homens da lei fora de seu caminho, deixando-o ir para diante.

— Fiquei lá, do lado da estrada, quieto por algum tempo – disse ele. – Era o mesmo espetáculo ambulante, a mesma reunião cigana – e quanto mais as coisas mudam, mais eles continuam os mesmos. Antigamente, havia apenas tendas, hoje são furgões e camionetas, coisas assim, mas o que acontece por dentro não varia. Uma mulher lendo sortes. Duas, três mulheres vendendo pós para as senhoras... dois, três homens vendendo pós a cavalheiros. Acho que teriam ficado mais tempo, porém ouvi dizer que tinham programado uma briga de cães para alguns *canucks*[2] ricos, e os tiras estaduais farejaram a coisa.

— Briga de cães!

— As pessoas gostam de apostar, meu amigo, e as aves de arribação estão sempre querendo providenciar as coisas em que os outros querem apostar – este é um dos lados do comércio dessa gente. Cães ou galos com esporões de aço, talvez até mesmo dois homens, com aquelas facas afiadas e pontudas que mais parecem estiletes – cada um deles segura a ponta de um cachecol na boca e aquele que deixar sua ponta cair primeiro é o perdedor. Os ciganos dizem que isso é uma “briga justa”.

Enders olhava para si mesmo no espelho atrás do bar – para si mesmo e através de si mesmo.

— Tudo como nos velhos tempos, claro – ele disse, sonhadoramente. – Eu podia sentir o cheiro de sua carne, a maneira como a defumam, de pimentões verdes e daquele óleo de oliva deles, que cheira a rançoso quando sai da lata e depois fica adocicado, quando cozido. Podia ouvi-los falando aquela linguagem esquisita, aquele *tum! tum! tum!* que significava alguém atirando facas em uma tábua. E alguém cozia pão à moda antiga, sobre pedras quentes.

"Era como nos velhos tempos, mas eu não me sentia assim. Estava amedrontado. Bem, os ciganos *sempre* me meteram certo medo – a diferença era que, antigamente, eu iria lá, de qualquer modo. Diabo, eu era um homem branco, não era? Nos velhos tempos, eu caminhava bem até a fogueira deles, tão forte e grandalhão como qualquer um, para comprar uma bebida ou talvez algumas bugigangas – não que quisesse uma bebida ou um amuleto, mas apenas dar uma espiada no local. Entretanto, os velhos tempos me tornaram um homem velho, meu amigo, e quando um velho está assustado, ele não segue em frente de qualquer modo, como fazia quando apenas começava a aprender a barbear-se.

"Então, fiquei lá, parado no escuro, com a Salt Shack de um lado e todos aqueles veículos, furgões e camionetas reunidos, em meu outro lado. Eu os espiava, a andarem para lá e para cá diante de sua fogueira, ouvia-os conversando e rindo, sentia o cheiro de sua comida. E então, a porta nos fundos de um trailer se abriu – havia o desenho de uma mulher no lado e um cavalo branco com um chifre brotando da cabeça, um sei-lá-como-se-chama...

— Unicórnio – disse Billy, e sua voz parecia ter partido de algum lugar ou de mais alguém.

Ele conhecia perfeitamente aquele trailer; vira-o a primeira vez quando os ciganos chegaram ao parque comunitário de Fairview.

— Então, alguém saiu – continuou Enders. – Apenas uma sombra e o vermelho da ponta de um cigarro, mas eu sabia quem era. – Ele bateu o dedo pálido sobre a foto do homem com lenço na cabeça. – Ele. Seu chapa.

— Tem certeza?

— Ele puxou uma tragada firme do cigarro e eu vi... isso.

Enders apontou para o que restava do nariz de Taduz Lemke, mas não chegou a tocar a superfície luzidia da foto, como se o toque pudesse arriscá-lo a

uma contaminação.

— O senhor falou com ele?

— Não – disse Enders – mas ele falou comigo. Eu estava lá no escuro e juro por Deus que ele nem olhava na *minha* direção. E então disse: "Você sente falta de sua esposa, hein, Flash? Está tudo bem, logo vai estar com ela." Depois ele jogou fora a ponta de cigarro com um piparote e caminhou para junto da fogueira. Vi a argola em sua orelha cintilar uma vez à luz do fogo, e isso foi tudo.

Enders enxugou pequenas gotas de água em seu queixo, passando as costas da mão sobre elas. Depois olhou para Billy.

— Flash era como costumavam me chamar, quando eu vendia quinquilharias no quebra-mar, lá pelos anos 1950, meu amigo, mas há anos ninguém me chamava assim. Eu estava lá, escondido nas sombras, mas ele me viu e me chamou por meu antigo nome – o que os ciganos diriam ser meu nome secreto, imagino. Eles fazem o diabo, quando sabem o nome secreto de um homem.

— É mesmo? – perguntou Billy, quase para si próprio.

Timmy, o encarregado, aproximou-se novamente. Desta vez, falou a Billy quase com gentileza... E como se Lon Enders não estivesse ali.

— Ele mereceu os dez, meu chapa. Deixe-o em paz. Não se sente bem e esta pequena conversa não o está deixando melhor.

— Está tudo bem comigo, Timmy – disse Enders.

Timmy não olhou para ele, mas para Billy Halleck.

— Quero que vá embora – disse para Billy, naquele mesmo tom razoável, quase gentil. – Não gosto de sua aparência. É como se carregasse a má sorte, pronta para acontecer em qualquer lugar. As cervejas são oferta da casa. Agora vá.

Billy olhou para o homem, sentindo-se amedrontado e, de certo modo, também humilhado.

— Está bem – falou. – Só mais uma pergunta e irei embora. – Virou-se para Enders. — Para onde é que eles foram?

— Eu não sei – disse Enders prontamente. – Ciganos não deixam endereços quando partem, meu amigo.

Os ombros de Billy encurvaram-se.

— De qualquer modo, eu já tinha me levantado, quando eles partiram na

manhã seguinte. Quase não tenho mais sono e, por outro lado, a maioria dos furgões e carros deles não é grande coisa, em questão de silenciosos. Vi quando seguiram para a Auto-estrada 27 e depois viraram na direção norte, pela Rota 1. Imagino que fossem para... Rockland. – O velho soltou um profundo e trêmulo suspiro, que fez Billy virar-se para ele, preocupado. – Rockland ou talvez Boothbay Harbor. Sim. E isso é tudo quanto sei, meu amigo, exceto que quando ele me chamou de Flash, quando me chamou por meu nome secreto, mijei pela perna abaixo, até meu tênis esquerdo.

Ao terminar, Lon Enders começou subitamente a chorar.

— Quer ir *embora,* chapa? – sugeriu Timmy.

— Já estou indo – respondeu Billy.

Levantou-se e parou apenas para apertar o estreito e quase etéreo ombro do velho.

Lá fora, o sol o atingiu como uma martelada. Era meio da tarde agora, o sol encaminhando-se para o oeste e, ao olhar para a esquerda, Billy viu sua sombra, tão esquelética como a figura franzina de uma criança, despejada sobre a quente areia, branca como tinta.

Ele discou 203, o código da área.

Eles fazem o diabo, quando sabem o nome secreto de um homem.

Discou 555.

Quero que vá embora. Não gosto de sua aparência.

Discou 9231 e ouviu o telefone tocar em casa, na Cidade dos Gordos.

Você parece carregar a má sorte, pronta para acontecer...

— Alô?

A voz, expectante e um pouco sem fôlego, não era de Heidi, mas de Linda. Deitado na cama, em seu quarto-fatia do hotel, Billy fechou os olhos contra o súbito ardor das lágrimas. Viu-a como ela estivera, na noite em que ambos tinham caminhado por Lantern Drive e ele lhe falara sobre o acidente – com aqueles shorts velhos, as compridas pernas de potranca.

O que vai dizer a ela, garotão? Que passou o dia suando na praia, que almoçou duas cervejas, e que apesar do lauto jantar, com não um, mas dois bifes de alcatra, hoje perdeu mais de um quilo, em vez dos novecentos gramas costumeiros?

— Alô?

Que você carrega a má sorte, pronta para acontecer em qualquer lugar? Que lamenta ter mentido, mas todos os pais fazem isso?

— Alô, tem alguém na linha? É você, Bobby?

De olhos ainda fechados, ele disse:

— É o papai, Linda.

— *Papai?*

— Não posso falar, meu bem – ele disse. *Porque estou quase chorando.* – Ainda estou perdendo peso, mas acho que encontrei a pista de Lemke. Diga isso para sua mãe. Acho que encontrei a pista de Lemke – será que não vai esquecer?

— Oh, papai, volte para casa, *por favor!* – Ela estava chorando. A mão de Billy ficou lívida no telefone. – Sinto saudade de você e não vou deixar que *ela* torne a me mandar para fora.

Vagamente, ele agora podia ouvir Heidi:

— Lin? É papai?

— Eu a amo, boneca – disse ele. – E amo sua mãe.

— *Papai...*

Uma confusão de pequenos sons. Então, Heidi estava ao telefone.

— Billy? Billy, por favor, pare com isso e volte para casa, para nós!

Billy desligou o telefone suavemente e, rolando sobre a cama, colocou o rosto entre os braços cruzados.

Ele deixou o Sheraton de South Portland na manhã seguinte e rumou para o norte pela U.S. 1, a longa rodovia litorânea que começa em Fort Kent, no Maine, e termina em Key West, na Flórida. O homem do Seven Seas tinha dito Rockland ou talvez Boothbay Harbor, mas Billy não quis arriscar-se. Parou em cada posto de gasolina na margem norte da estrada; parou em lojas que vendiam toda a espécie de mercadorias, à frente das quais se sentavam velhos em dadeiras de jardim, mascando palitos ou paus de fósforo. Mostrou suas fotos a todos que quisessem vê-las; trocou dois cheques de viagem de cem dólares cada por notas de dois dólares, que foi distribuindo como um homem promovendo um programa radiofônico de audiência duvidosa. As fotos que mostrava com mais regularidade eram a da jovem Gina, com sua pele moreno-clara e os promissores olhos escuros; a do Cadillac adaptado; a do furgão VW, com a moça e o unicórnio pintados na lataria lateral; a de Taduz Lemke.

Como Lon Enders, as pessoas não queriam segurar esta última, nem mesmo tocá-la.

Contudo, os interrogatórios foram proveitosos, porque Billy Halleck não encontrou o menor problema em seguir os ciganos litoral acima. Não se tratava das chapas de matrícula de fora do estado; durante o verão, no Maine havia montes de veículos com matrículas de outros estados. Era a maneira como os carros e furgões viajavam juntos, quase para-choques contra para-choques; as coloridas pinturas nas laterais; os próprios ciganos. A maioria daqueles com quem Billy falou, alegava que as mulheres ou crianças tinham roubado coisas, porém todos se mostravam vagos sobre o que exatamente havia sido roubado, e ninguém, que Billy soubesse, havia chamado os tiras por causa dos supostos roubos.

Quase todos se lembravam do velho cigano com o nariz carcomido – se o tivessem visto, era de quem mais se recordavam.

Quando sentado no Seven Seas com Lon Enders, Billy se encontrava três semanas atrás dos ciganos. O dono do posto de serviço rápido Bob's não conseguira recordar o dia em que enchera o tanque dos carros, furgões e trailers dos ciganos, um após outro; sabia apenas que eles "fediam como índios". Billy pensou que o próprio Bob não teria cheiro melhor, porém decidiu que dizer isso não seria de todo prudente. O universitário que trabalhava na Falmouth Beverage Barn, uma casa de bebidas do outro lado da estrada, em frente ao serviço rápido, pôde dar a data exata – havia sido em 2 de junho, dia de seu aniversário, quando ele se sentia infeliz por estar trabalhando. Billy falou com eles a 20 de junho, estava agora dezoito dias atrasado. Os ciganos haviam tentado encontrar um local de acampamento pouco mais adiante ao norte, na área de Brunswick, então seguindo em frente. A 4 de junho, tinham acampado em Boothbay Harbor. Não no próprio litoral, claro, porém haviam encontrado um fazendeiro desejando alugar-lhes um campo de feno na área de Kenniston Hill, por vinte dólares a noite.

Os ciganos permaneceram apenas três dias na área – a temporada de verão apenas começava e, aparentemente, os ganhos tinham sido magros. O nome do fazendeiro era Washburn. Quando Billy lhe mostrou a foto de Taduz Lemke, ele assentiu, persignando-se rapidamente, e (Billy estava certo disso) em perceber que o fazia.

— Nunca vi um velho se mover com mais agilidade do que aquele. E o vi empilhando mais madeira pro fogo do que meus filhos podiam carregar. – Washburn hesitou, antes de acrescentar: - Não fui com a cara dele e não era só por causa do nariz, não. Diabo, meu avô teve câncer da pele, e antes que essa desgraceira o levasse, deixou um buraco na bochecha que era do tamanho de um cinzeiro. A gente podia espiar pelo buraco e ver a comida que ele mastigava. Bem, ninguém gostava *disso,* mas a gente ainda gostava do *avô,* se é que me entende. – Billy assentiu. – Aquele sujeito, no entanto... Não gostei dele. Parecia um papão.

Billy pensou em pedir uma tradução desta última palavra, talvez um modismo da Nova Inglaterra, mas decidiu que não precisava. *Papão, espantalho, espectro...* O significado estava nos olhos do fazendeiro Washburn.

— Ele *é* um papão – disse Billy, com a maior sinceridade.

— Botei na cabeça que ia mandar eles embora – disse Washburn. – Vinte pratas por noite só pra limpar alguma sujeira não deixa de ser uma boa grana, mas a patroa estava com medo deles e, cá pra nós, eles me amedrontavam um pouco também. Assim, levantei naquela manhã pra dar essa notícia ao tal Lemke, antes que a coragem me faltasse, mas eles já estavam se movendo. Isso me deixou um bocado aliviado.

— E foram para o norte outra vez.

— Ah, sim, claro. Fiquei bem lá em cima daquela colina – apontou o fazendeiro – e vi quando manobraram pra entrar na U.S. 1. Continuei espiando até eles sumirem de vista. Também fiquei satisfeito ao ver que eles tinham se mandado.

— Sim, imagino que tenha ficado mesmo.

Washburn lançou um olhar crítico e algo preocupado para Billy.

— Não quer entrar um pouco e tomar um copo de leite frio? O senhor parece abatido.

— Obrigado, mas pretendo estar nas proximidades da área de Owl's Head antes do sol se pôr, caso seja possível.

— Procurando por ele?

— Sim.

— Bem, se encontrar o homem, espero que não coma o senhor, porque a mim me pareceu faminto.

Billy havia falado com Washburn no dia 21 – o primeiro dia do verão oficial, embora as estradas já estivessem apinhadas de turistas e ele precisasse internar-se até Sheepscot, antes de encontrar um motel anunciando vagas – e os ciganos tinham saído de Boothbay Harbor na manhã do dia 8.

Estava atrasado agora treze dias.

Houve dois dias perdidos então, quando parecia que os ciganos tinham desaparecido no ar. Não haviam sido vistos em Owl's Head e nem em Rockland, embora ambas fossem cidadezinhas que os turistas ocupavam logo no início do verão. Empregados de postos de gasolina e garçonetes olharam para suas fotos e abanaram a cabeça.

Esforçando-se ao máximo para conter a ânsia de vomitar preciosas calorias por sobre a balaustrada – Billy nunca fora bom marinheiro – ele tomou a barca que fazia o percurso entre Owl's Head e Vinalhaven, percorrendo as ilhas, porém os ciganos tampouco tinham ido para lá.

Na noite do vigésimo terceiro dia, ligou para Kirk Penschley, esperando informações novas. Quando Kirk atendeu, soou um curioso clique duplo, no momento exato em que ouviu a voz:

— Como é que vai, garotão? E *onde* está você?

Billy desligou rapidamente, suando. Tendo conseguido a única vaga no Harborview Motel, em Rockland, sabia que provavelmente não encontraria nenhuma outra entre aquele lugar e Bangor, mas de repente resolveu que seguiria em frente, mesmo que isso significasse passar a noite dormindo dentro do carro ou em alguma estrada rural. Aquele clique duplo. Não se tinha preocupado com aquele ruído duplo, em absoluto. Por vezes, ouve-se tal som quando o telefone foi grampeado ou está sendo usado um equipamento de rastreamento.

Heidi assinou a papelada para interditá-lo, Billy.

É a coisa mais idiota que já ouvi.

Ela assinou e Houston assinou também, ratificando.

Deem-me uma maldita trégua!

Caia fora daqui, Billy.

Partiu. Deixando de lado Heidi, Houston e a possibilidade do equipamento de rastreamento, aquela foi a melhor decisão que poderia tomar. Quando se registrava no Ramada Inn de Bangor, às duas da madrugada, mostrou as fotos

ao recepcionista – a esta altura, isso já se tornara um hábito – que assentiu imediatamente.

— Ah, sim... Levei minha namorada lá, para que lhe lessem a sorte – respondeu ele. Pegou a foto de Gina Lemke e revirou os olhos. – Ela sabia o que fazer com aquela sua atiradeira! E dava a impressão de também saber o que fazer em outros sentidos, se entende o que quero dizer. – Sacudiu a mão, como se estivesse deixando cair água das pontas dos dedos. – Minha namorada não gostou muito da maneira como eu olhava para ela e arrastou-me de lá bem depressa – riu ele.

Pouco antes, Billy sentia-se tão cansado, que não pensava em outra coisa além de uma cama. Agora, estava inteiramente desperto novamente, o estômago inundado de adrenalina.

— Onde? Onde é que eles estavam? Ou ainda estão...?

— Não, não estão mais aqui. Estavam em Parson's, mas já foram embora. Estive lá já faz dias.

— Parson's é alguma fazenda?

— Não – é onde ficava a loja de pechinchas Parson's, até incendiar-se, o ano passado. – O rapaz deu uma espiada inquieta na maneira como o blusão de malha de Billy pendia frouxo em torno dele, em seus malares estirados sob a pele e nos contornos do rosto, semelhantes aos de um esqueleto, onde os olhos queimavam como chamas de velas. – O ... o senhor vai registrar-se?

Billy encontrou a loja de pechinchas Parson's na manhã seguinte – era um estorricado bloco carbonizado de apenas paredes, em meio ao que pareciam nove acres de pátio de estacionamento abandonado. Caminhou lentamente, cruzando o piso rachado, os calcanhares fazendo ruído. Ali havia latas vazias de cerveja e de soda. Um pedaço de queijo, no qual rastejavam besouros. Uma cintilante esfera metálica. ("Olá, Gina!" falou uma voz espectral em sua cabeça.) Ali havia as peles flácidas de balões de gás estourados e também as peles flácidas de duas camisas-de-vênus usadas, tão similares aos balões.

Sim, eles haviam estado ali.

— Sinto o seu cheiro, velho – sussurrou Billy para o bloco vazio da loja de pechinchas.

Os espaços abertos que tinham sido janelas pareceram devolver o olhar, fitando o homem-espantalho esquelético, com nítido desdém. O lugar parecia

assombrado, mas Billy não sentiu medo. Voltava a sentir raiva – ele a usava como um casaco. Raiva de Heidi, raiva de Taduz Lemke, raiva dos chamados amigos, como Kirk Penschley, que supunha do seu lado, mas que se tinham virado contra ele. Tinham-se virado ou se virariam.

Não importava. Ainda que sozinho, ainda que com 59 quilos, sobrava dele o restante capaz de chegar até o velho cigano.

E o que aconteceria então?

Bem, eles veriam, não?

— Sinto o seu cheiro, velho – repetiu Billy, caminhando para um lado do prédio incendiado.

Ali havia um cartaz com o nome de um corretor imobiliário. Billy tirou a caderneta de notas do bolso traseiro das calças e anotou nela a informação.

O nome do corretor era Frank Quigley, mas ele insistiu para que Billy o chamasse de Biff. Nas paredes havia fotos emolduradas de Biff Quigley ginasiano. Na maioria delas, Biff usava um capacete de futebol. Sobre a mesa de trabalho de Biff, repousava uma pilha de excrementos de cachorro, feita de bronze. LICENÇA DE MOTORISTA DO FRANCÊS, dizia o pequeno dístico abaixo.

Sim, disse Biff, ele alugara o espaço para o velho cigano, com a aprovação do Sr. Parsons.

— Ele falou que aquilo não poderia ficar pior do que já está – disse Biff Quigley – e acho que tinha toda razão.

Reclinou-se contra sua cadeira giratória, os olhos passeando incessantemente pelo rosto de Billy, medindo a folga entre o colarinho e o pescoço dele, a maneira como o peito da camisa pendia em dobras, como uma bandeira num dia sem vento. Entrelaçou as mãos atrás da cabeça, reclinou-se mais em sua cadeira de escritório e pousou os pés em cima da mesa, ao lado dos excrementos de bronze.

— Não que aquilo deixe de estar à venda, compreenda. Trata-se de um terreno industrial de primeira e, cedo ou tarde, alguém com visão irá fazer um *diabo* de negócio. Sim, senhor, um *diabo* de...

— Quando foi que os ciganos partiram, Biff?

Biff Quigley retirou as mãos de trás da cabeça e sentou-se ereto. Sua cadeira emitiu um ruído semelhante a um grunhido mecânico de porco – *coin!*

— Importa-se em dizer por que quer saber?

Os lábios de Billy Halleck – estavam muito finos agora e também mais altos, de maneira que nunca se encontravam por completo – repuxaram-se em um sorriso de amedrontadora intensidade e espectral ossatura.

— Sim, Biff, eu me importo.

Biff retraiu-se por um instante, então assentiu e tornou a reclinar-se na cadeira. Seus mocassins tornaram também a acomodar-se sobre a mesa. Um pé cruzou-se sobre o outro e Biff tamborilou, pensativo, nos excrementos.

— Você está certo, Bill. Um homem deve manter seus negócios em sigilo. Um homem tem *motivos* que devem ser só seus.

— Ótimo - respondeu Billy. – Sentia a raiva voltar e procurava dominá-la. Irritar-se com aquele incômodo sujeito, com seus mocassins Quoddy, seus crus insultos étnicos e aquele corte de cabelo, assentado na cabeça, não lhe faria bem algum. – Então, já que estamos de acordo...

— De qualquer modo, isso ainda lhe custará duzentas pratas.

— Quê? – exclamou Billy, espantado.

Por um momento, sua raiva foi tão forte, que não conseguiu mover-se ou dizer qualquer coisa mais. Provavelmente, nada seria melhor para Biff Quigley, porque se Billy pudesse mover-se, teria pulado sobre ele. Seu autocontrole também perdera bastante peso nos dois últimos meses.

— Não pela informação que lhe dou – disse Biff Quigley. – Isso é grátis. Os duzentos paus são pela informação que *não* darei a eles.

— Não... dará... a quem? – Billy conseguiu emitir.

— Sua esposa – disse Biff – seu médico e um homem que trabalha para uma firma chamada Agência de Detetives Barton.

Billy apreendeu tudo em um relance. As coisas não eram tão ruins como sua mente paranoica imaginara: eram ainda piores. Heidi e Mike Houston tinham procurado Kirk Penschley, convencendo-o de que Billy Halleck estava louco. Penschley continuava usando a agência Barton para rastrear os ciganos, mas agora estavam todos como astrônomos que procuravam Saturno apenas para poderem estudar Titã – ou trazer Titã de volta à clínica Glassman.

Também podia ver o agente da Barton, sentado nesta mesma cadeira dias antes, falando com Biff Quigley, dizendo-lhe que um homem muito magro, chamado Bill Halleck, apareceria ali dentro em breve e que, quando aparecesse,

aquele era o número para o qual devia ligar.

Isto foi seguido por uma visão ainda mais clara: ele se viu saltando através da mesa de Biff Quigley, de passagem agarrando a pilha de bronze dos excrementos caninos e batendo na cabeça do outro com ela. Viu isto com a mais total e selvagem nitidez: a pele se abrindo, o sangue escorrendo em um fino jato de gotículas (algumas delas salpicando os retratos emoldurados), o brilho alvo do osso estilhaçando-se, para revelar a trama da mente tortuosa do indivíduo; então, viu-se enfiando os excrementos de cachorro no lugar a que pertenciam – de certa maneira, no lugar de onde tinham vindo.

Quigley pareceu ter captado isto – ou parte disto – no rosto feroz de Billy, porque em seu próprio rosto surgiu uma expressão de alarme. Removeu apressadamente os pés de cima da mesa e as mãos de trás da cabeça. A cadeira tornou a emitir seu guincho de porco mecânico.

— Bem, podemos discutir o assunto... – começou ele, e Billy viu a mão manicurada estirando-se para o interfone.

A raiva de Billy evaporou-se abruptamente, deixando-o trêmulo e frio. Ele tinha apenas visualizado um quadro em que espatifava os miolos do outro, não de maneira vaga, mas no equivalente mental de tecnicolor e som dolby. E o bom e velho Biff também percebera que ele faria isso.

O que foi feito do velho Bill Halleck, que costumava contribuir para o United Fund e festejar a véspera do Natal?

Sua mente replicou: *Certo, aquele era o Billy Halleck que morava na Cidade dos Gordos. Ele se mudou. Liquidado, sem retorno.*

— Não há necessidade disso – falou Billy, indicando o interfone.

A mão estremeceu, depois se desviou para uma gaveta da mesa, como se esta fosse a intenção, o tempo todo. Biff pegou um maço de cigarros.

— Eu nem pensava em tal coisa, há-há. Cigarro, Sr. Halleck?

Bill pegou um, inclinou-se para acendê-lo. A primeira tragada o deixou de cabeça leve.

— Obrigado.

— E quanto aos duzentos, talvez eu me tenha enganado.

— Não, não se enganou – disse Billy.

A caminho dali, descontara cheques de viagem no valor de trezentos dólares, imaginando que talvez precisasse untar algumas mãos – porém nunca

lhe ocorrera que iria untá-las por um motivo como este. Tirou a carteira, removeu quatro notas de cinquenta e as jogou sobre a mesa de Biff, ao lado dos excrementos caninos.

— Vai ficar de boca fechada, quando Penschley ligar?

— Oh, mas é claro! – Biff pegou o dinheiro e o enfiou na gaveta, com os cigarros. – Pode ter certeza!

— Assim espero – disse Billy. – Agora, fale-me dos ciganos.

O relato foi breve e fácil de seguir; a única parte realmente complicada tinham sido os preliminares. Os ciganos haviam chegado em Bangor a 10 de junho. Samuel Lemke, o rapaz malabarista, juntamente com um homem que correspondia à descrição de Richard Crosskill, tinham ido ao escritório de Biff. Após um telefonema para o Sr. Parsons e outro para o chefe de polícia de Bangor, Richard Crosskill assinara um formulário padronizado de arrendamento-a-curto-prazo-renovável – no caso, o curto prazo fora especificado em vinte e quatro horas. Crosskill assinara como secretário da Sociedade Anônima Taduz, enquanto o jovem Lemke permanecia junto à porta do escritório de Biff, com os braços musculosos cruzados.

— E quanta grana eles passaram para sua mão? – perguntou Billy.

Biff ergueu as sobrancelhas.

— Como disse?

— Você ficou com duzentos meus, talvez uns cem da parte de minha preocupada esposa e amigos, via detetive da Barton que o visitou – eu só gostaria de saber quanto os ciganos lhe soltaram. Você se sai muito bem nisto, seja para onde se vire, não é mesmo, Biff?

Biff ficou calado por um instante. Então, sem responder à pergunta de Billy, terminou sua história.

Crosskill voltara nos dois dias seguintes, para renovar o acordo de arrendamento. Tornou a voltar no terceiro, mas então Biff havia recebido um telefonema do chefe de polícia e outro de Parsons. Tinham começado as queixas dos cidadãos locais. O policial achava que era hora dos ciganos se mudarem. Parsons pensava o mesmo, mas aceitaria que eles ficassem mais um dia ou coisa assim, se aumentassem o pagamento – digamos, de trinta pratas para cinquenta por noite.

Crosskill ouviu isto e sacudiu a cabeça. Saiu sem falar. Movido por um

impulso, Biff tinha ido de carro até os escombros incendiados da antiga loja de pechinchas, por volta do meio-dia. Chegou a tempo de ver a caravana de ciganos começando a rodar.

— Eles rumaram para a ponte Chamberlain – disse – e isso é tudo o que sei. E agora, por que não se manda daqui, Bill? Para ser franco, você parece um anúncio de férias em Biafra. Olhar para você me causa horror.

A raiva tornou a inundá-lo. Saiu rapidamente do escritório de Biff Quigley, antes que a fúria o impelisse na direção errada ou fizesse suas mãos falarem, em alguma terrível linguagem que pareciam conhecer.

Dia 24 de junho. Os ciganos tinham deixado Bangor, via ponte Chamberlain, no dia 13. Agora, ele estava somente onze dias atrasado. Mais perto... mais perto, porém ainda demasiado longe.

Descobriu que a Rota 15, que começava no lado da ponte voltado para Brewer, era conhecida como Estrada Bar Harbor. Tudo indicava que ele acabaria indo até lá. Contudo, durante o trajeto não falaria mais com corretores de imóveis e não se hospedaria mais em motéis de primeira classe. Caso o pessoal da Barton continuasse à frente dele, Kirk bem poderia ter posto mais gente a vigiá-lo.

Os ciganos haviam viajado setenta quilômetros até Ellsworth no dia 13 e obtido permissão para acampar nos terrenos do parque de diversões, durante três dias. Então, cruzaram o rio Penobscot para Bucksport, onde tinham ficado mais três dias, antes de se moverem para o litoral novamente.

Billy descobriu tudo isto no dia 25; os ciganos haviam deixado Bucksport no final da tarde de 19 de junho.

Agora, estava a apenas uma semana deles.

Bar Harbor era tão loucamente movimentada como a garçonete avisara, e Billy pensou que, pelo menos, ela também sugerira algumas das inconveniências da cidade balneária: *E a rua... até depois do Dia do Trabalho, é uma rua de feira. A maioria dessas cidades é assim, mas Bar Harbor é o fim da picada, entende? Eu costumava ir lá algumas vezes, em julho ou agosto, mas parei. Agora estou velha demais para isso.*

Eu também, pensou Billy, sentado em um banco de parque, vestindo calças de algodão, uma camiseta onde se lia BANGOR'S GOT SOUL e um paletó esporte que pendia diretamente do cabide ossudo de seus ombros. Estava

tomando um sorvete de casquinha e atraindo muitos olhares. *Eu também.*

Estava cansado – alarmava-se ao perceber que agora estava *sempre* cansado, a menos que tomado por um de seus acessos de raiva. Quando estacionara o carro e saíra aquela manhã para começar a exibição de suas fotos, experimentara um terrível momento de *déjá vu,* quando as calças iniciaram um deslizamento, quadris abaixo – *excuseZ-moi,* pensou, *quando iniciaram um deslizamento por meus* ex-quadris. Comprara as calças de brim no depósito exército-marinha, em Rockland. Tinham uma cintura de setenta e um centímetros. O vendedor lhe dissera (um pouco nervoso) que breve teria problemas em adquirir calças para adulto, porque estava agora quase com cintura de menino. A altura de sua perna, contudo, continuava sendo de oitenta e um centímetros; não haveria muitos garotos de treze anos com um e oitenta e seis de altura.

Agora, sentado com o cone de sorvete de pistache, ele esperava que sua força retornasse em parte e tentava decidir o que era tão desagradável naquela linda cidadezinha, onde não se podia estacionar um carro e mal se conseguia caminhar pelas calçadas.

Old Orchard tinha sido vulgar, porém sua vulgaridade era honesta e, de certo modo, animada. Uma pessoa sabia que os prêmios das tendas Tente-Até-Acertar eram quinquilharias que se desfaziam quase imediatamente, que os *souvenirs* eram quinquilharia que se desfaziam quase no exato momento em que o ganhador se distanciava um pouco, para voltar e reclamar até devolverem seu dinheiro. Em Old Orchard muitas das mulheres eram velhas e quase todas eram gordas. Algumas usavam biquínis obscenamente reduzidos, porém a maioria preferia os maiôs inteiriços, semelhantes a relíquias dos anos 1950 – ao passar por uma daquelas sacolejantes mulheres na calçada da praia, sentia-se que tais maiôs sofriam a mesma terrível pressão que um submarino, viajando muito abaixo da profundidade permitida. Se um daqueles miraculosos tecidos iridescentes cedesse, a gordura explodiria.

Os cheiros pairando no ar haviam sido de pizza, sorvete, cebolas fritas e, de vez em quando, do vômito nervoso de alguma criancinha que ficara tempo demais nos brinquedos giratórios do parque de diversões. Em sua maioria, os carros trafegavam lentamente, indo e vindo, para-choque contra para-choque e, em Old Orchard, quase todos eram de modelos antigos, enferrujados na parte inferior das portas e geralmente grandes demais. Muitos queimavam óleo.

Old Orchard era vulgar, mas possuía uma certa candura que parecia faltar em Bar Harbor.

Aqui, tantas coisas eram o inverso exato de Old Orchard, que Billy se sentia mais ou menos como se tivesse passado para o outro lado do espelho – era muito menor o número de mulheres velhas, sendo poucas as gordas e dificilmente usavam maiôs inteiriços. O uniforme de Bar Harbor parecia constar de roupas curtas de malha e tênis brancos ou jeans desbotados, camisas de rúgbi e sandálias. Billy viu poucos carros antigos e ainda menos carros americanos. A maioria era de Saabs, Volvos, Datsuns, BMWs, Hondas. Todos tinham adesivos nos para-choques, dizendo coisas como: ABAIXO AS USINAS E BOMBAS ATÓMICAS ou U.S., FORA DE EL SALVADOR e LEGALIZEM A ERVA. Aqui também havia ciclistas – eles cruzavam por entre o lento tráfego em direção ao centro da cidade, indo e vindo, em caras bicicletas de dez velocidades, usando óculos escuros polarizados e visores, exibindo sorrisos ortodonticamente perfeitos e ouvindo walkmen Sony. Abaixo da cidade, no porto propriamente dito, acumulava-se uma floresta de mastros – não os mastros grossos e pintados de fosco de barcos de trabalho, mas os esguios e brancos dos barcos a vela, que iriam para diques secos depois do Dia do Trabalho.

As pessoas que iam para Bar Harbor eram jovens, limpas, elegantemente liberais e ricas. Aparentemente, também continuavam a festa pela noite adentro. Billy telefonara antecipadamente para fazer uma reserva no motel Frenchman's Bay e ficara acordado até a madrugada, ouvindo a conflitante música dos rocks que brotavam de vários bares diferentes. O relato dos choques de carros e violações de trânsito no jornal local era impressionante e algo desanimador.

Billy viu um *frisbee* voar acima das multidões em suas roupas jovens, e pensou: *Quer saber por que este lugar e estas pessoas o deprimem? Eu lhe direi. Elas estão estudando para viver em lugares como Fairview, eis o motivo. Os rapazes terminarão os estudos, se casarão com mulheres que terão concluído seus primeiros casos e rondas de análises mais ou menos à mesma época e depois vão se estabelecer nas Lantern Drives deste país. Usarão calças vermelhas quando jogarem golfe e cada e toda véspera de ano-novo será a ocasião para muito bolinar de maminhas.*

— Sim, isto é deprimente, sem dúvida – murmurou, e um casal que passava olhou para ele com estranheza.

Eles ainda estão aqui.

Sim. Eles ainda estavam ali. O pensamento era tão natural, tão positivo, que não chegava a ser surpreendente nem particularmente excitante. Billy estivera uma semana atrasado em relação a eles – a esta altura poderiam ter subido até Maritimes ou estar descendo a costa novamente, O comportamento anterior deles sugeria que a essa altura já teriam ido embora. Bar Harbor, onde as próprias lojas de *souvenirs* pareciam luxuosas salas de leilão no East Side, certamente era pequena para suportar um bando mulambento de ciganos durante muito tempo. Tudo certo. Exceto que eles ainda estavam ali, e Billy sabia.

— Eu sinto o seu cheiro, velho – sussurrou.

É claro que sente o cheiro dele. Supõe-se *que você o esteja farejando.*

Tal pensamento provocou um instante de desconforto. Então ele se levantou, jogou o restante do cone de sorvete em um recipiente para lixo e retornou ao sorveteiro. O vendedor não pareceu particularmente satisfeito em vê-lo de volta.

— Acho que você poderia ajudar-me – disse Billy.

— Não, cara, acho que não posso – respondeu o vendedor, e Billy viu a repulsa em seus olhos.

— Talvez ficasse surpreso...

Billy experimentou um senso de profunda calma e predestinação – não um *déjà vu,* mas real predestinação. O sorveteiro queria virar-se, mas Billy o deteve com os olhos – descobriu que agora era capaz disso, como se transformado em uma espécie de criatura sobrenatural. Pegou o maço de fotos – não estavam amassadas nem manchadas de suor. Exibiu a agora familiar mão de Tarô com figuras, alinhando-as ao longo do balcão.

O vendedor olhou-as e, a Billy, não foi surpresa identificar nos olhos do homem qualquer falta de prazer, mas apenas aquele medo vago, como a dor esperando para instalar-se assim que desaparecer o efeito da anestesia local. Havia um nítido cheiro de maresia no ar e gaivotas grasnavam acima do porto.

— *Este* sujeito – disse o vendedor de sorvete, olhando fascinado para a fotografia de Taduz Lemke. – *Este* sujeito... que assombração!

— Eles ainda estão por aqui?

— Sim – disse o vendedor de sorvete. – Acho que estão. Os tiras os chutaram para fora da cidade no segundo dia, mas eles conseguiram alugar um

campo de um fazendeiro em Tecknor – é uma cidade mais para o interior, partindo daqui. Vi os ciganos por aí. Os tiras chegaram a um ponto em que estão "escrevendo" os caras por lanternas traseiras quebradas e coisas assim. Dá para imaginar que eles entenderam o recado.

— Obrigado.

Billy tornou a recolher suas fotos.

— Quer outro sorvete?

— Não, obrigado.

O medo era mais forte agora – porém a raiva continuava lá, zumbindo, um tom pulsante sob tudo o mais.

— Então, poderia ir embora, chefe? Sua presença não ajuda muito nos negócios.

— É – disse Billy. – Acho que não ajuda.

Encaminhou-se para seu carro. O cansaço o abandonara.

Naquela noite, às nove e quinze, Billy estacionou seu carro alugado no acostamento da Rota 37-A, que parte de Bar Harbor para o noroeste. Estava no topo de uma colina e uma brisa marinha soprava em torno dele, agitando-lhe os cabelos e fazendo as roupas frouxas baterem contra o corpo. Da retaguarda, trazida pela brisa, vinha o som da festa de rock-'n'-roll daquela noite, iniciando a barulheira em Bar Harbor.

Abaixo dele, à direita, Billy podia ver um grande acampamento, circundado por carros, furgões e trailers. As pessoas estavam no interior do círculo – de vez em quando uma delas passava diante do fogo, como uma silhueta de cartão negro. Ele podia ouvir conversas e risos ocasionais.

Encontrara o que queria.

O velho está lá embaixo, esperando por você, Billy – ele sabe que você se encontra aqui.

Sim. Sim, claro. O velho podia ter levado seu pequeno bando até o fim do mundo – pelo menos, o mais distante que Billy Halleck poderia imaginar – se assim quisesse. No entanto, fora outra a sua vontade. Em vez disso, fizera Billy vir aos trancos e barrancos de Old Orchard até ali. Era *isso* que ele quisera.

O medo se impôs novamente, esgueirando-se como fumaça através de seus lugares côncavos – agora pareciam existir muitos lugares côncavos nele. Entretanto, a raiva ainda estava presente.

Ê também como eu queria – e posso até surpreendê-lo. Tenho certeza de que ele espera o medo. Quanto à raiva... pode ser uma surpresa.

Billy olhou para o carro por um momento, depois abanou a cabeça. Começou a descer pelo lado relvado da colina, em direção à fogueira.

CAPÍTULO 19: NO ACAMPAMENTO DOS CIGANOS

Ele parou atrás do furgão com o unicórnio e a dama na lataria, uma estreita sombra entre outras sombras, porém mais constante do que aquelas lançadas pelas chamas oscilantes. Ficou lá, ouvindo a tranquila conversa deles, os acessos de riso ocasionais, o *ploft!* de um nó de madeira estourando no fogo.

Não posso ir até lá, insistia sua mente, com absoluta segurança. Havia medo nesta certeza, porém entrelaçados a ele, havia sentimentos inarticulados, mas profundos de vergonha e decoro – tinha tanta vontade de irromper nos círculos concêntricos do acampamento, na conversa e privacidade deles, como tivera vontade de ter as calças caídas na sala de audiências de Hilmer Boynton. Afinal de contas, era o infrator. Era...

Então, o rosto de Linda surgiu em sua mente; ouviu-a pedindo-lhe que voltasse para casa e começando a chorar enquanto pedia.

Ele era o infrator, sim, porém não tinha sido o único.

A raiva começou novamente a acumular-se dentro dele. Aferrou-se a ela, tentou comprimi-la, transformá-la em algo um pouco mais útil – achava que uma simples dureza seria suficiente. Então, passou por entre o furgão e a camioneta estacionada ao lado, seus mocassins Gucci farfalhando no seco capim-rabo-de-gato, e penetrou no meio deles.

Eram realmente círculos concêntricos: primeiro, o desajeitado círculo de veículos e, dentro dele, um círculo de homens e mulheres sentados à roda da fogueira, a qual queimava em uma concavidade e era circundada de pedras. Ali perto, um galho cortado, com cerca de um metro e oitenta de altura, tinha sido fincado na terra. Uma folha amarela de papel – Billy supôs que seria uma permissão para acampamento com fogueira – estava enfiada em sua ponta.

Os homens e mulheres mais novos sentavam-se sobre a relva achatada ou colchões infláveis. Muitos dos mais velhos sentavam-se em cadeiras de jardim, feitas de alumínio tubular e tiras tecidas de plástico. Billy viu uma velha recostada em travesseiros sobre uma espreguiçadeira, um cobertor aconchegado à sua volta. Ela fumava um cigarro de fabricação caseira e colava Cupons Verdes S&H em um álbum para cupons de desconto em mercadorias.

No lado oposto da fogueira, três cães iniciaram um furioso coro de latidos.

Um dos homens mais jovens ergueu os olhos bruscamente e puxou para trás um lado de seu casaco, revelando um revólver niquelado em um coldre de ombro.

— *Enkelt!* – disse rispidamente um dos homens mais velhos, pousando a mão na do rapaz.

— *Bodde har?*

— *Just det – han och Taduz!*

O jovem olhou na direção de Billy Halleck, que agora se encontrava no meio deles, inteiramente deslocado em seu frouxo paletó esporte e sapatos de cidade. Houve uma expressão em seu rosto, não de medo, mas de momentânea surpresa e – Billy poderia jurar – também de compaixão. Então o rapaz afastou-se, parando apenas para dar um chute em um dos cães e grunhir: *Enkelt!* O cão ganiu apenas uma vez e então todos eles se calaram.

Ele foi chamar o velho, pensou Billy.

Olhou em torno. Toda a conversa havia cessado. Eles o fitavam com seus escuros olhos ciganos e ninguém disse uma palavra. *É esta a sensação, quando as calças da gente realmente caem no tribunal,* pensou ele, mas não havia a menor verdade nisso. Agora que estava realmente diante dele, desaparecera a complexidade de suas emoções. O temor continuava, como a raiva, mas ambos estavam quietos, em algum lugar muito no fundo.

Também há algo mais. Eles não parecem surpresos em vê-lo... E tampouco estranham a sua aparência.

Então, era verdade; absoluta verdade. Nada de anorexia psicológica; nada de forma exótica de câncer. Billy concluiu que o próprio Michael Houston ficaria convencido, ante aqueles olhos escuros. Ali, sabiam o que tinha acontecido a ele. Sabiam por que estava acontecendo. E sabiam como aquilo terminaria.

Eles entreolharam-se, os ciganos e o homem esquálido de Fairview, Connecticut. E de repente, sem o menor motivo, Billy começou a rir.

A velha dos cupons gemeu e fez para ele o sinal contra o mau-olhado.

Passos aproximavam-se, uma voz de mulher jovem expressava-se rápida e irritadamente:

— *Vad sa han! Och plotsligt brast han dybbuk, Papa! Alskling, grat inte! Snalla dybbuk! Ta mig Mamma!*

Vestindo um camisolão que chegava até os joelhos ossudos, Taduz Lemke parou descalço à luz da fogueira. Perto dele, usando uma camisola de algodão

que se arredondava docemente contra os quadris enquanto caminhava, estava Gina Lemke.

— *Ta mig Mamma! Ta mig...*

Ela viu Billy, parado no centro do círculo, o paletó esporte pendendo frouxo, o fundilho das calças caído, flácido, até quase abaixo da bainha do paletó. Gina apontou bruscamente a mão na direção dele e então se virou para o velho, como se fosse atacá-lo. Os outros olhavam em silêncio, impassivos. Outro nó de madeira estourou no fogo. Faíscas espiralaram, um diminuto ciclone.

— *Ta mig Mamma! Va dybbyk! Ta mig inte til mormor! Ordo! Vu'derlark!*

— *Sa hon lagt, Gina* – replicou o velho. O rosto e a voz dele eram serenos. Uma de suas mãos encarquilhadas afagou a vasta cascata negra da cabeleira da jovem, que lhe caía até a cintura. Até então, Taduz Lemke não tinha olhado para Billy uma só vez. – *Vi ska stanna.*

Por um momento, ela encolheu-se e, a despeito das curvas luxuriantes, pareceu muito jovem a Billy. Em seguida, tornou a arremeter para ele, com o rosto afogueado. Era como se alguém houvesse jogado um balde de gasolina em um fogo moribundo.

— *Não entende nosso lingo, míster?* – gritou para ele. – Eu disse a meu vovô que você matou minha vovó! Disse que você é um demônio e que devemos matá-lo!

O velho pousou a mão no braço dela. Gina libertou-se e investiu para Billy, os pés ágeis por pouco não pisando na fogueira. Os cabelos espalharam-se atrás de seu corpo.

— *Gina, verkligen glad!* – gritou alguém, alarmado.

Ninguém mais falou. A expressão serena do velho não se alterou. Ele viu Gina aproximar-se de Billy, como um pai indulgente espia um filho dando os primeiros passos.

Ela cuspiu nele – uma enorme quantidade de saliva quente e branca, como se estivesse com a boca cheia. Billy pôde sentir o gosto de parte daquela saliva em seus lábios. Tinha o sabor de lágrimas. Gina ergueu para ele os enormes olhos escuros e, apesar de tudo que havia acontecido, apesar do quanto ele havia perdido de si mesmo, Billy percebeu que ainda a desejava. Percebeu ainda que ela também sabia disso – as sombras nos olhos de Gina estavam mais cheias de desdém.

— Se isto pudesse trazê-la de volta, você poderia cuspir em mim até eu afogar-me em saliva – disse ele, em voz surpreendentemente clara e firme. – Contudo, não sou um *dybbuk.* Não um *dybbuk,* não um demônio, não um monstro. O que você vê... – Ele ergueu as mãos e, por um momento, o clarão da fogueira se infiltrou por seu paletó, dando-lhe a aparência de um enorme mas desnutrido morcego branco. Billy então baixou lentamente as mãos contra os lados do corpo. -- ...É tudo o que eu sou...

Por um momento, ela ficou vacilante, quase temerosa. Embora a saliva ainda escorresse pelo rosto de Billy, ele viu que o desdém desaparecera dos olhos dela, e ficou grato por isso.

— Gina!

Era Samuel Lemke, o malabarista. Surgira ao lado do velho e ainda abotoava as calças. Usava uma camiseta com um desenho de Bruce Springsteen.

— *Enkelt men tillrackligt!* – exclamou o rapaz.

— Você é um bastardo assassino – disse ela para Billy, e retornou por onde se aproximara.

O irmão tentou passar o braço em torno dela, mas ela o sacudiu e desapareceu nas sombras. O velho se virou para vê-la ir-se e então, por fim, seus olhos fitaram Billy Halleck.

Por um momento, Billy olhou para o hediondo buraco no meio do rosto de Lemke, e então seus olhos foram atraídos para as pupilas do homem. Os olhos da velhice, teria ele pensado nisso? Eram algo mais... e algo menos. Naqueles olhos, Billy viu o vazio; um vazio que era sua verdade fundamental, não cintilando neles uma percepção superficial, como luar sobre águas turvas. Um vazio tão fundo e completo, como os espaços que podem jazer entre galáxias.

Lemke fez sinal com o dedo para Billy e, como que em um sonho, este caminhou lentamente em torno da fogueira, até onde estava parado o velho, em seu camisolão cinza-escuro.

— Entende *rom?* – perguntou Lemke, quando Billy chegou à sua frente e parou.

O tom do velho era quase íntimo, mas foi ouvido claramente no acampamento silencioso, onde o único som era o do fogo devorando a madeira seca. Billy meneou a cabeça.

— Em *rom*, nós o chamamos de *skummade igenom*, que significa “homem branco da cidade”.

Ele sorriu, mostrando dentes apodrecidos e manchados de fumo. O buraco escuro onde houvera um nariz, se tinha estirado e repuxado.

— Contudo, também tem o significado de seu som – *escória ignorante.* – Seus olhos finalmente desviaram-se dos de Billy. Lemke parecera perder todo o interesse. – Vá agora, homem branco da cidade. Não tem negócios conosco e nós não temos negócios com você. Se tivemos negócios, já foram efetuados. Volte para a sua cidade.

O velho começou a dar meia-volta.

Por um momento, Billy continuou onde estava, de boca aberta, mal percebendo que o cigano o hipnotizara – fizera isso tão facilmente, como um fazendeiro faz uma galinha dormir, ao enfiar- lhe a cabeça debaixo da asa.

O que é ISSO? – gritou subitamente parte dele. *Após dirigir tanto, caminhar tanto, fazer tantas perguntas, ter tantos pesadelos, todos os dias e noites, e vai ficar ASSIM? Você continua aí parado, sem dizer uma palavra? Vai deixar que ele o chame de escória ignorante e depois volte para a cama?*

— Não, não vai ser *assim* – disse Billy, em voz alta e rouca.

Alguém deixou escapar uma rude e surpresa exclamação. Samuel Lemke, que estava ajudando o velho a voltar para um dos trailers, olhou em redor, assustado. Após um momento, o próprio Lemke se virou. Seu rosto estava cansadamente divertido, mas Billy pensou que, por um momento apenas, ao serem suas feições banhadas pela claridade da fogueira, ele também parecera surpreso.

Ali perto, o rapaz que primeiro vira Billy tornou a enfiar a mão debaixo do casaco, onde tinha o revólver.

— Ela é muito bonita – disse Billy. – Gina.

— Cale a boca, homem branco da cidade – disse Samuel Lemke. – Não quero ouvi-lo pronunciar o nome de minha irmã.

Billy ignorou-o. Em vez disso, olhou para o velho.

— Ela é sua neta? Bisneta?

Taduz Lemke estudou-o, como que tentando decidir se havia ali alguma outra coisa – qualquer som que não o do vento, em um solo côncavo. Então, começou a virar-se novamente.

— Talvez você possa esperar um minuto, enquanto anoto o endereço de minha filha – disse Billy, erguendo a voz. Não a ergueu muito; não precisava disso para alcançar seu tom imperativo, um tom que havia cultivado em muitas sessões no tribunal. – Ela não é tão bonita quanto a sua Gina, porém se chama Linda. Talvez ambas possam relacionar-se ao tema da injustiça. O que acha, Lemke? Seriam elas capazes de falar sobre isso, depois que eu estiver tão morto como sua filha? Quem pode realmente decidir onde existe uma injustiça? Os filhos? Netos? Um momento, vou escrever o endereço. Só um minuto; vou anotá-lo nas costas de uma foto sua que tenho. Se elas não conseguirem deslindar esta confusão, talvez se reúnam um dia e se matem a tiros; então, os filhos *delas* terão a vez para uma tentativa. O que acha, velho... Isso faz mais sentido do que esta merda?

Samuel pôs um braço sobre o ombro de Lemke. Taduz libertou-se do braço e tornou a caminhar lentamente ao encontro de Billy. Agora, seus olhos estavam cheios de lágrimas de fúria. Suas mãos encarquilhadas abriam-se e fechavam-se devagar. Todos os outros olhavam, calados e aterrados.

— Você atropelou e matou minha filha na rua, homem branco – disse ele. – Matou minha filha na rua, e ainda tem... ainda tem *borjade rulla* bastante para vir aqui e falar de sua boca para meu ouvido. Ei, eu sei quem fez isso. Eu cuidei disso. Em geral, damos. meia-volta e abandonamos a cidade. Em geral, sim, é o que fazemos. Só que, às vezes, fazemos nossa justiça. – O velho ergueu a mão enrugada diante dos olhos de Billy. De repente, ela se tornou um punho fechado. Um momento mais tarde, começou a gotejar sangue. Dos outros brotou um murmúrio, não de medo ou surpresa, mas de aprovação. – Justiça *rom, skummade igenom*. Quanto aos outros dois, já cuidei deles. O juiz, bem, ele pulou de uma janela, faz duas noites. Ele está...

Taduz Lemke estalou os dedos e depois soprou a polpa do polegar, como se estivesse espalhando sementes de dente-de-leão.

— Isso trouxe sua filha de volta, Sr. Lemke? Ela voltou, quando Cary Rossington bateu no chão, lá no Minnesota?

Lemke contorceu os lábios.

— Não preciso que ela volte. A justiça não traz os mortos de volta, homem branco. Justiça é justiça. É bom ir embora daqui, antes que eu lhe faça algo mais. Sei o que você e sua mulher estavam fazendo. Acha que não tenho a visão?

Pois eu tenho. Pergunte a qualquer deles. Há cem anos que tenho a visão.

Um murmúrio de assentimento elevou-se dos que estavam à roda da fogueira.

— Não me interessa há quanto tempo tem a visão – respondeu Billy. Estendeu o braço deliberadamente e agarrou o ombro do velho.

Um grunhido de fúria soou em alguma parte. Samuel Lemke adiantou-se. Taduz Lemke virou a cabeça e cuspiu uma só palavra em romani. O rapaz estacou, incerto e confuso. Houve expressões similares em muitos dos rostos à volta da fogueira, mas Billy não viu isto; olhava apenas para Lemke. Inclinou-se para diante, mais e mais perto, até seu nariz quase tocar a confusão enrugada e esponjosa que era tudo quanto restava do nariz do velho.

Foda-se a sua justiça! – ele disse. – Você sabe tanto sobre justiça, quanto eu sobre motores a jato. Tire a maldição de mim.

Os olhos de Lemke fixaram-se nos de Billy – aquele vácuo horrível, logo abaixo da inteligência.

— Solte-me ou farei ainda pior – disse ele, calmamente. – Tão pior, que você pensaria que o abençoei da primeira vez.

O sorriso irrompeu subitamente no rosto de Billy – o sorriso esquelético, semelhante a uma lua crescente, deitada de costas.

— Pois faça – disse. – Experimente. Entretanto, saiba de uma coisa: não creio que você possa.

O velho olhou para ele em silêncio.

— Porque eu também contribuí para isso – disse Billy. – Aliás, eles tinham razão – é uma sociedade, não? O amaldiçoado e aquele que amaldiçoa. Estávamos todos juntos nisso, com você. Hopley, Rossington e eu. Só que estou caindo fora. Minha esposa me masturbava em meu grande e luxuoso carro, certo, e sua filha saiu do meio de dois carros estacionados, na metade do quarteirão, como qualquer distraído, o que também é verdade. Se tivesse cruzado a rua na esquina, agora estaria viva. Houve culpa dos dois lados, mas ela está morta e talvez eu nunca volte ao que era minha vida de antes. Estamos quites. Equilibrados. Não é o melhor equilíbrio na história do mundo – talvez – mas uma coisa nivela a outra. Em Las Vegas, eles têm um nome para isso – dizem que é um momento crítico. Este é um momento crítico, velho. Vamos encerrá-lo aqui.

Um temor estranho e quase singular surgiu nos olhos de Lemke quando

Billy começou a sorrir, mas foi logo substituído pela raiva, empedernida e inflexível.

— Eu *nunca* vou anulá-la, homem branco da cidade. Morro com a maldição em minha boca.

Billy baixou lentamente o rosto, até sua testa quase tocar a de Lemke e ele sentir o cheiro do velho – um cheiro de teias de aranha, de tabaco e de urina rala.

— Então, torne-a pior. Vá em frente. Faça isso – como foi que disse? – De maneira a que pareça ter-me abençoado da primeira vez.

Lemke o fitou por um momento mais e, agora, Billy sentiu que o velho tinha sido apanhado. Então, subitamente, Lemke virou a cabeça para Samuel.

— *Enkeit av lakan och kanske ais kade! Just det!*

Samuel Lemke e o rapaz com a pistola debaixo do casaco puxaram Billy do lado de Taduz Lemke. O peito cavado do velho subiu e desceu rapidamente. Seus cabelos ralos estavam em desalinho.

Ele não está acostumado a que o toquem – não *está acostumado a que lhe falemcomraiva.*

— Este é um momento crítico – disse Billy, quando o empurravam dali. – Ouviu bem?

O rosto de Lemke contorceu-se. De repente, horrivelmente, ele estava com trezentos anos de idade, um terrível espectro vivo.

— *Nada disso!* – gritou ele para Billy, sacudindo o punho. – *Nada disso, nunca! Vai morrer magro, homemda cidade! Vai morrer assim!*

O velho juntou os punhos e Billy sentiu uma súbita, dolorida pontada nos lados, como se estivesse entre aqueles punhos. Por um momento ficou sem poder respirar e era como se todas as suas entranhas estivessem sendo espremidas.

— *Vai morrer magro!* – repetiu o velho.

— É um momento crítico – repetiu Billy, lutando para respirar.

— *Nada disso!* – bradou Lemke. Em sua fúria ante essa insistente contradição, finas linhas avermelhadas entrecruzaram suas faces, em padrões enredados. – Levem-no daqui!

Começaram a arrastar Billy para o círculo. Taduz Lemke olhava, as mãos na cintura e o rosto como uma máscara de pedra.

— Antes que me levem embora, velho, você devia saber que minha própria

maldição cairá sobre sua família! – gritou Billy e, a despeito da dor nos lados, sua voz era forte e calma, quase jovial. – A maldição dos homens brancos da cidade!

Os olhos de Lemke arregalaram-se ligeiramente, pensou ele. Pelo canto dos olhos, Billy viu que a velha, com o álbum de cupons no cobertor em seu colo, tornava a fazer para ele o sinal contra o mau-olhado.

Os dois rapazes pararam de puxá-lo por um instante; Samuel Lemke deu uma risada breve e admirada, talvez porque ao concebia a ideia de que um branco, advogado pertencente à classe-média-alta de Fairview, Connecticut, amaldiçoasse um homem que provavelmente era o mais velho cigano da América. O próprio Billy teria achado graça, dois meses antes.

Taduz Lemke, entretanto, não estava rindo.

— Acha que homens como eu não têm o poder de amaldiçoar? – perguntou Billy. Ergueu as mãos – suas mãos finas, esquálidas – até cada lado do rosto, e lentamente abriu os dedos. Parecia o mestre-de-cerimônias em um espetáculo de variedades, pedindo à plateia para cessar os aplausos. – Nós temos o poder. Somos bons para amaldiçoar, assim que começamos, velho. Não me faça começar!

Houve um movimento atrás do velho – um relance de camisola branca e cabelos negros.

— Gina! – gritou Samuel Lemke.

Billy a viu avançar um passo na luz. Viu-a erguer a atiradeira, puxar as correias para trás e soltá-las, tudo no mesmo gesto suave – como um artista riscando uma linha em um bloco em branco. Pensou ter visto uma cintilação líquida riscar o ar, quando a bola de aço voou através do círculo, mas isso tinha sido, sem dúvida, mera imaginação.

Houve uma pontada quente, lancinante, em sua mão esquerda. Desapareceu tão depressa como surgiu. Ele ouviu a esfera de aço que ela atirara bater com força na lataria de um furgão. No mesmo instante, percebeu que podia ver o rosto furioso e tenso da jovem, não emoldurado entre seus dedos abertos, mas através de sua palma, onde havia um perfeito furo redondo.

Ela me alvejou, pensou ele. *Santo Deus, ela fez isso!*

O sangue, negro como alcatrão à luz da fogueira, escorreu pelo bloco de sua palma, encharcando a manga do paletó esporte.

— *Enkelt!* – ganiu ela. – Fora daqui, *eyelak!* Fora daqui, assassino *bastardo!*

Ela jogou a atiradeira, que foi cair junto à fogueira. Uma forquilha, a qual estava presa uma correia de borracha, do tamanho de um tapa-olho. Depois saiu correndo, chorando em soluços esganiçados.

Ninguém se moveu. Os que estavam à roda do fogo, os dois rapazes, o velho e o próprio Billy – ficaram todos imobilizados, como que petrificados. Houve a batida de uma porta, e os ganidos da jovem foram amortecidos. Ainda assim, não havia dor.

De repente, sem mesmo saber o que pretendia, Billy ergueu a mão sangrenta na direção de Lemke. O velho encolheu-se e recuou, fazendo para ele o sinal contra o mau-olhado. Billy fechou a mão, como o velho tinha feito; o sangue escorreu-lhe do punho fechado, como escorrera do punho fechado de Lemke.

— A maldição do homem branco está sobre você, senhor Lemke – eles não escrevem sobre isso em seus livros, mas estou lhe dizendo que é verdade – e *você* acredita *nisso!*

O velho gritou uma rápida algaravia em romani. Billy sentiu-se puxado para trás tão subitamente, que sua cabeça sacolejou sobre o pescoço. Seus pés deixaram o solo.

Eles vão atirar-me na fogueira. Cristo, vão assar-me nela...

Em vez disso, foi carregado de volta pelo caminho por onde viera, através do círculo (as pessoas saíram de suas cadeiras, afastando-se dele) e depois entre duas camionetas para trailers. De uma delas, Billy ouviu uma televisão irradiando algo, com uma trilha sonora de risadas.

O homem do casaco grunhiu, Billy foi balançado como um saco de batatas (um saco de batatas muito leve) e então, por um momento, estava voando. Aterrou sobre o capim-rabo-de-gato além dos veículos estacionados, com um baque surdo. A queda doeu muito mais do que o furo em sua mão. O corpo de Billy não tinha mais lugares acolchoados, de maneira que ele sentiu os ossos chocalhando, como troncos soltos em um velho caminho. Tentou levantar-se, mas foi impossível a princípio. Luzes brancas dançavam diante de seus olhos. Ele grunhiu.

Samuel Lemke caminhou para ele. O rosto atraente do rapaz estava calmo,

mas fatal e inexpressivo. Enfiando a mão no bolso do jeans, ele pegou alguma coisa – a princípio, Billy pensou que fosse um estilete, só o identificando quando Lemke abriu a lâmina.

Ele estendeu a mão sangrenta para diante, a palma virada, e Lemke hesitou. Agora, havia uma expressão em seu rosto, uma expressão que Billy reconheceu, por já a ter visto tantas vezes em seu espelho do banheiro. Era medo.

O companheiro de Lemke murmurou algo para ele.

Lemke vacilou, baixou os olhos para Billy. Então, tornou a dobrar a lâmina, guardando-a no cabo escuro da faca. Cuspiu na direção de Billy. Um momento depois, os dois haviam desaparecido.

Billy ficou ali um instante, tentando reconstituir tudo, extrair algum sentido daquilo... mas isso era um truque de advogado e de nada adiantaria para ele, naquele lugar escuro. Sua mão começava a doer fortemente, e ele concluiu que em breve estaria doendo muito mais. A menos, naturalmente, que eles mudassem de ideia e viessem agarrá-lo. Poderiam acabar com todo o sofrimento, em pouco tempo e para sempre.

Isso o fez mover-se. Rolou sobre si mesmo, encolheu os joelhos para o que lhe sobrara de estômago e parou um instante, a face esquerda pressionada contra o capim amassado e o traseiro no ar, enquanto uma onda de tonteira e náusea o percorria de alto a baixo. Quando passou, conseguiu ficar em pé e começou a subir a colina, onde seu carro ficara estacionado. Caiu duas vezes no trajeto. Na segunda, acreditou que seria impossível levantar-se outra vez. De algum modo se pôs em pé – principalmente por ter pensado em Linda, dormindo tranquila e beatificamente em sua cama. Agora, a sensação em sua mão era de uma vermelha e escura infecção pulsando nela, abrindo caminho pelo braço, na direção do cotovelo.

Um interminável tempo mais tarde, ele chegou ao Ford alugado e estendeu dedos tateantes, à procura das chaves. Tinha-as colocado no bolso esquerdo, e precisou estirar a mão direita sobre as virilhas, a fim de encontrá-las.

Ligou o motor e parou por um momento. A mão latejava, com a palma virada para cima sobre a coxa esquerda, como um pássaro que houvesse sido baleado. Billy olhou para o círculo de furgões e camionetas, para o brilho da fogueira. Um fantasma de uma velha canção chegou até ele: *Ela dançou uma melodia cigana à volta da fogueira / Doce jovem em movimento, como me encantou...*

Ergueu lentamente a mão esquerda à frente do rosto. Uma espectral luminosidade esverdeada do painel de instrumentos do carro se filtrou pelo redondo buraco escuro em sua palma.

Ela me encantou, sem dúvida, pensou Billy, e ligou o carro. Com imparcialidade quase clínica, perguntou-se se seria capaz de fazê-lo rodar de volta ao motel Frenchman's Bay.

De um jeito ou de outro, terminou conseguindo.

CAPÍTULO 20: 54

— William? O que há de errado?

A voz de Ginelli, profundamente toldada pelo sono e pronta a irritar-se, agora mostrava intensa preocupação. Billy encontrara o número da casa dele em sua caderneta de telefones, abaixo do número do restaurante Three Brothers. Discara-o sem grande esperança, certo de que deveria ter sido trocado, naqueles anos de intervalo.

Amarrada com um lenço, sua mão esquerda jazia pousada no colo. Transformara-se em algo semelhante a uma estação de rádio, irradiando aproximadamente cinquenta mil watts de dor. O menor movimento provocava dores alucinantes, subindo pelo braço. Gotas de suor porejavam-lhe a testa. Imagens de crucifixo ocorriam-lhe a todo instante.

— Desculpe por ligar para sua casa, Richard – falou – e pelo adiantado da hora.

— Que se foda – o que há de errado?

— Bem, o problema imediato é que fui baleado na mão com uma... – Ele se remexeu ligeiramente, a mão pareceu pegar fogo, e seus lábios repuxaram-se sobre os dantes –com uma bola metálica.

Silêncio na outra extremidade do fio.

— Sei como isto soa, mas é verdade. A mulher usou uma atiradeira.

— Jesus! O que... – Soou uma voz de mulher ao fundo. Ginelli falou brevemente com ela em italiano e voltou ao fone. – Isto não é uma piada, William? Alguma prostituta furou sua mão com uma bola de metal disparada por atiradeira?

— Acho que não ligaria para ninguém às... – Ele olhou para relógio e outra onda de dor percorreu seu braço. – ...às três da madrugada para contar piadas. Estou sentado aqui faz umas três horas, procurando esperar um momento mais civilizado para esta ligação. Contudo, a dor... – Ele riu um pouco, era um som dolorido, espantado, indefeso. – A dor é terrível.

— Isto tem a ver com o que me falou antes?

— Tem.

— Foram os ciganos?

— Foram. Richard...

— Ah, é? Bem, eu lhe prometo uma coisa: não se meterão mais com você depois disto!

— Richard, não posso ir a um médico por causa disso e, no momento... bem, a verdade é que sinto uma dor infernal. – *Billy Halleck, o Grande Mestre das Declarações Incompletas,* pensou. – Poderia enviar-me alguma coisa? Talvez por entrega expressa? Algum tipo de sedativo?

— Onde está você?

Billy vacilou um instante, depois sacudiu a cabeça de leve. Todos em quem confiava tinham resolvido considerá-lo louco; imaginou ser bem provável que sua esposa e seu chefe tivessem tomado as providências necessárias – ou tomariam em breve – para interditá-lo juridicamente no estado de Connecticut. Agora, suas escolhas eram muito simples e maravilhosamente irônicas: confiar naquele gângster vendedor de narcóticos, que não tinha visto nos últimos seis anos, ou desistir inteiramente.

Fechando os olhos, disse:

— Estou em Bar Harbor, no Maine. Motel Frenchman's Bay. Unidade 37.

— Um momento.

A voz de Ginelli tornou a distanciar-se do telefone. Billy o ouviu falando baixo, em italiano, desembaraçadamente. Não abriu os olhos. Finalmente, Ginelli se virou de novo para o fone.

— Minha esposa está fazendo umas ligações para mim – anunciou. – Você está acordando caras em Norwalk, neste exato momento, *paisano.* Espero que fique satisfeito.

— Você é um cavalheiro, Richard – disse Billy.

As palavras saíram-lhe em um atropelo gutural e precisou pigarrear para limpar a garganta. Também sentiu frio. Seus lábios estavam demasiadamente secos e tentou molhá-los com a língua, mas também ela estava seca.

— Fique bem quieto, meu amigo – disse Ginelli. A preocupação voltara à sua voz. – Está me ouvindo? Bem quieto. Enrole-se em um cobertor, se quiser, e não faça nada. Você foi baleado. Está em choque.

— Não, droga! – Billy disse, tornando a rir. – Foi há cerca de dois meses que estive em choque.

— De que está falando?

— Não vem ao caso agora.

— Certo, mas precisamos conversar, William.

— Está bem.

— Eu... espere um momento. – Palavras ditas em italiano, suaves e amortecidas. Halleck fechou os olhos outra vez e prestou atenção em sua mão a irradiar dor. Após um momento, Ginelli tornou a falar com ele. – Um homem já está a caminho, levando um sedativo para você. Ele...

— Oh, escute, Richard, não é preciso que...

— Não me venha dizer o que fazer, William, apenas escute O nome dele é Fander. Não é médico, esse cara – pelo menos, não é mais – porém vai dar uma espiada em você, e resolver se terá que tomar alguns antibióticos, além da droga sedante. Ele estará aí antes do amanhecer.

— Não sei como agradecer-lhe, Richard – disse Billy.

As lágrimas escorriam-lhe pelas faces; ele as enxugou, usando a mão direita.

— Eu sei que não sabe – disse Ginelli. – Você não é um carcamano. E, lembre-se, Richard: fique aí quietinho!

Fander chegou pouco antes das seis da manhã. Era um homenzinho de cabelos prematuramente embranquecidos, com uma valise de médico rural. Contemplou o corpo emaciado e esquelético de Billy por um longo momento, sem falar, e então desenrolou cuidadosamente o lenço que ele pusera na mão esquerda. Billy precisou apertar a boca com a outra mão, para conter um grito.

— Levante-a, por favor – pediu Fander.

Billy assim fez. A mão estava bastante inchada, com a pele repuxada e luzidia. Por um instante, ele e Fander espiaram-se pelo buraco da palma, agora orlado de sangue escuro. Fander tirou um odoscópio da valise, a cuja luz examinou o interior do ferimento. Depois desligou-o.

— Perfeito e limpo – disse. – Se foi uma bola metálica, há muito menos chance de infecção do que haveria com um cartucho de chumbo. – Fander fez uma pausa, pensativo. – A menos, naturalmente, que ela pusesse algo na bola, antes de atirá-la.

— Que ideia confortadora! – grunhiu Billy.

— Não sou pago para confortar pessoas – disse Fander fria mente – em especial quando arrancado da cama às três e meia da madrugada, tendo de

trocar o pijama por roupas de sair e viajar em um avião leve, sacolejando a onze mil pés de altitude. Disse que foi uma esfera metálica? Um rolamento de aço?

— Exato.

— Então, provavelmente estará bem. Não se pode encharcar uma bola de aço em veneno, como os índios jivaros, que encharcavam pontas de flechas de madeira em curare. Tampouco parece provável que a mulher a tivesse pintado com alguma coisa, se tudo foi feito no ímpeto, conforme disse. Isto cicatrizará bem, sem complicações. – Fander tirou desinfetante, gaze e ataduras elásticas da valise. – Vou fazer um curativo no ferimento e depois pôr ataduras. Vai doer como o diabo, mas pode acreditar que doeria muito mais, a longo prazo, se eu o deixasse aberto.

Fander lançou outro olhar avaliativo para Billy – não tanto o olhar compassivo de um médico, pensou Billy, era antes frio e calculista como o de um aborteiro.

— Esta mão será o menor de seus problemas, se não começar a comer novamente.

Billy não respondeu.

Fander contemplou-o por um momento mais, antes de iniciar o curativo do ferimento. De qualquer modo, àquela altura uma conversa seria impossível para Billy: a estação transmissora de dor em sua mão passou de cinquenta mil para duzentos e cinquenta mil watts, em um rápido salto. Ele fechou os olhos, trincou os dentes e esperou que aquilo terminasse.

Por fim, havia *terminado.* Ele ficou sentado, com a mão latejante e enfaixada no colo, e espiou Fander remexer novamente em sua valise.

— Pondo de lado outras considerações, sua magreza radical pode gerar problemas, no relacionado a lidar com sua dor. Se estivesse com um peso normal, sentiria muito menos desconforto. No posso dar-lhe Darvon ou Darvocet, porque poderiam deixá-lo em coma ou provocar-lhe arritmia. *Quanto* pesa, Sr. Halleck? Uns 56?

— Mais ou menos isso – murmurou Billy.

Havia uma balança no banheiro e ele se tinha pesado, antes de ir ao acampamento dos ciganos – era sua própria e bizarra forma de confrontar-se, supôs. A balança marcara 54. Toda aquela correria ao quente sol do verão contribuíra para acelerar consideravelmente as coisas.

Fander assentiu, com uma leve careta de aversão.

— Vou dar-lhe Empirin, que é razoavelmente forte. Tomará apenas um comprimido. Se não estiver cochilando dentro de meia hora e se a mão estiver muito, muito dolorida, poderá tomar mais uma metade. Continuará assim dentro dos próximos três ou quatro dias. – Ele abanou a cabeça. – Voei quase mil quilômetros, apenas para dar um vidro de Empirin a um homem! Não dá para acreditar. A vida pode ser perversa. Entretanto, considerando seu peso, até o Empirin pode ser perigoso. Deveria ser aspirina infantil.

Fander tirou outro vidrinho da valise, este sem rótulo.

— Aureomicina – disse. – Tome uma a cada seis horas. Entretanto – preste bem atenção, Sr. Halleck – se começar a ter diarreia, *suspenda o antibiótico imediatamente!* Em seu estado, a diarreia pode matá-lo muito mais depressa do que uma infecção deste ferimento.

Ele fechou a valise e levantou-se.

— Um último conselho, que nada tem a ver com suas aventuras pela zona rural do Maine. Tome alguns comprimidos de potássio, tão logo seja possível, começando com dois por dia. Um ao levantar-se, outro ao deitar-se. Poderá encontrá-los na drogaria, seção de vitaminas.

— Por quê?

— Porque se continuar a perder peso, em breve estará tendo acessos de arritmia, quer tome Darvon ou qualquer outra droga. Este tipo de arritmia é produzido por uma falta total de potássio no organismo. Pode ter sido isso que matou Karen Carpenter. Bom dia, Sr. Halleck.

Fander se foi com as primeiras luzes do dia. Por um momento, ficou parado e olhando na direção do som do oceano, que era muito nítido em meio à quietude.

— Devia suspender seja qual for a greve de fome que esteja fazendo, Sr. Halleck – disse, sem se virar. – Em muitos sentidos, o mundo nada mais é do que um monte de bosta. Contudo, também pode ser muito bonito.

Caminhou para um Chevrolet azul parado ao lado do prédio e acomodou-se no banco traseiro. O carro entrou em movimento e afastou-se.

— Estou tentando suspender isso – disse Billy, para o carro que desaparecia. – Estou tentando de verdade.

Fechou a porta e caminhou lentamente para a mesinha ao lado de sua cadeira. Olhou para os vidros de remédio e perguntou-se como iria abri-los,

usando apenas uma das mãos.

CAPÍTULO 21: GINELLI

Billy pediu que lhe enviassem um farto lanche. Nunca se sentira com menos apetite na vida, porém comeu tudo. Ao terminar, arriscou-se a tomar três dos Empirins de Fander, raciocinando que as engolia após um sanduíche duplo de carne de peru, batatas fritas e uma fatia de torta de maçã cujo gosto assemelhava-se a asfalto mofado.

Os comprimidos atacaram de rijo. Ele percebia que o transmissor de dor em sua mão tinha sido subitamente reduzido para apenas cinco mil watts, e então começou a curvetear numa febril série de sonhos. Gina dançava em um deles, nua, tendo apenas argolas douradas nas orelhas. Então, ele rastejava através de um longo bueiro escuro, na direção de um círculo redondo de luz do dia, que ficava sempre à mesma enlouquecedora distância. Havia alguma coisa atrás dele. Billy tinha o horrível pressentimento de que era um rato. Um rato *enorme.* De repente, conseguia sair da tubulação. Se pensava que aquilo significava a liberdade, enganara-se – estava de volta à famélicà Fairview. Cadáveres jaziam por todos os lados. Yard Stevens estava morto e caído no meio do parque comunitário, suas tesouras de barbeiro enterradas fundo no que lhe restara da garganta. Linda, a filha de Billy, reclinava-se contra um poste de iluminação, nada mais do que um punhado de carne esquelética em seu traje púrpura e branco de animadora de torcida. Era impossível dizer se estava realmente morta, como os outros, ou apenas em coma. Um abutre voejou baixo e pousou no ombro dela. Suas garras flexionaram-se e sua cabeça se dobrou para diante, arrancando uma boa quantidade dos cabelos de Linda, com o bico carcomido. Tiras sangrentas de couro cabeludo pendiam ainda presas, como blocos de terra aderidos às raízes de uma planta arrancada brutalmente do solo. E ela não estava morta; Billy a ouviu gemer, viu as mãos movendo-se fracamente no colo. *Não!* gritou com voz estridente no sonho. Reparou que tinha a atiradeira da cigana na mão, carregada não com uma esfera metálica, mas com um peso de papéis que havia sobre uma mesa, no corredor da casa de Fairview. Havia algo dentro do peso de papéis – uma mancha – semelhante a uma nuvem chuvosa, negro-azulada. Quando criança, Linda era fascinada por aquilo. Billy disparou o peso de papéis contra o abutre. Falhou mas, de súbito, a ave transformou-se em

Taduz Lemke. Um forte som ritmado começou em algum lugar – Billy perguntou-se se seria seu coração, com um acesso fatal de arritmia. *Nunca suspenderei a maldição, homem branco da cidade,* disse Lemke e, de repente, Billy estava em outro lugar, enquanto o forte som ritmado continuava.

Olhou estupidamente em torno do quarto do motel, a princípio pensando que fosse apenas um outro local em seus sonhos.

— William! – chamou alguém, no outro lado da porta. – Você está aí? Abra isto ou vou arrombar! William! William!

Okay, ele tentou dizer, e nenhum som lhe saiu da boca. Os lábios tinham secado, estavam colados. Não obstante, sentiu um alívio extraordinário. A voz era de Ginelli.

— William! Will... Oh, foda-se!

Este último foi em voz baixa, como que falando para si mesmo, seguido por um baque surdo, quando Ginelli jogou o ombro contra a porta.

Billy levantou-se e o mundo inteiro oscilou, entrando e saindo de foco por um momento. Conseguiu finalmente abrir a boca, os lábios separando-se com um suave rasgar, mais sentido do que ouvido.

— Tudo bem – falou com dificuldade. – Tudo bem, Richard! Estou aqui! Já acordei!

Cruzou o quarto e abriu a porta.

— Céus, William, pensei que você estivesse...

Ginelli apareceu subitamente e olhou para ele, os olhos castanhos arregalando-se e arregalando-se, até Billy pensar: *Ele vai correr. Ninguém olha assim para alguém, ou alguma coisa, e não dá meia-volta logo que passa a primeira onda de choque.*

Então, Ginelli beijou o polegar direito, persignou-se e disse:

— Não vai me deixar entrar, William?

Ginelli trouxera melhor remédio do que o de Fander – Chivas. Tirou a garrafa de sua pasta de couro de bezerro e despejou uma boa dose para cada um. Tocou a borda de seu copo plástico de motel na borda do de Billy.

— Há dias mais felizes do que estes – falou. – O que acha?

— Eu acho ótimo – disse Billy e bebeu tudo em um só gole.

Após a explosão de fogo subsistir um pouco em seu estômago, ele pediu licença e foi ao banheiro. Não queria usar o vaso, apenas não desejava que

Ginelli o visse chorar.

— O que ele fez a você? – perguntou Ginelli. – Envenenou sua comida?

Billy começou a rir. Era a primeira boa risada em muito tempo. Sentou-se novamente em sua cadeira e riu, até mais lágrimas lhe rolarem pelas faces.

— Adoro você, Richard – disse, quando as gargalhadas passaram para risos e, por fim, algumas risadinhas contidas. – Todo mundo, inclusive minha esposa, acha que estou louco. Da última vez que você me viu, eu tinha dezoito quilos de excesso de peso, mas agora dou a impressão de estar pretendendo o papel do espantalho na refilmagem de *O Mágico de Oz,* e a primeira coisa que lhe sai da boca é: "Ele envenenou sua comida?"

Ginelli ignorou o riso meio histérico de Billy e o cumprimento, com a mesma impaciência. Billy pensou: *Torresmo e Tenesmo pensam o mesmo, Lemke e Gineii também. Em se tratando de vingança e contra vingança, eles não têm o menor senso de humor.*

— E então? Envenenou?

— Imagino que sim. De certa forma, envenenou.

Quantos quilos você perdeu?

Os olhos de Billy foram até o espelho tomando a parede, no outro lado do quarto. Recordou ter lido – em uma novela de John D. MacDonald, pensou – que cada quarto de motel moderno nos Estados Unidos parece cheio de espelhos, embora a maioria de tais quartos seja usada por homens de negócios obesos, que não sentem o menor interesse em contemplar-se despidos. Seu estado era exatamente o contrário de um peso-pesado, porém ele podia entender o sentimento antiespelho. Supôs que fosse seu rosto – não, não apenas o rosto, a cabeça inteira – que tivesse deixado Richard tão apavorado. O tamanho do crânio permanecera o mesmo e, em resultado, a cabeça sobressaía acima do corpo em desaparecimento, como a hediondamente exagerada cabeça de um girassol gigantesco. Além do mais, cada osso debaixo da carne agora se exibia em nítido relevo – ele era pouco mais do que um crânio com profundos olhos brilhantes.

Nunca vou tirar a maldição de você, homem branco da cidade, ouviu Lemke dizer.

— Quantos quilos, William? – repetiu Ginelli.

Sua voz estava calma, até delicada, mas os olhos faiscavam de maneira clara, singular. Billy nunca vira os olhos de um homem faiscarem daquele jeito, e

isso o deixou um pouco nervoso.

— Quando isto começou... Quando saí do tribunal e o velho me tocou... Eu pesava praticamente cento e treze quilos. Esta manhã estava pesando cinquenta e quatro, antes do *breakfast.* Isto significa... cinquenta e oito quilos?

— Jesus, Maria e José, o carpinteiro de Brooklyn Heightsl – sussurrou Ginelli, tornando a persignar-se. – Ele o tocou?

É agora que ele vai embora – é agora que todos *vão embora,* pensou Billy e, por um instante, desejou mentir, inventar alguma louca história de organismo envenenado por alimentos. Contudo, se houvesse um momento de mentir, já passara. E se Ginelli fosse embora, ele o acompanharia, pelo menos até o carro. Abriria a porta para ele e agradeceria imensamente o fato de ter vindo vê-lo. Faria isso, porque Ginelli o tinha ouvido, quando ligara para ele de madrugada, porque Ginelli lhe enviara sua versão um tanto peculiar de médico, para depois vir pessoalmente. Contudo, mostraria tal cortesia porque os olhos de Ginelli se tinham arregalado da mesma forma ao abrir a porta para ele, mas mesmo assim não fora embora.

Portanto, conte-lhe a verdade. Ele diz que só acredita em armas e dinheiro, sendo provavelmente a verdade, mas você lhe dirá tudo direitinho, porque será a única maneira de retribuir o favor de um cara como ele.

Ele o tocou? Ginelli havia perguntado e, embora fosse apenas um segundo antes, parecia muito mais distante, na mente assustada e confusa de Billy. Agora, disse então o que, para ele, era a coisa mais difícil de dizer.

— Ele não me tocou apenas, Richard. Ele me amaldiçoou.

Esperou que aquela louca faísca desaparecesse dos olhos de Ginelli. Esperou que Ginelli olhasse para o relógio, ficasse em pé e pegasse sua pasta. *Bem, está na hora de ir andando, entende? Eu gostaria de ficar e discutir este negócio de maldição com você, WIlliam, mas tenho um marsala de vitela à minha espera lá no Brothers, e...*

A faísca não desapareceu e Ginelli não ficou em pé. Cruzou as pernas, ajeitou o vinco das calças, tirou do bolso um maço de Camel e acendeu um cigarro.

— Conte-me tudo – falou.

Billy Halleck contou tudo a Ginelli. Quando terminou, havia quatro pontas de Camel no cinzeiro. Ginelli olhava fixamente para ele, como se hipnotizado.

Seguiu-se um longo silêncio. Era desconfortável e Billy queria rompê-lo, mas não sabia como. Parecia ter gasto todas as suas palavras.

— Ele fez isto a você – disse Ginelli por fim. – Isto... – e moveu a mão para Billy.

— Sim. Não espero que você acredite, mas foi o que ele fez.

— Eu acredito – disse Ginelli, com expressão quase ausente.

— É mesmo? O que foi feito do cara que só acreditava em armas e dinheiro?

Ginelli sorriu.

— Eu lhe disse isso, quando você telefonou daquela vez, não foi?

— Disse.

O sorriso desapareceu.

— Bem, há mais uma coisa em que acredito, William. Eu acredito naquilo que vejo. Por isso sou um homem relativamente rico. Por isso sou um homem *vivo.* Em sua maioria, as pessoas não acreditam no que veem.

— Não?

— Não. A menos que isso acompanhe algo em que elas já acreditam. Sabe o que vi na drogaria que frequento? Aconteceu a semana passada.

— O que foi?

— Eles têm lá um aparelho de medir a pressão. Quero dizer, esse aparelho às vezes aparece nos centros comerciais também, mas na drogaria é grátis. Você enfia o braço por uma alça e aperta um botão. A alça se fecha. A pessoa fica lá sentada um instante, tendo pensamentos tranquilos, enquanto o aparelho trabalha. A informação surge no alto, em enormes números vermelhos e faiscantes. Então, a gente espia em uma tabela, que diz “baixa”, “normal” e “alta”, para saber o que significam aqueles números. Deu para entender? – Billy assentiu.

— Muito bem. Pois lá estou eu, esperando que o cara me dê um vidro do remédio estomacal que minha mãe toma para suas úlceras. Então, chega um sujeito gordo, bamboleando-se. Quero dizer, ele deve pesar uns bons cento e quinze quilos, seu traseiro dá a impressão de dois cães brigando debaixo de um cobertor. Em seu nariz e nas bochechas há um mapa rodoviário de beberrão e posso ver um maço de Marlboro em seu bolso. Ele pega alguns daqueles protetores de calos Dr. Scholl’s e vai andando para a caixa registradora, quando

a máquina de tirar pressão atrai seus olhos. O cara vai até lá, senta-se, e a máquina faz o que tem de fazer. No alto, surge o resultado. Vinte e dois por treze, marca. Ora, eu pouco entendo as coisas do maravilhoso mundo da medicina, William, mas sei que vinte e dois por treze está na categoria do arriscado. Quero dizer, é o mesmo que andar por aí com o cano de uma pistola carregada enfiado no ouvido, certo?

— Certo.

— Pois o que fez o imbecil? Olhou para mim e disse: “Estas merdas digitais estão todas fodidas.” Então, pagou por seus protetores de calos e foi embora. Sabe qual a moral da história, William? Certos caras – um *bocado* de caras – não acreditam no que estão vendo, em particular se isso for contra a maneira como querem comer, beber, pensar ou acreditar. Eu não acredito em Deus, mas se o visse, acreditaria. No ando por aí dizendo: “Bem, isso foi um grande efeito especial.” A definição de um imbecil é “um cara que não acredita no que vê”. Pode escrever o que eu digo.

Billy olhou para ele calculadamente por um instante, depois começou a rir. Após um momento, Ginelli riu também.

— Bem – disse ele – afinal de contas, você ainda parece o velho William, quando está rindo. A questão é a seguinte, William: o que vamos fazer com esse velhote?

— Não sei. – Billy tornou a rir, um som breve. – Contudo, imagino que deva fazer alguma coisa. Afinal de contas, eu o amaldiçoei!

— É, você me disse. A maldição do janota branco da cidade. Considerando-se tudo o que os janotas brancos de todas as cidades fizeram nos últimos cem anos, sua maldição deve ser mesmo da pesada. – Ginelli fez outra pausa para acender mais um cigarro e então disse, despreocupadamente, através da fumaça: - Posso atingi-lo, você sabe.

— Não, isso não... – começou Billy, mas então fechou a boca. Podia ver Ginelli indo até Lemke e esmurrando-lhe um olho. Então, de súbito, percebeu que Ginelli falava em algo muito mais final. – Não, você não pode fazer isso – terminou.

Ginelli não entendeu ou fingiu não entender.

— Claro que posso. E não posso mandar ninguém mais fazer isso, é claro. Pelo menos, ninguém de minha confiança. No entanto, sou tão capaz de fazer

agora, como quando tinha vinte anos. Sem compromisso, mas, acredite em mim, *seria umprazer.*

— Não. Não quero que você o mate e nem mate mais ninguém – disse Billy. – Falo sério.

— Por que não? – perguntou Ginelli, ainda razoável embora seus olhos, conforme Billy podia ver, continuassem dando voltas e reviravoltas, daquele jeito aloucado. – Preocupa-se em ser um acessório para um assassinato? Ora, isso não seria assassinato, mas legítima defesa. Porque ele está *matando você,* Billy. Mais uma semana assim, e as pessoas estarão lendo cartazes com você à frente deles, sem precisarem pedir-lhe que se mova do lugar. Em duas semanas, você não ousaria sair em uma ventania, com medo de ser jogado longe.

— Seu amigo médico sugeriu que eu poderia morrer de arritmia, antes que terminem as duas semanas. Presumivelmente, meu coração está emagrecendo, juntamente com o resto de meu corpo – Billy engoliu em seco. – Entenda, nunca pensei muito nisso antes. Aliás, desejaria nunca ter pensado.

— Viu? Ele está matando você... mas e daí? Se não quer que eu o atinja, não o atingirei. Talvez não seja uma boa ideia. Poderia não significar o fim disto.

Billy assentiu. Isso também lhe ocorrera. *Tire a maldição de mim*, havia dito a Lemke. – Aparentemente, até homens brancos da cidade compreendiam que algo devia ser feito. Com Lemke morto, a maldição simplesmente podia seguir seu curso natural.

— O problema – disse Ginelli, pensativo – é que não se pode voltar atrás em uma morte.

— Não, não se pode.

Ginelli esmagou a ponta do cigarro e levantou-se.

— Tenho que meditar nisto, William. É uma coisa que exige muito pensamento e preciso ficar com a mente em estado sereno, entende? Não podemos pensar em uma merda complicada como esta, se estivermos perturbados. No entanto, quando olho para você, *paisano,* minha única vontade é arrancar o pau desse sujeito e enfiá-lo no buraco onde ele tinha o nariz.

Billy levantou-se e quase caiu. Ginelli amparou-o e Billy agarrou-se desajeitadamente a ele, com o braço ileso. Antes deste momento, jamais pensara que um dia se abraçaria a um homem adulto.

— Obrigado por ter vindo – disse. – E por acreditar em mim.

— Você é um bom sujeito – disse Ginelli, soltando-o. – Está em péssimo estado, mas talvez consigamos tirá-lo disso. De um jeito ou de outro, vamos atirar alguns blocos de pedra no velhote. Preciso sair e andar por aí umas duas horas, Billy. Ficar com a mente serena. Matutar algumas ideias. Além disso, também quero dar uns telefonemas, lá para a cidade.

— Sobre o quê?

— Eu lhe direi mais tarde. Primeiro quero pensar um pouco. Acha que ficará bem, aqui sozinho?

— Sim.

— Deite-se. Seu rosto não tem o menor toque de cor.

— Está bem.

Billy sentiu-se sonolento outra vez, sonolento e inteiramente exaurido.

— A garota que atirou em você – disse Ginelli. – É bonita?

— Muito bonita.

— É mesmo?

Aquele brilho louco retornou aos olhos de Ginelli, mais faiscante do que nunca. Billy ficou preocupado.

— É mesmo.

— Deite-se, Billy. Tire uma soneca. Virei vê-lo mais tarde. Posso levar sua chave?

— Claro.

Ginelli saiu. Billy deitou-se na cama e colocou a mão enfaixada cuidadosamente ao lado do corpo, sabendo que, se adormecesse, sem dúvida rolaria sobre ela e tornaria a acordar.

Provavelmente está apenas sendo indulgente comigo, pensou Billy. *Com certeza, a esta altura já está telefonando para Heidi. E quando eu acordar, os homens de jaleco branco estarão sentados aos pés da cama. Eles...*

Os pensamentos interromperam-se. O sono o envolveu e, de algum modo, ele conseguiu não rolar sobre a mão machucada.

E, desta vez, não houve pesadelos.

Não havia enfermeiro nenhum no quarto, quando ele acordou. Apenas Ginelli, sentado na poltrona, junto à outra parede. Lia um livro intitulado *Este selvagem êxtase* e bebia uma lata de cerveja. Estava escuro lá fora.

Havia quatro latas de uma embalagem de seis, repousando em um balde de

gelo, em cima da televisão. Billy lambeu os lábios.

— Posso beber uma? – perguntou, em voz rouca.

Ginelli ergueu os olhos.

— Salve! Rip Van Winkle, voltando da terra dos mortos! É claro que pode. Espere, eu lhe abro uma.

Levou a lata de cerveja para Billy, que bebeu metade dela sem parar. A cerveja estava excelente e fria. Ele havia posto o conteúdo do frasco de Empirin em um dos cinzeiros do quarto (os quartos de motel não tinham tantos cinzeiros quanto espelhos; pensou, mas quase dava no mesmo). Agora, pegou um comprimido e o tomou, com outro gole da cerveja.

— Como vai a mão? – perguntou Ginelli.

— Melhor.

De certa forma era mentira, porque a mão doía terrivelmente. Entretanto, de outra forma era verdade. Porque Ginelli estava ali e isso aliviava mais a dor do que o Empirin ou mesmo a dose de Chivas. Tudo dói mais quando se está sozinho, eis a questão. Isto o fez pensar em Heidi, porque ela é que devia estar a seu lado – não aquele gângster – e não estava. Heidi continuava em Fairview, ignorando teimosamente tudo aquilo, porque para meditar em tais fatos ela teria que explorar os limites da própria culpabilidade, algo que não lhe interessava. Billy sentiu um melancólico e latejante ressentimento. O que Ginelli tinha dito? *A definição de um imbecil é "um cara que não acredita no que vê"* Tentou repelir o ressentimento – afinal de contas, ela era sua mulher. E estava agindo da maneira que julgava certa e melhor para ele... não estava? O ressentimento diminuiu, mas não muito.

— O que há na sacola de compras? – perguntou Billy, indicando a sacola no chão.

— Mercadorias – disse Ginelli. Olhou para o livro que lia, depois o jogou à cesta de papéis. – Uma boa droga. Não consegui encontrar um Louis Lamour.

— Que espécie de mercadorias?

— Coisas para mais tarde. Para quando eu for visitar seus amigos ciganos.

— Não faça tolices – exclamou Billy agudamente. – Quer terminar como eu? Ou talvez como um porta-guarda-chuvas humano?

Calma, calma – disse Ginelli.

Falava em tom divertido e tranquilizante, mas aquela luz em seus olhos virava e revirava. De súbito, Billy percebeu que não havia sido tudo apenas uma tolice, no ardor do momento; ele realmente *tinha* amaldiçoado Taduz Lemke. A coisa com que o tinha amaldiçoado estava sentada à sua frente, em uma poltrona barata de motel, forrada de couro plástico, bebendo uma cerveja Milier Lite. E, com partes iguais de divertimento e horror, percebeu algo mais: talvez Lemke soubesse como retirar a *sua* maldição, mas Billy não tinha a menor ideia sobre como afastar a maldição imposta pelo homem branco da cidade. Ginelli estava se divertindo à grande. Para ele, ali talvez houvesse mais divertimento do que tivera em muitos anos. Era como um profissional do boliche, abandonando ansiosamente a aposentadoria, para tomar parte em um evento beneficente. Eles conversariam, porém sua conversa não modificaria coisa alguma. Ginelli era seu amigo. Ginelli era um homem cortês, embora não muito tendente à gramática, que o chamava de William, em vez de Bill ou Billy. Também era um enorme e muito eficiente cão de caça, que acabara de libertar-se da coleira.

— Não me diga para ter calma – falou. – Diga-me apenas o que pretende fazer.

— Ninguém vai se machucar – disse Ginelli. – Basta ficar sabendo disso, William. Sei que é importante para você. Sei que se apega a alguns princípios, mesmo que, de certo modo, não possa se dar ao luxo de mantê-los. Entretanto, faço-lhe a vontade, porque é como deseja – e é você a parte ofendida. Ninguém vai sair machucado nesta história. Certo?

— Certo - disse Billy.

Ficou um pouco aliviado... mas não muito.

— Ninguém se machucará... a menos que você mude de ideia.

— Não mudarei – disse Billy.

— Seria bom mudar.

— O que há na sacola?

— Bifes – disse Ginelli, e tirou um. Era carne de primeira, envolta em plástico transparente, etiquetado. – Parece bom, não? Comprei quatro.

— Para quê?

— Vamos pôr as coisas em ordem – disse Ginelli. – Saí daqui e fui para o centro da cidade. Que nojento espetáculo de horror! A gente nem consegue caminhar pela calçada. Todos usam óculos de sol Ferrari e camisas com

jacarés sobre as maminhas. É como se todo mundo aqui tivesse mandado pôr jaquetas nos dentes e a maioria houvesse também dado um jeito no nariz.

— Sei como é.

— Escute isto, William. Vi uma garota e um cara caminhando juntos, certo? Pois o cara tinha a mão enfiada no bolso traseiro do short dela. Quero dizer, ali estavam eles em público, o rapaz com a mão no bolso traseiro da garota, apalpando-lhe a bunda. Cara, se fosse minha filha, ela não se sentaria em cima daquilo que o namorado apalpava, durante semana e meia!

"Assim, vi logo que naquele lugar não poderia ficar com a mente serena, e então desisti. Encontrei uma cabine telefônica e fiz algumas ligações. Oh, quase esqueci! O telefone ficava em frente de uma drogaria, de maneira que fui lá e trouxe isto para você."

Ele tirou do bolso um frasco de comprimidos. Jogou-o para Billy, que o apanhou com a mão ilesa. Eram comprimidos de potássio.

— Obrigado, Richard – disse, em voz algo insegura.

— Não agradeça, apenas tome um. Depois de tanta coisa, o que você menos precisa é de um fodido ataque do coração.

Billy pegou um comprimido e o engoliu com cerveja. Sua cabeça começava agora a zumbir suavemente.

— Então, botei algumas pessoas farejando atrás de umas duas coisinhas e desci até o porto – continuou Ginelli. – Fiquei olhando para os barcos por algum tempo. William, deve haver vinte... trinta... talvez quarenta milhões de dólares em barcos naquele lugar! Chalupas, escaleres e malditas fragatas, pelo que me consta. Nunca entendi patavina de barcos, mas adoro olhar para eles. São...

Ginelli interrompeu-se e olhou pensativamente para Billy.

— Será que alguns daqueles sujeitos com camisas de jacaré e óculos escuros Ferrari andam traficando drogas em suas banheiras?

— Bem, no inverno passado, li no *Times* que um lagosteiro das ilhas próximas daqui encontrou cerca de trinta embalagens de droga, flutuando debaixo das docas da cidade. No fim, continham maconha de primeira.

— Certo. Certo, foi justamente o que pensei. Todo este lugar cheira à maconha. Amadores filhos da mãe! Deviam apenas ficar passeando em seus barcos e deixar o trabalho para quem entende do negócio, sabe? Quero dizer, algumas vezes eles metem os pés pelas mãos e, então, tem-se que tomar

algumas providências. Quando são encontrados corpos flutuando debaixo das docas, em vez de embalagens da erva. E isso não é bom.

Billy sorveu outro longo gole de cerveja e tossiu.

— Bem, isso agora não vem ao caso. Dei um passeio, olhei todos aqueles barcos e fiquei com minha mente serena. Então, decidi o que fazer... ou, pelo menos, tive uma ideia da coisa e da forma que terá mais tarde. Ainda não alinhavei todos os detalhes, mas isso virá com o tempo.

"Voltei à rua e fiz mais algumas ligações. Continuação do trabalho, entende? Não há nenhum mandado de busca em seu nome, William, mas sua esposa e aquele médico bisbilhoteiro de vocês assinaram alguns papéis, relacionados à sua pessoa, William. Anotei aqui. – Ginelli tirou um pedaço de papel do bolso do peito. – 'Interdição *in absentia.'* Isto soa certo?"

Billy abriu a boca e dela escapou um rumor magoado. Por um momento, ficou absolutamente aturdido, e então a fúria que se tornara sua intermitente companheira, tomou-o novamente. Ele havia *pensado* que isso podia acontecer, é claro, *pensara* que Houston daria tal sugestão, inclusive, *pensara* que Heidi poderia concordar. No entanto, *pensar* em alguma coisa e saber que ela de fato aconteceu – que sua própria mulher esteve diante de um juiz, testemunhando que você ficou biruta, que isso garantiu a ela um atestado de interdição, com o qual concordou e o qual assinou – isso era muito diferente.

— Aquela *canalha* covarde! – murmurou em voz embotada.

O mundo foi então envolto em vermelha agonia. Ele tinha crispado as mãos, sem pensar. Gemeu e olhou para as ataduras da mão esquerda, onde desabrochavam flores avermelhadas.

Não posso acreditar que chegue a pensar tal coisa de Heidi, sussurrou uma voz em sua mente.

É *apenas porque não estou com a mente serena,* ele respondeu à voz, e então o mundo acinzentou-se por algum tempo.

Não chegou bem a ser um desmaio, e ele recuperou-se rapidamente. Ginelil trocou as ataduras de sua mão e tornou a enfaixar o ferimento, em um trabalho desajeitado, mas razoavelmente adequado. Enquanto fazia isso, continuava falando.

— Meu homem disse que isso não tem o menor valor, a menos que você volte a Connecticut, William.

— Sim, é verdade, mas... não compreende? Minha própria *mulher...*--
Não se preocupe com isso, William. Não importa. Se pudermos acertar a situação com o velho cigano, você começará a ganhar peso novamente *é* o caso deles ficará nulo. Se isso acontecer, você terá tempo de sobra para decidir o que quer fazer a respeito de sua mulher. Talvez ela precise de uma surra para amansar um pouco, sabia? Ou, talvez, você resolva apenas cair fora. Poderá decidir essa merda por si mesmo, se conseguirmos endireitar as coisas com o cigano – tendo ainda a alternativa de pedir a opinião de algum conselheiro sentimental. Se não pudermos dar um jeito na situação, você irá morrer. De qualquer modo, haverá uma solução. Assim, que diferença faz o que sua mulher arranjou contra você?

Billy conseguiu esboçar um sorriso de lábios lívidos.

— Você daria um grande advogado, Richard. Possui um jeito único de colocar as coisas em perspectiva.

— *É* mesmo? Você acha?

— Acho.

— Bem, obrigado. Meu telefonema seguinte foi para Kirk Penschley.

— *Você* falou com Kirk Penschley?

— Falei.

— Céus, Richard!

— Ora, está pensando que ele não aceitaria uma ligação de um bandido barato como eu? – Ginelli conseguiu soar magoado e divertido ao mesmo tempo. – Pois aceitou, acredite. Naturalmente, usei meu cartão de crédito para a chamada – ele não ia querer meu nome em sua conta de telefone, quanto a isso não tenho dúvidas. Entretanto, no correr dos anos, tenho feito um bocado de negócios com sua firma, William.

— Isso é novidade para mim – disse Billy. – Pensei que tinha sido apenas aquela única vez.

— Daquela vez, tudo podia ser feito abertamente e você era a pessoa mais indicada – disse Ginelli. – Penschley e seus vivaldinos sócios advogados jamais o envolveriam em algo desonesto, William – você era um novato. Por outro lado, segundo imagino, eles sabiam que você acabaria me conhecendo, cedo ou tarde, se demorasse na firma o tempo suficiente. Assim, aquele primeiro trabalho seria como que uma apresentação. E foi mesmo – para mim e para você, acredite. E se

alguma coisa desse errado – se nosso negócio daquela época enveredasse pelo caminho inadequado ou coisa assim – você poderia ser sacrificado. Eles não gostariam disso, mas achavam preferível sacrificar um novato do que um advogado já firme no posto. Todos aqueles sujeitos veem as coisas da mesma maneira – são muito previsíveis.

— Que outro tipo de negócios fez com a minha firma? – perguntou Billy, francamente fascinado.

Afinal, aquilo era mais ou menos como descobrirmos que nossa esposa nos traiu, muito depois de nos termos divorciado dela por outros motivos.

— Bem, de todos os tipos – e não exatamente com sua firma. Digamos que eles funcionaram como meus corretores em negócios legais, para mim e vários amigos, pondo aqui um ponto final. De qualquer modo, conheço Kirk o suficiente para ligar para ele e pedir um favor, O que ele prometeu.

— Que favor?

— Pedi a ele que chamasse essa cambada da Barton e lhes dissesse para suspenderem tudo por uma semana. Que fiquem longe de você e longe dos ciganos durante esse tempo. De fato, estou mais preocupado com os ciganos, se quer saber a verdade. Podemos fazer isto, William, mas ficará mais fácil se não precisarmos caçá-los de ceca para meca e então voltarmos à fodida ceca outra vez.

— Você ligou para Kirk Penschley e disse a ele para ficar de fora – disse Billy, abismado.

— Não. Liguei para Kirk Penschley e lhe pedi para dizer à agência Barton que suspendesse o trabalho – corrigiu Ginelli. – E não exatamente nestas mesmas palavras. Posso ser um pouco político quando é preciso, William. Dê-me *algum* crédito.

— Cara, eu dou a você um bocado de crédito. Aumentando a cada minuto.

— Bem, obrigado. Muito obrigado, William. Aprecio isso. – Ginelli acendeu um cigarro. – De qualquer modo, sua esposa e o médico dela continuarão recebendo relatórios, só que um pouquinho modificados. Quero dizer, serão como a versão da verdade do *National Enquirer* e do *Reader's Digest* – entende o que quero dizer?

Billy riu.

— Sim, entendo.

— Assim, temos uma semana de trégua. E uma semana deve ser o suficiente.

— O que vai fazer?

— Tudo que você me permitir, suponho. Vou assustá-los, William. Aliás, vou assustar a *ele.* Vou assustá-lo tanto, que ele precisará colocar uma fodida bateria Delco de trator em seu marca-passo. E vou continuar aumentando o nível dos sustos, até que aconteça alguma coisa. Ou ele irá gritar mamãe e retirar o que rogou contra você ou então descobriremos que o velho não se assusta. Se isso acontecer, volto a você e pergunto se mudou de ideia sobre machucar pessoas. Enfim, talvez as coisas não cheguem assim tão longe.

— Como irá assustá-lo?

Ginelli tocou na sacola de compras com a biqueira de uma bota e disse a ele como pretendia começar. Billy ficou abismado. Discutiu com Ginelli, como previra; depois falou com Ginelli, como também previra. E, embora Ginelli jamais erguesse a voz, seus olhos continuaram virando e revirando com aquele brilho louco, deixando Billy perceber que era o mesmo que falar com o vento.

Então, como a recente dor em sua mão fosse lentamente diminuindo para o latejamento anterior, ele tornou a sentir-se sonolento.

— Quando é que irá? – perguntou, entregando os pontos.

Ginelli olhou para seu relógio.

— São dez horas e dez minutos. Darei a eles mais quatro ou cinco horas. Estão fazendo bons negocinhos por lá, segundo ouvi na cidade. Lendo um bocado de sortes. E os cães... Aqueles *pit-bulls*! Cristo! Os cães que você viu eram *pit-bulls*?

— Nunca vi um *pit-bull* – disse Billy, sonolento. – Todos os que vi pareciam cães de caça.

— *Pit-bulls* parecem um cruzamento entre *terriers* e buldogues. Custam uma grana alta. Quem quer assistir a uma briga de *pit-bulls* tem primeiro que concordar em pagar por um cão morto, antes mesmo que comecem as apostas. É um negócio indecente.

“Eles estão envolvidos em todas as coisas finas nesta cidade, não é mesmo, William? Óculos de sol Ferrari, barcos de droga, brigas de cães. Oh, perdão – também Tarô e *I Ching.”*

— Tome cuidado – disse Billy.

— Serei cuidadoso, não se preocupe – disse Ginelli.

Billy dormiu pouco depois. Quando acordou, passavam dez minutos das quatro da tarde e Ginelli se fora. Então, viu-se tomado pela certeza de que Ginelli estava morto. Entretanto, Ginelli voltou faltando quinze para as seis, tão vivo e lépido que chegou a parecer grande demais para o lugar. Suas roupas, rosto e mãos estavam sujos de lama cheirando à maresia. Ele estava sorrindo. Aquele brilho louco lhe dançava nos olhos.

— William – disse – vamos empacotar suas coisas e mudá-lo de Bar Harbor. Será mais ou menos como uma testemunha do governo sendo posta em local seguro.

— O que foi que fez? – perguntou Billy, alarmado.

— Vamos com calma, vamos com calma! Fiz apenas o que disse que ia fazer – nem mais nem menos. Entretanto, quando a gente atiça um vespeiro com uma vara, geralmente é boa ideia levarmos nossos cães estrada abaixo depois disso. Concorda, William?

— Sim, mas...

— Não temos tempo agora. Posso falar e empacotar suas coisas ao mesmo tempo.

— Para onde? – perguntou Billy, quase em um gemido.

— Não é longe. Eu lhe direi quando estivermos a caminho. E agora, vamos andando. Talvez seja melhor você começar mudando de camisa. Você é um bom sujeito, William, mas seu cheiro está ficando deteriorado.

Billy tinha começado a caminhar para o escritório do motel, levando sua chave, quando Ginelli tocou seu ombro e, delicadamente, a tirou de sua mão.

— Vou deixar isto na mesinha de cabeceira do seu quarto. Registrou-se aqui com um cartão de crédito, não foi?

— Sim, mas...

— Então faremos disto uma espécie de retirada informal. Não haverá prejuízos e atrairemos menos atenção para nós. Certo?

Uma mulher que se exercitava correndo à margem da autoestrada olhou casualmente para eles, tornou a fitar a estrada... mas então sua cabeça girou de volta, de olhos muito arregalados. Ginelli percebeu o espanto dela, mas Billy, misericordiosamente, não deu pela coisa.

— Vou deixar dez pratas para a arrumadeira – disse Ginelli. – Tomaremos

seu carro. Eu mesmo dirijo.

— Onde está o seu?

Billy sabia que Ginelli alugara um, mas, só agora, percebia tardiamente que não ouvira nenhum ruído de motor, antes de seu amigo entrar no quarto. Tudo aquilo estava acontecendo rápido demais para sua mente – era impossível perceber cada detalhe.

— Tudo bem. Deixei o carro em uma estrada secundária, a uns cinquenta quilômetros daqui. Depois vim andando. Removi a tampa do distribuidor e deixei uma nota, dizendo que estava tendo problemas com o motor e voltaria dentro de algumas horas, apenas para o caso de alguém querer bancar o bisbilhoteiro. Não creio que isso aconteça. Havia capim crescendo no meio da estrada, sabe?

Um carro passou por eles. O motorista olhou para Billy e diminuiu a marcha. Ginelli pôde vê-lo inclinando-se para fora e espichando o pescoço.

— Vamos, Billy. Os outros estão olhando para você. O próximo bando pode ser dos caras errados.

Uma hora mais tarde, Billy estava sentado diante da televisão, em outro aposento de motel – este, a sala de estar de uma surrada e pequena suíte no Blue Moon Motor Court and Lodge, em Northeast Harbor. Estavam a menos de quinze quilômetros de Bar Harbor, porém Ginelli parecia satisfeito. Na tela da TV, o pica-pau do desenho animado tentava vender seguros a um urso falante.

— Muito bem – disse Ginelli. – Você vai descansar sua mão, William. Estarei fora o dia inteiro.

— Vai *voltar* lá?

— Quê? Voltar ao ninho de vespas, com as vespas ainda voando? Não, meu amigo. Hoje vou brincar com carros. Esta noite haverá tempo suficiente para a Fase Dois. Talvez ainda sobre algum para cuidar de você, mas não conte com isso.

Billy só tornou a ver Richard Ginelli na manhã seguinte, às nove horas, quando ele apareceu dirigindo um Chevrolet azul-marinho, que certamente viera da Hertz ou da Avis. A pintura era fosca e manchada, havia uma linha de rachadura na janela do lado do passageiro e um enorme amassado no porta-malas. Entretanto, a traseira era levantada e havia um supercompressor coberto no capô.

Desta vez, Billy dera Ginelli por morto desde umas boas seis horas antes,

de maneira que o recebeu trêmulo, tentando não chorar de alívio. Ele parecia estar perdendo inteiramente o controle de suas emoções, da mesma forma como ia perdendo peso... e esta manhã quando o sol surgira, havia sentido as primeiras batidas instáveis de seu coração. Tinha ofegado por ar e batido no peito com o punho fechado. As pulsações por fim se haviam normalizado, mas não restaram dúvidas: aquele era o primeiro sintoma de arritmia.

— Pensei que você estivesse morto – disse, quando Ginelli entrou.

— Você fica dizendo isso e eu continuo chegando. Gostaria que relaxasse a meu respeito, William. Posso cuidar de mim. Sou um garoto crescido. Se pensou que eu ia subestimar este velho fodido, bem, isso é outra coisa. Só que não o subestimei. Ele é esperto, ele é perigoso.

— O que quer dizer?

— Nada. Contarei mais tarde.

— Agora!

— Não.

— Por que não?

— Por dois motivos – disse Ginelli pacientemente. – Primeiro, porque você talvez me pedisse para largar tudo. Segundo, porque não me sinto tão cansado há uns doze anos. Vou lá para o quarto, dormir umas oito horas. Depois, vou levantar e comer um quilo e meio da primeira comida que possa mastigar. Então, vou sair e fazer o diabo.

Ginelli parecia realmente cansado – quase exaurido. *Menos nos olhos,* pensou Billy. *Os olhos dele continuam girando e turbilhonando como dois cata-ventos luminosos de parque de diversões.*

— E supondo-se que eu lhe peça para largar tudo? – perguntou Billy calmamente. – Você faria isso, Richard?

Ginelli o fitou por um momento, considerando a pergunta, e então deu a resposta que Billy já previa, desde que percebera aquele brilho alucinado nos olhos do amigo.

— Agora eu não poderia mais – replicou Ginelli com a mesma calma. – Você está doente, William. Doente de corpo inteiro. Não tem capacidade para discernir o que lhe é mais conveniente.

Em outras palavras, você também tem seus documentos para interditar-me. Billy abriu a boca para expressar este pensamento em voz alta, mas tornou a

fechá-la. Ginelli não tivera segundas intenções; havia dito apenas o que parecia mais lúcido.

— E também porque isso é pessoal, certo? – perguntou Billy.

— Certo – replicou Ginelli. – Agora é pessoal.

Ele foi para o quarto, tirou a camisa, as calças, e se deitou. Minutos mais tarde, dormia sobre as cobertas.

Billy encheu um copo com água, engoliu um Empirin e depois esvaziou o copo em pequenos goles, em pé junto à porta. Seus olhos se moveram de Ginelli para as calças amarfanhadas na cadeira. Ele chegara ali vestindo calças impecáveis de algodão, mas nos dois últimos dias arranjara blue jeans. As chaves do Nova, estacionado lá fora, sem dúvida estariam naquelas calças. Billy pensou que poderia apanhá-las e ir embora dali... mas sabia que não faria isso – e o fato de que estaria assinando seu próprio atestado de óbito agindo assim, agora parecia realmente secundário. No momento, o importante era ver como e onde tudo aquilo terminaria.

Pelo meio-dia, enquanto Ginelli continuava dormindo profundamente no quarto, Billy teve outro acesso de arritmia. Logo depois, ele cochilou e teve um sonho. Foi curto e totalmente mundano, mas o encheu de estranha mescla de terror e odioso prazer. No sonho, ele e Heidi estavam sentados para o *breakfast,* na casa de Fairview. Havia uma torta entre eles. Heidi cortava uma boa fatia e a passava para Billy. Era uma torta de maçã. “Isto o engordará”, disse ela. “Não quero ser gordo”, respondeu ele. “Decidi que gosto de ser magro. Coma você.” Deu-lhe o pedaço de torta, estirando sobre a mesa um braço não mais largo que um osso. Ela aceitou. Ele a viu comer cada bocado e, a cada bocado que Heidi comia, aumentavam os sentimentos de alegria e terror de Billy.

Outro acesso de leve arritmia o despertou deste sonho. Ficou sentado um momento, ofegando, esperando que o coração diminuísse para o ritmo normal, o que terminou acontecendo. Foi tomado pela sensação de que tivera mais do que um sonho – de que experimentara uma visão profética de alguma espécie. Entretanto, tais sensações costumam acompanhar sonhos muito vívidos e, à medida que o sonho esmaece, também esmaece a sensação. Isto aconteceu com Billy Halleck, embora não muito tempo depois ele tivesse motivos para recordar tal sonho.

Ginelli levantou-se às seis da tarde, tomou uma ducha, vestiu os jeans e

uma blusa de malha escura, com gola rulê.

— Muito bem, eu o vejo amanhã de manhã, Billy – disse. – Então, saberemos.

Billy tornou a perguntar o que ele queria dizer com isso, o que tinha acontecido até então, mas Ginelli se recusou novamente a falar.

— Amanhã – prometeu. – Enquanto isso, transmitirei a ela as suas lembranças.

— Minhas lembranças... a quem?

Ginelli sorriu.

— À adorável Gina. A prostituta que fez esse buraco em sua mão.

— Deixe-a em paz – disse Billy.

Quando pensava naqueles olhos escuros, parecia impossível dizer qualquer coisa mais, pouco importando o que ela lhe tivesse feito.

— Ninguém vai sair machucado – insistiu Ginelli, e saiu.

Billy ouviu o Nova ganhando vida, ouviu o som rouco e brusco de seu motor – uma rouquidão que só amenizaria quando ele alcançasse uns cento e poucos quilômetros horários – quando Ginelli saiu com o carro em marcha a ré, e refletiu que *ninguém vai sair machucado não* era o mesmo que concordar em deixar a jovem em paz. De maneira alguma.

Desta vez, já passava do meio-dia quando Ginelli chegou. Havia um corte fundo em sua testa e outro ao longo do braço direito – e aqui, a manga da camisa de malha pendia em dois pedaços.

— Você perdeu mais peso – disse ele para Billy. – Está comendo? – Estou tentando – respondeu Billy – mas ansiedade não é muito bom para o apetite. Você parece ter perdido algum sangue.

— Um pouquinho. Estou ótimo.

— Vai me contar agora que diabo anda fazendo?

— Vou. Conto tudo, assim que sair do chuveiro e cuidar dos ferimentos. Você vai encontrá-lo esta noite, Billy. Este é o ponto importante. Precisa preparar-se psicologicamente para isso.

Uma pontada de medo e excitamento espicaçou o ventre de Billy, como um caco de vidro.

— Está falando dele? De Lemke?

— Exatamente – afirmou Ginelli. – Agora, deixe-me tomar uma ducha,

William. Acho que não sou mais tão jovem quanto pensei – todo este excitamento me cansou o traseiro. – Falou por sobre o ombro. – Peça café. Bastante café. Diga ao cara que deixe fora da porta e enfie a nota por baixo, para você assinar.

Billy o viu entrar no banheiro, boquiaberto. Então, quando ouviu o ruído da água no chuveiro, fechou a boca de estalo e foi para o telefone, pedir o café.

CAPÍTULO 22: A HISTÓRIA DE GINELLI

A princípio, ele falou em jatos rápidos, ficando calado por alguns momentos após falar, a fim de considerar o que vinha a seguir. A vitalidade de Ginelli parecia realmente baixa, pela primeira vez desde que aparecera no Motor Inn de Bar Harbor, na tarde da segunda-feira. Não estava muito ferido – de fato, apresentava apenas profundos arranhões – mas Billy achava que ele ficara bastante abalado.

De qualquer modo, aquele brilho alucinado por fim começou a despertar outra vez nos olhos dele, a princípio pestanejando, indo e vindo como um sinal de néon, logo após ser ligado ao crepúsculo, depois adquirindo um brilho firme. Ele tirou um frasco do bolso interno do blusão e despejou uma tampa inteira de Chivas no café. Ofereceu o frasco a Billy. Billy recusou – não sabia o que o álcool podia causar ao seu coração.

Ginelli sentou-se muito ereto, afastou o cabelo da testa e começou a falar, em um ritmo mais normal.

Às três da madrugada de terça-feira, Ginelli havia estacionado em uma estrada arborizada que partia da Rota 37-A, perto do acampamento cigano. Remexeu nos bifes por um instante e depois retornou à autoestrada, levando a sacola de compras. Nuvens altas deslizavam por sobre a meia-lua, à maneira de persianas. Ginelli esperou que ficasse claro e, quando isso aconteceu por um momento, pôde localizar o círculo de veículos. Cruzou a estrada e caminhou em diagonal naquela direção, através do campo.

— Sou um cara da cidade, mas meu senso de direção não é tão ruim como poderia ser – falou. – Posso confiar nele. E não queria ir pelo mesmo caminho que você foi, William.

Cruzou uns dois campos e um ralo arvoredo; caiu estatelado em um lugar horrível, que cheirava como dez quilos de bosta em um saco de cinco quilos, conforme disse. Seus fundilhos também ficaram presos em uma velha cerca de arame farpado, inteiramente invisível na escuridão sem luar.

— Se tudo isso é o que se chama vida campestre, William, deixo-a de bom grado para os caipiras – disse ele.

Ginelli não esperara qualquer problema com os sabujos do acampamento;

o que estava em questão era Billy. Os cães não se preocuparam em dar sinal de vida senão quando ele de fato chegou ao círculo do acampamento, embora certamente já o tivessem farejado antes.

— Era de esperar que os ciganos tivessem melhores cães de guarda – comentou Billy. – Pelo menos, é o que se imagina.

— Tolice – disse Ginelli. – As pessoas podem encontrar todo o tipo de motivos para afugentar ciganos, sem que os próprios ciganos forneçam outros mais.

— Como cães que latem a noite inteira?

— Sim, mais ou menos isso. Está ficando muito esperto, William. Os outros acabarão pensando que é italiano.

Mesmo assim, Ginelli não se arriscara – movera-se lentamente ao longo das traseiras dos veículos estacionados, esquivando-se aos furgões e trailers onde haveria pessoas dormindo, espiando apenas nos carros e camionetas. Viu o que queria, após examinar apenas alguns veículos: um paletó velho e amarrotado, jogado no assento de uma camioneta Pontiac.

— O carro não estava trancado – explicou. – O paletó coube em mim, porém fedia como se tivesse um gambá morto em cada bolso. Vi um par de tênis velhos no piso traseiro. Ficaram um pouco apertados, mas eu os calcei assim mesmo. Dois carros adiante, encontrei um chapéu que parecia sobras de um transplante de rim, e o enfiei na cabeça.

Ele quisera cheirar como um dos ciganos, explicou Ginelli, mas não para garantir-se contra um bando de vira-latas inúteis, dormindo perto das brasas da fogueira – era o *outro* bando de cães que lhe interessava. Os cães valiosos. Os *pit-bulls.*

Após ter percorrido três quartos do trajeto em torno do círculo, ele localizou um furgão com uma janela traseira coberta de aramado, em vez de vidro. Espiou e nada viu no interior – os fundos do furgão estavam inteiramente vazios.

— No entanto, ali cheirava a cachorro, William – disse Ginelli. – Então, olhei para o outro lado e arrisquei uma rápida espiada com a lanterna-caneta que levei. O relvado estava todo amassado, em uma trilha que partia da traseira daquele furgão. Ninguém precisaria ser Daniel Boone para ver aquilo. Eles tiravam os malditos cachorros do canil rolante e os levavam para outro lugar, de

maneira a não serem encontrados pelo pessoal da sociedade protetora dos animais ou coisa assim, caso alguém desse com a língua nos dentes. Acontece, porém, que eles deixaram uma trilha que até um garoto de cidade poderia seguir, com jatos intermitentes de uma lanterna de pilha. Idiotas! Foi quando comecei *realmente* a acreditar que poderíamos dar bons sustos neles.

Ginelli seguiu a trilha sobre um outeiro e até a orla de outra pequena área arborizada.

— Perdi a trilha – contou. – Fiquei lá parado, por alguns minutos, imaginando o que fazer em seguida. Foi então que ouvi, William. Ouvi alto e claramente. Às vezes, os deuses dão uma mãozinha.

— O que foi que ouviu?

— Um cachorro peidando – disse Ginelli. – Um negócio! Era como se alguém tocasse uma corneta com surdina adaptada.

Menos de seis metros adiante, entre as árvores, ele encontrou um curral rústico em uma clareira. Não passava de um círculo de galhos grossos fincados no solo e depois ligados com arame farpado. Dentro havia sete *pit-bulls.* Cinco dormiam. Os outros dois olhavam sonolentamente para Ginelli.

Pareciam dopados, porque *estavam* dopados.

— Imaginei que estariam drogados, embora não fosse muito seguro contar com isso. Quando se treina um cão para brigar, ele se torna um espinho no traseiro – ele lutará com os companheiros e deitará o investimento a perder, a menos que se tome precauções. Podem ser colocados em jaulas separadas ou dopados. Com a droga, fica tudo mais barato, sendo também mais fácil de esconder. Além disso, mesmo que o dono consiga esconder os cães antes que apareça a polícia local em visita de fiscalização, fica problemático explicar o motivo de uma dúzia ou mais de jaulas vazias. O que o cara poderá dizer? Que criava um bando de coelhos e então resolveu deixá-los em liberdade? Quando escondidos, não será uma construção rústica de madeira como aquele curral de cães que os conterá. Os animais atacados pelos outros fugiriam, mesmo que isto significasse deixarem metade do couro pendurado nos arames farpados atrás deles. Esses animais só são deixados sóbrios, quando o montante de apostas subiu o bastante para justificar o risco. Primeiro a droga, depois o espetáculo e então mais droga. – Ginelli riu. – Vê? Os *pit-bulls* são apenas como fodidos astros do rock. Isso os desgasta rapidamente, mas enquanto estiverem

dando lucro, o dono sempre pode conseguir mais *pit-bulls.* Eles nem mesmo tinham um guarda para os cães.

Ginelli abriu sua sacola de compras e tirou os bifes. Após estacionar na estrada rural, retirara os bifes de seu envoltório plástico e injetara neles uma dose hipodérmica do que denominava Coquetel Pit-bull de Ginelli: uma mistura de heroína mexicana marrom e estricnina. Agora, acenava com os bifes no ar e espiava os cães adormecidos voltarem lentamente à vida. Um deles deu um latido espesso, que soava como o ronco de um homem com sérios problemas nasais.

— Calado ou não terá jantar! – disse Ginelli brandamente.

O cão que havia latido sentou-se. Imediatamente passou a apresentar uma inclinação para estibordo, começando a retornar ao sono. Ginelli atirou um dos bifes dentro do cercado. Um segundo. Um terceiro. E o último. Os cães passaram a disputá-los com ar apático. Houve alguns latidos, mas tinham a mesma qualidade rouca e espessa, fazendo Ginelli concluir que não existiam riscos para o seu lado. Além do mais, alguém que viesse do acampamento para vistoriar o canil artesanal estaria carregando uma lanterna, dando-lhe tempo de sobra para esconder-se entre as árvores. Contudo, ninguém apareceu.

Billy ouviu com horrorizado fascínio, enquanto Ginelli contava como se sentou tranquilamente nas proximidades, fumando um Camel e vendo os *pit-bulls* morrerem. A maioria bateu as botas sem problemas, tranquilamente, relatou (haveria em sua voz o mais leve toque de arrependimento? – perguntou-se Billy, inquieto) – provavelmente devido à droga que já lhes tinha sido ministrada. Dois apresentaram convulsões brandas. Isso foi tudo. Afinal de contas, decidiu Ginelli, aquilo não foi tão ruim para os cães; os ciganos haviam planejado coisas bem piores para eles. Tudo terminou em pouco menos de uma hora.

Quando se certificou de que estavam todos mortos ou, pelo menos, profundamente inconscientes, ele tirou uma nota de um dólar da carteira e uma caneta do bolso do peito. Na nota de um dólar escreveu: DA PRÓXIMA VEZ PODERÃO SER SEUS NETOS, VELHO. WILLIAM HALLECK DIZ: RETIRE A MALDIÇÃO. Os *pit-bulls* tinham coleiras feitas de retorcidos trapos velhos. Ginelli enfiou a nota debaixo de uma das coleiras. Pendurou o paletó fedorento em um dos postes do curral e colocou o chapéu sobre ele. Descalçou os tênis e tirou seus próprios sapatos dos bolsos traseiros das calças. Calçou-os e foi embora.

Na volta, contou, ficara *perdido* por algum tempo e terminara encaminhando-se para o lugar que fedia mal. Por fim, avistou luzes de uma casa de fazenda e pôde orientar-se. Retornou à autoestrada, encontrou a estradinha rural, entrou em seu carro e voltou para Bar Harbor.

Estava na metade do trajeto, contou, quando o carro começou a parecer inadequado para ele. No conseguia esclarecer bem o que sucedia – apenas aquele carro não lhe parecia mais adequado. Não que estivesse diferente ou que cheirasse diferente; apenas, não era adequado. Ele já tivera muitas intuições antes e, na maioria das vezes nada haviam significado. Entretanto, agora...

— Decidi que queria abandoná-lo – disse Ginelli. – Não pretendia correr nem mesmo o mais ligeiro risco de que um deles pudesse ter tido insônia, desse uma caminhada pelos arredores e visse o carro. Não queria que eles soubessem o que eu estava dirigindo, porque então poderiam pôr-se em campo, caçar-me, encontrar-me. Encontrar-me. Vê? Eu os *levo* a sério. Olho para você, William, e tenho que levá-los a sério!

Assim, ele estacionara o carro em outra estrada secundária deserta, removera a tampa do distribuidor e caminhara os quase cinco quilômetros que faltavam para a cidade. Quando chegou lá, o dia vinha rompendo.

Após deixar Billy nos novos aposentos em Northeast Harbor, Ginelli voltara de táxi para Bar Harbor, dizendo ao motorista que fosse devagar, porque procurava algo.

— O que é? – perguntou o homem. – Talvez eu saiba onde fica.

— Tudo bem – replicou Ginelli. Eu saberei, assim que o vir.

E assim fora – cerca de três quilômetros após Northeast Harbor, tinha visto um “Nova” com um anúncio de “À venda” no para-brisa, estacionado ao lado de uma pequena casa de fazenda. Verificou se o proprietário estava em casa, pagou o táxi e fechou negócio a dinheiro, ali mesmo. Por vinte pratas a mais, o proprietário – um rapaz que, segundo Ginelli, parecia ter tido mais piolhos na cabeça do que pontos de QI – concordara em deixar no carro suas chapas do Maine, aceitando de Ginelli a promessa de que as devolveria em uma semana.

— Posso até cumprir a palavra – declarou Ginelli, pensativo. – Se estivermos vivos, eis a questão.

Billy o fitou com expressão penetrante, porém Ginelli limitou-se a reiniciar sua história.

Já no carro, ele dirigira na direção de Bar Harbor, desviando-se da cidade e seguindo pela 37-A, para o acampamento cigano. Parara apenas o tempo suficiente a fim de ligar para uma pessoa, que identificou para Billy apenas como um "colega de negócios". Disse ao "colega de negócios" que ficasse ao lado de uma certa cabine telefônica no centro de Nova York ao meio-dia e meia – era uma cabine que Ginelli usava com frequência e, graças à sua influência, uma das raras em Nova York que dificilmente se avariava.

Dirigiu pelos arredores do acampamento, percebeu sinais de atividade, fez meia-volta uns dois quilômetros acima na estrada, e retornou. Uma estrada improvisada fora traçada através do campo de feno, desde a 37-A até o acampamento. Havia um carro, vindo por ela para a 37-A.

— Um Porsche turbo – disse Ginelli. – Um brinquedo do Riquinho, aquele garoto das histórias em quadrinhos. Um decalque no vidro traseiro da Brown University. Dois garotões na frente, mais três no banco de trás. Freei e perguntei ao garoto motorista se havia ciganos mais adiante, conforme tinha ouvido. Ele disse que havia, mas que se eu ia lá para me lerem a sorte, dera azar. Os garotos tinham ido lá com essa finalidade, mas tudo o que conseguiram tinha sido um rápido aqui-está-o-seu-chapéu, a rotina do estamos-caindo-fora-depressinha. Os ciganos iam embora. Afinal, depois do ocorrido com os *pit-bulls,* isso não me surpreendeu.

"Voltei na direção de Bar Harbor e parei em um posto de gasolina – esse Nova chupa tal quantidade de gasosa, que você nem acreditaria, William, mas consegue andar e falar, desde que a gente lhe ponha fogo nas veias e finque o pé na tábua. Também peguei uma Coca, que tomei com uns dois *bennies*[3], porque começava a sentir-me um pouco por *baixo."*

Ginelli havia ligado para seu "colega de negócios" e combinara encontrá-lo no aeroporto de Bar Harbor, às cinco daquela tarde. Então, voltara a Bar Harbor. Lá, deixou o Nova em um estacionamento público e andou pela cidade durante algum tempo, procurando o homem.

— Que homem? – perguntou Billy.

— O *homem* – repetiu Ginelly pacientemente, como se falasse para um débil mental. – Aquele sujeito, William, que a gente sempre identifica quando o vê. Ele é parecido com todos os outros janotas de vergo, como se pudesse convidá-lo para um passeio na lancha do papai ou arranjar-lhe dez gramas de boa cocaína

ou apenas decidir se mandar do cenário de Bar Harbor e seguir em seu carrão até Aspen, para as festividades de vergo. Entretanto, o cara não é nada disso, e há duas maneiras rápidas de descobrir. Antes de mais nada, a gente olha para os sapatos dele. Estão reluzindo, mas são sapatos ordinários. Não têm classe e, pela maneira como ele caminha, se pode ver que estão doendo nos pés. Então, a gente dá uma espiada nos olhos. Esta é a grande dica número dois. Esses caras dão a impressão de que nunca usaram os óculos de sol Ferrari, e a gente sempre pode ver os olhos deles. Isso é como a maneira de certos sujeitos anunciarem o que são, da mesma forma como outros fazem suas besteiras e depois confessam aos tiras. Seus olhos dizem: "De onde virá a próxima refeição? De onde virá o próximo baseado? Onde está o cara que precisava encontrar, quando vim para cá?" Dá para entender o que quero dizer?

— Sim, creio que dá.

— Antes de mais nada, o que os olhos deles dizem é: "Como arranjar a droga?" Qual foi mesmo o nome que o velho em Old Orchard deu aos ambulantes e artistas de ganho rápido?

— Aves de arribação – disse Billy.

— Isso! – exclamou Ginelli. O brilho em seus olhos rodopiou. – Aves de arribação, muito bem dito! O sujeito que eu procurava se encaixa entre as aves de arribação de primeira classe. Nos balneários, esses tipos perambulam como prostitutas querendo pescar um cliente cheio da nota, mas que seja permanente. Eles raramente se metem em grandes empreendimentos, estão o tempo todo em movimento e são razoavelmente bem vestidos... Exceto pelos sapatos. Usam camisas J. Press e paletós esporte Paul Stuart, jeans de desenho exclusivo... Mas quando a gente espia para seus pés, seus mocassins fodidos parecem dizer: "Fabricação Caldor's, dezenove dólares e noventa e cinco". Seus mocassins dizem: "Eu sou útil, farei um trabalho para você". Com as prostitutas, são as blusas. Sempre blusas de raiom. A gente precisa treiná-las para que deixem de usá-las.

"Então, finalmente avistei o homem, sabe? Dei um jeito de puxar conversa com ele. Sentamos em um banco, perto da biblioteca pública – um bonito lugar – e ali combinamos tudo. Eu tinha de pagar um pouco mais porque tinha pressa, você entende, ele me faria o favor, estava faminto o suficiente e achei que podia confiar nele. A curto prazo, claro. Para esses tipos, longo prazo é coisa que não

existe. Acham que longo prazo é o que costumavam caminhar na escola, da classe de História Americana para a de Álgebra 11."

— Quanto pagou a ele?

Ginelli fez um gesto com a mão.

— Estou-lhe custando dinheiro – disse Billy, inconscientemente assumindo o ritmo de fala de Ginelli.

— Você é um amigo – disse Ginelli, um pouco enternecido. – Podemos resolver isso mais tarde, porém só se você quiser. Estou me divertindo. Isto foi uma *esquisita* variante, William. "Como passei minhas férias de verão", se entende o que quero dizer. Ora, como posso continuar falando? Estou ficando de boca seca, ainda há muito para contar e temos um bocado de coisas pela frente.

— Continue.

O sujeito que Ginelli abordara era Frank Spurton. Ele disse estudar na universidade do Cobrado, no momento em férias, mas para Ginelli parecia ter uns vinte e cinco anos – um aluno já bastante idoso. Afinal, isso não fazia diferença. Ginebli queria que ele fosse à estrada do bosque, onde deixara o Ford alugado, e então seguisse os ciganos, quando eles partissem. Spurton deveria ligar para o Motor Inn de Bar Harbor, ao certificar-se de que o bando descera dos carros para pescar à noite. Ele não esperava que os ciganos fossem muito longe. Quando ligasse para o motel, Spurton deveria pedir para falar com John Tree. Spurton anotou o nome. Houve dinheiro trocando de mãos – sessenta por cento do total combinado. As chaves do carro e a tampa do distribuidor do Ford também trocaram de mãos. Ginelli perguntou a Spurton se ele sabia colocar direito a tampa no distribuidor. E Spurton, com um sorriso de puxador de carros, disse que achava que podia dar um jeito.

— Você deu carona a ele até lá? – perguntou Billy.

— Pelo valor que eu estava pagando, William, ele poderia muito bem levantar o polegar para uma carona.

De carro, Ginelli retornou ao Motor Inn de Bar Harbor e registrou-se como John Tree. Embora fossem apenas duas da tarde, ele alugou para toda a noite o último quarto disponível – o encarregado entregou-lhe a chave, com o ar de alguém concedendo um grande favor. A temporada de verão estava chegando ao auge. Ginelli foi para o quarto, acertou o despertador na mesa de cabeceira para quatro e meia e cochilou, até a campainha tocar. Então, levantou-se e foi ao

aeroporto.

Às cinco e dez da tarde, um pequeno avião particular – talvez o mesmo que transportara Fander do Connecticut – aterrou na pista. O "colega de negócios" desembarcou, e sua bagagem, uma caixa grande e três menores, foi retirada do compartimento bagageiro. Ginelli e o "colega de negócios" colocaram o pacote maior no banco traseiro do Nova e os menores no porta-malas. A seguir, o "colega de negócios" voltou para o avião. Ginelli não esperou para vê-lo decolar. Voltou ao motel e dormiu até as oito horas, sendo acordado pelo telefone.

Era Frank Spurton. Ligava de um posto Texaco, na cidade de Bankerton, sessenta e quatro quilômetros a noroeste de Bar Harbor. Por volta das sete, segundo Spurton, a caravana cigana se dirigira para um campo nos arredores da cidade – parecia que tudo tinha sido providenciado de antemão.

— Provavelmente Starbird – comentou Billy. – Ele é o sujeito que vai na frente.

Spurton parecera inquieto... assustado.

— Ele achava que tinha sido reconhecido – disse Ginelli. — Estava voltando e dirigia despreocupadamente, o que foi um erro. Alguns deles voltaram, para encher o tanque ou coisa assim. Spurton não os viu. Estava fazendo uns sessenta e cinco por hora, rodando sem pressa, quando de repente duas velhas camionetas e um furgão VW passaram por ele, sacolejando. A primeira coisa que viu foi que estava de repente no meio do fodido comboio, em vez de na retaguarda dele. Olhou pela janela lateral, quando o furgão passou, e então avistou um velho sem nariz no banco do passageiro, olhando fixamente para ele e sacudindo os dedos – não como se estivesse acenando, mas como se lhe lançasse urna maldição. Não estou colocando palavras na boca do sujeito, William; foi exatamente o que ele me disse ao telefone. "Sacudindo os dedos, como se estivesse lançando uma maldição."

— Meu Deus! – murmurou Billy.

— Quer uma dose no café?

— Não... sim.

Ginelli despejou uma tampa de Chivas na xícara de Billy e prosseguiu. Perguntara a Spurton se o furgão tinha uma pintura na lataria. Tinha. Mulher e unicórnio.

— Meu Deus! – repetiu Billy. – Acha mesmo que eles reconheceram o

carro? Que eles examinaram o terreno depois que encontraram os cães e viram o Ford na estrada, onde você o deixou?

— Sei que foi assim – disse Ginelli, taciturno. – Ele me forneceu o nome da estrada em que eles estavam – Finson Road – e o número da estrada estadual de onde saíram para chegar lá. Depois pediu que deixasse o restante do dinheiro em um envelope, com seu nome inscrito, no cofre do motel. "Não quero confusões", foi o que disse, e não o censuro.

Às oito e cinquenta da noite, Ginelli deixou o motel, dirigindo o Nova. Às nove e meia, cruzou o marco dos limites da cidade, entre Bucksport e Bankerton. Dez minutos mais tarde, passou por um posto Texaco, que estava fechado para a noite. Havia um monte de carros parados em um pátio de estacionamento de chão batido, a um lado do posto – alguns esperando reparos, outros oferecidos à venda. No fim da fila, ele viu o Ford alugado. Seguiu em frente na estrada, deu meia-volta e retornou.

— Fiz isso mais duas vezes – contou. – Como não tornei a sentir aquela intuição de antes, subi a estrada até mais adiante e estacionei no acostamento. Depois voltei a pé.

— E...?

— Spurton estava no carro – disse Ginelli. – Atrás do volante. Morto. Um buraco na testa, logo acima do olho direito. Pouco sangue. Deve ter sido um quarenta e cinco, mas não tenho certeza. Não havia sangue no banco traseiro. O que quer que o matou não saiu do outro lado. Um balaço quarenta e cinco teria perfurado a cabeça, deixando um buraco atrás, do tamanho de uma lata de sopa Campbell. Acho que alguém o baleou com uma esfera de aço em uma atiradeira, do jeito como aquela moça atirou em você. É possível que ela mesma tenha feito o serviço.

Ginelli fez uma pausa, ruminando o assunto.

— Havia uma galinha morta no colo dele. Esquartejada. Uma palavra escrita em sangue, na testa de Spurton. Sangue de galinha, suponho, mas não tive muito tempo para uma análise completa de laboratório de criminalística, se é que entende.

— Que palavra? – perguntou Billy, mas já sabia qual era, antes que Ginelli a pronunciasse.

— NUNCA.

— Céus! – exclamou Billy, e estendeu a mão para o café com uísque.

Levou a xícara à boca, mas tornou a largá-la. Se bebesse um só gole daquilo, iria vomitar. No podia dar-se ao luxo de vomitar. Mentalmente, podia ver Spurton sentado ao volante do Ford, a cabeça caída para trás, um buraco negro acima de um olho, uma bola de penas alvas no colo. A visão era tão nítida, que pôde ver até o bico amarelo da galinha, hirto e semi-aberto, os olhos negros vidrados...

O mundo nadou em tons acinzentados... E então houve o duro som de um tapa, um calor que entorpecia sua cabeça. Ele abriu os olhos e viu Ginelli tornando a sentar-se em sua cadeira.

— Desculpe-me, William, mas é como diz aquele comercial para loção depois da barba – você precisava disso. Acho que está se sentindo culpado pelo o que aconteceu ao tal Spurton, mas quero que esqueça isso, ouviu? – o tom de Ginelli era brando, porém os olhos estavam irritados. – Você fica vendo as coisas completamente deturpadas, como aqueles juízes de coração mole, que querem culpar todo mundo, a começar pelo presidente dos Estados Unidos, porque um cara drogado matou uma velha e roubou seu cartão da Segurança Social – todo mundo, isso mesmo, exceto o viciado filho da puta que está ali, em pé diante dele, esperando que sua sentença seja suspensa, para poder cair fora e repetir a façanha.

— Isso não faz o menor sentido! – começou Billy, mas Ginelli o interrompeu.

— Uma bosta, que não faz! – exclamou. – Você não matou Spurton, William. Aquilo foi obra de algum cigano e, seja ele quem for, o velho é que está por trás disso – e nós dois sabemos. Ninguém tampouco forçou Spurton a fazer alguma coisa. Ele é que se prontificou a um trabalhinho, em troca de pagamento, eis tudo. Um trabalhinho de nada. Descuidou-se e eles o pegaram. Agora, diga-me, William – você quer que o velho tire a maldição ou mudou de ideia?

Billy suspirou pesadamente. Sua face ainda formigava, quente, no lugar em que Ginelli o esbofeteara.

— Ainda quero que ele a tire.

— Tudo bem, então esqueça o que ficou para trás.

— Certo.

Billy deixou que Ginelli falasse sem ser interrompido, até o fim de seu

relato. A verdade é que estava pasmado demais com aquilo tudo para pensar em interrompê-lo.

Ginelli caminhou para os fundos do posto de gasolina e sentou-se em uma pilha de pneus velhos. Queria estar com a mente serena, havia dito e, portanto, ficou lá sentado por cerca de vinte minutos, contemplando o céu noturno – a última claridade do dia acabara de desaparecer no oeste – e tendo pensamentos serenos. Quando sentiu que estava com a cabeça no lugar, voltou ao Nova. Então, retornou ao posto Texaco, sem acender os faróis. A seguir, retirou o corpo de Spurton do Ford alugado e o passou para o porta-malas do Nova.

— É possível que eles quisessem deixar uma mensagem para mim ou talvez apenas ver-me em apuros, quando os caras que manejam o posto encontrassem um cadáver dentro de um carro e, no porta-luvas, meu nome nos papéis da locadora. Contudo, fizeram burrice, William, porque se o sujeito *foi* alvejado por uma esfera metálica, em vez de uma bala, os tiras mal dariam uma farejada na minha direção e depois se voltariam para eles – a garota faz uma demonstração de tiro ao alvo com uma atiradeira, pelo amor de Deus!

“Em outras circunstâncias, eu adoraria ver as pessoas que procurava borradas de pavor com um problema desses nas mãos, porém esta é uma situação engraçada – isto é algo que temos que resolver sozinhos. Além disso, eu esperava que os tiras fossem falar com os ciganos no dia seguinte, a respeito de outra coisa bem diferente – se tudo saísse como eu queria – e Spurton só complicaria tudo. Assim, tirei o corpo de lá. Foi uma sorte aquele posto estar lá, fechado e solitário, em uma estrada rural. Caso contrário, eu não conseguiria fazer o que fiz.”

Com o cadáver de Spurton na mala, enroscado à volta do trio de caixas menores que o “colega de negócios” trouxera aquela tarde, Ginelli foi em frente. Encontrou a Estrada Finson, a menos de um quilômetro acima. Na Rota 37-A, uma boa estrada secundária partindo de Bar Harbor para oeste, os ciganos se tinham postado abertamente para negócios. A Estrada Finson – sem pavimentação, esburacada e com mato crescido – era uma proposta inteiramente diversa. Eles iam esconder-se.

— Isso tornou a situação um pouco mais difícil, como ter que limpar o que eles tinham feito no posto de gasolina, mas, em certo sentido, eu estava deliciado, William. Eu queria assustá-los, e eles agiam como pessoas que

estavam assustadas. Quando as pessoas estão assustadas, cada vez fica mais fácil mantê-las assustadas.

Ginelli apagou os faróis do Nova e dirigiu por mais cerca de meio quilômetro pela Estrada Finson. Viu um desvio que levava a uma pedreira abandonada.

— Não haveria um lugar mais perfeito, se eu tivesse encomendado – disse ele.

Ginelli abriu o porta-malas, removeu o cadáver de Spurton e o cobriu de cascalho. Sepultado o corpo, ele voltou ao Nova, engoliu mais dois *bennies,* e então desembrulhou o pacote maior, que estava no banco traseiro. Na caixa havia a inscrição ENCICLOPÉDIA MUNDIAL. Dentro, estava um rifle de assalto Kalishnikov AK-47 e quatrocentos cartuchos de munição, uma faca de mola, uma bolsa de noite para senhoras, de couro, fechada por um cordel e repleta de balas de chumbo, um rolo de fita gomada resistente e um pote de negro-de-fumo.

Ginelli escureceu o rosto e as mãos com o negro-de-fumo, depois prendeu a faca à barriga da perna, com tiras da fita. Enfiou o rolo no bolso e afastou-se dali.

— Abandonei a trincheira – disse ele. – Já me sentia o super-heroi de uma maldita história em quadrinhos.

Spurton tinha dito que os ciganos estavam acampados em um campo, quase cinco quilômetros estrada acima. Ginelli internou-se entre as árvores e seguiu a estrada naquela direção. Não ousava largar a estrada de vista, explicou, porque receava perder-se.

— A caminhada era muito lenta – disse. – A todo momento, pisava em gravetos caídos e colidia contra galhos. Espero não ter atropelado nenhuma fodida hera venenosa. Sou muito sensível a isso.

Após duas horas de luta entre os emaranhados arbustos que cresciam no lado leste da Estrada Finson, Ginelli avistara uma forma escura no estreito acostamento da estrada. A princípio, pensou ser alguma sinalização rodoviária ou uma espécie de poste. Pouco depois percebeu que era um homem.

— O cara estava lá em pé, tão duro como um açougueiro dentro de um frigorífico, mas acredito que era para iludir-me, William. Quero dizer, eu *tentava não* fazer barulho, mas acontece que resido na cidade de Nova York. Acredite, não sou nenhum maldito hiawatha. Assim, pensei que ele fingia não me ouvir,

para poder ficar de olho em mim. E quando descobrisse a minha intenção, daria no pé, para alertar os outros. Eu poderia ter-lhe estourado os miolos, onde ele estava, mas isso acordaria todo o mundo a três quilômetros de distância e, além do mais, já tinha prometido a você que não machucaria ninguém.

“Então, fiquei no mesmo lugar. Uns quinze minutos eu fiquei lá, pensando que se me movesse acabaria pisando em outro graveto, e então começaria a brincadeira. Foi quando ele andou do lado da estrada para a valeta. O cara ia mijar e eu nem acreditei no que estava vendo. No sei onde tomou aulas de treinamento de sentinelas, mas tenho certeza de que não foi em Fort Bragg. Ele carregava a mais antiga espingarda de caça que vi em vinte anos – uma arma chamada de *loup* pelos corsos. E, William, ele estava usando fones de ouvido de um walkman! Eu podia ter chegado por trás dele, enfiado a mão debaixo do braço e fazer o sovaco peidar o hino *Salve, Columbia!* – que ele nem se moveria do lugar.

Ginelli riu.

— Vou lhe dizer uma coisa – aposto como o velho não sabia que o cara estava ouvindo rock, quando devia estar procurando por mim.

Assim que o vigia voltou para seu posto anterior, Ginelli caminhou para ele, evitando ser visto, mas sem se preocupar muito em andar silenciosamente. Tirou o cinto enquanto caminhava. Algo alertou o homem – algum brilho visto de relance pelo canto do olho – no último momento. Nem sempre o último momento é tarde demais, porém desta vez foi. Ginelli passou o cinto em torno do pescoço dele e puxou com força. Houve um forcejar breve. O jovem cigano soltou a espingarda e agarrou o cinto. Os fones de ouvido escorregaram por suas faces, e Ginelli pôde ouvir os Rolling Stones, parecendo perdidos entre as estrelas, cantando *Under my thumb.*

O rapaz começou a emitir ruídos sufocados e gorgolejantes. Seu forcejar enfraqueceu, até cessar por completo. Ginelli continuou a pressionar por mais vinte segundos, depois relaxou (“Eu não queria que ele fizesse alguma tolice”, explicou para Billy, com ar sério) e o arrastou colina acima, para dentro do matagal. Era um homem atraente e musculoso, aparentando uns vinte e dois anos. Usava jeans, botas e uma camiseta com um retrato de Jim Morrison. Ginelli achava que devia ser Samuel Lemke, a julgar pela descrição de Billy, e este concordou. Então, ao encontrar uma árvore de bom tamanho, prendeu-o ao

tronco, usando a fita gomada.

— Parece imbecilidade, dizer que prendi alguém a uma árvore com fita gomada, mas quem já ficou preso dessa maneira, diria o contrário. Se enrolarmos o suficiente daquela bosta, o cara pode desistir de escapar. Fita gomada é um negócio *forte.* O sujeito fica onde está, até que apareça alguém e o solte. Não se pode romper uma fita gomada e, fique certo, tampouco desatá-la.

Ginelli cortou a metade inferior da camiseta de Lemke, que enfiou na boca do rapaz, usando novamente a fita para mantê-la no lugar.

— Então, virei o cassete em seu aparelho e tornei a meter-lhe os fones nos ouvidos. Não queria que ficasse muito chateado ao acordar.

Ginelli passou depois a caminhar pela margem da estrada. Ele e Lemke tinham altura parecida. Era preferível correr o risco de encontrar o outro vigia, a ser surpreendido. Por outro lado, estava ficando tarde e, até então, só tivera tempo para rápidos cochilos nas últimas quarenta e oito horas.

— Quando a gente dorme de menos, acaba pifando – disse. – Tudo bem, se estivermos jogando monopólio. Entretanto, ao lidarmos com ordinários que baleiam pessoas e depois escrevem palavras amedrontadoras com sangue de galinha em suas testas, somos candidatos à morte. Acontece que, logo em seguida, *cometi* um erro. Tive muita sorte em conseguir escapar. Às vezes, Deus perdoa.

Seu erro foi só ter visto o segundo vigia quando estava praticamente em cima do sujeito. Isto aconteceu porque este segundo homem recuara para o abrigo das sombras, em vez de ficar em pé à beira da estrada, como fizera o rapaz da camiseta com Jim Morrison. Felizmente para Ginelli, o motivo não era esconder-se, mas vigiar com conforto.

— Este último não ouvia nenhum walkman – disse Ginelli. – Ele dormia profundamente. Guardas de merda, mas o que se pode esperar de tais pessoas? Além disso, eles ainda não estavam convencidos de que eu representasse um problema a longo prazo. Quando achamos que alguém está mesmo querendo agarrar-nos pelo traseiro, ficamos bem acordados. Cara, isso mantém a gente de olhos arregalados, mesmo que queiramos dormir.

Ginelli caminhou até o guarda adormecido, escolheu um ponto no crânio do sujeito e aplicou àquele ponto a coronha do Kalishnikov, com força razoável. Houve um baque surdo, como o som de uma mão flácida batendo contra uma

mesa de mogno. O guarda, que estivera confortavelmente recostado a uma árvore, caiu sobre a relva. Ginelli abaixou-se e tomou-lhe o pulso. Latejava, lento, mas regular. Então, seguiu em frente.

Minutos mais tarde, alcançava o topo de um outeiro. Um campo ondulado se espraiva para baixo, à esquerda. Ginelli pôde ver o círculo escuro de veículos, estacionados a uns duzentos metros da estrada. Não havia fogueira. Divisou luzes mortiças atrás de cortinas em alguns dos trailers, mas foi tudo.

Arrastando-se sobre a barriga e cotovelos, chegou até meio caminho na encosta do outeiro, mantendo à frente o rifle de assalto. Encontrou uma pedra sobressaindo do chão, que lhe permitiu assentar a arma firmemente e também espionar o resto da encosta, até o acampamento.

— A lua estava prestes a surgir, porém eu não pretendia esperar por isso. Além do mais, podia enxergar o suficiente, tendo em vista o que pretendia fazer – a essa altura, estava a uns setenta e cinco metros deles. Não foi um trabalho de primeira. Afinal, o Kalishnikov não é bom para essas coisas. Melhor seria eu tentar tirar o apêndice de um sujeito com uma serra de cadeia. O Kalishnikov é bom para assustar as pessoas. Claro, eu as assustei. Aposto como todos eles mijaram na cama. Só que não assustei o velho. Ele é um osso duro de roer, William.

Com o rifle automático tendo um bom e firme ponto de apoio, Ginelli respirou fundo e fez mira no pneu dianteiro do furgão com o unicórnio. Havia o som de grilos e de um pequeno regato, rumorejando nos arredores. Um curiango piou uma vez, através do campo sombrio. Quando ia em meio ao trinado, Ginelli abriu fogo.

O trovejar do Kalishnikov fendeu a noite. O fogo pairou em coroa à volta da extremidade do cano, quando o pente de balas – trinta cartuchos calibre trinta, cada um em sua camisa quase do comprimento de um cigarro king-size, cada um com cento e tantos grãos de pólvora – esgotou-se. O pneu dianteiro do furgão do unicórnio não apenas furou, mas explodiu. Ginelli disparou uma saraivada ao longo do furgão, porém apontando para baixo.

— Não fiz um só maldito buraco na lataria – disse – mas o inferno correu solto no chão, abaixo do furgão. Apontei bem para baixo, por causa do tanque de gasolina. Já viu um furgão VW explodir? É igualzinho ao que acontece quando se acende uma cabeça-de-negro e se coloca uma lata em cima. Já vi acontecer

uma vez, na estrada de pedágio de Nova Jersey.

O pneu traseiro do furgão explodiu. Ginelli substituiu o pente de balas gasto por outro. Lá, mais abaixo, começava o tumulto. Vozes gritando em um e outro lado, algumas enfurecidas, outras apenas assustadas. Uma mulher gritava agudamente.

Alguns deles – quantos ao todo, Ginelli não podia imaginar – escapuliam pelas portas traseiras dos trailers, a maioria em pijamas e camisolas de dormir, todos parecendo confusos e assustados, todos tentando olhar em várias direções ao mesmo tempo. Então, Ginelli avistou Taduz Lemke pela primeira vez. O velho parecia quase cômico, em sua camisola de dormir esvoaçante. Fiapos de cabelo escapavam de baixo da touca de dormir, com uma borla pendurada do alto. Ele chegou à frente do furgão do unicórnio, olhou para os pneus achatados e torcidos, depois diretamente para o alto, onde Ginelli estava estirado. Ele contou a Billy que nada havia de cômico naquele olhar candente.

— Eu sabia que ele não podia ver-me – disse. – A lua não havia surgido e eu tinha graxa preta no rosto e nas mãos, era apenas mais uma sombra em um campo cheio delas, mas... Eu acho que ele me *viu,* William, e isso me deixou com o coração gelado.

Então, o velho se virou para sua gente, quando todos começavam a correr para ele, ainda gritando e agitando as mãos. Gritou para os outros em romani e girou um braço para a caravana. Ginelli não entendeu a linguagem, mas o gesto era bastante claro: *Protejam-se, seus tolos!*

— Tarde demais, William – disse Ginelli, presunçosamente.

Ele já havia disparado o segundo pente, diretamente no ar, acima das cabeças deles. Agora, havia um bando de gente berrando – homens e também mulheres. Alguns se atiraram ao chão e começaram a rastejar, a maioria de cabeça agachada e traseiros movendo-se no ar. Os restantes correram em todas as direções, exceto para aquela de onde viera o fogo.

Lemke permaneceu ereto, gritando para eles, dando ordens. A touca lhe caiu da cabeça. Os que corriam continuaram correndo, os que rastejavam continuaram rastejando. Lemke poderia dirigi-los rotineiramente com pulso de ferro, mas Ginelli os deixara em pânico.

O Pontiac, uma camioneta de onde ele havia tirado o paletó e os tênis na noite anterior, estava parado junto ao furgão, a frente virada para fora. Ginelli

enfiou um terceiro pente no AK-47 e tornou a abrir fogo.

— Não havia ninguém nele na véspera e, do jeito como fedia, pensei que nessa noite também estaria vazio. Eu matei aquela camioneta, William – quero dizer, *aniquilei* aquele Pontiac filho da puta.

"Um AK-47 é uma arma de fato, William. Pessoas que só veem filmes de guerra, pensam que quando se usa uma metralhadora ou rifle automático, os tiros formam uma perfeita linhazinha de furos, mas não é bem assim. Há uma sujeira só, a coisa é brutal, acontece *rapidamente.* O para-brisa daquele Pontiac velho foi pelos ares. O capô arqueou-se um pouco. Então, as balas o pegaram de jeito e o arrancaram. Os faróis explodiram. Os pneus explodiram. O radiador caiu para um lado. Eu não podia ver a água esguichando do radiador, estava escuro demais para enxergar, mas quando o pente chegou ao fim, garanto que pude ouvi-la. Terminado o pente, aquele filho da puta parecia ter batido contra um muro de tijolos. E durante tudo isso, enquanto cromados e vidros voavam, aquele velho não se moveu. Limitou-se a ficar olhando para o clarão do cano do rifle, a fim de enviar as tropas atrás de mim, se eu fosse idiota e esperasse que ele reunisse suas tropas. Decidi cair fora, antes que ele fizesse isso."

Ginelli correu para a estrada, agachado, como um soldado da Segunda Guerra Mundial avançaria, debaixo do fogo. Uma vez lá, ergueu o corpo e disparou a toda velocidade. Passou pelo vigia do perímetro interno – aquele que recebera a coronhada – quase sem olhar para ele. Entretanto, ao alcançar o local onde prendera Mr. Walkman, parou, procurando recuperar o fôlego.

— Não foi difícil encontrá-lo, mesmo no escuro – disse Ginelli. – Eu podia ouvir o mato rasteiro agitando-se e estalando. Quando cheguei mais perto, pude também ouvi-lo – *unth, unth, uuth, uuth, glump, glump.*

Lemke conseguira contornar um quarto do tronco da árvore à qual fora preso, com o resultado de que estava agora mais preso do que nunca. Os fones de ouvido tinham escorregado e oscilavam em torno de seu pescoço, pendurados pelos fios. Ao ver Ginelli, ele parou de forcejar e apenas olhou.

— Por seu olhar, pensava que eu ia matá-lo, o que o deixava simplesmente apavorado, o filho da mãe – disse Ginelli. – Aquilo me convinha perfeitamente. O velho gagá não estava com medo, mas eu lhe digo, aquele *garoto* deseja sinceramente que eles nunca se tivessem metido com você, William. Infelizmente, não pude fazê-lo suar de verdade – não havia tempo.

Ajoelhando-se ao lado de Lemke, Ginelli ergueu o AK-47, para que ele pudesse ver o que era. Os olhos do cigano mostraram que sabia perfeitamente.

— Não tenho muito tempo, seu bunda-suja, portanto, ouça com atenção – disse Ginelli. – Diga ao velho que da próxima vez não vou atirar para o alto nem para baixo ou em carros vazios. Diga a ele que William Halleck disse para retirar a maldição. Sacou?

Lemke assentiu, até onde a fita gomada permitia. Ginelli a arrancou de sua boca e tirou a bola de pano que o sufocava.

— Vai haver muita movimentação por aqui – disse. – Grite, que eles o encontrarão. Lembre-se do recado.

Virou-se então para ir embora.

— Você não compreende – disse Lemke roucamente. – Ele *nunca* irá retirá-la. Ele é o último dos grandes chefes magiares – seu coração é um tijolo. Por favor, senhor, eu me lembrarei do recado, mas ele *nunca* retirará a maldição!

Pela estrada vinha uma pickup sacolejando em direção ao acampamento cigano. Ginelli olhou naquela direção e depois para Lemke.

— Tijolos podem ser triturados – falou. – Diga isso a ele também.

Ginelli partiu em direção à estrada novamente, atravessou-a e correu de novo para a pedreira. Outra pickup passou por ele, três carros enfileirados. Aquelas pessoas, compreensivelmente curiosas sobre quem estaria usando uma arma automática em sua cidadezinha, altas horas da noite, não apresentavam qualquer problema real para Ginelli. O brilho dos faróis aproximando-se, permitiu-lhe tempo de sobra para desaparecer entre o arvoredo espesso. Ouviu uma sirene aproximando-se, no momento em que mergulhou de cabeça para dentro da pedreira.

Ligou o motor do Nova e rodou no escuro até o final do curto caminho de acesso. Um Chevrolet, com uma empola azul no painel de instrumentos, rugiu nas proximidades.

— Depois que ele se foi, limpei a sujeira de meu rosto e das mãos. Então, comecei a segui-lo – disse Ginelli.

— *Segui-lo?* – interrompeu Billy.

— Era mais seguro. Quando há tiroteio, pessoas inocentes quebram as pernas na ânsia de chegar ao local, todas querendo ver sangue antes que os tiras cheguem para mandá-las cair fora. Pessoas que tomam a direção contrária

são suspeitas. Na maioria das vezes, fazem isso porque estão com armas nos bolsos.

Quando ele retornou ao campo, havia lá uma meia dúzia de carros estacionados ao longo do acostamento. Luzes de faróis entrecruzavam-se. Havia gente correndo de um lado para outro e gritando. O carro da polícia estava parado perto do local em que Ginelli atacara o segundo rapaz: a empola azulada de luz no painel de instrumentos lançava intermitências luminosas através das árvores. Ginelli baixou o vidro do Nova.

— O que aconteceu, policial?

— Nada que o deixe preocupado. Vá rodando.

Então, caso o sujeito do Nova pudesse falar inglês, mas só entendesse russo, o policial agitou sua lanterna portátil impacientemente, na direção em que seguia a Estrada Finson.

Ginelli rodou lentamente, subindo a estrada, desviando-se dos veículos estacionados – aqueles que pertenciam aos moradores locais, imaginou. Ficava mais difícil mover-se entre espectadores que eram vizinhos, explicou a Billy. Havia dois grupos distintos de pessoas diante do carro que Ginelli acertara com seus tiros. Um era formado de homens ciganos, em pijamas e camisolas de dormir. Eles falavam entre si, alguns gesticulando extravagantemente. O outro grupo era de homens da cidade. Permaneciam em silêncio, de mãos nos bolsos, espiando para o destroço que agora era a camioneta. Cada grupo ignorava o outro.

A Estrada Finson prosseguia por uns dez quilômetros, e Ginelli quase derrapou na vala lateral, não uma, mas duas vezes, quando mais curiosos iam chegando em alta velocidade, por uma estrada que não passava de um caminho de terra batida.

— Apenas sujeitos no meio da noite, esperando ver um pouco de sangue, antes que os tiras o lavassem da calçada, William. Ou da grama, no caso.

Ele encontrou uma estrada de ligação que o levou a Bucksport e, de lá, virou para o norte. Por volta de duas da madrugada, estava de volta ao quarto de motel de John Tree. Acertou o despertador para sete e meia.

— Está querendo dizer – falou Billy, olhando-o fixamente – que durante todo o tempo em que fiquei aqui, preocupado e imaginando-o morto, você dormia no mesmo hotel que deixamos?

— Bem, foi isso mesmo. – Ginelli pareceu envergonhado por um instante, depois sorriu e deu de ombros ao mesmo tempo. – Atribua à inexperiência, William. Não estou acostumado a pessoas preocupadas comigo. Exceto minha mãe, naturalmente, mas isso é diferente.

— Deve ter dormido demais. Só chegou aqui lá pelas nove.

— Não. Levantei assim que o despertador tocou. Fiz uma ligação e então caminhei até a cidade. Aluguei outro carro. Agora, da Avis. Não vinha tendo muita sorte com a Hertz.

— Vai ter problemas com aquele carro da Hertz, não é?

— Negativo. Está tudo bem. Contudo, a coisa poderia ter ficado cabeluda. O telefonema foi por causa disso – o carro da Hertz. Pedi àquele meu "colega de negócios" que voasse de Nova York. Há um pequeno aeroporto em Ellsworth, e ele desceu lá. Então, o piloto foi para Bangor, a fim de aguardá-lo. Meu colega pediu carona até Bankerton. Ele...

— Esta coisa está crescendo – comentou Billy. – Sabia? Está virando um Vietnã.

— Merda, não! No seja obtuso, William! A gente vê caras voando de primeira classe o dia inteiro, pastas de couro de porco no colo e sapatos Gucci nos pés, fazendo coisas menos importantes. O fodido carro Hertz estava, de fato, apenas atravancando a casa.

— E então, a faxineira voou de Nova York para cá.

— Bem, é isso aí. No conheço ninguém no Maine e a única conexão que fiz aqui teve os traseiros assados. Meu colega chegou a Bankerton por volta de meio-dia de ontem, e o único sujeito no posto de gasolina era o tal garoto que parecia ter alguns parafusos de menos na cabeça. Um garoto que fornece gasolina quando chega alguém, mas que na maioria do tempo fica fuçando lá nos fundos, lubrificando um carro ou coisa assim. Enquanto ele ficou sumido de vista, meu amigo fez uma ligação direta no Ford e tirou o carro de lá. Passou rente à garagem onde estavam os outros carros, mas o garoto nem virou a cabeça. Meu colega dirigiu até o Aeroporto Internacional de Bangor e estacionou o Ford em um dos cubículos que a Hertz tem para seus carros. Eu lhe tinha dito para procurar manchas de sangue e, quando falei com ele ao telefone, contou que encontrara algum sangue no meio do assento dianteiro – quase posso jurar que era sangue de galinha – e o limpara com um daqueles

lenços de papel que vêm umedecidos. Depois preencheu as informações no canhoto do formulário, depositou-o na caixa de devolução expressa, e então voou de volta à Maçã.{4}

— E quanto às chaves? Você disse que ele fez uma ligação direta.

— Bem – disse Ginelli – as chaves foram um problema o tempo todo. Esse foi outro erro. Atribuo ao pouco tempo que tive para dormir, como aconteceu com o outro, mas talvez seja uma decorrência da idade que vai chegando. Elas estavam no bolso de Spurton e esqueci de apanhá-las, quando o sepultei. Só que agora... – Ginelli pegou um par de chaves, em um brilhante porta-chaves amarelo da Hertz. Fez as chaves tilintarem. – *Lá-lá-lá!*

— Você voltou lá! – exclamou Billy, em voz algo rouca. – Meu Deus, você voltou lá e desenterrou o sujeito, para pegar as chaves!

— Bem, cedo ou tarde as marmotas ou os ursos o teriam encontrado e arrastado de lá – disse Ginelli, com boa dose de razão. – Poderia também ser encontrado por caçadores. Provavelmente na estação de caça, quando eles vão caçar aves levando seus cães. Quero dizer, para o pessoal da Hertz, será um probleminha de nada, receber um envelope expresso sem as chaves – todos estão sempre esquecendo de devolver chaves de carros alugados ou de quartos de hotel. Às vezes devolvem, outras nem se dão ao trabalho. O gerente da agência então liga para certo número, fornece os dados identificatórios do veículo, e o sujeito do outro lado – seja da Ford, GM ou Chrysler – lhe diz o padrão da chave. Pronto! Chaves novas. Entretanto, se alguém encontrar um cadáver em uma pedreira, com uma esfera de aço enterrada na cabeça e um conjunto de chaves de carro no bolso, bem, a coisa poderia ser rastreada até minha pessoa... Mau negócio. Péssimo negócio. Sacou?

— Saquei.

— Por outro lado, eu tinha mesmo que voltar lá, você sabe – disse Ginelli suavemente. – E não podia usar o Nova.

— Por que não? Eles não o viram.

— Preciso contar em ordem, William. Então, você entenderá. Mais um gole?

Billy negou com a cabeça. Ginelli serviu-se.

— Muito bem. No começo da manhã de terça-feira, os cães. Horas mais tarde, na mesma manhã de terça, o Nova. Na noite de terça, o fogo de artifício

cerrado. Manhã de quarta-feira, bem cedo, o segundo carro alugado. Está seguindo?

— Creio que sim.

— Agora, estamos falando de um sedã Buick. O sujeito da Avis queria dar-me um Áries K, disse que era o único que tinha no momento e que eu estava com sorte por consegui-lo, mas um Áries K não era adequado. Precisava ser um sedã. Que não chamasse a atenção, mas razoavelmente grande. Vinte pratas fizeram o cara mudar de ideia, e finalmente fiquei com o carro que me interessava. Voltei nele para o Motor Inn de Bar Harbor, estacionei e fiz mais algumas ligações, para certificar-me de que tudo estava acontecendo como eu tinha programado. Então, vim para cá no Nova. Gostei desse Nova, Billy – parece um produto mestiço, por dentro fede como um gambá, mas tem *personalidade.*

"Assim, cheguei e *finalmente* deixei você aliviado. Só que estava quase desmoronando outra vez e cansado demais para até mesmo pensar em voltar a Bar Harbor, de modo que passei o dia inteiro na sua cama."

— Podia ter telefonado. Assim pouparia pelo menos uma viagem – disse Billy tranquilamente.

Ginelli sorriu para ele.

— Sim, eu podia ter telefonado, mas... foda-se! Um telefonema não me mostraria como você estava, William. Você não seria o único a ficar preocupado.

Billy baixou a cabeça um pouco e engoliu com certa dificuldade. Quase chorando novamente. Nos últimos tempos, parecia viver quase chorando.

— Tudo bem! Ginelli se levanta, revigorado e praticamente sem nenhuma ressaca de anfetaminas. Toma uma ducha, pula para o Nova, agora cheirando a gambá mais do que nunca, após um dia inteiro no sol, e volta para Bar Harbor. Uma vez lá, ele tira os pacotes menores do porta-malas do Nova e os abre em seu quarto. Lá estão um Colt Woodsman trinta e oito e um coldre de ombro, em um dos pacotes. O que encontra nos outros dois, cabe nos bolsos de seu paletó esporte. Então, deixa o quarto e troca o Nova pelo Buick. Por um minuto, pensa que se pudesse dividir-se em dois, não teria de passar tanto tempo trocando de carros, como um empregado de pátio de estacionamento em um restaurante espaventoso de Los Angeles. Então, encaminha-se para a cênica Bankerton, esperando que aquela seja a última maldita vez que faz isso. Para apenas uma vez durante o trajeto, em um supermercado. Entra e compra duas coisas: um

daqueles potes de vidro onde as mulheres colocam conservas e uma garrafa de meio litro de Pepsi. Chega a Bankerton, justamente quando o crepúsculo começa a ficar mais denso. Dirige até aquela pedreira e vai em frente, sabendo que o momento não exige muitos escrúpulos – se o corpo foi encontrado, devido ao excitamento da noite anterior, ele se verá em apuros, de qualquer modo. Contudo, ninguém está ali e não há indícios de que alguém *esteve* ali. Assim, ele desenterrara Spurton, tateia por um instante e recolhe o prêmio. Como os que vêm dentro das caixas de biscoitos.

A voz de Ginelli era absolutamente inexpressiva, mas para Billy esta parte foi como um filme passando em sua mente – e um filme não particularmente agradável. Ginelli agachado, usando as mãos para afastar o cascalho, encontrando a camisa de Spurton... o cinto... tateando no bolso do cadáver. Enfiando a mão. Os dedos remexendo-se em trocados cheios de areia que nunca seriam gastos, em uma faca suíça do exército que jamais seria aberta novamente. E, abaixo do corpo, carne gélida, congelada no *rigor mortis.* Por fim, as chaves, o apressado ressepultamento.

— *Brrr!* – fez Billy, e estremeceu.

— E tudo uma questão de perspectiva, Billy – disse Ginelli calmamente. – Acredite, é isso aí.

Acho que foi o que mais me assustou, pensou Billy.

Então, com crescente espanto, ouviu Ginelli terminar o relato de suas extraordinárias aventuras.

Com as chaves da Hertz no bolso, Ginelli retornou ao Buick da Avis. Abriu a Pepsi-Cola, despejou-a no jarro de conservas e depois fechou o jarro com a tampa de pressão. Feito isto, rumou para o acampamento dos ciganos.

— Eu sabia que eles ainda estariam lá – disse. – não porque quisessem, mas porque a polícia lhes diria que tinham de continuar ali, até o final da investigação. Aqui temos um bando de, bem, nómades – eles bem poderiam ser chamados assim – estranhos em uma cidadezinha como Bankerton, sem a menor dúvida, e então surge outro estranho – ou estranhos – no meio da noite, para um tiroteio no local. Os tiras costumam ficar interessados por coisas desse tipo.

E eles estavam interessados, sem sombra de dúvidas. Havia uma viatura da polícia estadual do Maine e dois Plymouths sem marcas, estacionados à borda do campo. Ginelli estacionou entre os Plymouths, saiu de seu carro e começou a

descer a colina, em direção ao acampamento. A falecida camioneta já havia sido removida do local, presumivelmente para onde o pessoal da criminalística pudesse examiná-la.

Na metade da descida, Ginelli encontrou um policial estadual uniformizado, subindo a ladeira.

— Não tem nada a fazer por aqui, senhor – disse o policial. – Seria melhor ir andando.

Ginelli sorriu, ao dizer para Billy:

— Eu o convenci de que, pelo contrário, tinha muito a fazer por ali.

— Por que disse isso?

— Bem... Primeiro eu lhe mostrei isto aqui.

Ginelli enfiou a mão no bolso traseiro e jogou para Billy uma carteira de couro. Billy a abriu. Imediatamente soube o que estava vendo, porque em sua carreira como advogado, tivera oportunidade de examinar alguns. Supôs que teria visto inúmeros outros, se fosse especializado em casos criminais. Era um cartão de identificação do FBI, plastificado, exibindo o retrato de Ginelli. Na foto, Ginelli parecia cinco anos mais novo. O corte do cabelo era bem curto, quase à escovinha. O cartão o identificava como o agente especial Ellis Stoner.

Tudo pareceu ajustar-se subitamente, no cérebro de Billy. Ergueu o rosto para Ginelli.

— Então, você quis o Buick porque era mais parecido com...

— Com um carro oficial, claro. Um grande e discreto sedã. Eu não queria exibir-me na lata de atum rodante que o sujeito da Avis tentou me dar e, *evidentemente,* tampouco pretendia aparecer nas terras do fazendeiro Fulano em um fodido calhambeque.

— Isto é... é uma das coisas que seu colega lhe trouxe na segunda viagem?

— Exatamente.

Billy atirou-lhe o cartão de volta.

— Quase parece verdadeiro.

O sorriso de Ginelli diminuiu.

— Excetuando-se a foto – disse maciamente – ele *é*.

Houve silêncio por um momento, enquanto Billy tentava digerir aquilo, sem pensar demais no que poderia ter ocorrido ao agente especial Stoner e se ele

teria tido filhos. Por fim, disse:

— Você estacionou entre duas viaturas policiais e apresentou esse cartão de identidade a um tira estadual, cinco minutos após ter recuperado as chaves de um carro, no bolso de um cadáver sepultado em uma pedreira...

— Negativo – replicou Ginelli. – Foram uns dez minutos.

Enquanto seguia para o acampamento, Ginelli avistou dois indivíduos vestidos casualmente, mas sem dúvida tiras, de joelhos atrás do furgão do unicórnio. Cada um empunhava uma pequena colher de jardinagem. Um terceiro, em pé, apontava uma potente lanterna, enquanto os outros escavavam o solo.

— Um momento, um momento, há outra aqui! – exclamou um deles.

Com a colher, recolheu uma bala do solo e a deixou cair dentro de um balde próximo. *Plonk!* Duas crianças ciganas, evidentemente irmãs, estavam por perto, observando esta operação.

Ginelli ficou claramente satisfeito com a presença dos policiais. Ali ninguém conhecia sua aparência e Samuel Lemke tinha visto apenas um rosto manchado de graxa negra. Também era inteiramente plausível que um agente do FBI aparecesse, em resultado de uma ocorrência de tiroteio em que fora utilizada uma arma de fabricação russa. Entretanto, ele aprendera a sentir um profundo respeito por Taduz Lemke. Havia algo mais, além da palavra escrita na testa de Spurton; era a maneira como Lemke permanecera firme, diante daquelas balas calibre trinta que choviam da escuridão contra ele. E, naturalmente, havia aquilo que estava acontecendo com William. Ginelli achava possível que o velho até soubesse quem ele era. De algum modo, o cigano Taduz poderia ver em seus olhos ou cheirar em sua pele.

Em hipótese alguma, pretendia deixar que o velho de nariz carcomido o tocasse.

Era a moça que ele queria.

Cruzou o círculo interno e bateu à porta de um dos trailers, ao acaso. Teve que bater novamente, antes que fosse aberta por uma mulher de meia-idade, com olhos amedrontados e desconfiados.

— Seja o que quer que deseje, não podemos atendê-lo – disse ela. – Estamos com problemas por aqui. O acampamento está fechado. Sinto muito.

Ginelli exibiu-lhe o cartão de identidade.

— Agente Especial Stoner, madame. FBI.

Os olhos dela arregalaram-se. Persignou-se rapidamente e disse qualquer coisa em romani. Depois exclamou:

— Oh, Deus, o que será agora? Nada mais anda certo. Desde que Susanna morreu, é como se estivéssemos amaldiçoados. Ou...

Ela foi empurrada para um lado pelo marido, que lhe disse para ficar calada.

— Agente especial Stoner – repetiu Ginelli.

— Sim, já ouvi o que disse.

O homem saiu do trailer. Ginelli deduziu que teria uns quarenta e cinco anos, porém parecia mais velho, um homem extremamente alto, tão encurvado que quase parecia deformado. Usava uma camiseta Disneyworld e enormes bermudas frouxas. Cheirava a vinho Thunderbird e vômitos prestes a ocorrer. Parecia do tipo a quem isso acontece com frequência. Mais ou menos três a quatro vezes por semana. Ginelli pensou reconhecê-lo da noite anterior – devia ser ele ou então por ali haveria outro cigano com um metro e noventa ou um e noventa e três. Tinha sido um daqueles que haviam fugido, mostrando a graciosidade de um epiléptico cego tendo um ataque cardíaco, dissera a Billy.

— O que é que quer? Já tivemos tiras grudados aos nossos traseiros o dia todo. *Sempre* temos tiras nos traseiros, mas isto é simplesmente... uma bosta... *ridículo!*

Expressava-se em tom irritado, autoritário, e sua esposa lhe falou agitadamente em romani. O homem se virou para ela.

— *Det krigiska jag-haller!* – disse, acrescentando, para ser mais bem entendido: --Feche a matraca, cretina!

A mulher recuou. O homem da camiseta Disney se virou novamente para Ginelli:

— O que quer? Por que não vai falar com seus chapas, se deseja alguma coisa? – disse, apontando para o pessoal do laboratório de criminalística.

— Pode me dizer seu nome, por favor? – perguntou Ginelli, com a mesma polidez impessoal.

— Por que não consegue com eles? – O homem cruzou truculentamente os braços enormes e flácidos. Sob sua camisa, as maminhas volumosas balançaram. – Já fornecemos nossos nomes a eles, fizemos declarações. Alguém deu uns tiros contra nós no meio da noite, é tudo o que sabemos. Nosso

único desejo é que nos liberem. Queremos ir embora do Maine, da Nova Inglaterra, da fodida Costa Leste. – Em voz ligeiramente mais baixa, acrescentou: – Para nunca mais voltar!

Seu dedo indicador e o mínimo esticaram-se em um gesto que Ginelli conhecia bem, tendo aprendido com sua mãe e sua avó – era o sinal contra o mau-olhado. Ele não acreditou que aquele homem estivesse cônscio de que o fizera.

— Isto pode ser resolvido de duas maneiras – disse Ginelli, ainda bancando o homem do FBI cortês ao máximo. – Poderá dar-me algumas informações, senhor, ou poderá terminar no centro de detenção estadual, aguardando se será acusado ou não de obstruir a justiça. Se condenado por obstrução, enfrentará cinco anos de prisão e uma multa de cinco mil dólares.

Outro jato de romani brotou do trailer, agora quase histérico.

— *Enkelt!* – gritou o homem roucamente, mas quando tornou a se virar para Ginelli, seu rosto estava bastante pálido. – Você ficou biruta!

— Não, senhor – disse Ginelli. – Não é apenas um caso de alguns tiros. Foram pelo menos três descargas feitas por um rifle automático. É contra a lei dos Estados Unidos a posse privada de metralhadoras e armas automáticas de descarga rápida. O FBI está envolvido neste caso e, sinceramente, devo comunicar-lhe que no momento o senhor está atolado na merda até a cintura, que está afundando cada vez mais, e não creio que saiba nadar.

O homem o fitou carrancudamente por um minuto mais, e então disse:

— Meu nome é Heilig. Trey Heilig. Poderá confirmar com aqueles sujeitos – e apontou com a cabeça.

— Eles têm seu trabalho a fazer, eu tenho o meu. E agora, vai falar comigo?

O grandalho assentiu resignadamente.

Ginelli fez Trey Heilig relatar-lhe o que ocorrera na noite anterior. A meio caminho do relato, um dos detetives estaduais aproximou-se, a fim de saber quem ele era. Olhou para a identificação de Ginelli e então se afastou rapidamente, parecendo impressionado e também algo preocupado.

Heilig declarou que irrompera de seu trailer ao som dos primeiros tiros, que tinha localizado os clarões dos disparos e então se encaminhara para a esquerda da colina, esperando flanquear o atirador. Contudo, no escuro

tropeçara em uma árvore ou coisa assim, batera de cabeça em uma rocha e perdera os sentidos por algum momento – porque do contrário certamente teria apanhado o bastardo. Confirmando sua história, ele mostrou uma desbotada equimose com pelo menos três dias e provavelmente ocasionada por uma queda quando embriagado, na têmpora esquerda. *Hum hum*, pensou Ginelli, e virou outra página de seu caderninho de notas. Bastava de tagarelice sem sentido; era tempo de começar a movimentar-se.

— Muito obrigado, Sr. Heilig, o senhor foi de grande ajuda.

Contar a ocorrência parecia ter amolecido o homem.

— Certo... Tudo bem. Lamento tê-lo recebido daquela maneira, mas se fosse um de nós... – e Heilig deu de ombros.

— Tiras! – disse sua mulher, atrás dele.

Ela espiava pela porta do trailer, como um texugo muito cansado espiando para fora de sua toca a fim de ver quantos cães havia pelos arredores e quão perigoso pareciam.

— Sempre tiras! – suspirou ela. – Para onde quer que a gente vá. É sempre assim, mas desta vez foi pior. As pessoas estão assustadas.

— *Enkelt, Mamma* – disse Heilig, porém agora mais gentilmente.

— Preciso falar com mais duas pessoas, se puder orientar-me – disse Ginelli, olhando para uma página em branco do caderninho de notas. – Sr. Taduz Lemke e Sra. Angelina Lemke.

— Taduz Lemke está dormindo lá – disse Heilig, apontando para o furgão do unicórnio. Ginelli considerou aquilo uma excelente notícia, caso fosse verdadeira. – É um homem muito idoso e tudo isto o deixou cansado demais. Quanto a Gina, acho que está naquele trailer – mas não é uma senhora.

Apontou um dedo sujo para um pequeno Toyota verde adaptado, a traseira coberta por um forro de madeira.

— Muito obrigado.

Ginelli fechou o caderninho e o enfiou no bolso traseiro. Heilig voltou a entrar para seu trailer (presumivelmente voltando também para sua garrafa), parecendo aliviado. Ginelli tornou a cruzar o círculo interno à crescente penumbra, agora em direção ao trailer da moça. Seu coração, contudo, batia forte e depressa, ele contou a Billy. Respirando fundo, bateu à porta.

Não houve resposta imediata. Ia erguer a mão para bater de novo, quando a

porta se abriu. William tinha dito que ela era encantadora, porém ele não estava preparado para a *profundidade* do encanto da jovem. Olhos escuros, diretos, com córneas tão brancas que eram ligeiramente azuladas, a pele morena clara, com um leve tom rosado. Ginelli olhou um instante para as mãos dela, viu que eram fortes e nodosas. As unhas não estava esmaltadas, mas mostravam-se limpas e cortadas tão rente como as de um fazendeiro. Em uma daquelas mãos ela segurava um livro intitulado *Sociologia estatística.*

— Sim?

— Agente especial Ellis Stoner, Srta. Lemke – apresentou-se ele, e imediatamente aquela qualidade límpida, brilhante, abandonou os olhos dela – como se uma persiana os houvesse coberto. – FBI.

— Sim – repetiu ela, com a mesma animação de um aparelho telefônico de respostas.

— Estamos investigando o incidente do tiroteio que aconteceu aqui a noite passada.

— O senhor e meio mundo – disse ela. – Pois bem, investigue à vontade, mas se eu não conseguir colocar no correio de amanhã cedo minhas lições do curso por correspondência, vou perder pontos pelo atraso. Assim, se me dá licença...

— Temos motivos para crer que um homem chamado William Halleck pode estar por trás disto – falou Ginelli. – Esse nome significa algo para a senhorita?

É claro que significava; por um momento, os olhos dela arregalaram-se e simplesmente *abrasaram.* Ginelli considerara a beleza daquela jovem quase inexprimível. Ainda a considerava, mas agora também acreditava que ela poderia, de fato, ter sido a assassina de Frank Spurton.

— Aquele *porco!* – cuspiu ela. – *Han satte sig pa en av stolarna! Han sneglade pa nytt mot hyllorna i vild! Vild!*

— Temos várias fotos de um homem que acreditamos ser Halleck – disse Ginelli brandamente. – Foram tiradas em Bar Harbor, por um agente usando teleobjetiva...

— *Claro* que é Halleck! – exclamou ela. – Aquele porco matou minha *tantenyjad* – minha avó! Pois ele não vai nos incomodar muito tempo. Ele...

Ela mordeu o carnudo lábio inferior, mordeu com força, estancando as palavras. Se Ginelli fosse o homem que alegava ser, ela já se teria garantido um

detalhado e extremamente sério interrogatório. Ginelli, entretanto, fingiu não perceber.

— Em uma das fotos, parece haver dinheiro sendo trocado entre os dois homens. Se um deles é Halleck, então o outro provavelmente é o atirador que visitou este acampamento a noite passada. Eu gostaria que a senhorita e seu avô identificassem Halleck positivamente, se for possível.

— Ele é meu bisavô – disse ela, alheadamente. – Acho que agora está dormindo. Meu irmão está com ele. Eu detestaria acordá-lo. – Ela fez uma pausa. – Aliás, odeio perturbá-lo com isto. Os últimos dias têm sido muito difíceis para ele.

— Bem, acho que podemos fazer a ídentificação – disse Ginelli. – A senhorita examinará as fotos e, se puder identificar positivamente o homem como Halleck, não precisaremos incomodar o idoso Sr. Lemke.

— Seria ótimo. Se pegar esse porco do Halleck, o senhor o prenderá?

— Oh, sim. Tenho comigo um mandado federal de prisão.

Isso a convenceu. Quando saltou do trailer, em um rodopiar de saia e um entontecedor relance de perna morena, ela disse algo que deixou o coração de Ginelli gelado:

— Não creio que sobre muito dele para ser preso.

Os dois passaram pelos policiais que ainda remexiam na terra, à crescente escuridão do final do crepúsculo. Passaram por vários ciganos, incluindo-se os dois irmãos, agora vestidos para dormir com idênticos pijamas de camuflagem. Gina assentiu para vários deles, eles assentiram em resposta, mas ficaram distantes – o homem alto com tipo de italiano ao lado de Gina era do FBI, sendo melhor não se envolverem em tais negócios.

Saíram do círculo e caminharam colina acima em direção ao carro de Ginelli, sendo engolidos pelas sombras da noite próxima.

— Não podia ser mais fácil, William – disse Ginelli. – A terceira noite seguida, e continuava fácil como que... Por que não? O lugar regurgitava de tiras. Como seria possível o sujeito que atirara neles voltar ali, com a polícia ainda presente? Eles jamais pensariam em tal coisa... Mas acontece que são burros, William. Eu esperava isso do resto do bando, mas não do velho – não se passa a vida inteira aprendendo a odiar e não confiar nos tiras para, de repente, decidir que nos protegerão contra quem quer que estivesse pisando nossos

calos. Contudo, o velho dormia. Estava esgotado. Isso é ótimo. Talvez possamos manobrá-lo, William. É possível.

Eles caminharam até o Buick. Ginelli abriu a porta do motorista, enquanto a moça permanecia em pé, no lado de fora. E quando ele se inclinou, tirando o trinta e oito do ombro com uma das mãos e empurrando com a outra a tampa de pressão do jarro de conservas, sentiu que o estado de ânimo da jovem mudava bruscamente, de amarga exultação para súbita cautela. O próprio Ginelli estava alvoroçado, suas emoções e intuições voltadas para o exterior, elevadas a um grau quase singular. Ele pareceu captar a primeira percepção que Gina teve dos grilos, da escuridão em torno, da facilidade com que se afastara de sua gente, levada por um homem que nunca vira antes, em um momento quando deveria estar prevenida, não confiando em homem *algum* que não conhecesse. Pela primeira vez, ela se perguntou por que "Ellis Stoner" não levara a documentação para o acampamento, se estava tão ansioso em identificar Halleck. Entretanto, agora era tarde demais. Ele mencionara o único nome capaz de revolver-lhe as tripas com ódio, de cegá-la em sua ansiedade.

— Aqui estamos nós – disse Ginelli.

Virou-se para ela, com a arma em uma das mãos e o jarro de vidro na outra. Ela tornou a arregalar os olhos. Seus seios elevaram-se, quando abriu a boca para uma golfada maior de ar.

— Pode começar a gritar – disse Ginelli – mas, eu lhe garanto que será o último som que ouvirá de sua boca, Gina.

Por um momento, achou que ela gritaria assim mesmo... Mas então a ouviu exalar a respiração, em um prolongado suspiro.

— *Você* é o sujeito que trabalha para aquele porco – disse Gina. – *Hans satte sig pa...*

— Fale inglês, sua puta – disse ele, quase casualmente.

Ela encolheu-se, como que esbofeteada.

— Não me chame de puta – sussurrou Gina. – Ninguém vai me chamar de puta!

Suas mãos – aquelas mãos fortes – arquearam-se e crisparam-se em garras.

— Você chamou meu amigo William de porco. Pois eu a chamo de puta, a sua mãe de puta, o seu pai de cachorro lambedor de traseiro – disse Ginelli.

Viu os lábios dela repuxarem-se sobre os dentes em uma careta, e sorriu. Algo naquele sorriso a fez vacilar. Ela não parecia precisamente amedrontada – mais tarde, Ginelli disse a Billy não ter certeza se a jovem teria medo – mas alguma lucidez pareceu emergir através da fúria candente da cigana, algum senso de quem era aquele homem e daquilo em que ela se metera.

— O que pensa que isto seja, alguma brincadeira? – perguntou ele. – Vocês lançam uma maldição contra alguém que tem esposa e uma filha – ainda acham que seja uma brincadeira? Pensam que ele atropelou aquela mulher, sua avó, de propósito? Acreditam que ele fosse um assassino, peitado para matá-la? Acham que a Máfia o peitara para liquidar sua velha avó? Merda!

A moça agora chorava de fúria e ódio.

— A mulher dele o masturbava, por isso ele a atropelou na rua! E então, os outros... eles *han tog in pojken* – o inocentaram de tudo – mas nós o pegamos de jeito. E você será o próximo, amigo de porcos! Não importa o que...

Com o polegar, ele puxou a tampa do vidro do jarro de boca larga. Os olhos dela fixaram-se no jarro pela primeira vez. Era exatamente onde Ginelli os queria.

— Ácido, sua puta – disse Ginelli, e atirou o líquido no rosto dela. – Veja quantas pessoas poderá alvejar com aquela sua atiradeira, agora que está cega!

Ela emitiu um agudo e torturado som, tarde demais levando as mãos aos olhos. Caiu ao chão. Ginelli pousou um pé em seu pescoço.

— Grite, e eu a mato! Você e os três primeiros amigos seus que aparecerem aqui. – Ginelli afastou o pé. – Era Pepsi-Cola.

Ela ficou de joelhos, fitando-o através dos dedos afastados. Com aquela mesma sensação curiosamente sintonizada, quase telepática, Ginelli soube que não precisava ter dito que não era ácido. Gina sabia, soubera quase imediatamente, apesar da ardência. Um instante mais tarde – quase atrasado – adivinhou que ela ia em busca de seus colhões.

Quando Gina saltou para ele, ágil como um gato, Ginelli deu um passo para o lado e chutou-a nas costelas. A parte traseira da cabeça dela bateu contra a borda cromada da porta, aberta no lado do motorista. Houve um ruído surdo e ela caiu encolhida, o sangue fluindo para o rosto perfeito.

Ginelli inclinou-se para ela, julgando-a inconsciente, mas Gina se revirou

contra ele, sibilando. Uma mão acertou-lhe a testa, abrindo um fundo arranhão. A outra correu pelo braço de sua camisa de malha, arrancando mais sangue.

Ginelli grunhiu e a empurrou para trás. Espetou a pistola em seu nariz.

— Vamos, é isto que está querendo? Quer mesmo? Vamos, sua puta! Continue! Você me feriu o rosto! Eu adoraria que me fizesse puxar o gatilho!

Ela ficou quieta, fitando-o com olhos que tinham um negror mortal.

— Você atacaria – disse ele. – Se fosse apenas por você, tornaria a atacar-me. Contudo, isso o mataria, não é mesmo? Não mataria o velho?

Ela nada disse, mas uma luz mortiça pareceu piscar momentaneamente dentro da escuridão daqueles olhos.

— Pois pense o que seria dele, se eu tivesse *realmente* atirado ácido em seu rosto! Pense no que seria dele, se em vez de você, eu decidisse jogar ácido no rosto daqueles garotos com pijamas de soldado! Eu podia fazer isso, sua puta. Podia fazer isso, depois voltar para casa e comer um bom jantar. Olhe para meu rosto e vai saber que eu poderia.

Agora, por fim, ele viu confusão e um início de algo que podia ter sido medo – mas não por si mesma.

— Ele amaldiçoou vocês – disse ele. – Eu fui a maldição.

— Aquele porco! Foda-se, com sua maldição! – sussurrou ela, e enxugou o sangue do rosto com um rápido e trêmulo movimento de dedos.

— Ele me disse para não ferir ninguém – prosseguiu Ginelli, como se não a tivesse ouvido. – Não feri. Só que isso termina esta noite. Não sei quantas vezes seu velho avô já fez o mesmo antes, mas ele não levará a melhor desta vez. Você vai dizer a ele para suspender a maldição. Vai dizer a ele que não pedirei isso outra vez. Tome. Pegue isto.

Ginelli apertou um pedaço de papel na mão dela. Nele estava escrito o número telefônico daquela "cabine segura" em Nova York.

— Você vai ligar para este número hoje à meia-noite e me dizer o que o velho decidiu. Se quiser notícias minhas mais tarde, torne a ligar para este mesmo número, duas horas depois. Então, receberá o seu recado... Caso haja algum. Aí está. De um modo ou de outro, a porta vai ser fechada. Ninguém nesse número saberá de que merda você está falando, depois das duas desta madrugada.

— Ele nunca retirará a maldição.

— Bem, talvez não – disse Ginelli. – Seu irmão falou a mesma coisa a noite passada. Enfim, não é da sua conta. Diga ao velho o que tem a dizer, e que ele decida o que fazer. Lembre-se de explicar a ele que, se disser não, aí então é que a festa vai *realmente* começar. Primeiro será você, então os dois garotos e depois qualquer um em quem eu puser as mãos. Diga isso a ele. Agora, entre no carro.

— Não.

Ginelli revirou os olhos.

— Quer ser boazinha e entrar? Só pretendo certificar-me de que tenho tempo para cair fora daqui, sem doze tiras nos calcanhares. Se quisesse matá-la, não lhe daria um recado para passar adiante.

Ela entrou. Estava um pouco aturdida, mas conseguiu. Sentou-se atrás do volante e depois escorregou através do assento.

— Mais longe. – Ginelli limpou o sangue da testa e o salpicou nela, sacudindo os dedos. – Agora, quero ver você agachada contra aquela porta, como uma garota tomando chá-de-cadeira, na primeira saída com um rapaz.

Ela deslizou contra a porta.

— Ótimo – disse Ginelli, entrando. – Agora, fique aí!

Recuou pela Estrada Finson, sem acender os faróis – as rodas do Buick derraparam um pouco sobre a seca relva-de-gato. Começou a dirigir usando a mão que empunhava a arma, viu-a contorcer- se e apontou-lhe novamente o cano da pistola.

— Errado – disse. – Não se mova. Não se mova nem um *bocadinho!* Entendeu bem?

— Entendi.

— Muito bem.

Ele rodou, seguindo o trajeto da vinda, apontando a arma para ela.

— É sempre assim – disse Gina, em tom amargo. – Mesmo quando queremos um pouco de justiça, mandam-nos pagar demais. Esse porco do Halleck é seu amigo?

— Eu já lhe disse, não use esse nome para ele. Ele não é porco.

— Ele nos amaldiçoou – disse ela, e havia uma espécie de admirada raiva em sua voz. – Diga-lhe em meu nome que *Deus* já nos amaldiçoou muito antes que ele ou qualquer um de sua tribo o tivesse feito.

— Poupe isso para a assistente-social, menina.

Ela ficou calada.

Uns quinhentos metros antes da pedreira onde jazia Frank Spurton, Ginelli parou o carro.

— Muito bem, já é distância suficiente. Saia.

— É para já! – Ela o encarou fixamente com aqueles olhos insondáveis. – Entretanto, há uma coisa que precisa saber – nossos caminhos ainda se cruzarão. E quando se cruzarem, eu vou matá-lo.

— Não – disse ele – você não vai. Porque você me deve a vida esta noite. E, se ainda não bastasse para você, sua cadela ingrata, pode acrescentar a vida de seu irmão, ontem à noite. Você fala, mas ainda não entende como são as coisas, seja porque não levará a melhor nisto ou porque *nunca* levará a melhor nisto, enquanto não desistir. Tenho um amigo que poderia fazer você voar como um papagaio, se amarrasse um pedaço de barbante ao cinto dele. E o que você conseguiu? Eu lhe digo o que conseguiu. Você conseguiu apenas um velho sem nariz, que lançou sua maldição em meu amigo e depois fugiu no meio da noite, como uma hiena.

Agora ela chorava, e chorava com vontade. As lágrimas escorriam por suas faces como regatos.

— Está dizendo que tem Deus do seu lado? – perguntou a ele, em voz tão pastosa, que as palavras eram quase ininteligíveis. – Foi isso que o ouvi dizer? Pois devia queimar no inferno por blasfêmia. Somos hienas? Se somos, foram pessoas como seu amigo que nos tornaram assim. Meu bisavô diz que *não* há maldições, apenas espelhos, que são erguidos para as almas de homens e mulheres.

— Saia – disse ele. – Não podemos conversar. Nem mesmo podemos ouvir um ao outro.

— É verdade.

Ela abriu a porta e saiu. Gritou, quando ele começou a rodar:

— *Seu amigo é um porco e vai morrer de magreza!*

— Contudo, não acho que você morrerá – disse Ginelli.

— O que quer dizer com isso?

Ginelli consultou o relógio. Passava das três.

— Direi a você no carro – falou. – Você tem um compromisso para as sete

horas.

Billy sentiu aquela penetrante e difusa agulhada de medo em seu estômago novamente.

— Com ele?

— Certo. Vamos.

Quando Billy se firmou sobre os pés, sobreveio outro acesso de arritmia – desta vez ainda mais demorado. Fechando os olhos, ele aferrou o peito. Ou o que restava de seu peito. Ginelli o agarrou.

— William, você está bem?

Billy olhou para o espelho e viu Ginelli segurando um grotesco monstro circense, envolto em roupas frouxas. A arritmia passou, sendo substituída por uma sensação ainda mais familiar – aquela raiva leitosa, azeda, que era dirigida ao velho... e a Heidi.

— Estou bem – respondeu. – Para onde vamos?

— Bangor – disse Ginelli.

CAPÍTULO 23: A TRANSCRIÇÃO

Foram no Nova. As duas coisas que Ginelli havia dito sobre o carro eram verdadeiras – ele exalava um tremendo fedor (de esterco) e comeu a estrada entre Northeast Harbor e Bangor com grande voracidade. Por volta das quatro, Ginelli parou para comprar uma enorme cesta de mariscos de casca mole, cozidos no vapor. Estacionaram em uma área de descanso à beira da estrada e liquidaram os mariscos, juntamente com seis latas de cerveja. Os grupos de famílias nas mesas de piquenique lançaram um olhar para Billy Halleck e distanciaram-se o mais possível.

Enquanto comiam, Ginelli terminou sua história. Não levou muito tempo para contar.

— Por volta das onze horas da noite passada, eu estava de volta ao quarto que alugara como John Tree – disse ele. – Podia ter chegado antes, mas fiquei dando rodeios e retornos, para certificar-me de que não era seguido por ninguém.

"Uma vez no quarto, liguei para Nova York e mandei um sujeito para o telefone cujo número tinha dado à moça. Disse-lhe que levasse consigo um gravador e aquela peça para escuta telefônica – o tipo de dispositivo usado por repórteres em entrevistas telefônicas. Eu não queria confiar em uma versão de segunda-mão, William, sacou? Falei a ele que ligasse para mim com a fita já gravada, assim que ela desligasse.

"Desinfetei as unhadas dela, enquanto aguardava a chamada do sujeito. Não vou dizer que a moça tivesse hidrofobia ou coisa assim, William, mas mostrava ódio demais, você sabe como é..."

Eu sei – disse Billy, e pensou gravemente: *Sei de verdade. Porque estou ganhando. Neste sentido, estou ganhando.*

A ligação foi feita à meia-noite e quinze. Fechando os olhos e pressionando os dedos da mão esquerda contra a testa, Ginelli pôde fornecer a Billy um recitativo quase exato do *playback.*

Homem de Ginelli: Alô?

Gina Lemke: Você trabalha para o homem que vi esta noite?

Homem de Ginelli: Sim, pode-se dizer que sim.

Gina: Diga a ele que meu avô falou...

Homem de Ginelli: Estou com um aparelho de escuta. Quero dizer, suas palavras estão sendo gravadas. O homem que você mencionou irá ouvir a gravação. Portanto...

Gina: Você pode fazer isso?

Homem de Ginelli: Posso. Portanto, de certo modo é com ele que você está falando agora.

Gina: Tudo bem. Meu bisavô manda dizer que retirará a maldição. Eu disse a ele que é loucura, pior ainda, que está errado, mas foi firme quanto a isso. Disse que não deve haver mais sofrimento e mais medo para o seu povo – ele a retirará. Contudo, precisa encontrar-se com Halleck. Não poderá retirá-la sem esse encontro. Às sete da noite de amanhã, meu bisavô estará em Bangor. Há um parque entre as ruas Union e Hammond. Ele estará lá, sentado em um banco. Irá sozinho. Portanto, você venceu, homem grampeador de telefones – você venceu, *mi hela po klockan.* Leve seu amigo para o Parque Fairmont, em Bangor, esta noite às sete horas.

Homem de Ginelli: Isso é tudo?

Gina: Só mais uma coisa: diga a ele que espero que seu pau fique negro e caia.

Homem de Ginelli: Você é que está dizendo isso a ele, irmã. Não diria uma coisa dessas, se soubesse a quem estava falando.

Gina: E foda-se, você também!

Homem de Ginelli: Você deverá telefonar novamente às duas da madrugada, para saber se há alguma resposta.

Gina: Eu telefonarei.

— Ela desligou – disse Ginelli. Derrubou as conchas vazias dos mariscos em um depósito de lixo, voltou e acrescentou, sem nenhuma pena: - Meu homem disse que ela parecia estar chorando, durante toda a ligação.

— Meu Deus! – murmurou Billy.

— De qualquer modo, fiz meu sujeito colocar o dispositivo de escuta no telefone e gravei a mensagem que ele deveria rodar para a garota, quando ela ligasse às duas horas. Foi mais ou menos assim: “Olá, Gina. Aqui é o agente especial Stoner. Recebi sua mensagem. Soa como um sinal verde. Meu amigo

William irá ao parque às sete desta noite. Irá sozinho, mas eu estarei vigiando. Seu pessoal é capaz de estar também vigiando, imagino. Ótimo. Ficaremos todos vigiando, para que nada aconteça entre eles. Porque, se acontecer alguma coisa a meu amigo, vocês pagarão um alto preço."

— Isso foi tudo?

— Sim, foi tudo.

— O velho cedeu.

— Eu *acho* que cedeu. Ainda pode ser uma cilada, compreenda. – Ginelli olhou seriamente para ele. – Agora, sabem que estarei vigilante. Podem ter decidido matá-lo onde eu possa ver, como vingança contra mim, arriscando-se ao que acontecerá depois.

— Eles vão me matar de qualquer modo – disse Billy.

— Por outro lado, a moça pode ter enfiado na cabeça que dará conta do recado. Ela é louca, William. E pessoas loucas nem sempre fazem o que lhes dizem para fazer.

Billy olhou pensativamente para ele.

— Tem razão. De qualquer modo, no entanto, creio que não tenho muita escolha, concorda?

— Concordo... Não acho que tenha. Está pronto?

Billy olhou para as pessoas que o observavam e assentiu. Há muito tempo estava pronto. No meio do trajeto até o carro, ele perguntou:

— Você fez mesmo tudo isso por mim, Richard?

Ginelli parou, olhou para ele e sorriu um pouco. O sorriso era quase vago... Mas aquela luz que girava e torvelinhava em seus olhos estava penetrantemente concentrada – a tal ponto que Billy não pôde fitá-la e precisou desviar o olhar.

— Isso importa, William?

CAPÍTULO 24: PURPURFARGADE ANSIKTET

Eles estavam em Bangor pelo final da tarde. Ginelli manobrou o Nova para um posto de gasolina, encheu o tanque e seguiu as indicações dadas pelo atendente. Billy sentava-se cansadamente no banco do passageiro. Ginelli olhou para ele com forte apreensão, quando retornou ao carro.

— Você está bem, William?

— Não sei – disse Billy. Depois reconsiderou – Não, não estou.

— As palpitações outra vez?

— Isso. – Ele recordou o que dissera o médico de meia-noite enviado por Ginelli – potássio, eletrólitos... Algo sobre como Karen Carpenter havia morrido. – Eu devia ter comido algo com potássio. Suco de abacaxi. Banana. Ou laranja. – Seu coração disparou em desordenado galope. Inclinando-se para trás, Billy fechou os olhos e esperou para ver se ia morrer. Por fim, o turbilhão cessou. – Um saco inteiro de laranjas.

Havia um supermercado adiante. Ginelli parou lá.

— Não me demoro, William. Espere aí.

— Certo – disse Billy vagamente.

Mergulhou em sonolência, assim que Ginelli saiu do carro. Sonhou. No sonho, via sua casa de Fairview. Um abutre de bico carcomido voou até o peitoril da janela e espiou para dentro. No interior da casa, alguém começou a gritar esganiçadamente.

Então, ele se sentiu sacudido com força. Acordou.

— H-hum...?

Ginelli endireitou o corpo para trás e respirou fundo.

— Céus, William, não me assuste desse jeito!

— Do que está falando?

— Pensei que você estivesse morto, cara! Tome.

Colocou no colo de Billy uma sacola de fio trançado, cheia de laranjas. Billy puxou o cordel que fechava a sacola, mas seus dedos magros - dedos que agora pareciam alvas pernas de aranha – não conseguiram força necessária. Ginelli abriu a sacola com seu canivete, depois o usou para cortar uma laranja em quatro partes. Billy comeu lentamente a princípio, como quem come por

obrigação, depois vorazmente, parecendo redescobrir o apetite, pela primeira vez em uma semana ou mais. Seu coração perturbado começou a acalmar-se, a reencontrar algo como o velho ritmo normal... Embora talvez pudesse apenas ser a mente, pregando peças consigo mesma.

Terminada a primeira laranja, ele pediu o canivete de Ginelli para cortar uma outra em pedaços.

— Sente-se melhor? – perguntou Ginelli.

— Sinto-me. Bastante. Quando iremos àquele parque?

Ginelli parou junto ao meio-fio, e Billy viu o indicador, informando que estavam na esquina da Union Street com West Broadway – árvores estivais, cheias de folhagem, murmuravam à brisa leve. Sombras e espaços pontilhados de sol moviam-se preguiçosamente sobre a rua.

— Chegamos – disse Ginelli com simplicidade, e Billy sentiu um dedo tocar sua espinha, deslizando geladamente por ela abaixo. – Pelo menos, o mais próximo que pretendo chegar. Eu o teria feito descer fora do centro da cidade, porém você apenas atrairia um bocado de atenção, caminhando até aqui.

— Sem dúvida – concordou Billy. – Haveria crianças desmaiando e grávidas abortando.

— De qualquer modo, seria esforço demais para você – disse Ginelli, gentilmente. – Afinal, não importa. O parque fica logo ao pé desta colina, no lado de cá. Uns quatrocentos metros. Escolha um banco à sombra e espere.

— Onde você estará?

— Nos arredores – disse Ginelli, e sorriu. – Vigiando você e de olho na moça. Se ela tornar a me ver, antes que eu a veja, William, nunca mais vou precisar mudar de camisa. Você entendeu?

— Entendi.

— Estarei também de olho em você.

— Obrigado – disse Billy.

Não tinha certeza de como ou de quanto desejava isso, o agradecimento. *Sentia-se* grato a Ginelli, porém era uma emoção estranha e difícil, como o ódio que agora experimentava por Houston e por sua mulher.

— *Ma ti pare* – disse Ginelli, e deu de ombros. Inclinando-se no assento, abraçou Billy e o beijou firmemente nas faces. – Seja durão com o velho filho da mãe, William.

— Eu serei – disse William, sorrindo.

Saiu do carro. O Nova amassado seguiu em frente. Billy ficou observando até que ele desapareceu na esquina do quarteirão. Depois começou a caminhar, o saco de laranjas oscilando em uma das mãos. Mal percebeu o garotinho que, na metade do quarteirão, correu abruptamente para fora da calçada, escalou o muro dos Cowan e disparou quintal afora. Nessa noite, o garotinho acordaria chorando de um pesadelo, no qual um molambento espantalho com cabelos sem vida colados ao crânio vinha em sua direção. Correndo pelo corredor para o quarto do filho, sua mãe o ouviu gritar: *Ele quer me fazer comer laranjas até eu morrer! Comer laranjas até eu morrer! Comer até morrer!*

O parque era amplo e fresco, verde e profundo. A um lado, um bando de garotos se distribuía nas brincadeiras, escalando o trepa-trepa, balançando-se nas gangorras ou deslizando pelo escorrega. Mais além havia um jogo de *softball* em andamento – meninos contra meninas, segundo parecia. E no espaço intermediário, pessoas caminhavam, soltavam papagaios, jogavam *frishee,* comiam biscoitos, bebiam Cocas, lambiam picolés. Era um instantâneo do meio de verão americano na última metade do século XX e, por um momento, Billy sentiu ternura por aquilo – enterneceu-se com *eles.*

Faltam apenas os ciganos, sussurrou uma voz dentro dele, e o arrepio se fez presente – um estremecimento forte o bastante para arrepiar-lhe os braços e fazer com que cruzasse abruptamente o braço fino sobre a gaiola que era seu peito. *Devemos ter os ciganos, não devemos? As velhas camionetas com os adesivos do Departamento de Recuperação Nacional pregados nos para-choques enferrujados, os trailers, os furgões com murais nas laterais – depois Samuel, fazendo malabarismos com seus pinos de boliche e Gina com sua atiradeira. E todos chegavam às carreiras. Eles* sempre *chegavam correndo. Queriam apreciar os malabarismos, tentar a sorte com a atiradeira, ouvir o futuro, conseguir uma poção ou loção, ir para a cama com uma garota – ou pelo menos sonhar com isso – ver os cachorros dilacerarem as tripas uns dos outros. Eles* sempre *chegam correndo. Apenas pela singularidade do espetáculo. Claro, precisamos dos ciganos. Sempre precisamos. Porque, se você não tem alguém para expulsar da cidade de vez em quando, como saberá que pertence a esse lugar? Bem, eles logo estarao por aqui, não?*

— Certo – resmungou ele, sentando-se em um banco que estava quase todo na sombra.

Suas pernas ficaram subitamente trêmulas, sem forças. Tirou uma laranja da sacola e, após algum esforço, conseguiu cortá-la. Entretanto, agora seu apetite desaparecera e ele comeu apenas um pouco.

Aquele banco ficava a boa distância dos outros, e Billy não chamava demasiada atenção, até onde podia notar. Visto de longe, pareceria apenas um velho muito magro, tomando um pouco do ar da tarde.

Permaneceu sentado e, quando a sombra cobriu primeiro seus sapatos, depois os joelhos e finalmente o colo, Billy foi tomado por um senso de desespero quase fantástico – uma sensação de perda e futilidade, muito mais sombria do que aquelas inocentes sombras da tarde. As coisas tinham ido longe demais e nada faria com que voltassem atrás. Nem mesmo Ginelli, com sua psicótica energia, conseguiria alterar o ocorrido. Podia apenas piorar a situação.

Eu nunca devia ter... pensou Billy, mas então, fosse o que fosse que ele nunca devia ter feito, interrompeu-se e sumiu, como um sinal de rádio ruim. Cochilou novamente. Estava em Fairview, uma Fairview de Mortos-vivos. Havia cadáveres jazendo por todo lado – mortos por inanição. Alguma coisa bicou seu ombro abruptamente.

Não.

Pic!

Não!

Entretanto, aconteceu novamente, *pic* e *pic* e *pic* – era o abutre de nariz carcomido, naturalmente, e ele não queria virar a cabeça, temendo que ele lhe bicasse os olhos com os remanescentes enegrecidos do bico. Mas,

(pic)

as bicadas insistiam e ele

(pic! pic!)

girou a cabeça devagar, elevando-se ao mesmo tempo do sonho e vendo...

... sem qualquer surpresa real, que era Taduz Lemke, sentado no banco ao seu lado.

— Acorde, homem branco da cidade – disse ele, dando um brusco puxão na manga de Billy, com seus dedos anquilosados e manchados de nicotina. *Pic!* – Seus sonhos são ruins. Têm um fedor que posso sentir em seu hálito.

— Estou acordado – disse Billy, em voz pastosa.

— Tem certeza? – perguntou Lemke, com certo interesse.

— Tenho.

O velho usava um terno jaquetão de sarja cinzenta. Seus pés estavam enfiados em sapatos de cano alto, negros. O pouco de cabelo que lhe restava fora partido no meio e puxado severamente da testa, que era tão sulcada de vincos como o couro dos sapatos. Uma argola dourada cintilou em um dos lóbulos da orelha.

A degeneração do nariz, como Billy podia ver, tinha-se alastrado – agora linhas escuras irradiavam-se das ruínas no meio do rosto e cobriam a maior parte da enrugada face esquerda.

— Câncer – disse Lemke. Seus brilhantes olhos negros – os olhos de uma ave, sem dúvida – nunca deixavam o rosto de Billy. – Gosta disso? Isso o deixa feliz?

"Feliz" fora pronunciado como "faliz".

— Não – respondeu Billy. Ainda tentava libertar-se de fiapos do sonho, firmar-se de novo na realidade do momento. – Não, é claro que não.

— Não minta – disse Lemke. – Não é preciso. Isso o deixa feliz, sem dúvida que o deixa feliz.

— Nada disso me deixa feliz – insistiu Billy. – Estou farto disso tudo. Acredite.

— Não acredito em nada que me diga um homem branco da cidade – replicou Lemke. Ele falava com uma hedionda espécie de afabilidade. – Contudo, você está doente, oh, está! Você pensa. Você *nastan farsk* – morre de pensar-se magro. Então, eu lhe trouxe uma coisa. Vai engordar você, deixar você melhor. – Os lábios dele arreganharam-se sobre os tocos enegrecidos dos dentes, em um sorriso medonho. – Mas só quando *mais* alguém comer disto que eu trouxe.

Billy olhou para o que Lemke tinha no colo e viu, com uma espécie de *déjà vu,* que era uma torta, em um prato descartável de alumínio. Em sua mente, ouviu-se dizendo em sonhos à esposa: *Não quero ser gordo. Decidi que gosto de ser magro. Coma você.*

— Parece assustado – disse Lemke. – É tarde demais para ficar assustado, homem branco da cidade.

Tirou do paletó um canivete e abriu o alumínio, efetuando a operação com a

grave e estudada lentidão de um velho. Billy reparou que a lâmina era mais curta do que a do canivete de Ginelli, mas parecendo mais afiada.

O velho enterrou a lâmina na crosta da torta e a moveu, fazendo uma fenda com uns oito centímetros de comprimento. Retirou o canivete. Gotículas vermelhas caíram sobre a crosta. O velho enxugou a lâmina na manga do paletó, nele deixando uma escura mancha vermelha. Depois, dobrando a lâmina, deixou o canivete de lado. Ele firmou os polegares deformados sobre os lados opostos do prato da torta e puxou suavemente. A fenda alargou-se, mostrando um móvel fluido viscoso, no qual coisas escuras – morangos, talvez – flutuavam como coágulos. Relaxou os polegares. A fenda se fechou. Puxou as bordas do prato novamente. A fenda se abriu. Lemke continuou puxando e soltando, enquanto falava. Billy era incapaz de desviar os olhos.

— Então... Você se convenceu de que isto é... Como foi que chamou? Um momento crítico. O que aconteceu com a minha Susana, não é mais culpa sua do que minha – ou culpa dela, culpa de Deus. Você diz a si mesmo que não pode ser forçado a pagar por isso – não há um culpado, você diz. Não pode arcar com a culpa, porque não tem ombros largos. Não é culpado, você diz. E diz para si mesmo, e diz para si mesmo, e diz para si mesmo. Contudo, não há momento crítico, homem branco da cidade. Todo mundo paga, mesmo por coisas que não fez. Nada de momento crítico.

Lemke ficou calado e pensativo por um momento. Seus polegares puxavam e soltavam, puxavam e soltavam. A fenda na torta se abria e fechava.

— Como você não levou a culpa – nem você e nem seus amigos – eu *fiz* vocês pagarem. Botei a punição em vocês, como um sinal. Fiz isso por minha querida filha morta que você matou, e pela mãe dela, e pelos filhos dela. Então, seu amigo aparece. Ele envenena cães, dá tiros na noite, usa as mãos em uma mulher, ameaça jogar ácido no rosto de crianças. Tire a maldição, ele diz – tire a maldição, tire a maldição, tire a maldição. Finalmente eu digo tudo bem, desde que ele *podol enkelt* – vá embora daqui! Não por causa do que fez, mas por causa do que *fará* – ele está louco, este seu amigo, ele nunca vai parar. Até minha Gelina diz que viu nos olhos dele que nunca vai parar. “Mas nós não paramos também”, ela diz, e eu digo: “Acho que vamos. Vamos parar, sim. Porque se não pararmos, vamos ficar loucos como o amigo do homem da cidade. Se não pararmos, devemos pensar que é verdade o que diz o homem branco –

que Deus castiga, que é um momento crítico."

Apertar e relaxar. Apertar e relaxar. Abrir e fechar.

— "Tire a maldição", ele diz e, pelo menos, não diz: "Faça ela desaparecer, faça ela não existir mais." Porque uma maldição é, de certo modo, como um bebê.

Seus velhos polegares escuros apertaram. A fenda se abriu.

— Ninguém entende estas coisas. Nem eu, mas sei um pouco. "Maldição" é a palavra de vocês, mas em romani é melhor. Escute: *Purpurfargade ansiktet.* Sabia?

Billy meneou lentamente a cabeça, pensando que a frase tinha uma tessitura intensamente sombria.

— Isto significa alguma coisa como "Filho das flores da noite". É como ter um filho que é *varsel!* – uma criança que foi trocada ao nascer. Ciganos dizem que um *varsel* é sempre encontrado debaixo dos lírios ou do meimendro, que floresce à noite. Esta maneira de dizer é melhor, porque *maldição* é uma *coisa.* O que você tem não é uma *coisa.* O que você tem está vivo.

— Sim – disse Billy. – Lá dentro, não é? Está lá dentro, me comendo.

— Dentro? Fora? – Lemke deu de ombros. – Está em toda parte. Esta coisa – *purpurfargade ansiktet* – você a porá no mundo como um bebê. Só que ela cresce mais depressa do que um bebê, e você não pode matá-la, porque não pode vê-la – você só vê o que ela *faz.*

Os polegares relaxaram. A fenda fechou. Um escuro regato vermelho escorreu pela macia topografia da crosta da torta.

— Esta maldição... Você *dekent felt o gard da borg.* É como um pai para ela. Ainda quer ficar livre dela?

Billy assentiu.

— Você ainda acredita no *momento crítico?*

— Acredito – disse Billy, como em um grasnido.

O velho cigano de nariz carcomido sorriu. As escuras linhas de degeneração da carne em sua face esquerda afundaram-se e oscilaram. O parque agora estava quase vazio. O sol aproximava-se do horizonte. Os dois homens estavam cobertos pelas sombras. De repente, o canivete estava novamente na mão de Lemke, com a lâmina aberta.

Ele vai esfaquear-me, pensou Billy sonhadoramente. *Vai esfaquear-me o*

coração e fugir com sua torta de morangos debaixo do braço.

— Desenrole sua mão – disse Lemke.

Bill olhou para baixo.

— Sim – onde ela o alvejou.

Billy puxou os pregadores da bandagem elástica e a desenrolou lentamente. Por baixo das ataduras, sua mão estava branca demais, semelhante a uma pele de peixe. Em contraste, as bordas do ferimento eram escuras, de um tom avermelhado escuro – cor de fígado. *Uma cor igual à das coisas dentro da torta dele,* pensou Billy. *Os morangos. Ou o que quer que fossem.* E o ferimento havia perdido sua circularidade quase perfeita, à medida que as bordas se uniam, estufadas. Agora, ele parecia...

Uma fenda, pensou Billy, tornando a fitar a torta.

Lemke estendeu o canivete para ele.

Como vou saber que você não passou esta lâmina por curare, cianureto ou veneno para ratos? Billy pensou em perguntar, mas desistiu. Ginelli era a razão. Ginelli e a Maldição do Homem Branco da Cidade.

O cabo gasto de osso do canivete adaptou-se confortavelmente à palma de sua mão.

— Se quer livrar-se da *purpurfargade ansiktet,* primeiro tem que dar ela para a torta... E então dará para alguém mais a torta com a maldição-criança dentro dela. Só que isto tem que ser feito logo, ou ela voltará em dobro para você. Entendeu?

— Entendi – disse Billy.

— Então, faça isso, se você quer – disse Lemke.

Ele tornou a apertar os polegares. A fenda escura na crosta da torta alargou-se. Billy hesitou, mas por apenas um segundo – porque o rosto da filha surgiu em sua mente. Por um instante, viu-a com a nitidez de uma boa fotografia, olhando para ele por sobre o ombro, rindo, seus pompons em uma das mãos, como grandes frutos púrpura-e-brancos.

Está enganado sobre o momento crítico velho, pensou. *Heidi por Linda. Minha esposa por minha filha. Uma troca.*

Empurrou a lâmina do canivete de Taduz Lemke no buraco em sua mão. O ferimento se abriu sem dificuldade. O sangue espirrou para a fenda na torta. Ele mal percebia que Lemke falava muito rapidamente em romani, os olhos negros

obstinadamente fixos no rosto branco e macilento de Billy.

Billy girou o canivete no ferimento, olhando enquanto as bordas inchadas se abriam, recuperando a circularidade anterior. O sangue escorreu mais rápido. Ele não sentiu dor alguma.

— *Enkelt!* Já basta!

Lemke tirou o canivete de sua mão. De repente, Billy teve a impressão de não possuir força alguma. Caiu recostado no banco do parque, intensamente nauseado, intensamente *vazio* – imaginou que seria como deve sentir-se uma mulher acabando de dar à luz. Então, baixando os olhos para a mão, reparou que o sangramento já cessara.

Não – isso é impossível!

Olhou para a torta no colo de Lemke e viu algo mais que era impossível – só que, desta vez, a impossibilidade aconteceu diante de seus olhos. Os polegares do velho relaxaram, a fenda tornou a fechar-se... E então, simplesmente, *não havia* fenda. A crosta estava perfeita, exceto por duas pequeninas aberturas para o vapor, no centro exato. Onde a fenda existira, havia algo como uma ruga ziguezagueante na crosta.

Tornou a olhar para a mão e não viu sangue, não viu cicatriz e nem carne aberta. O ferimento agora se fechara inteiramente, deixando tão-somente uma curta cicatriz branca – também ziguezagueando, cruzando as linhas da vida e do coração como um relâmpago.

— Isto é seu, homem branco da cidade – disse Lemke, e depositou a torta no colo de Billy.

O primeiro impulso, quase incontrolável, foi jogá-la fora, livrar-se dela, como se livraria de uma grande aranha que alguém tivesse deixado cair em seu colo. A torta era repulsivamente morna, parecendo pulsar dentro de sua embalagem barata de alumínio, como se fosse algo vivo. Lemke levantou-se e baixou os olhos para ele.

— Sente-se melhor? – perguntou.

Billy percebeu que, excetuando-se o que sentia a respeito da coisa que segurava no colo, estava melhor. A fraqueza passara. O coração batia normalmente.

— Um pouco – disse, cauteloso.

Lemke assentiu.

— Agora vai ganhar peso, mas em uma semana, talvez duas tornará a perder. Só que desta vez continuará emagrecendo e o emagrecimento não cessará. A menos que encontre alguém para comer isso.

— Sim.

Os olhos de Lemke não vacilaram.

— Tem certeza?

— Tenho, tenho! – exclamou Billy.

— Sinto um pouco de pena de você – disse Lemke. – Não muito, mas um pouco. Houve um tempo em que você podia ter sido *pokol* – forte. Agora, seus ombros estão quebrados. Nada é sua culpa... Há motivos... Você tem amigos. – Ele sorriu cruelmente. – Por que não come sua torta, você mesmo, homem branco da cidade? Você morre, mas você morre forte.

— Vá embora – disse Billy. – Não faço a menor ideia do que está falando. Sei apenas que nosso negócio está feito.

— Sim. Nosso negócio está feito. – O velho olhou brevemente para a torta, depois de novo para o rosto de Billy. – Tome cuidado com quem irá comer a torta que era para você – disse ele, e afastou-se.

Lemke caminhava por uma das trilhas próprias para corridas a pé, mas então se virou. Foi a última vez que Billy viu seu rosto incrivelmente antigo, incrivelmente cansado.

— Sem momento crítico, homem branco da cidade – disse. – Sem *nunca!*

Então, virando-se, recomeçou a caminhar.

Billy continuou sentado no banco, espiando-o, até vê-lo desaparecer. Quando as sombras engoliram Lemke, ele se levantou e começou a caminhar, seguindo o trajeto feito na vinda. Havia dado uns vinte passos, quanto percebeu que esquecera algo. Voltou ao banco, com o rosto alheado e sério, os olhos opacos, e apanhou a torta. Ainda estava morna e ainda pulsava, mas tais detalhes agora o repugnavam menos. Imaginou que um homem podia acostumar-se a tudo, desde que recebesse incentivo suficiente.

Começou a caminhar para a Union Street.

A meio caminho da subida da colina, em direção ao lugar onde Ginelli o fizera descer, Billy avistou o Nova, estacionado junto ao meio-fio. Então, ele soube que a maldição havia sido realmente retirada.

Ainda estava terrivelmente fraco e de vez em quando o coração pulava

desordenado no peito (como um homem que pisou em alguma coisa gordurosa, pensou), mas a coisa se fora – e agora que se fora, ele sabia exatamente o que Lemke quisera dizer, ao falar que uma maldição era algo vivo, como uma criança cega e irracional que habitasse suas entranhas, alimentando-se dele. *Purpurfargade ansiktet.* Desaparecera.

No obstante, podia sentir como a torta que carregava pulsava muito lentamente em suas mãos. Quando olhava para ela, podia ver a crosta latejando ritmadamente. Além disso, o prato de alumínio barato mantinha aquele ligeiro calor. *A coisa está dormindo,* pensou ele, e estremeceu. Sentia-se como um homem carregando um demônio que dormia.

O Nova estava junto à calçada, sobre suas gastas rodas traseiras, o nariz apontando para baixo. As luzes de sinalização estavam acesas.

— Está encerrado – disse Billy, abrindo a porta do lado do passageiro e entrando. – Está enc...

Foi quando ele viu que Ginelli não se encontrava no carro. Pelo menos, não grande coisa dele. Devido à forte penumbra, não tinha visto que, por questão de centímetros, deixara de sentar-se sobre a mão decepada de Ginelli. Só agora a via. Era um punho descarnado, do qual pendiam nacos vermelhos de carne sobre o desbotado assento do Nova, nacos pendurados ao pulso irregularmente decepado, um punho descarnado cheio de esferas metálicas.

CAPÍTULO 25: 55

— Onde é que você está?

A voz de Heidi estava irritada, assustada, cansada. Billy não ficou particularmente surpreso ao descobrir que não sentia mais nada, em absoluto, ao ouvir aquela voz – nem mesmo curiosidade.

— Não importa – respondeu. – Estou voltando para casa.

— Ele viu a luz! Graças a Deus! Ele finalmente viu a luz! Estará voando para o La Guardia ou o Kennedy? Eu irei apanhá-lo.

— Estou dirigindo – disse Billy. – Quero que ligue para Mike Houston, Heidi, e diga a ele que mudou de ideia sobre o *res gestae.*

— Sobre o quê? Billy, o quê...?

Contudo, pela súbita mudança de tom na voz dela, Billy percebeu que Heidi sabia perfeitamente do que se tratava – era o tom assustado de uma criança que foi apanhada surrupiando doces. De repente, perdeu toda a paciência com ela.

— O pedido de interdição – disse ele. – Vulgarmente conhecido como internação de maluco. Voltarei a cuidar de minhas atividades e me internarei prazerosamente onde vocês quiserem – na clínica Glassman, no centro para homens lascivos de Nova Jersey, na universidade de Acupuntura do Meio-Oeste... Entretanto, se eu for agarrado pelos tiras quando chegar a Connecticut e terminar no hospício estadual de Norwalk, você vai lamentar muito, Heidi.

Ela estava chorando.

— Só fizemos o que pensamos ser melhor para você, Billy. Um dia nos dará razão.

Dentro da cabeça dele soou a voz de Lemke. *Não á culpa sua... Há razões... Você tem amigos.* Billy rejeitou tais pensamentos, mas antes que o conseguisse, o arrepio subira por seus braços, lados do pescoço e chegava ao rosto.

— Apenas...

Ele fez uma pausa, ouvindo agora a voz de Ginelli em sua cabeça. *Apenas retire a maldição. Retire a maldição. William Halleck diz para retirá-la.*

A mão. A mão no banco do carro. Um largo anel de ouro no anular, com uma pedra vermelha – talvez um rubi. Finos pelos negros crescendo entre as

segundas e terceiras falanges. A mão de Ginelli.

Billy engoliu em seco. Houve um clique audível em sua garganta.

— Apenas faça essa documentação ser declarada nula e sem valor – disse por fim.

— Está bem – respondeu ela depressa, retornando obsessivamente à justificação – Nós apenas... Eu apenas fiz o que julguei... Billy, você estava ficando tão *magro* – falava tantas loucuras...

— *Está bem*

— Você soa como se me odiasse – disse ela, recomeçando a chorar.

— Não seja tola – replicou ele – o que não era precisamente uma negativa. A voz agora estava mais tranquila. – Onde está Linda? Em casa?

— Não. Ela voltou para a casa de Rhoda. Ficará alguns dias. Ela... bem, a coitadinha está muito perturbada com tudo isto.

Aposto que sim, pensou ele. Linda fora antes para a casa de Rhoda e depois voltara. Ele sabia, porque havia falado com ela ao telefone. Agora tinha ido novamente para lá e algo na entonação de Heidi o levou a pensar que, desta vez, tinha sido ideia de Lin. *Teria descoberto que você e o bom e velho Mike Houston estavam dispostos a declarar que o pai dela estava insano, Heidi? Terá sido isso que aconteceu?* Bem, realmente agora não importava. O principal era que Linda estava ausente.

Seus olhos se voltaram para a torta, que ele colocara em cima da televisão, em seu quarto do motel em Northeast Harbor. A crosta ainda pulsava lentamente, para cima e para baixo, como um hediondo coração. Era importante que sua filha nem se aproximasse daquela coisa. Era perigoso.

— Seria melhor para ela ficar onde está, até resolvermos nossos problemas – disse ele.

No outro lado da linha, Heidi prorrompeu em altos soluços. Billy perguntou-lhe o que havia de errado.

— *Você está errado* – soa tão frio!

— Eu me aquecerei – respondeu ele. – Não se preocupe.

Houve um momento em que pôde ouvi-la engolindo os soluços e tentando controlar-se. Esperou que Heidi se acalmasse, sem paciência nem impaciência; de fato, não sentia absolutamente nada. A onda de terror que o invadira, ao perceber que a coisa no assento era a mão de Ginelli – essa fora, de fato, a

última emoção forte que sentira naquela noite. Excetuando-se o singular acesso de riso que tivera um pouco mais tarde, é claro.

— Quanto está pesando agora? – perguntou ela afinal.

— Houve alguma melhora. Estou com cinquenta e cinco.

Billy a ouviu conter a respiração.

— São três quilos a menos do que quando partiu!

— Também são três quilos a mais do que tinha, quando me pesei esta manhã – disse ele brandamente.

— Billy... Quero dizer-lhe que podemos resolver tudo isso. Podemos mesmo! O mais importante é que você fique bem, então, depois conversaremos. Se tivermos que falar com mais alguém... alguém como um conselheiro matrimonial... bem, eu aceito, se você quiser. Acontece apenas que nós... nós...

Oh, céus, ela vai começar a choramingar outra vez, pensou ele, entre chocado e divertido – as duas coisas de uma forma muito vaga – com a própria insensibilidade. Então, Heidi disse algo que ele classificou como peculiarmente tocante e, por um momento, recuperou um senso da antiga Heidi... E, com isso, também do velho Billy Halleck.

— Se você quiser, eu paro de fumar – disse ela.

Billy olhou a torta na televisão. A crosta latejava lentamente. Para cima e para baixo, para cima e para baixo. Pensou no quanto era escura quando o velho cigano abrira a fenda. Pensou nos torrões entrevistos, que tanto poderiam ser os infortúnios físicos da humanidade, como apenas morangos. Pensou em seu sangue, pingando do ferimento na mão para dentro da torta. Pensou em Ginelli. O momento de afetividade passou.

— É melhor continuar fumando – disse. – Se parar, vai engordar.

Mais tarde ele se deitou sobre as cobertas da cama, com as mãos atrás da nuca, fitando a escuridão. Faltavam quinze minutos para uma da madrugada, mas nunca se sentira tão sem sono. Foi então, no escuro, que uma lembrança desconexa do tempo passado entre achar a mão de Ginelli no banco do Nova, encontrar-se neste quarto e o telefonema de sua esposa, começou a surgir-lhe na mente.

Havia um som no quarto escurecido.

Não.

Ora, havia! Um som como respirar.

Não. É sua imaginação.

Claro que não era sua imaginação. Esta era a linha de Heidi, não a de William Halleck. Ele sabia o suficiente para acreditar que certas coisas não eram apenas sua imaginação. Se não acreditava antes, acreditava agora. A crosta se movia, como um trecho de pele branca sobre carne viva; e mesmo agora, seis horas após tê-la recebido de Lemke, sabia que, se tocasse aquele prato de alumínio, ainda o acharia quente.

— *Purpurfargade ansiktet* – murmurou no escuro, e o som era como um bruxedo.

Quando viu a mão, ele apenas a viu. Meio segundo mais tarde, ao perceber para que coisa olhava, gritou e recuou. O movimento fez a mão balançar, primeiro para um lado, depois para o outro – como se Billy lhe houvesse perguntado como ia, e ela estivesse respondendo, com um gesto de *comme ci, comme ça.* Duas das esferas metálicas escorregaram e rolaram para a divisória entre o banco e o encosto.

Billy tornou a gritar, as palmas firmadas contra a parte de baixo do queixo, as unhas pressionando o lábio inferior, os olhos arregalados e molhados. O coração iniciou um comprido e fraco clamor em seu peito, e ele percebeu que a torta estava inclinando-se para a direita, prestes a cair no piso do carro e espatifar-se.

Ele a endireitou rapidamente. A arritmia diminuiu, permitindo-lhe respirar novamente. E aquele frieza que Heidi mais tarde ouviria em sua voz começou a envolvê-lo. Ginelli provavelmente estava morto – ou não? O que mesmo, ele havia dito? *Se ela tornar a me ver, antes que eu a veja, William, nunca mais vou precisar mudar de camisa.*

Então, diga isso em voz alta.

Não, ele não queria fazer isso. Não queria fazer isso, como também não queria olhar outra vez para a mão. Contudo, fez as duas coisas.

— Ginelli está morto – disse. Fez uma pausa, e então, porque isto tornava a coisa algo melhor: – Ginelli está morto e nada posso fazer a respeito. Exceto dar o fora daqui, antes que um tira...

Olhou para o volante e viu que a chave estava na ignição. O acabamento do molho de chaves, exibindo uma foto de Olivia Newton John, afixada em um pedacinho quadrado de couro, pendia de uma tira de couro cru. Billy supôs que a

moça, Gina poderia ter devolvido a chave à ignição quando trouxera a mão – ela se incumbira de Ginelli, mas não quebraria quaisquer promessas que o bisavô pudesse ter feito ao amigo de Ginelli, o mítico homem branco da cidade. A chave estava ali para ele. De repente, ocorreu-lhe que Ginelli tirara uma chave de carro do bolso de um cadáver; agora, a moça certamente quase fizera a mesma coisa. De qualquer modo, o pensamento não provocou nenhum arrepio.

Sua mente agora estava muito fria. Ele agradeceu aquela frieza.

Saiu do carro, colocou a torta cuidadosamente no piso, passou para o lado do motorista e entrou. Quando se sentou, a mão de Ginelli tornou a fazer aquele repulsivo gesto oscilante. Billy abriu o porta-luvas e encontrou um antigo mapa do Maine no interior. Desdobrou-o e o colocou sobre a mão. Então, ligando o motor do Nova, começou a rodar, descendo a Union Street.

Levava uns cinco minutos dirigindo, quando reparou que seguia na direção errada – oeste, em vez de leste. A esta altura, podia ver os arcos dourados do McDonald's à frente, no crepúsculo que se intensificava. Seu estômago grunhiu. Billy manobrou e parou junto ao interfone para motoristas.

— Bem-vindo ao McDonald's – disse a voz no alto-falante. – Posso anotar o seu pedido?

— Sim, por favor... Eu gostaria de três Big Macs, duas porções grandes de batatas fritas e um milkshake de café.

Exatamente como nos velhos tempos, pensou ele, e sorriu. *Devore tudo no carro, livre-se dos restos e não conte para Heidi, quando chegar em casa.*

— Gostaria de terminar com alguma sobremesa?

— Claro. Uma torta de cereja. – Billy olhou para o mapa aberto ao seu lado. Podia jurar que a pequena elevação logo a oeste de Augusta era o anel de Ginelli. Uma onda de fraqueza o envolveu. – E uma caixa de biscoitos McDonaldland para meu amigo – disse, e deu uma risada.

A voz leu o pedido para ele, acrescentando:

— Seu pedido soma seis e noventa, senhor. Por favor, aproxime-se.

— Claro – disse Billy. – A coisa não é assim mesmo? Apenas aproximar-me e recolher meu pedido.

Tornou a rir. Sentia-se ao mesmo tempo em ótimo estado e com vontade de vomitar.

A atendente entregou-lhe dois mornos saquinhos brancos, através da

janela de pedidos. Billy pagou, recebeu o troco e rodou em frente. Parou no final do prédio e recolheu o antigo mapa rodoviário, com a mão em seu interior. Dobrou os lados do mapa para baixo, esticou o braço pela janela aberta do carro e o depositou em um recipiente de lixo. No topo do recipiente, um Ronald McDonald de plástico dançava exibindo uma careta plástica. Sobre a parte oscilante do depósito de lixo, estavam escritas as palavras: COLOQUE O LIXO AQUI.

— Também é *assim* que tem de ser disse Billy. Esfregava a mão na perna e ria. – Apenas colocar o lixo onde ele deve ficar... e mantê-lo lá!

Desta vez, ele dobrou para leste na Union Street, tomando a direção de Bar Harbor. Billy continuava rindo. Por alguns momentos, pensou que jamais conseguiria parar de rir – que continuaria rindo e rindo, até o dia de sua morte.

Já que alguém poderia vê-lo dando ao Nova o que um colega advogado certa vez chamara de "lavagem de impressões digitais", caso o tivesse feito em um local relativamente público – como o pátio do Motor Inn de Bar Harbor, por exemplo – Billy parou em uma deserta área de lazer de uma estrada secundária, a cerca de sessenta e cinco quilômetros a leste de Bangor, e ali iniciou o serviço. Se possível, pretendia não ter a mais remota conexão com aquele carro. Saindo, ele despiu o paletó esporte, dobrou-o com os botões para dentro e então, cuidadosamente, limpou cada superfície que se lembrava de haver tocado e cada uma que pudesse ter tocado.

A luz de "Não há vagas" estava acesa diante do escritório do motel e, pelo que Billy podia ver, havia apenas um espaço vazio de estacionamento. Ficava à frente de uma unidade às escuras, e ele tinha poucas dúvidas de que estava olhando para o quarto que Ginelli alugara como John Tree.

Fez o Nova deslizar para o espaço vazio, pegou seu lenço e limpou o volante, juntamente com a mudança. Apanhou a torta. Abriu a porta e limpou a maçaneta interna. Tornou a guardar o lenço no bolso, e empurrou a porta, com a trava de segurança, a fim de trancá-la. Então, espiou em torno. Uma mulher de ar fatigado lidava com uma criança que parecia ainda mais fatigada do que ela; dois velhos estavam parados fora do escritório, conversando. Ele não viu mais ninguém, sentiu que ninguém o observava. Ouviu barulho de televisões dentro de quartos do motel. Da cidade, chegava o estrondo de rocks nos bares, porque os veranistas de Bar Harbor começavam a preparar-se ardorosamente para os

festivais noturnos.

Billy cruzou o pátio à frente do motel, caminhou para a cidade e seus ouvidos o guiaram para onde era mais alto o barulho das bandas roqueiras. O bar chamava-se Salt Dog e, como Billy esperava, lá havia táxis – três deles esperando os aleijados, os tontos e os bêbados – estacionados no lado de fora. Falou com um dos motoristas e, por quinze dólares, ele ficou deliciado em levá-lo até Northeast Harbor.

— Vejo que está levando o seu almoço – disse o motorista, quando Billy entrou no táxi.

— Ou o almoço de alguém – respondeu Billy, e riu. – Porque *esta* é a pura verdade, entende? Quero certificar-me de que alguém terá o seu almoço.

O motorista olhou dubitativamente para ele, pelo retrovisor. Depois deu de ombros.

— Concordo com tudo o que disser, meu amigo, você está pagando a corrida.

Uma meia hora depois disso, ele estava ao telefone, falando com Heidi.

Agora Billy jazia na cama, acordado, e ouvia alguém respirar no escuro – alguém ou algo com semelhança de torta, mas que na realidade era uma criança que ele e aquele velho haviam criado.

Gina, pensou ele, quase ao acaso. *Onde estará ela? "Não a machuque" – foi o que eu disse a Ginelli. Entretanto, acho que se pusesse as mãos nela, eu a machucaria... haveria de machucá-la muito, pelo que fez a Richard. Sua mão? Eu mandaria sua* cabeça *para aquele velho... Encheria sua boca de bolas metálicas e mandaria a cabeça para ele. Portanto, é bom eu não saber onde a encontraria para pôr as mãos nela, porque ninguém sabe como, exatamente, começam estas coisas. Eles discutem a respeito e finalmente terminam fugindo inteiramente à verdade, se esta for inconveniente. No entanto, todos sabem como eles insistem em continuar: atacam uma vez, nós atacamos uma vez, então eles atacam duas vezes e nós atacamos três... Eles disparam contra um aeroporto, para que destruamos uma escola... E o sangue corre nos bueiros. Porque* esta, *sim*, é a realidade *sobre a coisa, não? Sangue nos bueiros. Sangue...*

Billy acabou dormindo, sem saber como; seus pensamentos simplesmente se fundiram em uma série de sonhos fantásticos e distorcidos. Em alguns ele matava, em outros era morto, mas em todos alguma coisa respirava e pulsava, e

Billy nunca podia ver essa coisa, porque ela estava dentro dele mesmo.

CAPÍTULO 26: 57,5

MORTE MISTERIOSA ATRIBUÍDA A GUERRA ENTRE QUADRILHAS.

Esta noite foi encontrado um homem morto a tiros no porão de um prédio de apartamentos da Union Street, tendo sido posteriormente identificado como uma figura do mundo do crime da cidade de Nova York. Richard Ginelli, conhecido como "Richie Martelo" nos círculos do submundo, havia sido indiciado três vezes - por extorsão, tráfico e venda de drogas ilegais, e assassinato – pelo estado de Nova York e autoridades federais. Uma investigação conjunta estadual e federal das atividades de Ginelli fora arquivada em 1981, em seguida à morte violenta de várias testemunhas da promotoria.

Uma fonte ligada ao gabinete do procurador-geral do estado do Maine declarou ontem à noite, que a ideia de uma chamada "guerra de quadrilhas" fora suscitada ainda antes da identificação da vítima, em vista das peculiares circunstâncias do assassinato. Segundo essa fonte, Ginelli teve uma das mãos decepada e, em sua testa, estava escrita a sangue a palavra "porco".

Aparentemente, Ginelli foi morto por uma arma de grande calibre, porém peritos em balística da polícia estadual ainda não liberaram suas conclusões, as quais um funcionário da polícia estadual declarou "serem também um pouco incomuns".

Este relato estava na primeira página do *Daily News* de Bangor, que Billy Halleck havia comprado essa manhã. Ele releu a história mais uma vez, olhou para a foto do prédio de apartamentos onde fora encontrado o cadáver de seu amigo e então, amassando o jornal como uma bola, enfiou-o em um recipiente para lixo com o selo do estado de Connecticut sobre um lado e as palavras COLOQUE O LIXO AQUI escritas na porta metálica oscilante.

— É *assim* que tem de ser – disse ele.

— O que disse, senhor?

A pergunta foi feita por uma garotinha de uns seis anos, com fitas no cabelo e uma mancha seca de chocolate no queixo. Estava passeando com seu cachorro.

— Nada – respondeu Billy, e sorriu para ela.

— Marcy! – chamou ansiosamente a mãe da garotinha. – Venha cá!

— Até logo – disse Marcy.

— Até logo, meu bem.

Billy a viu voltar para junto da mãe, o pequeno poodle branco pavoneando-se adiante dela em sua correia, as unhas repicando na calçada. Mal a garotinha chegou perto da mãe, começaram as censuras. Billy sentiu pena da menina, que lhe recordara Linda quando tinha mais ou menos aquela idade, mas também se sentiu encorajado. Uma coisa era a balança ter-lhe dito que ganhara cinco quilos; e outra – ainda melhor – era ver que alguém voltava a tratá-lo como pessoa normal, mesmo que esse alguém fosse uma menina de seis anos, fazendo o cãozinho da família passear por uma área de lazer em uma autoestrada... Uma garotinha que talvez imaginasse existirem *bandos* de pessoas no mundo, parecendo magérrimas torres ambulantes.

Ele passara o dia anterior em Northeast Harbor, não tanto descansando, como procurando recuperar a lucidez. Billy a sentira chegando... E então, ao olhar para a torta em cima da televisão, dentro de seu barato recipiente de alumínio, percebera que a lucidez fugia.

Quase ao crepúsculo, colocou a torta na mala do carro, e isso o deixou um pouco melhor.

Depois do escurecer, quando a lucidez e sua profunda solidão pareceram mais fortes, encontrara o surrado livrinho de endereços. Então, ligara para Rhoda Simonson, no condado de Westchester. Pouco depois, falava com Linda, que parecia delirantemente feliz ao ouvi-lo. De fato, ela descobrira sobre o *res gestae.* A sequência de eventos que levara à descoberta, conforme Billy podia (ou queria) compreender, era tão sórdida quanto previsível. Mike Houston contara à esposa. A esposa contara à filha mais velha, provavelmente quando embriagada. Linda e a garota Houston tinham tido uma espécie de desavença juvenil no inverno anterior, e então Samantha Houston quase quebrara as duas pernas, na pressa de contar a Linda que sua querida mamãe estava querendo enviar seu querido papai para um hospício.

— E o que você respondeu a ela? – perguntou Billy.

— Que enfiasse uma sombrinha no rabo!

Billy riu, até as lágrimas lhe saltarem dos olhos... Mas parte dele também sentiu tristeza. Ficara menos de três semanas fora de casa, e tinha a impressão de que sua filha envelhecera três anos.

Linda fora diretamente para casa, perguntar a Heidi se o que Samantha Houston lhe contara era verdade.

— O que aconteceu? – perguntou Billy.

— Tivemos uma discussão horrível e então, depois disso, falei que queria voltar para a casa da tia Rhoda. Ela disse que talvez não fosse uma má ideia.

Billy ficou calado um instante. Depois disse:

— Não sei se precisava ou não dizer-lhe isto, Lin, mas a verdade é que não estou louco.

— Oh, papai, eu sei! – respondeu ela, quase em tom de censura.

— Também estou ficando melhor. Engordando.

A exclamação dela foi tão ruidosa, que Billy precisou afastar o fone do ouvido.

— Está *engordando?* Está *mesmo?*

— Sim, estou. Mesmo.

— Oh, papai, isso é *formidável!* Você... está falando sério? Dizendo a *verdade?*

— Palavra de escoteiro – disse ele, sorrindo.

— Quando é que volta para casa? – perguntou Linda.

E Billy, que pretendia deixar Northeast Harbor na manhã do dia seguinte, para entrar em sua casa não muito depois das dez da noite, respondeu:

— Acho que fico por aqui uma semana mais ou menos, meu bem. Quero engordar um pouco primeiro. Ainda estou muito magro.

— Oh! – suspirou Linda, decepcionada. – Oh... Está bem.

— Entretanto, quando eu voltar, ligo para você a tempo de chegar em casa umas seis horas pelo menos antes de mim – disse ele. – Você pode fazer outra lasanha, como quando voltamos de Mohonk, e engordar-me um pouco mais.

— *Porra!* – exclamou ela, eufórica, e depois, imediatamente – Poxa, desculpe-me, papai.

— Está desculpada – disse ele. – Nesse meio-tempo, fique aí na casa da tia Rhoda, gatinha. Não quero mais nenhuma briga entre você e mamãe.

— De qualquer modo, só quero voltar para casa com você lá – replicou ela.

Billy sentiu a determinação na voz da filha. Teria Heidi sentido essa mesma determinação adulta em Linda? Ele desconfiava que sim – e atribuía a isso o

desespero dela no telefonema da noite anterior.

Disse a Linda que a amava e desligou. O sono chegou mais fácil essa noite, mas os sonhos foram ruins. Em um deles, Billy ouvia Ginelli no porta-malas de seu carro, gritando para que o deixassem sair. Entretanto, ao abri-lo, não era Ginelli, mas um menino nu e ensanguentado, com os olhos imemoriais de Taduz Lemke e uma argola de ouro na orelha. O menino estendia-lhe as mãos sujas de sangue coagulado. Sorria, e seus dentes eram agulhas de prata.

— *Purpurfargade ansiktet* – dizia o menino, em voz ganida, monstruosa e inumana.

Billy acordou, tremendo, para o frio e cinzento alvorecer naquele lugar da costa Atlântica.

Pediu a conta vinte minutos mais tarde e então encaminhou-se novamente para o sul. Parou às oito e quinze para um lauto *breakfast* campestre, mas quase nada comeu, quando abriu o jornal que havia comprado pouco antes.

De qualquer modo, não interferiu com meu almoço, pensou ele, ao caminhar de volta ao carro alugado. *Porque o fato de ganhar peso novamente também se ajusta ao assim é que tem de ser.*

A torta estava no banco ao lado dele, pulsante, quente. Billy espiou para ela de relance e então ligou o motor, saiu de ré da inclinada vaga no estacionamento. Percebeu que estaria em casa em menos de uma hora e sentiu uma emoção estranha, desagradável. Rodou uns trinta quilômetros, antes de compreender o que era: excitamento.

CAPÍTULO 27: TORTA CIGANA

Estacionou o carro alugado na entrada de automóveis, atrás de seu próprio Buick, pegou a sacola Kluge que fora sua única bagagem e começou a caminhar através do gramado. A casa branca de vívidas persianas verdes, sempre um símbolo de conforto, comodidade e segurança para ele, agora tinha um ar estranho – tão estranho que era quase alheio.

O homem branco da cidade morou aqui, pensou, *mas afinal de contas, não tenho muita certeza de que ele voltou para casa – este indivíduo cruzando o gramado parece mais um cigano. Um cigano muito magro.*

A porta da frente, flanqueada por dois graciosos archotes elétricos, se abriu, e Heidi saiu para a varanda principal. Usava uma saia vermelha e uma blusa branca sem mangas que Billy não conhecia. Também cortara o cabelo muito curto e, durante um aturdido momento, ele pensou que aquela não era Heidi, mas uma estranha algo semelhante a ela.

Heidi olhou para ele, o rosto demasiado pálido, os olhos demasiado escuros, os lábios tremendo.

— Billy?

— Sim, sou eu – disse ele, e parou onde estava.

Ficaram ambos imóveis, entreolhando-se, Heidi com uma espécie de infeliz esperança no rosto, Billy tendo a sensação de que nada transparecia em seu próprio rosto – no entanto, devia existir algo, porque após um momento, ela explodiu:

— Pelo amor de Deus, Billy! Não olhe para mim desse jeito! Não posso suportar!

Ele sentiu que um sorriso aflorava aos lábios – enquanto por dentro havia a sensação de algo morto boiando à superfície de um lago quieto. De qualquer modo, o sorriso fez efeito, porque Heidi retribuiu com outro, sondante e trêmulo. As lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas faces.

Oh, mas você sempre chorou com facilidade, Heidi, pensou ele.

Ela começou a descer os degraus. Billy largou a sacola Kluge e caminhou para ela, sem desmanchar o sorriso inexpressivo.

— O que há para comer? – perguntou. – Estou faminto!

Ela lhe preparou uma refeição gigantesca – bife, salada, uma batata assada quase tão grande como um torpedo, vagens frescas e uvas-do-monte com creme, para sobremesa. Billy comeu tudo. Embora Heidi nunca chegasse muito perto nem falasse, cada movimento, cada gesto e cada olhar transmitiam a mesma mensagem: *Dê-me uma segunda chance, Billy – por favor, dê-me uma segunda chance.* De certo modo, ele pensou que aquilo era extremamente engraçado – engraçado em um sentido que o velho cigano teria apreciado. Ela se recusara a aceitar qualquer culpabilidade, mas agora passava a aceitar toda a culpa que houvesse.

Pouco a pouco, à medida que se aproximava a meia-noite, ele sentiu algo mais, nos gestos e movimentos de Heidi: alívio. Ela sentia que tinha sido perdoada. Para Billy isso foi ótimo, porque o fato de Heidi julgar-se perdoada *também* se ajustava ao é assim que tem de ser.

Ela se sentou diante dele, vendo-o comer, tocando-lhe ocasionalmente o rosto emaciado e fumando um Newport Red atrás do outro, enquanto ele falava. Billy lhe contou como havia caçado os ciganos, litoral acima; sobre as fotos conseguidas com Kirk Penschley e, finalmente, sobre ter alcançado os ciganos em Bar Harbor.

A esta altura, Billy Halleck e a verdade tomaram rumos opostos.

Contou para Heidi que a dramática confrontação que tanto desejava e temera, afinal não saíra conforme o esperado. Para começar, o velho zombara dele. Todos do bando zombaram dele. "Se eu tivesse amaldiçoado você, a esta hora você já estaria debaixo da terra", tinha dito o velho cigano. "Pensa que somos mágicos – todos vocês, homens brancos da cidade pensam que somos mágicos. Se fôssemos, estaríamos rodando em carros e furgões velhos, com silenciosos presos ao lugar com arame? Se fôssemos, estaríamos dormindo em campo aberto? Isto não é um espetáculo de magia, homem branco da cidade – não passa de uma feira de diversões ambulante. Fazemos negócio com sujeitos cujo dinheiro está queimando em seus bolsos, e depois vamos embora. Muito bem, agora saia daqui, antes que eu atice alguns destes rapazes em cima de você. *Eles* sabem uma maldição – é chamada a Maldição dos Socos de Aço."

— Foi assim mesmo que ele chamou você? Homem branco da cidade?

Billy sorriu para ela.

— Exatamente. Foi assim mesmo que me chamou.

Contou a Heidi que voltara para seu quarto de hotel e simplesmente ficara lá nos dois dias seguintes, deprimido demais para fazer outra coisa que não fosse sair da cama e beliscar sua comida. No terceiro dia – três dias atrás – ao pesar-se na balança do banheiro, vira que tinha ganho um quilo e meio, embora pouco houvesse comido.

— Contudo, ao meditar no assunto, vi que não era mais estranho do que comer tudo que havia na mesa e descobrir que *tinha perdido* um quilo e meio – disse ele. – *Essa* ideia é que finalmente me arrancou do torpor mental em que estivera. Fiquei mais um dia naquele quarto de motel, e meditei em minha vida como nunca. Comecei a perceber que, afinal de contas, o pessoal da clínica Glassman podia ter razão. O próprio Michael Houston bem podia estar pelo menos parcialmente certo, por mais que eu deteste o cretinozinho.

— Billy... – Ela lhe tocou o braço.

— Não se preocupe – disse Billy. – Não vou esmurrar Houston, quando tornar a vê-lo.

Eu bem poderia oferecer-lhe um pedaço de torta, pensou ele, e deu uma risada.

— Não vai me contar a piada? – sugeriu ela, com um leve e surpreso sorriso.

— Não foi nada – disse ele. – De qualquer modo, o problema era que Houston, aqueles sujeitos da clínica Glassman – e até mesmo você, Heidi – queriam empurrar isso por minha garganta. Tentavam alimentar-me à força com a verdade. No entanto, eu precisava tirar minhas próprias conclusões. Simples reação de culpa, mais – imagino – uma combinação de ilusões paranoicas e premeditada autodecepção. No fim, contudo, eu também estava parcialmente certo, Heidi. Talvez por todos os motivos errados, mas *estava* parcialmente certo – eu falei que precisava vê-lo outra vez, e foi isso que engendrou o truque. Apenas, não aconteceu da maneira que esperei. Ele era menor do que eu recordava, usava um relógio Timex barato e tinha um sotaque de Brooklyn. Falava "mardição", em vez de "maldição". Foi isso, mais do que tudo, que desfez a ilusão, acho eu – era como ouvir Tony Curtis dizer *"Yonduh is da palace of my Faddah"*[5] naquele filme sobre o império árabe. Assim, peguei o telefone e...

Na sala de estar, o relógio em cima da lareira começou a soar melodiosamente.

— Meia-noite – disse Billy. – Vamos para a cama. Eu a ajudo a empilhar os pratos na pia.

— Não, eu mesma faço isso – disse ela, e deslizou os braços em torno dele. – Estou *contente* por você vir para casa, Billy. Suba. Deve estar exausto.

— Estou ótimo – ele disse. – Apenas...

Estalou repentinamente os dedos no ar, como alguém que acaba de recordar uma coisa.

— Quase esqueci! – disse. – Deixei uma coisa no carro.

— O que é? Não pode esperar até amanhã cedo?

— Sim, mas eu devia ter trazido para dentro. – Sorriu para ela. – É para você.

Saiu, o coração batendo fortemente no peito. Deixou as chaves do carro caírem na entrada para a garagem, depois bateu com a cabeça no lado do carro, em sua pressa de apanhá-las. Suas mãos tremiam tanto, que demorou a enfiar a chave na fechadura do porta-malas.

E se a torta ainda estiver pulsando para cima e para baixo? – sua mente insistiu. *Deus do céu, ela pode sair correndo aos gritos, quando vir semelhante coisa!*

Abriu o porta-malas e, quando nada mais viu lá dentro, além do macaco e do pneu sobressalente, quase gritou. Então recordou – a torta estava no banco dianteiro, no lado do passageiro. Billy bateu o porta-malas com força e caminhou em passos rápidos. A torta estava lá e a crosta permanecia absolutamente imóvel – como, de fato, ele sabia que estaria.

Suas mãos pararam abruptamente de tremer.

Heidi estava de novo parada na varanda, espiando-o. Billy caminhou até ela e colocou a torta em suas mãos. Ainda sorria. *Estou entregando a mercadoria,* pensou. E a entrega da mercadoria era outra das coisas que tinha que ser assim. Seu sorriso aumentou.

— *Voilà* – disse.

— Uau! – Inclinando-se para a torta, ela a cheirou. – Torta de morango... minha predileta!

— Eu sei – disse Billy, sorrindo.

— E ainda quente! Obrigada!

— Parei perto do pedágio em Stratford para pôr gasolina, e no gramado da

igreja, bem perto dali, havia uma feira de bolos, uma venda de caridade feita por um grupo de senhoras – explicou ele. – Então pensei... Você entende... Se a visse chegar à porta segurando um rolo de pastéis ou coisa assim, eu trazia uma oferenda de paz.

— Oh, *Billy!...*

Ela começou a chorar novamente. Deu-lhe um impulsivo abraço com apenas um braço, equilibrando o prato da torta nos dedos abertos da outra mão, da maneira como um garçom equilibra uma bandeja. Quando o beijou, a torta oscilou. Billy também sentiu o coração oscilar no peito, começando a bater loucamente fora do ritmo.

— Cuidado! – ofegou, agarrando a torta justamente quando ela começava a escorregar.

— Céus, sou tão desajeitada! – ela disse, rindo e enxugando os olhos com a ponta do avental que pusera. – Você me traz minha torta predileta e quase eu derrubo em cima de sua ca... ca...

Heidi descontrolou-se por completo, reclinada contra o peito dele, soluçando. Ele lhe afagou os cabelos agora muito curtos, usando apenas uma das mãos. Sustentava a torta na palma da outra, prudentemente afastada do corpo, para o caso de Heidi fazer algum movimento brusco.

— Estou tão contente por você voltar para casa, Billy! – chorou ela. – E promete que não me odiará pelo que fiz? Promete?

— Prometo – respondeu ele suavemente, afagando-lhe o cabelo. *Ela tem razão,* pensou. *Ainda está quente.* – Vamos para dentro, hein?

Na cozinha, Heidi depositou a torta em cima do balcão e voltou à pia.

— Não vai comer um pedaço? – perguntou Billy.

— Talvez, quando acabar aqui – disse ela. – Coma um pedaço, se quiser.

— Depois do jantar que devorei? – exclamou ele, e riu.

— Durante algum tempo, você vai precisar de todas as calorias que puser dentro do corpo.

— Acontece que, no momento, não há um só quarto vago na hospedaria – disse Billy. – Quer que enxugue a louça para você?

— Quero que você suba e vá para a cama – respondeu ela. – Também subirei daqui a pouco.

— Está bem.

Ele se foi, sem olhar para trás, sabendo que era mais provável Heidi cortar uma fatia da torta para si mesma se estivesse sozinha. Contudo, talvez ela não provasse a torta, não aquela noite. Aquela noite, desejaria ir para a cama com ele poderia até mesmo querer fazer amor com ele. Entretanto, Billy sabia como desencorajá-la disso. Bastaria ficar nu. Quando Heidi o visse...

Enfim, desde que provasse a torta...

— "Tra-la-lá", disse Scarlet, "comerei minha torta amanhã. Amanhã é outro dia..."

Ele riu ao som da própria voz sinistra. Estava no banheiro, de pé sobre a balança. Ergueu o rosto para o espelho e, nele, viu os olhos de Ginelli.

A balança informava que ele voltava a pesar 59 quilos, porém Billy não sentia a menor felicidade com isso. Aliás, não sentia absolutamente nada – exceto cansaço. Estava incrivelmente cansado. Seguiu pelo corredor, agora parecendo tão estranho e peculiar, tornou a entrar no quarto. Tropeçou em algo no escuro, quase caindo. Ela mudara a posição de alguns móveis. Cortara o cabelo, usava uma blusa nova, modificara a posição da poltrona e da cômoda menor no quarto – contudo, isso era somente o início das singularidades que agora havia por ali. Aquilo aumentara de certa forma enquanto ele estivera ausente, como se Heidi afinal tivesse sido amaldiçoada, porém de maneira muito mais sutil. Seria isso, de fato, uma ideia tão tola? Billy não achava. Linda captara a estranheza e fora embora de casa.

Lentamente, ele começou a despir-se.

Ficou deitado, esperando que Heidi subisse. No entanto, ao invés disso, ele ouviu ruídos que, embora fracos, eram familiares o bastante para lhe contarem uma história, O rangido de uma porta superior do armário da cozinha – a porta à esquerda, onde eram guardados os pratos de sobremesa – indicava que estava sendo aberta. O chocalhar de uma gaveta; o sutil tilintar de utensílios de cozinha, enquanto ela escolhia uma faca.

Billy fitou a escuridão, o coração martelando.

O som dos passos dela, tornando a cruzar a cozinha – estava indo para balcão, onde havia deixado a torta. Billy ouviu a tábua do meio da cozinha ranger, quando Heidi pisou nela, ranger como rangera durante anos.

O que isso fará a ela? A mim, deixou magro. Transformou Cary em algo semelhante a um animal que, depois de morto, tem a pele aproveitada para o

fabrico de sapatos. Transformou Hopley em uma pizza humana. O que fará com ela?

A tábua do meio da cozinha rangeu de novo, quando Heidi tornou a cruzar por ela – Billy podia vê-la, segurando o prato na mão direita, os cigarros e os fósforos na esquerda. Podia ver a fatia da torta. Os morangos, a poça de suco vermelho-escuro.

Tentou ouvir o débil chiado dos gonzos da porta para a sala de jantar, porém não soou. Afinal, isso não o surpreendia. Heidi devia estar em pé junto ao balcão, olhando para o pátio lateral e comendo sua torta, em pequenas e rápidas garfadas, como era seu costume. Um antigo hábito. Ele quase podia ouvir o garfo raspando o fundo do prato.

Percebeu que o sono começava a aturdi-lo.

Ia dormir? Não – impossível. Era impossível alguém pegar no sono enquanto era cometido um assassinato.

No entanto, ele ia dormir. Tentava ouvir novamente o rangido da tábua central da cozinha – tornaria a ouvi-lo, quando ela fosse para a pia. Água correndo, enquanto lavava o prato. O som dela, circulando por todos os cômodos, ajustando termostatos, apagando luzes e verificando as luzes do alarme contra ladrões ao lado das portas – todos os rituais do pessoal branco da cidade.

Ele jazia na cama, tentando ouvir a tábua ranger, mas de repente estava sentado à mesa em seu estúdio, na cidade de Big Jubilee, Arizona, onde estivera advogando nos últimos seis anos. Nada mais simples. Morava lá com sua filha, trabalhando com o tipo de lei que denominava Bosta Sociedade Anônima, para garantir a comida na mesa. O restante de suas atividades profissionais consistia em uma sociedade de auxílio jurídico. Levavam vidas simples. Os velhos tempos – dois carros na garagem, jardineiro três vezes por semana, impostos sobre a propriedade chegando a vinte e cinco mil dólares por ano – há muito estavam encerrados. Billy não sentia falta deles e achava que Lin também não. Advogava na cidade pelo tempo necessário, algumas vezes em Yuma ou Phoenix, mas isso raramente era o bastante, e eles residiam afastados de Jube o suficiente para terem uma referência da terra em volta deles. Linda iria para a universidade no ano seguinte, e então ele se mudaria para a cidade – mas só, havia dito a ela, se a solidão começasse a pesar demais, algo em que não acreditava.

Haviam construído uma boa vida para ambos e isso era ótimo, formava um

belo quadro, porque é assim que tem de ser – construir uma boa vida para você e os seus.

Houve uma batida à porta do estúdio. Ele recuou na cadeira, virou-se e Linda estava ali em pé – mas o nariz dela tinha desaparecido. Não; não desaparecera. Estava na mão direita dela, ao invés de em seu rosto. Escorria sangue do buraco escuro acima da boca de Linda.

— Não *estou entendendo nada, papai* – disse ela, em voz anasalada, soando como uma sirene marinha contra nevoeiro. – *Ele simplesmente caiu!*

Acordou com um sobressalto, os braços agitando-se no ar, tentando afugentar aquela visão. Ao lado dele, Heidi grunhiu em seu sono, virou-se sobre o lado esquerdo do corpo e puxou as cobertas para cima da cabeça.

Aos poucos, ele foi retornando à realidade. Estava novamente em Fairview. Um brilhante sol de começo de manhã varou as janelas. Olhou através do quarto e viu que o relógio digital em cima da cômoda marcava seis e vinte e cinco. Havia seis rosas vermelhas em um vaso, ao lado do relógio.

Billy saiu da cama, atravessou o quarto, tirou o robe do gancho e foi ao banheiro. Ligou o chuveiro e pendurou o robe atrás da porta, percebendo que Heidi comprara um robe novo, como novos eram a blusa e o corte de cabelo – um belo robe azul.

Subiu na balança. Havia ganho mais meio quilo. Entrou debaixo do chuveiro e lavou-se com uma meticulosidade quase compulsiva, ensaboando cada parte do corpo, enxaguando e tornando a ensaboar. *Vou controlar meu peso,* prometeu a si mesmo. *Depois que ela se for, vou realmente controlar meu peso. Nunca mais vou engordar tanto como antes.*

Enxugou-se com a toalha. Vestiu seu robe e viu-se parado junto à porta fechada, olhando fixamente para o novo robe azul de Heidi. Estendendo a mão, pegou uma dobra de náilon entre os dedos. Alisou aquela superfície. O robe parecia novo, porém também tinha algo familiar.

Ela apenas saiu e comprou um robe parecido com outro que teve no passado, pensou ele. *A criatividade humana vai até certo limite, meu chapa – no fim, todos começamos a repetir-nos. No fim, todos ficamos obcecados.*

Houston falou em sua mente: *As pessoas que não têm medo, são aquelas que morrem jovens.*

Heidi: *Pelo amor de Deus, Billy! Não olhe para mim desse jeito! Não posso*

suportar!

Leda: *Ele agora parece um jacaré... Como algo que rastejou para fora de um pântano e vestiu roupas humanas.*

Hopley: *Você fica por ali, pensando que desta vez, apenas desta vez, haverá um pouco de justiça... Um instante de justiça, como indenização por toda uma vida de miséria.*

Billy esfregou o náilon azul entre os dedos e uma terrível ideia começou a ganhar forma em sua mente. Recordou o sonho. Linda, parada à porta de seu estúdio. O buraco sangrento em seu rosto. Este robe... Não parecia familiar porque Heidi houvesse tido um semelhante a ele. Parecia familiar porque Linda possuía um semelhante a ele. *Possuía – agora.*

Virando-se, ele abriu uma gaveta à direita da pia. Ali estava uma escova, com o nome LINDA escrito no cabo de plástico vermelho.

Fios de cabelos negros presos às cerdas.

Como que em sonhos, ele percorreu o corredor, até o quarto dela.

As aves de arribação estão sempre querendo arranjar estas coisas, meu amigo... Este é um dos motivos de sua existência.

Um cretino, William, é um sujeito que não acredita no que está vendo.

Billy Halleck empurrou a porta no fim do corredor e viu sua filha, Linda, dormindo em sua cama, com um braço sobre o rosto. Seu velho ursinho, Amos, estava na dobra do outro braço.

Não! Oh, não! Não, não!

Ele se apoiou nos batentes da porta, oscilando sonhadoramente para diante e para trás. Poderia ser qualquer coisa, mas não era um idiota, porque via tudo: o blusão cinza-claro de suéde de Linda, pendurado no encosto de sua cadeira, a mala Samsonite, aberta, deixando escapar uma coleção de jeans, shorts, blusas e roupas íntimas. Viu a etiqueta da Greyhound, pendurada na alça. E viu mais. Viu as rosas ao lado do relógio, no quarto dele e de Heidi. As rosas não estavam lá quando ele tinha ido para a cama, na véspera. Não... Linda trouxera as rosas. Como uma oferenda de paz. Voltara cedo para casa, a fim de fazer as pazes com a mãe antes da chegada do pai.

O velho cigano de nariz carcomido: não *há um culpado, você diz. Você diz para si mesmo, e diz para si mesmo, e diz para si mesmo. Contudo, não há um momento crítico, homem branco da cidade. Todo mundo paga, mesmo por coisas*

que não fez. Nada de momento crítico.

Ele se virou então e correu para a escada. O terror o punha de joelhos bambos, fazia-o correr de pernas abertas, como um marinheiro no mar.

Não, Linda não! Gritava sua mente. *Linda não! Oh, meu Deus, por favor, Linda não!*

Todo mundo paga, homem branco da cidade – mesmo por coisas que não fez. Porque, de fato, é assim *que tem de ser.*

O que sobrara da torta continuava sobre o balcão, esmeradamente coberto com plástico aderente. Cerca de um quarto da torta desaparecera. Olhando para a mesa da cozinha, Billy viu a bolsa de Linda sobre ela – uma fileira de botões dos astros do rock pregados à alça: Bruce Springsteen, John Cougar, Mellancamp, Pat Benatar, Lionel Richie, Sting, Michael Jackson.

Foi até a pia.

Dois pratos.

Dois garfos.

Elas estiveram aqui, comeram torta e fizeram as pazes, pensou ele. *Quando? Logo depois que fui dormir? Sim, deve ter sido.*

Ouviu o velho cigano rindo, e seus joelhos fraquejaram. Precisou agarrar-se ao balcão, porque do contrário cairia.

Quando recuperou parte das forças, virou-se e atravessou a cozinha, ouvindo a tábua do meio ranger sob seus pés, ao passar sobre ela.

A torta pulsava novamente – para cima e para baixo, para cima e para baixo. Seu persistente e obsceno calor havia embaçado o plástico aderente. Billy podia captar um vago som chapinhante.

Abriu o armário no alto da parede, pegou um prato de sobremesa e depois abriu a gaveta abaixo, de onde tirou um garfo e uma faca.

— Por que não? – sussurrou.

Retirou o envoltório plástico da torta. Agora, ela estava imóvel novamente. Agora, era apenas uma torta de morangos que parecia exatamente tentadora, embora fosse ainda tão cedo.

E, como dissera Heidi, ele continuava precisando de todas as calorias que pudesse consumir.

— Coma, companheiro – sussurrou Billy Halleck, no ensolarado silêncio da cozinha.

Então, cortou para si mesmo um pedaço da torta cigana.

{1} *Nos EUA, o Dia do Trabalho é comemorado na primeira segunda-feira de setembro. (N. da T.)*

{2} *Canadense, em especial um franco-canadense, referindo-se em geral a um corpulento e rude lenhador ou madeireiro. (N. da T.)*

{3} *Qualquer comprimido de anfetamina, especialmente benzedrina. (N. da T.)*

{4} *Nome popularmente dado à cidade de Nova York. (N. da T.)*

{5} *"Yonder is the palace of my father" (em inglês sem sotaque), significando: "Aquele é o palácio de meu pai". (N. da T.)*